

BASEADO NA SÉRIE DE TELEVISÃO CRIADA
POR PETER S. FISCHER, RICHARD LEVINSON E WILLIAM LINK

JESSICA FLETCHER
& DONALD BAIN

CRIME, DISSE ELA

MORTE EM SAVANNAH



VISIT...

LANZAROTE
Caliente.COM

BASEADO NA SÉRIE DE TELEVISÃO CRIADA
POR PETER S. FISCHER, RICHARD LEVINSON E WILLIAM LINK

JESSICA FLETCHER
& DONALD BAIN

CRIME, DISSE ELA

MORTE EM SAVANNAH



Jessica Fletcher é uma personagem ficcional. Viúva, ex-professora e ex-congressista, é escritora de romances policiais. Ainda que inadvertidamente, envolve-se com frequência em mistérios bem reais. Tem como fiel companheira a sua máquina de escrever, e nunca perde a humildade, apesar do seu enorme sucesso como detetive amadora.

Donald Bain, o seu “coautor” nesta série, já escreveu mais de cento e vinte livros, muitos dos quais bestsellers. Baseando-se na famosa série de televisão Crime, Disse Ela, transpôs para o papel as aventuras da adorável Jessica. É também músico de jazz, professor e um apaixonado pela pesca.

Jessica Fletcher
& Donald Bain

**CRIME,
DISSE ELA**
MORTE EM SAVANNAH

Tradução de
John Almeida

Ficha Técnica

Título original:

MURDER, SHE WROTE: A SLAYING IN SAVANNAH

Autores: Jessica Fletcher; Donald Bain

© Reservados todos os direitos incluindo o direito de reprodução total ou parcial.

Edição publicada por acordo com New American Library, uma chancela do Penguin Publishing Group, uma divisão da Penguin Random House LLC

Tradução: John Almeida

Capa: © 2016 Universal Studios

Murder, She Wrote is a trademark and copyright of Universal Studios.

All Rights Reserved

1ª edição: março de 2017

ISBN 9789892337616

Reservados todos os direitos

Edições ASA II, S.A.

Uma editora do Grupo Leya

Rua Cidade de Córdoba, nº 2

2610-038 Alfragide – Portugal

Telef.: (+351) 214 272 200

Fax: (+351) 214 272 201

www.leya.com

CAPÍTULO 1

– Estou na esperança de entrar em contacto com Mrs. Jessica Fletcher.
– Bem, conseguiu – disse eu. – Posso perguntar quem fala?
– As minhas desculpas. Estou a ser mal-educado. A minha mãe ficaria horrorizada.
Fala Roland Richardson III, advogado em Savannah, Geórgia.
– Savannah! Não vou aí há muito tempo, apesar de sempre ter gostado das minhas visitas.

– Sim, é um sítio maravilhoso para se viver. A minha família está aqui há muitas gerações. Sou o que se poderia chamar um verdadeiro filho da terra.

Julgando pelo seu sotaque sulista carregado, não duvidei disso por um instante.

– O que posso fazer por si, Mr. Richardson?

– A questão é o que eu posso fazer por *si*, Mrs. Fletcher.

As minhas antenas levantaram-se. Estaria ele prestes a tentar vender-me alguma coisa, um lote de uma propriedade num pântano, ou umas ações fantásticas com lucro assegurado? Esperei que ele explicasse, a minha mão pronta a carregar no botão de desligar.

– Deixe-me explicar. Sabe, há muitos anos que sou advogado de um dos nossos cidadãos mais ilustres e, já agora, mais encantadores. Creio que a conhece: Miss Tillie Mortelaine.

– Tillie? Céus, não falamos há imenso tempo. Espero que esteja bem.

– Mrs. Fletcher, é o meu triste dever informá-la de que Miss Tillie foi para um lugar de repouso e paz no paraíso.

Por outras palavras, morreu.

– Oh! Lamento muito ouvir isso. Era uma senhora encantadora.

– Concordo consigo. E teve uma vida longa. Noventa e um anos neste mundo, e todos eles ativos e produtivos.

– Agradeço-lhe que me tenha ligado para dar a notícia – disse eu, perguntando-me porque o teria feito. A explicação não se fez tardar.

– Deve estar curiosa quanto à razão pela qual fiz esta chamada – disse ele. – Permita-me que seja direto, Mrs. Fletcher. Miss Tillie, era assim que preferia ser tratada, deixou um testamento *muito* longo e detalhado, no qual a senhora é mencionada de forma preeminente.

– Sou?

– Sim, senhora, é com certeza.

– Não nos víamos há tantos anos. Posso perguntar porque se lembrou ela de mim no seu testamento?

– Claro que pode, e eu tenho o prazer de a elucidar. De acordo com o documento de Miss Tillie, ela trabalhou há muitos anos num programa de alfabetização com o qual a senhora esteve muito envolvida.

– É verdade. Conhecemo-nos em Washington D.C., na primeira reunião da Coligação Nacional de Alfabetização. Ainda estou envolvida em programas de alfabetização.

– Uma empreitada verdadeiramente meritória. Miss Tillie fala no seu testamento do trabalho que fizeram juntas para estabelecer um desses programas aqui em Savannah.

Fui invadida por uma torrente de memórias.

– Adorei trabalhar com ela, Mr. Richardson. Foi uma empreitada extremamente satisfatória, e fiquei encantada por vê-la espalhar-se pela Geórgia e por outros estados do Sul. A Tillie foi a faísca que fez o programa avançar. E claro que a generosidade dela foi crucial para o seu sucesso.

– Exatamente. Bem, Mrs. Fletcher, é óbvio que Miss Tillie queria que o programa que a senhora e ela criaram aqui na nossa bela cidade continuasse por muito tempo após o seu falecimento. Foi por essa razão que ela lhe deixou a quantia de um milhão de dólares.

– A *mim*?

– Sim, senhora.

– Porque haveria ela de deixar um milhão de dólares a *mim*?

– Tenho de admitir que não é tão simples como posso ter dado a entender.

– Tem a minha atenção.

– Sabe, Miss Tillie era conhecida em Savannah como uma mulher que não se separava facilmente do seu dinheiro. Suponho que se pode dizer que era poupada ao extremo. Apesar de apoiar muitas instituições de caridade, era muito frequente que as suas doações incluíssem condições.

– Condições!

– Sim, minha senhora, condições.

– E que condições tem esta doação?

Ele deu uma risada.

– Desculpe-me enquanto limpo os óculos – disse ele. – Os meus olhos já não são o que eram. Na verdade, até estou bem de saúde, para além da vista e de uma fraqueza nos dedos dos pés.

– Desculpe?

– Fraqueza nos dedos dos pés. O meu médico diz que é uma forma de neuropatia periférica. Mas isso não deve preocupá-la.

Apesar de nunca nos termos conhecido, imaginei um homem idoso de fato completo e laço, sentado à sua secretária, descalço, a abanar os dedos dos pés.

– Ah, sim, assim está muito melhor. Agora, deixe-me ver o que diz aqui. Miss Tillie deixou-lhe o milhão de dólares com a condição de que o utilize para fazer avançar o programa de alfabetização com que ambas estiveram envolvidas.

– Isso não é propriamente uma condição difícil, apesar de eu me perguntar porque é que ela não o deixou diretamente à fundação.

– Obviamente porque confiava que a senhora faria o que devia ser feito, Mrs. Fletcher.

– Com certeza.

– Mas há mais.

– Ah sim?

– Já ouviu falar de um cavalheiro chamado Wanamaker Jones?

– Sim. Quer dizer, claro que não o conheci. Ele morreu muito antes de eu ter conhecido a Tillie. Que tem ele?

– Sabe que Mr. Jones morreu em circunstâncias misteriosas?

Vasculhei a memória.

– Sim – disse. – A Tillie contou-me que ele fora alvejado por um intruso na casa dela.

– Exatamente! E sabe também que o assassino de Mr. Jones nunca foi apanhado?

Outra pausa para que eu recordasse o que a Tillie me contara.

– Creio que sabia isso, Mr. Richardson. Se bem me recordo, o assassinato foi uma notícia muito importante em Savannah. Ainda é um crime por resolver?

– De facto, Mrs. Fletcher, apesar dos esforços da polícia local. De facto... o que me traz à condição da doação que Miss Tillie lhe fez. Ela deixa-lhe este dinheiro com a condição de que desvende o homicídio de Mr. Jones.

O riso saiu-me.

– Isso... isso... isso é uma condição muito invulgar, não é?

O riso dele foi suave e sábio.

– Miss Tillie era uma mulher invulgar, Mrs. Fletcher. No entanto, há um limite para o tempo que tem para honrar o pedido dela; exatamente um mês a partir do dia em que chegar aqui a Savannah e em que os termos específicos do testamento lhe forem lidos, por mim próprio.

Eu estivera de pé durante a chamada. Sentei-me e tentei entender tudo aquilo. Mr. Richardson continuou.

– Devo mencionar que o milhão de dólares que lhe foi atribuído, Mrs. Fletcher, é apenas uma parte da riqueza que Miss Tillie deixou. Sem descendentes diretos, ela ordenou que quantias consideráveis da sua fortuna fossem para várias instituições sociais e de caridade aqui em Savannah. Mas pareceu ter um especial prazer em incluí-la nos seus desejos finais.

– Deve saber que não sou detetive, Mr. Richardson.

– Oh, Miss Tillie deixou isso bem claro no seu testamento. Ela diz, desculpe enquanto procuro a secção exata, é o maior testamento que já vi, com mais de cinquenta páginas... aha, aqui está. Posso ler-lho palavra a palavra quando chegar a Savannah. Por agora, permita-me parafrasear. Ela diz que, apesar de a senhora ser escritora de romances policiais e não alguém que se dispõe a solucionar homicídios, teve a sorte de acabar por fazer precisamente isso. Diz também que a experiência que teve com agentes da lei a deixou cética quanto à habilidade destes para solucionar crimes particularmente difíceis, especialmente homicídios. Já eu, no entanto, devo acrescentar que sempre os achei muito eficientes. Não obstante, era difícil convencer Miss Tillie de outra coisa, depois de ela se ter decidido. Por conseguinte, é na senhora, Mrs. Fletcher, que ela deposita confiança.

Abanei a cabeça e depois apercebi-me de que ele não via o gesto.

– Isto é demasiado bizarro para mim neste momento.

– Eu entendo, com certeza, Mrs. Fletcher. Mas deixe-me reiterar que há a questão do tempo. Tem um mês depois de chegar aqui a Savannah. Mas também tem de planejar chegar cá dentro de um mês após a minha chamada. Miss Tillie foi *extremamente* específica sobre estas coisas. Seria uma tragédia se o milhão de dólares para a sua fundação de alfabetização se perdesse. Realmente trágico.

– Quem receberá o dinheiro se eu me recusar a fazer isto, Mr. Richardson?

– Receio que isso esteja por descobrir. Se recusar vir a Savannah, Mrs. Fletcher, ou se vier e não conseguir solucionar o crime, temos de abrir um envelope selado que contém mais instruções, incluindo a forma de dispor da casa e da doação do milhão de dólares. Mas, até lá, ninguém conhece o seu conteúdo, nem eu nem os meus colegas. Que eu saiba, já foram feitas provisões para todas as outras pessoas. Há a sobrinha e o sobrinho de Miss Tillie, claro. – A voz de Mr. Richardson elevou-se, e o seu discurso tornou-se claro e articulado. – Eles estão à espera de herdar a propriedade na cidade, que vale mais de um

milhão de dólares. De qualquer forma, não são, e isto é totalmente ofensivo, de todos os merecedores de qualquer dinheiro adicional. Mas claro que isso é apenas a minha opinião pessoal.

– É uma casa histórica, pelo que me lembro – disse eu, tentando que ele deixasse de dar opiniões negativas sobre pessoas que eu ainda não conhecera. – E o jardim é lindo.

– Este par não tem nenhum interesse pela História. Já há falatório de que planeiam vender a casa, se ela ficar para eles, é claro. Seria uma pena se saísse das mãos da família, mas os jovens não têm respeito pelas tradições. A casa é bastante antiga. A sociedade histórica pode estar interessada em comprá-la, se conseguir reunir os fundos. E dizem que é assombrada. As casas assombradas vendem-se muito bem em Savannah.

Claro que o comentário dele me intrigou, mas não falei mais nisso. Ainda estava a pensar na Tillie. Poderia ela ter realmente desejado retirar os fundos do programa de alfabetização se eu decidisse não ir a Savannah? Desejei saber o que estava naquele envelope selado. Ou incluía ela aquela condição no testamento como um incentivo adicional para mim, sabendo que eu era um alvo fácil no que dizia respeito a programas de alfabetização?

– Mrs. Fletcher?

– Diga? Oh sim, desculpe. A minha mente divagou.

– Há um hotel relativamente novo junto à casa. No entanto, Miss Tillie deu instruções para que a senhora ficasse na casa principal. Não vale a pena gastar dinheiro quando não é necessário. Preparámos um quarto, que está à sua espera. A governanta, Mrs. Goodall, ainda faz parte do pessoal doméstico e cuidará de tudo o que precisar. Há outras pessoas a viver na casa de hóspedes que existe na propriedade. De forma temporária, é claro, mas...

– Outras pessoas? Família? O sobrinho e a sobrinha?

– Não, receio que não. À medida que a idade avançava, Miss Tillie desenvolveu uma necessidade maior de ter pessoas à sua volta. Começou a receber hóspedes na casa, contra os meus conselhos, asseguro-lhe.

Eu ficara na casa de hóspedes da última vez que a visitara, havia vários anos. Na altura fora renovada recentemente e era linda, espaçosa e decorada de uma forma encantadora, cheia de charme sulista. A casa principal era um pouco como um mausoléu, com cortinados pesados e escuros e cadeiras duras e desconfortáveis. Lembro-me de me perguntar, quando a visitei, qual das decorações refletia melhor a proprietária: a da casa de hóspedes que ela renovara ou a casa da família onde vivia. Eu sabia qual preferia, mas a Tillie escolheu viver na casa principal. Nunca lhe perguntara se deixara os móveis como estavam devido a uma vontade de manter a tradição ou se gostava realmente de rodear-se de coisas e de um estilo de decoração interior herdado dos seus antepassados.

Mr. Richardson interrompeu-me os pensamentos.

– Devo informá-la de que a leitura do testamento de Miss Tillie acontecerá na próxima quarta-feira. Se decidir vir, será uma boa altura para conhecer as pessoas.

Quarta-feira era daí a cinco dias. Olhei para o meu calendário de secretária. Estava relativamente livre durante as três semanas seguintes. Acabara um livro há apenas uma semana e enviara-o com orgulho para o meu editor, Vaughan Buckley. Então, fiz o que faço sempre que acabo um romance: ataquei os montes de papéis que não arquivara, comecei a ler correspondência, o que incluía responder a dúzias de *emails* que se haviam acumulado, e passei um dia a escrever números de telefone e moradas novas na minha

agenda, tirados de pedaços de papel pequenos onde os anotara. O calendário pedia que eu começasse a pesquisa para o meu próximo livro dentro de dois meses. O *timing* para uma viagem a Savannah era bom. Não apenas isso, mas também dei por mim encantada pela possibilidade de visitar aquela bela cidade sulista outra vez, apesar de ter de confessar que as circunstâncias da viagem eram desagradáveis.

Wanamaker Jones fora assassinado há quarenta anos. Com certeza que muitas das pessoas que poderiam ter algo a oferecer a uma investigação sobre a sua morte já teriam, falecido ou mudado de residência. Mas também me ocorreu que a morte da Tillie, e a iminente leitura do seu testamento, poderiam atrair algumas delas de volta ao local do crime, especialmente se soubessem que a investigação do homicídio de Jones estava prestes a ser reaberta. A palavra espalhar-se-ia rapidamente, com certeza.

– Mr. Richardson – disse eu.

– Sim?

– Dê-me um dia para pensar nisto.

– Claro. Tenho consciência de que isto tudo deve ser um choque bastante grande. Mas peço-lhe que pense no pedido de forma favorável. Seria uma pena ver o milhão de dólares, digamos, «extraviar-se» em vez de ser utilizado para fazer com que a causa da alfabetização progreda.

Deu-me o seu número de telefone, e terminámos a chamada.

– Que tipo de advogado deixa que um cliente inclua condições dessas na sua herança? Não se apercebeu de que não estava lúcida? Provavelmente sofria de demência. Completamente absurdo.

O meu querido amigo Seth Hazlitt, o médico preferido de Cabot Cove, estava ofendido e zangado. Pegou no cavalo preto e moveu-o para a frente no tabuleiro de xadrez.

– Devias dizer-lhes o que podem fazer com o milhão de dólares – disse ele, pousando a peça com uma pancada severa.

– Sabes que não posso deixar ficar mal o programa de alfabetização.

– Não sei, Mrs. F. Eu acho que se fosse a si não ia – disse o xerife Mort Metzger enquanto se punha atrás de Seth, para dar uma olhadela mais atenta ao tabuleiro de xadrez. Aparecera para nos fazer companhia enquanto a mulher estava na aula de culinária.

– Por uma vez concordo com o xerife – disse o Seth. – Há hipótese de que fiquem desiludidos de qualquer forma, se não conseguires desvendar o crime... não que não tenha toda a confiança de que consigas, mas com certeza que compreenderiam se recusasses uma missão tão ridícula. És escritora, Jessica, não um detetive privado.

– Há maluquinhos como essa senhora aos montes em Nova Iorque – disse Mort. – Já vos contei sobre o tipo que deixou uma fortuna ao gato? Apartamento em Park Avenue, limousine, tudo.

– «Maluquinho» é um termo técnico que utilizam em Nova Iorque? – perguntou Seth.

– E ponha-se noutro lugar, por favor. Está a tapar-me a luz.

Mort afastou-se para o lado.

– Admito que ela era um pouco excêntrica – disse eu, contemplando as peças de xadrez. – «Confusa» era a palavra que a Charmelle usava.

– Quem é a Charmelle, Mrs. F? – perguntou Mort.
– Charmelle O’Neill, uma velha amiga da Tillie. Conheciam-se desde pequenas. Ela trabalhou connosco quando montámos o programa de alfabetização. A família dela é quase tão venerável como a da Tillie. Os O’Neill chegaram a Savannah antes da guerra civil. Creio que os Mortelaine chegaram ainda antes, por volta do final do século XVIII ou início do século XIX.

– Há muitos excêntricos nessas famílias antigas – disse Mort. – Quando eu estava na polícia de Nova Iorque, alguns dos maiores loucos vinham de famílias da alta sociedade. Lembro-me de um tipo, podre de rico, que costumava andar de capa a cantar ópera nas esquinas. Não queria esmolas, só atenção.

– É por terem demasiado dinheiro e pouca responsabilidade – disse Seth, taxativo.

– A Maureen comprou-me um livro sobre pessoas com testamentos loucos – disse Mort. – Havia um tipo que bebia muito. A mulher estava sempre a aborrecê-lo acerca disso, por isso, quando ele morreu, o testamento dizia que ela só receberia o dinheiro se tomasse uma bebida todas as noites no bar local com os amigos dele.

– Idiota! – rosou Seth.

– E havia uma velhinha alemã maluca que deixou algo como oitenta milhões de dólares ao cão. Oh, e há aquela Leona Helmsley em Nova Iorque que deixou ao cão doze milhões. As pessoas fazem coisas estranhas ao dinheiro quando morrem.

– Eu prefiro o termo «insanas» a «estranhas» – declarou Seth.

– A Charmelle disse-me que a Tillie foi sempre «um pouco diferente», foram as suas palavras, mesmo antes de começar a beber – disse eu. – A Tillie era jovem quando a Lei Seca foi revogada, e depois disso o seu comportamento estranho foi atribuído ao excesso de bebida. Mas devo dizer que, durante o tempo em que trabalhei com ela, nunca a vi inebriada. Pelo menos que eu soubesse. Xequé!

– Com algumas pessoas, não se consegue notar se estão bêbadas sem as olhar nos... Espera aí! Disseste «xeque»?

– Ha! Ela apanhou-o bem, senhor doutor.

– Vês o teu rei? – perguntei. – Tenho-o encurralado.

– Como fizeste isto?

– Fiz muito pouca coisa. Tu mexeste o cavalo para uma posição vulnerável. Eu limitei-me a aproveitar.

– Bem, acho que me distraí com as tuas histórias de uma senhora estranha e as condições extravagantes do testamento dela – disse Seth, franzindo o sobrolho para o tabuleiro. – E, xerife, estar a espreitar por cima do meu ombro não me ajudou a concentrar.

Mort ergueu as mãos, a render-se.

– Sou um espectador inocente.

– Eu também me sinto distraída com as condições do testamento da Tillie – disse eu, marcando a minha vitória num bloco que utilizávamos para anotar os nossos jogos. – Mas não deixei que isso me desviasse a atenção do tabuleiro.

Seth aclarou a garganta.

– Qual é a pontuação, com este? – perguntou, estendendo a mão para pegar numa bolacha de manteiga ca-seira.

– Dois jogos a um, a meu favor. – Levantei o prato para que Mort tirasse uma.

– Então deveres-me outro jogo – disse Seth. – Tens de me deixar apanhar-te.
– Muito me alegraria fazer-te a vontade, mas hoje não. Esta senhora tem de fazer a mala de manhã. – Peguei nas peças de xadrez e comecei a guardá-las.
– É melhor eu ir para casa – disse Mort, olhando para o relógio. – A Maureen não tarda a regressar da aula.

Maureen, uma ruiva muito generosa, era uma cozinheira entusiástica que se entregava a cada moda alimentar que aparecia. Felizmente para os seus convidados futuros, dedicava-se a melhorar as suas habilidades. Entrara na vida de Mort numa altura especialmente má para ele, após a sua primeira mulher, Adele, decidir que as luzes brilhantes da cidade grande eram preferíveis à vida do campo, e partir. Maureen adorava o marido e encarava as atividades comunitárias em Cabot Cove com a mesma energia que dedicava aos seus esforços culinários.

– Deixe-me dar-lhe umas bolachas para ela – disse eu.
– Não se incomode, Mrs. F. Ela está a fazer outra dieta. E pôs-me a fazê-la também. Não que eu não faça batota de vez em quando. – Ergueu meia bolacha. – São deliciosas.

– Obrigada.
Seth pigarreou. Ofereci-lhe outra bolacha e perguntei:
– Estavas a dizer que nem sempre se consegue ver se alguém está bêbado sem olhar para algo. O que era?

– Os olhos – respondeu ele. – Chama-se nistagmo ocular alcoólico.
– NOA, abreviado – acrescentou Mort.
– E o que é isso, exatamente?
– O álcool deprime o sistema nervoso central e afeta a coordenação motora, incluindo o movimento dos olhos – disse Seth. – Se pedires a alguém para olhar para a frente e depois para o lado, consegues ver uma espécie de movimento brusco dos olhos se a pessoa estiver embriagada, em vez do controlo suave que teriam sem álcool no corpo. A mudança é como a diferença entre uma bola a rolar sobre papel liso e sobre lixa. Consegue ver-se a falta de controlo.

– Tem sido usado como teste de sobriedade pela polícia, para controlar condutores – disse Mort –, mas os tribunais nem sempre o aceitam como prova. É por isso que geralmente se pedem testes suplementares.

– Como o balão, ou andar em linha reta? – perguntei.
– Exatamente.
– E sustentar-se numa só perna – acrescentou Seth –, apesar de eu achar que já não conseguiria fazer isso, de qualquer modo. O meu equilíbrio já não é o que era. – Bateu na barriga. – E as tuas bolachas não ajudam.

– Eu ofereci-te uma taça de maçãs – lembrei-lhe. – Foste tu que pediste as bolachas.
– Não resisto às tuas bolachas de manteiga. São tão boas como as da pastelaria Sassi's.
– Um elogio grandioso – disse eu. – Queres que te embrulhe umas para lebares para casa?

– Já que vais para fora e não farás mais nos próximos tempos, não me importaria de ter um molhinho para pôr na minha caixa de bolachas.

Mort tirou uma bolacha da bandeja.
– Estou a poupar-lhe umas calorias, doutor – disse ele, a sorrir para Seth, que tinha o semblante carrancudo. – Vou embora. Faça boa viagem, Mrs. F. Boa noite, doutor.

– Já vai tarde – disse Seth, mas piscou-me o olho.

Embrulhei as bolachas que sobraram em papel de alumínio.

– Come-as aos poucos para não entrases em ressaca até que eu possa fazer mais.

– Eu faço-as durar, mas, se ficas fora muito tempo, talvez fraqueje e vá comprar algumas a uma confeitaria.

Depois de ele ter ido embora, arrumei a cozinha, fiz uma chávena de chá de ervas e instalei-me na minha cadeira preferida na sala de estar. Nunca fui de me furtar a um desafio, mas esta viagem a Savannah tinha-me deixado desorientada. O Seth tinha razão: sou escritora, não detetive. Nunca me fora pedido oficialmente que solucionasse um homicídio, apesar de ter acabado por fazer exatamente isso em demasiadas ocasiões. Haviam sido acasos, exemplos de eu estar no lugar errado na altura errada, e muitas vezes com as pessoas erradas.

Seria esta uma missão tola para satisfazer os caprichos de uma mulher que nem sequer cá estava para ver o resultado final? Estaria eu a ser usada para castigar os familiares dela? Com certeza que não quereriam colaborar com alguém que lhes podia custar a herança. Porque pôs a Tillie em perigo um projeto social importante que tanto se esforçara por estabelecer? Eu ficaria muito infeliz se acabasse por privar de fundos o programa de alfabetização.

Suspirei e esperei estar à altura da missão. Em breve descobriria.

Partia para a Geórgia na manhã seguinte.

CAPÍTULO 2

As lojas do aeroporto de Savannah estavam decoradas para o Dia de São Patrício. Havia trevos de cartão pendurados do teto por fios, na papelaria. Uma mesa na frente de uma livraria estava cheia de obras de autores irlandeses. Uma jovem que servia café pintara o cabelo de verde. (Parti do princípio de que o fizera em honra da ocasião.) E para onde quer que eu olhasse, as janelas estavam cheias de grinaldas verdes. Claro! Esquecera-me de que os festejos do Dia de São Patrício em Savannah eram os segundos maiores do país, ficando atrás apenas dos de Nova Iorque: uma homenagem aos milhares de irlandeses que haviam ajudado a fundar e desenvolver a cidade. Bom sentido de oportunidade para uma senhora com antepassados irlandeses.

Puxei a minha mala com rodinhas pelo chão do átrio com telhado de vidro que ligava as portas de embarque ao resto do terminal, e subi para as escadas rolantes que levavam à recolha de bagagens e aos transportes terrestres. Tento sempre transportar pouca bagagem quando viajo, e já que o advogado da Tillie me informara de que ia ficar hospedada em casa dela, parti do princípio de que teria acesso a uma lavandaria durante a minha visita.

Ao fundo das escadas rolantes, um grupo de pessoas, algumas com uniforme de motorista, empunhavam letreiros escritos à mão com os nomes de passageiros que chegavam. Procurei na floresta de cartolinas brancas e sorri para a jovem que acenava com o meu nome numa folha de papel pautado. Tinha quase vinte anos, ou vinte e poucos, estava vestida com *jeans* e saltos altos, e um blusão de aviador com pontas rendadas; parecia saída das páginas da revista *Cosmopolitan*. Saltou para a frente e agarrou na asa da minha mala.

– Bem-vinda a Savannah, Mrs. Fletcher – disse ela. – Eu bem avisei a minha mãe de que não teria problemas em encontrá-la. É igual à fotografia nos seus livros.

– Folgo em ouvir isso – respondi, rindo-me –, já que é uma fotografia minha.

Ela deu uma risadinha.

– Acho que não fiz muito sentido, pois não?

– Fez todo o sentido.

– Só tem esta bagagem, Mrs. Fletcher?

– Só.

– Ótimo! Então siga-me. Tive de deixar o carro no parque de estacionamento. Se o deixar lá fora apanho uma multa, nem que seja só uns minutos. Não me posso dar ao luxo de apanhar outra multa, e tenho poucos dólares no bolso. – As suas palavras finais quase não foram audíveis, pois andava passos largos à minha frente, em direção da porta.

– Está em vantagem sobre mim – disse eu, apressando-me a apanhá-la. – Sabe o meu nome, mas eu não sei o seu.

– Oh, desculpe, minha senhora – disse ela, virando-se para mim sem abrandar o passo. – Chamo-me Melanie Goodall. A minha mãe é a governanta de Miss Tillie, ou *era*, já que Miss Tillie faleceu. Mr. Richardson enviou-me para a levar para casa. Conhece-o?

– Só pelo telefone – respondi. – Ele disse que me viria buscar em pessoa se tivesse tempo.

– Disse? Mr. Richardson a conduzir? Então hoje é o seu dia de sorte, Mrs. Fletcher. Aquele homem deve ter cento e dois anos, e ainda por cima é meio cego. Eu não lhe confiaria a condução nem de um carrinho de bebé. Conduz tão devagar que as tartarugas o

ultrapassam. Está muito melhor comigo.

Chegadas lá fora, Melanie ergueu a mão para parar o trânsito e atravessou a rua a correr, na direção do parque de estacionamento, comigo a persegui-la. Fiquei contente por me tentar manter em forma, caso contrário tê-la-ia perdido de vista facilmente na multidão. Dada a sua obsessão em chegar ao carro em tempo recorde, vi-me a ser abandonada no aeroporto enquanto a minha bagagem viajava para a cidade. O ritmo alegremente mais lento de Mr. Richardson começava a parecer-me favorável.

– Cá estamos – disse Melanie ao chegar junto de um *Honda* azul que ocupava metade do lugar do lado. – Geralmente não sou tão gananciosa com lugares de estacionamento explicou, enquanto abria a bagageira e colocava a minha mala lá dentro –, mas tive medo de não a encontrar. Banco da frente ou traseiro?

– Preferia sentar-me ao seu lado – disse eu –, se não se importa.

– Por mim, tudo bem. Geralmente conduz com a janela aberta. Diga-me se for demasiado arejado.

Ao sairmos do aeroporto, fiquei aliviada por ver que a condução de Melanie na autoestrada não se parecia com o seu *sprint* no parque de estacionamento. Conversámos descontraidamente a caminho da cidade. Ela era filha única de Emanuela Love e Andrew Goodall, que se tinham casado numa fase tardia da vida. Apesar de Mrs. Goodall ter sido governanta da Tillie durante quarenta anos, e ter um quarto próprio junto à cozinha, para quando fosse preciso, também tinha, noutra zona da cidade, uma casa que partilhara com o marido até à morte deste, e até recentemente com Melanie, que era estudante na Faculdade de Arte e Design de Savannah, conhecida localmente como SCAD (Savannah College of Art and Design).

– A minha mãe quase teve um ataque quando lhe disse que me ia mudar para uma casa perto da faculdade com a minha amiga LaTisha – disse Melanie –, mas nós trabalhávamos até horas indecentes e tornava-se muito longe para ir depois das aulas.

– O que estuda? – perguntei.

– Conservação de Património.

– Encontrou mesmo o lugar certo para isso – disse eu.

– Sim, minha senhora. Não há muitas faculdades que tenham esse curso, mas Savannah tem uma zona histórica muito grande. E a nossa faculdade renovou imensos edifícios no centro da cidade. Temos experiência no terreno, o que é bom. Creio que me aborreceria rapidamente se tudo o que aprendesse viesse de livros.

– Isso é maravilhoso – disse eu. – Trabalhou em alguma das renovações?

– Não, na verdade. Pelo menos ainda não. Mas Miss Tillie deixou-me pesquisar a história de Mortelaine House. Isso deixou a minha mãe feliz, acalmou-a um pouco em relação a eu viver noutro lugar. Enquanto eu andasse a bisbilhotar a casa de Miss Tillie à procura de História, a minha mãe podia vigiar-me enquanto trabalhava. A minha mãe protege-me muito. Mas não me interprete mal. Eu sei que ela é assim porque gosta de mim.

– Uma mãe dedicada e que a adora – ofereci.

– É mesmo. – Mudou de assunto abruptamente. – É uma grande casa antiga, até tem uns fantasmas. – Melanie olhou para ver a minha reação. – Claro que nunca vi nenhum, e acredite que tentei. A Tish e eu ficámos acordadas até às três da manhã numa noite, a ir de quarto em quarto a tentar chamar uma alma. Nada. Nem sequer uma brisa fria. Graças a

Deus. Teria morrido de susto se tivesse mesmo visto um fantasma.

– Então como sabe que a casa tem fantasmas?
– Tem de ter, uma casa daquelas onde mataram uma pessoa, Mr. Jones, especialmente porque nunca ninguém descobriu o assassino. Imagino que a minha mãe tenha visto os fantasmas, mas ela não fala disso, muito menos comigo, mas Miss Tillie jurava que os vira. Uma vez disse-me «Lá está Mr. Jones junto à lareira». Ele era o seu *nubente*, era isso que lhe chamava, até ele ter sido alvejado. Morreu no patamar do primeiro andar. Procurei com afincos, mas não vi nada. Gosto dessa palavra, «nubente». Parece saída de Shakespeare, não parece? O que quer dizer exatamente? Sabe?

– Quer dizer que estava noiva dele – disse eu.
– Foi o que pensei. – Ficou calada, por um raro momento. Qualquer pessoa que acredite no estereótipo de que os sulistas se deslocam e falam devagar não conheceu Melanie Goodall. – É muito triste que nunca tenha chegado a casar-se com ele – continuou –, mas é bastante medonho se ele a assombrou. Isso é simplesmente assustador.

– Bem, talvez agora que ela também se foi, ele pare de assombrar a casa – disse-lhe, sem acrescentar, *se é que ele alguma vez lá esteve*.

Melanie suspirou.

– É claro que tinha de se dar um desconto muito grande a tudo o que Miss Tillie dizia. Era um pouco louca. Não batia bem, se me entende. Não quero faltar-lhe ao respeito. Não me interprete mal. Eu adorava-a de morte. Ups! Isso também não soa bem.

– Entendi o que quis dizer – respondi, tentando não rir.

– Ela sempre foi muito boa para mim. Mas era como uma avó tolinha, a falar sozinha e a ver coisas. Até Miss O'Neill o dizia. E era a melhor amiga dela.

– Refere-se a Charmelle O'Neill?

– Sim, minha senhora. Conhece-a?

– Há muitos anos que não venho a Savannah – respondi –, mas conheci-a quando aqui estive.

*

O meu primeiro encontro com Charmelle O'Neill fora breve mas memorável.

Foi na tarde da véspera da abertura do novo centro de alfabetização, que na verdade era apenas uma sala num edifício polivalente, mas a sua designação oficial demorara muito tempo a ser escolhida. O Departamento de Saúde americano aumentara um subsídio para examinar doentes de hospitais com o intuito de verificar se sabiam ler e seguir as instruções dos médicos. Aqueles de quem se pensava precisarem de ajuda eram dirigidos para o nosso centro, onde voluntários formados em ensino básico dariam aulas noturnas. Havia planos para levar pessoas para cursos de computadores especiais depois de terem dominado a matéria básica, para que os nossos clientes se tornassem competentes em duas áreas ao mesmo tempo, ler e utilizar um computador. Era um programa ambicioso e do qual nos orgulhávamos muito.

A Tillie e eu estávamos a pôr bebidas na sala de aula. Apesar de o hospital nos providenciar os nossos primeiros clientes, esperávamos atrair uma secção mais vasta da população e havíamos convidado a imprensa para ver as nossas novas instalações, na esperança de espalhar a palavra pela cidade. Embora eu objetasse, a Tillie insistira que eu

fosse a sua «porta-voz famosa».

– Pões o bule ali, Jessica? – pediu a Tillie, apontando para uma mesa de madeira riscada que havíamos empurrado contra a parede. – As chávenas e os pires estão na caixa no chão. Não quero que ninguém verta chá na minha toalha bonita. – Ela dispôs uma dúzia de pratinhos com biscoitos, e alinhou garfos e guardanapos de linho sobre a toalha azul de bordado, alisando a superfície com mãos deformadas pela artrite. – Esta tua ideia foi tão boa, Jessica.

– A minha experiência sempre foi que, se os alimentares, os jornalistas ficam mais dispostos a ouvir e disseminar a tua mensagem – disse eu, tirando os pires da caixa. Claro que acho que ficariam igualmente contentes com bolachas servidas em pratos de papel.

– Talvez, mas eu não ficaria – disse ela, sorrindo para mim. – Tenho de manter a minha reputação de grande anfitriã. – Olhou para o relógio de pulso. – O presidente da câmara e os repórteres chegam daqui a dez minutos. Disse à Charmelle para vir às três para nos ajudar. Aquela mulher está sempre atrasada.

– Acho que estamos bem – disse eu, olhando para os terminais de computador alinhados junto a uma parede. O meu editor, Vaughan Buckley, torcera alguns braços numa grande empresa de computadores e o resultado fora a doação ao centro de cinco máquinas novas em folha, com o *software* adequado. Os computadores não eram tão vulgares na altura como são hoje, mas a sua popularidade crescente nas empresas prometia espalhar-se aos lares da América. Nós estávamos entusiasmadíssimas por utilizar a tecnologia mais recente para instruir os nossos estudantes.

– Podiam ter esperado por mim – veio um queixume da porta.

Charmelle O'Neill devia ter sido uma beleza na sua juventude. Era alta e magra, e estava a posar à porta como se estivesse à espera de ser admirada. Mesmo à medida que a idade avançava, ela lutava por manter a beleza com aplicação cuidadosa de batom rosa-vivo e *rouge* no rosto. Estava vestida de forma meticulosa, com um fato verde suave, uma camisola de caxemira rosa, e um lenço de seda preso ao ombro com um broche de ouro. Cumprimentei-a com um sorriso, enquanto ela apanhava um cabelo solto e o enfiava no puxo com dedos que tinham uma manicura perfeita.

– Se esperássemos por ti, Charmelle – disse a Tillie –, só punhamos a mesa quando o presidente da câmara fizesse o discurso.

– A reunião da Associação Auxiliar de Senhoras atrasou-se muito – disse ela. Pegou num dos guardanapos da Tillie da mesa, e com movimentos rápidos limpou o pó de uma cadeira antes de se sentar nela.

– Charmelle, conheces a Jessica, não conheces? – perguntou a Tillie, recuperando o guardanapo e dobrando-o junto dos outros.

– Creio que ainda não tivemos o prazer – disse eu, estendendo a mão. – Chamo-me Jessica Fletcher. Ouvi falar muito de si.

Charmelle deu-me as pontas dos dedos para que eu as apertasse e forçou um sorrisinho.

– É a escritora. A Tillie falou em si. – O olhar dela passou pelo meu vestido camiseiro e pelos meus sapatos confortáveis, e senti que a minha indumentária estava a ser avaliada, e reprovada.

Ergui as sobrancelhas a este cumprimento pouco cordial e regressei à mesa, onde me

ocupeí a posar chávenas nos pires.

– Charmelle, levanta o traseiro e dá-me uma ajuda aqui – disse a Tillie, tentando levantar a toalha azul e ao mesmo tempo pôr uma caixa debaixo da mesa.

– Realmente, Tillie. Não tens pessoas para fazer isto?

– Tu és uma pessoa. Vá, mexe-te. Não temos o dia todo. Eles estão a chegar. – Olhou para a amiga. – Vejo que vestiste roupa requintada. Estás com esperança de seduzir uns dos jornalistas? Caramba, Charmelle, há algum homem que esteja a salvo das tuas garras?

– A Tillie piscou-me o olho e tentou ocultar um sorriso.

– Cala a boca – disse Charmelle, agarrando a borda da toalha para a levantar enquanto a Tillie empurrava a caixa para baixo da mesa com o pé. – Visto-me sempre assim.

– Não vestes nada. E não sejas ranhosa com a minha amiga Jessica. Sei todos os teus segredos e não me importo de os revelar. Lembra-te disso.

Pouco tempo depois, a sala encheu-se com muitos funcionários públicos e alguns jornalistas. O presidente da câmara, o superintendente das escolas, o administrador do hospital e outras pessoas que os acompanhavam admiraram os computadores brilhantes, enquanto um fotógrafo registava o momento para a posteridade. A Tillie apresentou-me, e eu fiz uns comentários breves sobre a importância de assegurar que todos os adultos e crianças tivessem a oportunidade de aprender a ler.

– Têm a grande sorte de terem professores dedicados que oferecem o seu tempo e competências a este centro – disse eu. – Esperamos que sejam auxiliados por estes computadores e pelo programa revolucionário concebido especialmente para o Centro de Alfabetização de Savannah. Se tiver sucesso aqui, e temos a certeza de que assim será, o programa será aplicado por toda a Geórgia e noutros estados da América. Savannah lidera o caminho com esta importante iniciativa educativa.

Enquanto falei, reparei que Charmelle analisava a mesa onde eu pusera as chávenas e pires. Utilizando uma ponta de dedo rosada, empurrou as asas das chávenas para a direita, para que estivessem todas alinhadas na mesma direção.

– Porque se envolveu neste projeto, Mrs. Fletcher? – perguntou um jornalista, voltando a chamar-me a atenção para o assunto que estava a ser discutido.

– Fui professora de inglês – respondi –, por isso a educação e a alfabetização sempre me interessaram. Além disso, uma escritora precisa sempre de mais leitores.

Ouviram-se uns risos educados e fui convidada a posar para uma fotografia com a Tillie, o presidente da câmara e o superintendente da escola, que apareceria no *Savannah Morning News*.

– Como tem passado, Miss Tillie? – perguntou o presidente da câmara, um homem baixo e compacto com faces rosadas e um penacho de cabelo arruivado no cimo da cabeça.

– Não podia estar melhor, Harold – respondeu ela.

– Parece um pouco cansada – disse ele.

– O que esperava de uma mulher da minha idade?

O presidente da câmara riu-se.

– Que idade tem agora, Miss Tillie? – perguntou ele, com júbilo na voz.

– Isso não lhe diz respeito, Harold, e se insistir em perguntar a idade às senhoras, nunca vai conseguir um segundo mandato. Obrigada por ter vindo. Sempre teve um bom faro para onde a imprensa vai estar.

– Ela conhece-me bem demais – disse-me ele. – Foi um verdadeiro prazer conhecê-la, Miss Fletcher. Volte a Savannah em breve, ouviu?

– Espero fazê-lo, senhor presidente.

– Onde está a Charmelle? – perguntou a Tillie depois de os dignitários se terem ido embora, enquanto arrumávamos o serviço de chá.

– Não a vi sair – disse eu.

– Ela detesta não ser o centro das atenções – explicou a Tillie, abanando a cabeça. – Mas eu trato dela mais tarde.

Tillie não me quis contar como «tratou dela», mas da vez seguinte que nos encontrámos a atitude de Charmelle mudara de forma dramática. Nesse segundo encontro, ela foi impecavelmente agradável, e continuou a sê-lo a partir daí. Apesar de nuncairmos a ser boas amigas, mantivemos o contacto durante alguns anos, principalmente através de saudações natalícias, até deixarem de chegar postais. Nunca soube se se tratou de razões de saúde ou de disposição, mas nunca mais ouvi nada da parte dela.

*

– Como está Miss O'Neill? – perguntei à Melanie. *Deve ter uns oitenta e cinco ou oitenta e seis anos*, pensei. Estava ansiosa por voltar a vê-la. Ela podia ser a chave para eu decifrar as verdadeiras intenções da Tillie. Lembrar-se-ia ela de mim? E poderia ela explicar as razões por trás da herança estranha da Tillie?

Melanie concentrou-se a fazer uma curva à esquerda para sair da autoestrada e entrar numa rua movimentada, prendendo o lábio inferior com os dentes. Por um momento, pensei que não me tivesse ouvido. Depois, suspirou.

– Não está muito bem – disse ela. – Quando recebeu a notícia de que Miss Tillie morrera, Miss O'Neill desmaiou e bateu com a cabeça na esquina de uma mesa. Tem enfermeiras a cuidar dela dia e noite. A minha mãe não acha que ela se safe.

CAPÍTULO 3

Savannah foi a primeira cidade planificada a ser construída na América do Norte. O general James Edward Oglethorpe, que deu nome a várias dezenas de escolas, ruas, parques, hotéis, clubes, uma universidade e até um centro comercial, navegou pelo rio Savannah em 1733 e obteve autorização da tribo Yamacraw para estabelecer uma colónia. Juntamente com o seu colega e planificador William Bull, montou uma cidade concebida à imagem de Londres, à volta de uma série de vinte e quatro praças com jardins, com edifícios públicos a ocupar os lados este e oeste do quadrado e casas para colonos a norte e a sul. Mais tarde, quando comerciantes ricos, agricultores e políticos se esforçaram por se superar uns aos outros edificando casas luxuosas numa variedade de estilos arquitetónicos, nenhum dos lados das várias praças escapou à construção.

A arquitetura característica de Savannah é sem dúvida umas das coisas que dão encanto à cidade, facto que a fundação histórica da cidade muito preza. Os seus membros, uma seleção transversal da comunidade, fizeram campanhas ao longo dos anos para impedir que muitas casas bonitas fossem demolidas. Alguns foram acusados de serem demasiado fervorosos na sua missão; críticos e cínicos, sarcásticos, chamam aos membros «comissão de conservação histórica», mas esses críticos nunca conseguiram que o espírito missionário da comissão esmorecesse.

A casa da Tillie ficava no bairro histórico protegido e era um monumento à riqueza acumulada pelo seu tetravô, banqueiro e investidor que utilizou o seu dinheiro de forma astuta no fabrico de armas e sua venda dentro e fora da Linha Mason-Dixon. Construída com tijolos cinzentos típicos de Savannah, que na realidade são mais cor de malva do que cinza, foi projetada no estilo italiano que era popular na década de 1860, e mais tarde aumentada com floreios nos estilos Queen Anne e Revivalista Romanesco. Parecia ter atravessado o século XX sem ponta de modernização. A única concessão aos tempos modernos era a instalação elétrica e a canalização. E, no século XXI, uma rampa nas traseiras para acomodar os amigos da Tillie que tinham problemas de mobilidade.

Melanie contornou de forma cuidadosa os carros parados em segunda fila à frente do hotel vizinho, e entrou num caminho à direita da casa da Tillie, que dava para uma das praças mais bonitas da cidade. À frente havia uma cerca alta de ferro forjado que rodeava o jardim. À direita estava a casa de hóspedes onde eu ficara na minha última visita. Havia sido os aposentos dos criados quando a casa fora construída. Melanie pegou na minha bagagem e acompanhou-me enquanto eu subia os degraus da frente.

– Prepare-se. A minha mãe vai querer alimentá-la – disse ela enquanto baixava o trinco de latão e abria a porta de painéis alta.

– Não faz mal – respondi. – A única coisa que comi desde o pequeno-almoço foram os *pretzels* que me deram no avião. Ficarei feliz por comer alguma coisa.

– Mrs. Fletcher! Foi muito simpática por ter vindo.

Mrs. Goodall, num vestido preto e branco com flores sob o seu avental branco engomado, cumprimentou-me assim que entrei. Era uma mulher alta e robusta, com pernas ligeiramente arqueadas que lhe davam um andar gingão. Não tinha rugas no rosto, e apenas o cabelo grisalho com caracóis pequenos e curtos lhe denunciava a idade.

– É bom vê-la outra vez, Mrs. Goodall – disse eu –, mas lamento que seja nestas circunstâncias. – Apertei-lhe a mão. – Os meus pésames.

– Trabalhei quarenta anos para Miss Tillie, Mrs. Fletcher. – Os olhos encheram-se-lhe de tristeza. Abanou a cabeça rapidamente. – Eu era uma miúda quando vim para aqui, mais nova do que a Melanie. Acenou para que a filha entrasse, pegou no meu casaco e pendurou-o no bengaleiro do vestíbulo. – Não acredito que ela se foi. Pensei que vivesse para sempre.

– Teve uma vida longa – disse eu. – Quem dera a muitas pessoas viverem noventa e um anos.

– Lá isso é verdade – respondeu. – Isso é verdade. Que Deus a tenha. – Virou-se para me levar para dentro e ouvi-a murmurar para si: – E que não volte, como o outro.

Enquanto Melanie levava a minha mala para cima, Mrs. Goodall conduziu-me pelo átrio de mármore, para uma sala de estar.

– Por favor esteja à vontade – disse-me. – Vou buscar qualquer coisa que se coma. Sei que já não dão comida nos aviões. Tenho uma bandeja pronta para si.

– É muito gentil da sua parte.

– Não custa nada. Quando Miss Tillie era viva, eu passava o dia a servir comida. Ela gostava de receber. Agora é só o general e os dois do instituto.

– Desculpe?

– Os inquilinos. Estão na casa de hóspedes. Vai conhecê-los ao jantar. Eu disse-lhe que ela devia cobrar-lhes renda, estão aqui há tanto tempo. A aproveitar-se da hospitalidade dela, isso é certo. Mas ela nunca me ligou nenhuma. Dizia que eram hóspedes dela. Hóspedes, o tanas. Parasitas. É o que são.

– Há quanto tempo estão cá esses hóspedes? – perguntei.

– Há demasiado tempo. Não sei como Mr. Richardson os deixa lá continuar – disse ela. – Mas, segundo me dizem, a casa vai ficar para os sobrinhos. Vão pô-los fora em breve. A mim também, imagino. Por sorte, tenho a minha própria casa. Agora descanse. Eu volto já.

Caminhei pela sala enquanto esperava por Mrs. Goodall. Era difícil descontrair no ambiente formal da sala da Tillie. O sol, que poderia ter entrado pelas janelas grandes e ter-se refletido nos tetos altos, estava efetivamente abafado por cortinas de veludo pesadas, de um vermelho escuro, com franjas douradas, atrás das quais havia portadas de madeira. As paredes estavam cobertas com um papel tão velho que era difícil discernir o padrão. A luz nunca tivera a oportunidade de o desbotar; em vez disso, os anos haviam deixado a sua marca em manchas escuras e riscos que nenhuma limpeza conseguiria apagar. O ambiente só podia ser descrito como decididamente sombrio.

A mobília de mogno era-me familiar por causa da minha visita anterior, e escolhi um sofá estofado duro, que estalou quando me sentei. Apesar de não ser propriamente confortável, pelo menos tinha a vantagem de não prender quem se sentava numa armadilha macia, como muitos sofás antigos conseguem fazer.

À frente de onde me sentei havia uma lareira de ébano com colunas complexamente esculpidas que suportavam um lintel de mármore. Tinham montado uma prateleira decorada sobre ele, e um espelho central com uma moldura de quadrados refletores minúsculos, e quatro espelhos exteriores com prateleiras para refletir as costas de figuras delicadamente esculpidas que haviam sido colocadas nelas. Perguntei-me se Mrs. Goodall precisava de transportar uma escada consigo enquanto fazia a limpeza; limpar os recantos daquela prateleira superior devia ser um exercício atlético.

Os meus olhos vaguearam pela sala, evocando os tempos em que a Tillie me entretevera a contar histórias sobre as figuras e outros bricabraques que colecionara ou herdara dos antepassados. Sabia a história de cada uma das peças e, muitas vezes, ria-se da forma como enganara um antiquário para conseguir as peças por uma pechincha.

– Aposto que estás a pensar que o antiquário não é nenhum tolo – disse-me a Tillie da última vez em que estivera com ela.

– Eu não disse isso.

– Mas estavas a pensá-lo, Jessica. Davas uma má jogadora de póquer, pela forma como os teus pensamentos se estampam no teu rosto. Eu era uma ótima jogadora de póquer. Sim, era. Conseguia fazer *bluff* a toda a gente à mesa, ficar com todo o dinheiro. Achas que aquele antiquário matreiro provavelmente conhece as minhas manhas todas.

– Tillie, ele não conseguiria manter o negócio durante muito tempo se perdesse dinheiro em todas as peças – respondi.

– Eu deixo-o ganhar dinheiro em algumas peças. Aquele quadro a óleo, *Judite a Segurar a Cabeça de Holofernes*, por exemplo. – Apontou para um quadro medonho da história do Antigo Testamento. – Ele disse-me que é do século XVIII, mas eu sei perfeitamente que é uma cópia do século XX.

– Como soubeste?

– A minha mãezinha não me educou para ser lerda – disse ela, com acentuado sotaque sulista. – Contratei um historiador de arte da universidade para que o analisasse antes de fazer uma oferta. Vejo que não gostas dele, mas eu gosto.

Examinei o quadro. Retratava um homicídio, a faca ainda na mão direita de Judite, a esquerda ainda a segurar a cabeça da vítima.

– O que te atrai nele?

– A história. Foi retratada por muitos artistas ao longo dos séculos. Conhece-la?

– Conheço – respondi. – Judite seduziu Holofernes e matou-o enquanto ele dormia. Salvou o seu povo decapitando o general que o viera conquistar.

– Era viúva, mas era forte. Fez o que tinha de fazer. Admiro isso. Há demasiadas mulheres tímidas, com medo de ofender. Nunca se defendem. Estou sempre a dizer isso à Charmelle. Não deixes que as pessoas te pisem. Eu digo a verdade. As pessoas pensam que sou louca, mas têm cuidado comigo.

Agora havia outro quadro na parede, e perguntei-me se a Tillie se havia finalmente cansado da cena violenta, ou se alguém a convencera a pendurá-lo noutra lugar.

Mrs. Goodall entrou com uma bandeja de sanduíches, duas bolachas e um copo de chá gelado. Seguiu o meu olhar.

– Eu tirei-o – disse ela, pousando a bandeja numa mesinha à minha frente. – Nunca suportei aquele maldito quadro. Perguntei a Mr. Richardson. Ele disse que não fazia mal mudá-lo de sítio. Pu-lo no quarto de Miss Tillie, já que ela gostava tanto dele. A senhora tinha gostos muito estranhos no que dizia respeito a quadros. Eu gosto de quadros bonitos, paisagens naturais, céu azul com nuvens, não dos que me causam pesadelos.

– Eu também não gostava daquele quadro específico – disse eu, a sorrir. – Este sanduíche tem um aspeto maravilhoso. Muito obrigada.

Ela endireitou os ombros.

– É de salada de caranguejo e rúcula. É uma espécie de alface. Cresce no meu jardim, mas esta é comprada. Isto deve aguentá-la até ao jantar. Sirvo-o às seis; acabamos às sete e meia. Habitualmente não a apressaria, mas tenho uma reunião na igreja hoje e preciso de me arranjar antes de ir.

– Claro – disse eu. – Se precisar de sair mais cedo, eu não me importo de arrumar.

– Não me roube o emprego, Mrs. Fletcher – disse ela a franzir o sobrolho, mas com um brilho nos olhos. – Não sei por quanto mais tempo o terei.

– Nunca me passaria isso pela cabeça. Mrs. Goodall.

– Pode chamar-me quando acabar, e eu levo a bandeja para baixo.

– Não pode sentar-se comigo um pouco?

– Bem, eu...

– Se tem de trabalhar, eu entendo. É só que tinha esperanças de falar consigo sobre a Tillie. Já passaram tantos anos. Como morreu ela? Mr. Richard não me disse. E como está Charmelle O'Neill? A sua filha disse-me que ela não está bem.

– Suponho que posso sentar-me um pouco – disse Mrs. Goodall, sentando-se numa cadeira de apoio. Pegou numa taça de prata, tirou um pano do bolso do avental e começou a limpar a taça. – O jantar já está feito. Só é preciso aquecer.

Peguei em metade da sanduíche.

– Segundo sei, a Tillie tinha noventa e um anos. Sofria de problemas de saúde?

– Não creio. Era forte como um touro. – Mrs. Goodall sorriu ao lembrar-se. – Não houve um dia em que estivesse doente. E a mente dela estava aguçadíssima. Ninguém a conseguia enganar. Andava sempre a correr de um lado para o outro. De vez em quando ficava com as ideias um pouco confusas. O médico disse que não era invulgar, na idade dela. Mas Miss Tillie não queria comportar-se como uma pessoa da sua idade. Talvez fosse esse o problema. Subi numa manhã e encontrei-a ao fundo das escadas, toda enroscada.

– Deve ter sido horrível para si.

– Eu saí da casa às sete e meia da noite na véspera. As pessoas da casa de hóspedes disseram à polícia que foram para os quartos logo depois do jantar. Miss Tillie expulsou-os da casa. Disse que estava com dores de cabeça e ia para cima. Devia ter lá ficado. Tropeçou no tapete ao cimo das escadas.

– Oh, céus.

Ela assentiu.

– Encontrei o chinelo dela lá em cima. Azul, bordado a ouro. E novo em folha. Um presente de Miss O'Neill. Quando a caixa chegou, Miss Tillie foi lá para cima a correr, para a abrir. Foi a primeira vez que os usou, e olhe o que aconteceu. Eu estava sempre a avisá-la de que aquele tapete era perigoso. Estava demasiado gasto, com os fios à vista e tudo. Precisava de ser substituído, mas ela não me deixava.

– Se o tapete era perigoso, porque não deixou ela que o remendasse?

– Oh, foi-lhe deixado pelo bisavô, que o trouxe de um país que visitou na lua de mel. Ela dizia: «Tenha cuidado a aspirar aquele tapete, Emanuela. Não queira rasgar um pedaço de História.» E eu limpava-o à mão. Nunca deixei que fosse à máquina. – Abanou a cabeça. – Detesto pensar no que ela sentiu, a cair por aquelas escadas todas. Mas não respirava quando a encontrei. E estava fria. Senti-me tão mal. Talvez se eu não tivesse ido à igreja nessa noite, ela ainda estivesse aqui.

– Não deve culpar-se – disse eu. – O tapete estava gasto. Ela tinha chinelos novos. Já se sabe como as solas de sapatos novos podem ser escorregadias. Provavelmente estava escuro e ela não viu bem. Este tipo de acidente acontece, especialmente com pessoas idosas que podem não caminhar de forma segura.

– Mas ela tinha cuidado. Havia uma luz sempre acesa ao cimo das escadas. Eu dizia que era «um desperdício de eletricidade», mas ela insistia. Agora fico contente por ela ter. Provavelmente teria caído antes.

– Porque acha que ela quis vir cá abaixo nessa noite? – perguntei.

Mrs. Goodall suspirou.

– Por vezes, tinha dificuldade em dormir. Quando eu estava cá, levava-lhe um copo de leite quente.

– Então acha que ela queria aquecer leite? Faria isso?

– Não sei dizer. – Voltou a posar a taça na mesa e demorou muito tempo a dobrar o seu pano de polir até este ser um quadrado pequeno, franzindo cada vez mais o sobrolho.

– Incomodei-a, Mrs. Goodall? Se o fiz, peço desculpa. Só queria saber se havia outra coisa que pudesse ter levado a Tillie a vir cá abaixo.

– Esta casa é velha, Mrs. Fletcher – disse ela, de olhos ainda postos no pano –, com muitas memórias e muitos barulhos. Tábuas que rangem e coisas dessas. Miss Tillie estava convencida de que tínhamos fantasmas, dizia que os via, que os ouvia a vaguear durante a noite. Sempre a incomodaram. Eu estava sempre a vê-la falar sozinha. Vim a descobrir que falava com eles.

– Então ela pode ter ouvido um ruído e ter ido investigar?

– Não seria a primeira vez. Aquele par da casa de hóspedes incentivava-a. Andaram a testar o ar, trouxeram contadores Geiger ou algo do género. Diziam-lhe que, quando o ponteiro se mexia, havia um espírito por perto. Fizeram com que acreditasse que Mr. Jones assombrava a casa. Disseram que podia haver outros.

– Refere-se a Wanamaker Jones, o homem que foi morto aqui?

– Sim, senhora.

– Suponho que não acredite em fantasmas, Mrs. Goodall.

– Não digo que sim nem digo que não – respondeu ela. – Vejo algumas coisas estranhas de vez em quando. Não presto atenção.

Melanie espreitou à porta.

– Tenho de ir para a escola, mamã – disse.

O rosto de Mrs. Goodall descontraiu-se, deixando de franzir o sobrolho e passando a sorrir. Apertou as palmas das mãos entre os joelhos, abanou-se para a frente e levantou-se da cadeira.

– Pus-te umas bolachas num saco.

– Não te levantes. Já as tenho – disse Melanie, acenando o saco. – Adeus, Mrs. Fletcher. Foi um prazer conhecê-la.

– Também foi um prazer conhecê-la – respondi.

– Bem, tenho de trabalhar – disse Mrs. Goodall, limpando a cadeira em que estivera sentada.

A interrupção de Melanie fora obviamente um alívio para a sua mãe. O tema dos fantasmas e assombrações não parecia ser um dos que mais lhe agradasse discutir e eu não quis pressioná-la. Ela já fora generosa com o seu tempo. Far-lhe-ia perguntas sobre

Charmelle mais tarde.

– Muito obrigada pela sua companhia, Mrs. Goodall, e por este lanche maravilhoso. Estava delicioso.

– Não tem nada que agradecer, Mrs. Fletcher. Deixe a bandeja quando acabar. Eu venho buscá-la. O seu quarto é a primeira porta à direita, ao cimo das escadas, em frente ao quarto de Miss Tillie. Arrumei-o hoje de manhã.

– Acho que vou subir agora e desfazer as malas.

– O jantar é às seis.

– Sim, eu lembro-me.

– E... Mrs. Fletcher?

– Sim, Mrs. Goodall?

– Por favor tenha cuidado com o tapete.

CAPÍTULO 4

Não vi Mrs. Goodall em lado nenhum quando desci às seis menos um quarto, mas alguns dos seus hóspedes já estavam na sala, a servir-se do *brandy* da Tillie, de um carrinho com tampo de vidro que havia junto à lareira. Um cavaleiro alto e de costas curvadas com um copo de *brandy* na mão virou-se quando entrei na sala.

– Ah, a convidada de honra – disse ele, erguendo o copo. – Posso oferecer-lhe um *Armagnac*, Mrs. Fletcher? General James J. Pettigrew, quarta divisão de infantaria, reformado, ao seu dispor. Estes são os Grogan. – Ao fazer um gesto com a mão que segurava o copo na direção do casal sentado no sofá, verteu um pouco da bebida.

Eu tirei-lha antes que ele pudesse verter mais no tapete, agradei-lhe, peguei num guardanapo que estava no carrinho, e fui cumprimentar os Grogan, que tinham casacos a condizer.

– Como estão? – disse eu.

Mr. Grogan passou a bebida à mulher e levantou-se.

– Professor Arthur G. Grogan do Instituto de Relações Paranormais – disse ele, apertando-me a mão. – É um prazer, Mrs. Fletcher.

– Por favor, trate-me por Jessica – disse eu.

– Então trate-me por Artie. Esta é a minha mulher e colega, Sammy Grogan.

– Samantha – disse ela, lançando um olhar aborrecido ao marido.

Artie Grogan era um homem com forma oval, de estatura média. Tinha um lenço de seda verde-vivo ao pescoço, com uma camisa de colarinho aberto. A mulher era uma versão mais alta do marido. Arranjara-se para a noite, com um vestido de cornucópias castanho e azul. Reparei que tinham ambos uma espécie de insígnia no bolso de peito dos casacos.

– Desculpe não poder apertar-lhe a mão – disse Samantha, levantando os dois copos, o dela e o do marido. – Ouvimos dizer que vinha.

– Oh? Mr. Richardson contou-vos?

– Oh, não. Temos melhores fontes do que essa – respondeu ela de forma alegre.

– Por favor, sentem-se – disse eu. – Fiz um gesto para indicar a Artie que se sentasse outra vez e ocupei a cadeira que Mrs. Goodall ocupara naquela tarde. Não havia nenhuma base para copos na mesa ao meu lado, por isso fiquei com a bebida na mão, por não querer pousar um copo húmido no tampo de madeira tão bem polido pela governanta.

Artie voltou ao seu lugar no sofá, que rangeu sob o seu peso, e pegou na bebida que entregara à mulher, enquanto Mr. Pettigrew se ocupou a servir outro *Armagnac*.

– Mr. Richardson juntar-se-á a nós para jantar? – perguntei.

– Creio que sim – disse Samantha, enrugando o nariz. – Ele não nos diz quando vem, mas o general – acenou na direção de Pettigrew – esteve a falar com Mrs. Goodall hoje de tarde e ela deixou escapar a má-nova, por assim dizer.

– Não queres dizer a «boa-nova», minha querida? – perguntou-lhe o marido.

– Não, não quero.

Deduzi que Mr. Richardson não era a pessoa preferida dos inquilinos da Tillie. E ele já me indicara o seu desagrado por eles ali residirem.

– Ah, sim – disse Mr. Pettigrew, afundando-se na cadeira à minha frente. – Esta noite, teremos a honra da presença de Roland o Terceiro, Rollie para os seus amigos. – Bebeu

um gole grande da bebida, e murmurou com satisfação: – Imagino que vós dois nos anunciarão o nosso destino.

– Desculpe – disse eu. – Receio não entender.

– Mr. Richardson tem ameaçado despejar-nos – disse Artie, olhando para a mulher em busca de confirmação. – Miss Tillie disse-nos que podíamos ficar o tempo de que precisássemos para fazer a nossa investigação. Temos feito grandes progressos, mas a morte prematura dela pôs-nos a todos em perigo.

– É verdade – acrescentou Samantha. – Agora que aquela pobre alma já não está cá para nos defender, o advogado dela quer expulsar-nos. – Suspirou e abanou a cabeça lentamente. – E depois de tudo o que fizemos por Miss Tillie. É tão injusto. Ela ficaria tão transtornada. Estou certa de que está a dar voltas na campá.

A imagem que me surgiu foi desconcertante.

– Não quero parecer mal-educada – disse eu –, mas o que têm feito pela Tillie, exatamente?

– Estamos a catalogar o complemento espiritual dela – respondeu Artie.

– A investigar os fenómenos paranormais em Mortelaine House – esclareceu Samantha.

– As casas desta época apresentam frequentemente provas de presença sobrenatural – continuou Artie. – É importante saber com que se está a lidar e porque não passaram as almas para o outro mundo. Investigamos a sua história, comunicamos com elas, e descobrimos as razões pelas quais os seus espíritos estão descontentes. É fundamental saber porque continuam aqui, para os ajudar a receber a sua recompensa divina e descansar em paz. De momento, os seres espectrais em Mortelaine House não descansam.

– Nem estão em paz – acrescentou a mulher dele.

– De quantos seres estamos a falar? – perguntei.

– Pelo menos dois – disse Artie.

– Talvez mais – contribuiu Samantha.

– Acreditamos, e devo acrescentar que Miss Tillie concordava, que o trisavô dela ainda está aqui, na casa que o filho construiu. Miss Tillie acha, ou melhor, suponho que nesta altura é mais apropriado dizer que *achava*, que as renovações que foram feitas na casa quando instalaram as canalizações podem ter perturbado o espírito dele. O nosso equipamento registou bastantes manifestações psíquicas à volta dos quartos de banho.

– Estou a ver – disse eu. Não via de todo, e queria saber mais. – Em que consistem ao certo essas manifestações? – perguntei.

– Pontos frios, globos de luz, perturbações do plano físico, coisas desse tipo.

– Eu senti uma mão no rosto – disse Samantha, sorrindo ao lembrar-se. – Parece que o trisavô Mortelaine gostava das senhoras.

– E os outros? – perguntei.

– Um deles será Mr. Wanamaker Jones, que foi morto no patamar diretamente sobre esta sala – disse Artie, baixando a voz. Olhou em volta, como se estivesse à procura de Jones. – O assassino nunca foi apanhado. A polícia nem sequer encontrou a arma do crime. Miss Tillie acha que é por isso que ele ainda aqui está. O espírito dele é muito perturbador.

– De que forma?

– Oh, o costume, trancar e destrancar portas, bater com os pés nos corredores, bater

nos canos, atirar um objeto numa sala de vez em quando. Miss Tillie queria que nós ajudássemos a alma de Mr. Jones a alcançar o seu merecido descanso no céu.

– Entendo porquê – disse eu.

– Ouvimos dizer que a chamaram cá para fazer a mesma coisa – disse Samantha –, apesar de eu não entender como pode fazê-lo sem experiência prévia no mundo dos espíritos.

– Nem eu – respondi –, apesar de não ser essa a minha interpretação da razão pela qual fui chamada. – Virei-me para o homem a quem Samantha chamara «o general». – E o senhor, general Pettigrew, também faz parte da investigação?

– Oh não, não, não. Deixo isso aos meus prezados colegas. Não, não tenho talento para descobrir almas desterradas que ainda não descobriram como chegar ao céu. Apesar de acreditar piamente que o presente é influenciado pelo passado, digamos, Miss Tillie e eu tínhamos uma relação diferente.

– E que relação era essa? – acenei com a cabeça para Pettigrew, encorajando-o a continuar, e bebi um gole da bebida que segurara até então.

– Creio que estávamos a cumprir o nosso destino. Eu pedira a Miss Tillie que se tornasse minha mulher e ela aceitara.

Isto apanhou-me de surpresa. Para além do mais, a bebida era muito forte. Engasguei-me e comecei a tossir. Samantha levantou-se de um salto e bateu-me nas costas. Ergui a mão.

– Estou bem – consegui dizer.

Ela pegou no copo e pousou-o no carrinho com tampo de vidro.

– Essa bebida é demasiado forte – disse ela, voltando com um copo de água. – Realmente, general, porque lha deu?

– Queria ver se aguentava – disse ele. Levantou o copo. – Bem-vinda, Mrs. Fletcher. – Bebeu tudo de uma só vez.

A água acalmou-me o ardor na garganta, mas tive medo de falar, para o caso de o esforço desencadear outro ataque de tosse. Bebi devagar, a olhar para Pettigrew e a perguntar-me o que fizera para merecer a sua animosidade tão rapidamente. Mr. Richardson tinha muito a explicar-me, e eu tencionava obrigá-lo a fazê-lo.

Como se eu o tivesse convocado só de pensar no nome dele, um homem pequeno, facilmente na casa dos oitenta, entrou a mancar, apoiado numa bengala. Trajava fato com colete e um laço, exatamente como eu o imaginara durante a nossa conversa telefónica.

– Ah, a cavalaria chegou mesmo a tempo – disse Pettigrew. – Mrs. Fletcher, já conheceu o nosso oficial de protocolo? Cumprimente o estimado Roland Richardson III.

CAPÍTULO 5

A mesa de jantar fora posta para seis pessoas. Duas cadeiras altas com um padrão floral haviam sido aproximadas a ambos os lados da mesa oval, com cadeirões a condizer dispostos nas pontas. As cadeiras suplementares haviam sido afastadas e encostadas a uma das paredes. Por alguma razão, lembraram-me da fila de cadeiras à porta do gabinete do diretor da escola quando eu dava aulas de inglês, só que estas eram muito mais bonitas.

A sala de jantar tinha um brilho que o salão não possuía. Mrs. Goodall colocara candelabros de prata no aparador de mogno, com um par a condizer a flanquear o relógio de ouropel sobre a lareira. Havia um Cupido dourado apoiado no relógio, com a cabeça a olhar de lado para um passarinho pousado na sua mão. A luz de um lustre acima da mesa era refletida pela porcelana e pelos copos bons da Tillie, e dava à sala um brilho quente.

Mr. Richardson, o advogado cujo telefonema me atraía a Savannah, apontou para a cadeira à cabeceira da mesa, que devia ter sido a da Tillie, e acenou-me com a cabeça. Pousou a mão na parte de cima da cadeira até que eu me sentasse; depois mancou até à outra ponta e sentou-se. Os inquilinos da casa de hóspedes sentaram-se no que supuseram as suas cadeiras habituais, e a que estava entre mim e o general ficou vazia.

Depois de nos sentarmos, Mrs. Goodall chegou com uma bandeja com o primeiro prato. A cozinha era na cave, o que não era invulgar em muitas das casas do bairro histórico.

– Falta uma pessoa – observou Richardson.

– O doutor disse para comerem sem ele – disse Mrs. Goodall. – Ainda está no hospital, mas diz que se junta aos senhores quando puder.

– O que tem para nós hoje, Mrs. Goodall? – Artie Grogan esfregou as mãos em antecipação.

– Camarões e rolão – respondeu ela, fazendo questão de dar a volta à mesa, para longe de Grogan e da sua mulher, apesar de o lugar de Samantha ser o mais próximo da copa e das escadas traseiras.

Samantha esticou o pescoço para ver o que estava na bandeja.

– Isso não é um prato de pequeno-almoço, tradicionalmente? – perguntou.

– Talvez no Norte. Mas aqui não é – disse Mrs. Goodall.

Richardson sorriu:

– Quando diz «no Norte», quer dizer na Carolina do Sul. Não quer, minha senhora?

Mrs. Goodall soltou uma risada, e veio até junto de mim.

Tirei um pratinho da bandeja. Nele havia três camarões grandes, salpicados com limão e pedaços de *bacon* e cebola. A acompanhar os camarões havia um triângulo de rolão frito.

– Fiz isto especialmente para si. Lembrei-me de que gostou da última vez.

– Tenho a certeza que sim – disse eu, maravilhada por ela se lembrar de que pratos eu gostara havia tanto tempo.

Levou a bandeja ao advogado Richardson a seguir, e anunciou:

– Vou servir as entradas; depois, os senhores servem-se do resto que vou pôr no aparador: frango no forno com leitelho, feijões-verdes, *hush puppies*.

– E pãezinhos de farinha de trigo? – perguntou Artie Grogan.

– E pãezinhos de farinha de trigo – rosnou ela. – Eu sei do que vocês gostam.

A governanta levou a bandeja para a cozinha e apareceu um minuto depois com uma cesta prateada cheia de pãezinhos. Observou a mesa à procura de lugar e decidiu deixar a cesta junto de mim. Não havia muito espaço. Mrs. Goodall colocara renda creme sobre uma toalha de damasco branco. Um trio de taças Delft cheias de rosas claras era complementado por figuras de porcelana azul e brancas de um pastor e uma pastora. Nas pontas da mesa, cisnes de cristal, com as asas puxadas para trás, guardavam o sal e colheres pequenas para o servir. Cada lugar tinha vários pratos e copos para água e vinho, para além de uma argola de guardanapo de prata na qual haviam sido dispostos quadrados de linho de forma a parecerem uma flor aberta. A Tillie podia gostar de receber convidados e ser conhecida como anfitriã graciosa, mas fora indubitavelmente auxiliada por Mrs. Goodall, que gostava claramente de apresentar uma mesa bonita, mesmo quando nem todos os convidados lhe agradavam.

Mr. Richardson concentrou-se na comida, e a conversa parou. O som de garfos e facas na porcelana pareceu especialmente alto no silêncio prolongado. Olhei em volta para os meus companheiros de jantar. Todos os olhares estavam concentrados nos pratos.

Utilizei esse momento de silêncio para pensar na circunstância de estar sentada nesta mesa com estas pessoas que acabara de conhecer. Ninguém parecia estar a par da razão da minha visita a Savannah, o que me levou a crer que Mr. Richardson não a partilhara com eles. Eu não oferecera informações, e apesar de Samantha adivinhar que eu estava lá para ajudar os fantasmas residentes a encontrarem a paz eterna, ninguém insistira no assunto. Será que presumiam que, por eu e a Tillie termos trabalhado no lançamento do centro de alfabetização anos antes, eu viajara até Savannah para fazer uma homenagem à sua vida e ao seu contributo para a sociedade? Tinha as minhas dúvidas. Claro que podiam saber da minha missão e achar pouco educado fazer mais perguntas. Ou então era possível que sentissem relutância em tocar no assunto do homicídio de Wanamaker Jones tão cedo depois do falecimento da Tillie. Podiam ter medo de que a minha investigação fosse um obstáculo aos seus interesses pessoais. Isso era mais provável. Fosse qual fosse a razão, a minha motivação para ir a Savannah tornar-se-ia do domínio público na manhã seguinte, quando Richardson juntasse todos os interessados no seu escritório e lesse o último testamento da Tillie.

Olhei para o general e contemplei o que a Tillie poderia ter visto nele. Tinha feições agradáveis e poderia ter sido um homem bonito se não fosse a expressão desagradável do rosto. Teria a Tillie realmente casado aos noventa e um anos? E com um homem pelo menos vinte anos mais novo? Detestava pensar nisso, mas claro que era possível que nesta altura a Tillie já estivesse mais do que confusa. Teria a sua mente começado a deteriorar-se? As condições do testamento podiam ser obra de uma pessoa desequilibrada, ou talvez com demência não diagnosticada. Teria Mr. Richardson reconhecido os sintomas?

Afastei esse pensamento desagradável e peguei num pãozinho, passando a cesta a Artie Grogan.

– Fale-me do seu instituto, Artie. Fica aqui na Geórgia?

Uma expressão estranha passou-lhe no rosto. Levou o guardanapo aos lábios como se estivesse a ganhar tempo antes de responder. Por fim, baixou o guardanapo e disse:

– Na verdade, estamos entre localizações permanentes neste momento. – Lançou um olhar a Richardson, que o ignorou, antes de continuar: – Viajámos muito antes de fundar o instituto, para fazer pesquisa, claro. Houve uma altura em que tivemos um escritório em

de Durham, mas não durante o período áureo da investigação paranormal na Universidade de Duke. Mas, mesmo assim, foram uns belos tempos, não foram, Sammy?

A mulher sorriu-lhe rapidamente.

– Hum. Depois, mudámo-nos para Nova Jérsia, para Princeton. Infelizmente esse programa também fechou, mas conhecemos Miss Tillie numa das palestras patrocinadas. O resto é história, como dizem, e por isso aqui estamos. – Esboçou um grande sorriso, aparentemente satisfeito com a sua resposta à minha pergunta.

– Não é uma história muito longa, pois não? – comentou o general Pettigrew. Foi mais um rosnado depreciativo do que uma pergunta clara. Ele estivera calado durante o início do jantar.

– Desculpe? – disse Grogan.

– Estou só a dizer o óbvio – comentou o general.

– Eu não ataco os seus feitos, Pettigrew – disse Artie –, e agradeço que não ataque os meus. General, realmente!

– Vá lá, Grogan, não seja tão sensível – disse Pettigrew. Tinha uma maça de Adão invulgarmente grande, que entrava em ação de cada vez que ele falava. – O seu suposto instituto não está propriamente na vanguarda da investigação paranormal, pois não?

– Como se atreve? Fique sabendo que...

Apesar de Richardson parecer divertido com este confronto nascente, eu raramente acho que discussões à mesa sejam benéficas para a digestão. Interrompi Grogan antes de ele conseguir acabar.

– Artie – disse eu –, como é que surgiu o seu interesse pela investigação paranormal? Viu um fantasma em criança?

– Hã? – O olhar dele rodou para mim. – Não, não exatamente.

– Conte-me como o seu interesse se desenvolveu. É uma área totalmente nova para mim.

– Nunca me perguntaram isso – disse ele. – Suponho que sempre me interessei pelo mundo dos espíritos, e pela psicologia também. A minha avó sabia sempre quem ia telefonar antes de o telefone tocar.

– E estava sempre a falar com os antepassados mortos – acrescentou Samantha. – Antes de morrer, claro.

– Ela alguma vez viu esses antepassados? – perguntei.

– Nunca lhe perguntei – disse Artie, parecendo surpreendido por isso nunca lhe ter ocorrido. – Mas é completamente possível. Se retroceder na História, nunca houve uma sociedade que não mencionasse espíritos, ou alguma espécie de fantasmas. – Estava a entusiasmar-se com o tema. – Apesar de haver muito ceticismo hoje em dia, os espíritos há muito que fazem parte das civilizações. Hoje, as pessoas querem «provas», mas nem tudo se enquadra ordenadamente em categorias científicas. Um fantasma não vem quando o chamamos. Eles existem numa dimensão diferente.

– E no entanto não usa todo o tipo de instrumentos científicos? – perguntei. – São coisas desta dimensão.

– Sim, claro. Temos o equipamento básico de gravação a postos, áudio e vídeo, câmaras extraordinariamente sensíveis. Temos vários aparelhos para medir campos eletromagnéticos.

– E o que lhe dizem eles?

– São aparelhos que servem mais para excluir do que para incluir – disse ele. – Por vezes os campos eletromagnéticos fortes dão sensações falsas que as pessoas interpretam como espíritos, quando na verdade é a carga no ar que as faz pensar que está lá alguma coisa. Conheci uma senhora que tinha a certeza de estar a ser observada de cada vez que ia à cave. Vim a descobrir que ela tinha um campo eletromagnético forte à volta do painel de fusíveis, que estava sobre o local exato onde ela sentia os «olhos» que a observavam.

A explicação de Artie sobre o sobrenatural e o paranormal foi interrompida por Mrs. Goodall, que pousou as travessas de frango, feijões-verdes e *hush puppies* no aparador. Os Grogan saltaram das cadeiras para encherem os pratos, seguidos pelo general Pettigrew, pelo advogado Richardson e por mim. A comida estava fabulosa, claro; Mrs. Goodall mantinha o talento para a cozinha que eu recordava de visitas anteriores.

Enquanto comemos, pouco conversámos, apenas conversa de ocasião sobre uma variedade de assuntos que não incluía o sobrenatural. Pettigrew e Artie Grogan evitaram-se um ao outro durante as conversas, mas Samantha trocou gracejos com o general. Enrolando uma madeixa de cabelo à volta de um dedo, foi quase sedutora, o que pareceu alimentar o ego de Pettigrew.

Richardson, que falava tão baixinho que por vezes era difícil ouvi-lo, ofereceu algumas observações sobre Savannah e a comemoração do Dia de São Patrício que se avizinhava.

– Vêm de todas as partes dos Estados Unidos para o nosso fim de semana de São Patrício – disse ele –, e trazem os seus dólares de turistas para enriquecer os nossos comerciantes. Se quiser pode ver o desfile do meu escritório, Mrs. Fletcher. Tem uma vista bastante boa.

– É uma oferta muito gentil da sua parte – respondi, um pouco envergonhada por ele não ter convidado os outros que estavam à mesa.

– Sabe, tenho a tendência de evitar todas as festividades – disse ele, raspando molhos com um *hush puppy*. – Por vezes podem tornar-se ruidosas. Os advogados criminais da nossa bela cidade ficam com muitos casos durante o fim de semana, e a polícia sai em grande número. É um bom fim de semana para trancar as portas e ficar absorvido num bom livro. – Virou-se para mim. – Devo confessar, Mrs. Fletcher, que não havia tido o prazer de ler nenhuma das suas obras antes de cá vir, mas já retifiquei essa omissão grave na minha vida literária. Escreve bastante bem, apesar de eu ter de admitir que identifiquei o assassino nas primeiras páginas, sem dúvida devido ao meu treino e experiências com a lei.

Sorri, mas não respondi. O livro que ele lera não tinha qualquer informação nos primeiros três ou quatro capítulos que permitisse a um leitor descobrir o assassino. Mas não o contrariei. Durante a minha carreira de escritora, já tive a experiência de outras pessoas fazerem as mesmas afirmações, sem dúvida para alimentarem a sua autoestima aos meus olhos. Quem sou eu para lhes estragar a festa?

Mrs. Goodall entrara silenciosamente para levar a louça do jantar. Pousou uma taça de cristal com pudim de banana no aparador, juntamente com taças mais pequenas com mirtilos e *chantilly*. Mr. Richardson foi o primeiro a levantar-se para a sobremesa, que já parecia saber que faria parte da ementa. Os restantes seguiram-se-lhe e, mais uma vez, a conversa esmoreceu enquanto a rodada de comida era consumida.

– Mrs. Fletcher... Jessica... há pouco perguntou – disse Artie, com a boca cheia de

podim e natas – acerca das vezes em que Samantha e eu conseguimos encontrar razões físicas naturais para a presumível presença de campos sobrenaturais.

– Sim, achei isso interessante – disse eu. – Se descobrem que um campo eletromagnético está a fazer com que as pessoas pensem que estão na presença de um fantasma, quando não estão, então a vossa investigação desacredita exatamente aquilo em que o vosso instituto se baseia: a existência de fenómenos inexplicados.

Ele comeu outra colher antes de responder.

– Por vezes, pode parecer que assim é – respondeu –, porque precisamos de mostrar que reconhecemos um alarme falso para sermos levados a sério quando descobrimos uma assombração genuína.

– Não que sejam muitas vezes levados a sério – disse o general. Era óbvio que gostava de provocar Artie, mas desta vez o alvo ignorou-o.

– Pense nas histórias de fantasmas a arrastarem correntes – disse Artie. – Em muitas casas, isso pode ser explicado facilmente. Não em todas, repare, mas em algumas. As vibrações podem vir de ribeiros ou túneis subterrâneos... Savannah está cheia de túneis subterrâneos.

– Está?

– Muitos – contribuiu Mr. Richardson, decidindo-se juntar-se à conversa. – Eram usados por corsários para raptar marinheiros para os seus navios.

– Ouvi dizer que o hospital tinha uma morgue subterrânea num dos túneis – acrescentou Pettigrew, subitamente interessado.

– É verdade – disse Richardson. – Houve uma grande epidemia de febre-amarela no século XIX, que vitimou centenas de pessoas. A comunidade médica não quis que os cidadãos soubessem quantas pessoas haviam morrido e utilizou os túneis para ocultar o número de fatalidades do público. Os corpos eram enterrados depois de a maioria dos cidadãos terem ido para a cama.

– Armazenavam-nos nos subterrâneos durante o dia e depois enterravam-nos à noite, não é? Parece razoável – disse Pettigrew.

Artie viu que a atenção se lhe escapava e foi resgatá-la.

– De qualquer forma, voltando às correntes: os ruídos de um túnel ou de uma mina abandonada por perto, ou mesmo canos soltos em casa podem parecer correntes. E se fosse esse o caso, dizemo-lo sempre. Orgulhamo-nos da nossa honestidade.

– Razão pela qual a nossa instituição é levada *tão* a sério – disse Samantha, os seus olhos a passarem rapidamente do general para Richardson. – Mas há um número igual de vezes em que não existe outra explicação para o ruído e temos de considerar que pode ser um sinal de outro mundo.

O marido assentiu de forma sábia.

– Tentamos desenvolver provas, mas reconhecemos que nem sempre é possível. Por exemplo, o monstro do Loch Ness – disse ele, olhando para mim. – Alguma vez foi à Escócia, Mrs. Fletcher?

– Por acaso já fui – respondi, pensando com carinho na minha viagem a Wick e à casa ancestral do meu bom amigo George Sutherland, inspetor da Scotland Yard em Londres.

– Pois bem, há pessoas a ver o monstro há séculos, a desenhá-lo, até a fotografá-lo, mas nunca é suficiente. Até alguém tirar um monstro morto das águas turvas, os céticos levarão a melhor. Os céticos duvidaram da lula gigante até um pescador japonês matar

uma.
– O primeiro gorila da montanha só foi descoberto em 1902 – contribuiu Samantha. – Com certeza que existia antes disso. Só porque uma coisa nunca foi vista, não quer dizer que não exista.

– Ainda enfrentamos o preconceito e o cinismo. Mas é por isso que é tão importante para nós terminar a nossa pesquisa aqui – disse o marido. – Com os relatórios que escrevermos sobre Mortelaine House, sobre a sua vida espiritual, por assim dizer, quando publicarmos a nossa pesquisa, esperamos que o instituto atraia bastante atenção e possamos avançar com os nossos objetivos nesta área. – O seu olhar voltou-se para o advogado Richardson. – Claro que as nossas conclusões aumentarão de forma considerável a reputação fantasmagórica de Savannah e o valor desta propriedade.

– Que diz a tudo isto, Mr. Richardson? – perguntei. – Acredita em fantasmas?

– Não posso dizer com convicção que os fantasmas existam ou não – disse ele, sem erguer o olhar da sua segunda dose de pudim de banana. – Nunca tive a experiência de encontrar um, mas tenho amigos e colegas que são, digamos, sensíveis à sua existência. – Raspou a colher na borda da taça até que o último pedaço de pudim amarelo tivesse sido apanhado e engolido, lambeu os lábios, e sorriu-me. – Deve saber que Savannah é uma das cidades mais assombradas do país.

– Deram-mo a entender – respondi. – Porque supõe que assim seja?

– Há muitas teorias, sendo que uma delas é a existência de uma grande população irlandesa aqui. Os irlandeses têm uma tradição forte de comungar com seres sobrenaturais, os duendes por exemplo, e de serem bons contadores de histórias.

– Eu sou irlandês – disse Artie Grogan. – Está a sugerir que inventamos estas coisas? – A voz aumentara de volume e o rosto corara.

– Interpretou-me completamente mal – disse Mr. Richardson, enunciando bem cada palavra. – Mrs. Fletcher perguntou porque tinha Savannah uma história tão assombrada, e eu estou a tentar explicar algumas das *teorias*. E esta é uma delas. Posso continuar?

– Faça o favor.

O seu olhar transferiu-se de Artie para mim.

– Outra *teoria* é que os escravos trouxeram de África a sua crença em espíritos. E há uma terceira, que atribui a forte presença de espíritos a tribos nativas que ocupavam esta terra. – Voltou a olhar para Artie. – Também ouvi dizer que as cidades do litoral têm mais histórias de espíritos do que as do interior, algo que ver com a subida e descida das marés preservarem a energia espiritual. Não concordo nada com esta última.

– Também não acredito na teoria da água – disse Artie, acenando com a mão como se afugentando a teoria como a uma mosca irritante –, mas sem dúvida que a energia de outra dimensão pode associar-se a um lugar. Tome por exemplo uma típica casa assombrada, como esta, digamos, e, se fizer pesquisa, descobrirá que houve alturas de *stress* ou emoções extremos, tragédias ou desastres, e esse tipo de experiências pode ligar a energia de um espírito ao local onde ocorreram.

– Tal como o homicídio de Wanamaker Jones? – sugeri.

– Exatamente. – Samantha sorriu-me com aprovação.

– Alguma vez o viu? – perguntei.

– Não, não vi – disse ela –, mas Miss Tillie disse que o viu. E aposto que Mrs. Goodall também o viu, apesar de o negar sempre que lho pergunto.

– Porque lhe mentiria ela?
– Não está feliz por estarmos cá e não o esconde. Não tenho a certeza da razão, mas aposto que aqui Mr. Richardson lhe pôs ideias na cabeça.
– Não fiz tal coisa – disse Richardson, reunindo toda a indignação que a sua voz suave e o seu corpo frágil conseguiam aguentar.
– Ela está contra nós desde o primeiro dia. Talvez *ela* lhe diga porquê.
– Também não gosta de mim – comentou o general Pettigrew. – Não que isso tenha importância.

Tomei nota de perguntar a Mrs. Goodall se a Tillie lhe contara do pedido do general. Teria a governanta mostrado tanto desagrado com ele se a patroa estivesse prestes a casar-se com o homem?

A mulher em questão abriu a porta, vinda da copa.
– Terminaram? – perguntou. – Tenho de arrumar antes de me ir embora.
– Sim, claro, Mrs. Goodall – disse Richardson. – Nós vamos para o salão e deixamo-las aos seus afazeres. O pudim de banana estava soberbo, como sempre.
– Toda a refeição estava maravilhosa – acrescentei. – Muito obrigada.
– Sim, claro – emendou Mr. Richardson. – Toda a refeição.

Mrs. Goodall pegou num apagador de velas de prata e apagou as que estavam no aparador e sobre a lareira, um sinal claro de que a refeição acabara.

– De nada, Mr. Richardson, minha senhora – disse ela, assentindo para o advogado de Tillie e para mim.

Reparei que os Grogan e Pettigrew não se haviam dado ao trabalho de lhe agradecer. Talvez essa fosse uma das fontes da sua irritação com eles. Se assim fosse, não a censurava. A boa educação básica pedia um agradecimento por qualquer refeição, e esta fora especial. Dadas as suas capacidades culinárias, Mrs. Goodall não teria dificuldades em arranjar outro emprego, se quisesse, quando Mortelaine House mudasse de mãos.

Quem iria *de facto* ficar com a casa? A resposta seria dada em breve, presumivelmente na manhã depois da leitura do testamento da Tillie. Mas afastei esse pensamento. Segundo Richardson, havia um envelope selado que deveria ser aberto no caso de eu recusar vir a Savannah, ou de não conseguir desvendar o homicídio de Wanamaker Jones. A resposta à pergunta podia permanecer um mistério por mais algum tempo.

– É altura de espíritos pós-jantar, da variedade líquida – anunciou Pettigrew, afastando a cadeira da mesa e preparando-se para nos conduzir ao salão. Mas, ao levantar-se, a sala ficou súbita e abruptamente às escuras. Samantha Grogan soltou um guincho assustado.

– Outra falha elétrica – disse o general.
– Têm acontecido com maior regularidade nos últimos tempos – comentou Richardson. Pediu a Mrs. Goodall para ir buscar velas para o salão, e eu ouvi-a sair da sala de jantar.

– Não há motivos para preocupação – disse-me Artie Grogan. – Vão ligar tudo daqui a pouco tempo. Geralmente não demoram.

O apagão não me preocupara de todo, apesar de apreciar a expressão de preocupação dele. Mas nessa altura os meus olhos viram algo que me desviou a atenção da mesa e a dirigiu para o vestíbulo espaçoso por onde entravam as visitas. Cheguei ao vestíbulo e confirmei o que pensava ter visto da sala de jantar. Um pequeno candeeiro de mesa com um *abat-jour* Tiffany bonito, cuja única lâmpada era de potência muito baixa, estava

aceso! Estendi a mão, toquei no *abat-jour*, e todas as luzes da casa voltaram a acender-se.

– Viva! – proclamou alguém da sala de jantar.

Olhei para o candeeiro de mesa. Agora estava apagado. *Seria uma luz de emergência especial? Ou seria a pilhas?* O cabo gasto que saía da base do candeeiro e estava ligado a uma tomada na parede desmentiu a ideia. E era óbvio que o candeeiro era muito antigo. Porque teria ficado aquele candeeiro aceso enquanto o resto das luzes da casa falhavam?

Ainda estava a fitar o candeeiro quando o som da porta da frente a abrir-se me fez ficar rígida e virar-me. Um homem idoso de estatura grande com uma melena de cabelo grisalho em pé entrou no átrio. Vestia fato e tinha uma gabardina preta pendurada num braço.

– Céus, sobressaltou-me – disse eu, com a mão sobre o meu coração palpitante.

– Isso não é bom para um médico, pois não? – disse ele, fechando a porta atrás de si. –

Um médico não pode andar a assustar as pessoas de morte, pois não? Sou o Dr. Warner Payne. Não é um nome muito adequado para um médico², mas terá de culpar os meus pais por isso. Calculo que esteja atrasado para jantar. As minhas desculpas.

Com isso, e sem perguntar quem eu era, pendurou o casaco no bengaleiro, passou por mim a passos largos, e juntou-se aos outros na sala de jantar.

– Tenho o seu prato a aquecer no forno – disse-lhe Mrs. Goodall ao passar pelo vestíbulo com dois castiçais, em direção ao salão. – Acontece sempre alguma coisa quando estou prestes a ir embora – murmurou ela.

– Mrs. Goodall – disse eu, junto à entrada da sala formal enquanto ela colocava os castiçais em duas mesas. – Acerca daquele candeeiro do vestíbulo...

– O pequeno, na mesa?

– Sim – disse eu. – Agora está apagado, mas estava aceso durante o apagão. Como pode ser isso?

– Não pode – disse ela, saindo apressadamente do salão, de volta à sala de jantar. – Está avariado há anos.

– Quer dizer que não funciona?

– Desde mil novecentos e sessenta e sete.

Voltei a olhar para o candeeiro.

Não estava frio em Mortelaine House, mas subitamente fiquei gelada até aos ossos.

¹ Salgadinhos típicos da culinária do Sul dos Estados Unidos, pequenas bolas de polme de farinha de milho fritas e tradicionalmente servidas para acompanhar peixe frito. (N. do T.)

² Payne é uma palavra homófona de *pain*, dor em inglês. (N. do T.)

CAPÍTULO 6

– Então, Mrs. Fletcher, o que a traz a Savannah e especificamente a Mortelaine House? O funeral de Miss Tillie já foi há algum tempo.

O Dr. Payne encostou a sua figura considerável às costas em tapeçaria da cadeira da sala de jantar, com o casaco do fato desabotoado, revelando um par de suspensórios floridos que emolduravam uma pequena pança. Tinha uma chávena de chá nas mãos, e os seus grandes dedos eram surpreendentemente delicados com a porcelana frágil.

Os outros convidados do jantar haviam saído pouco depois da sua chegada, o general levando consigo um copo cheio do *Armagnac* amargo de que gostava. Ele e os Grogan tinham-se servido das escadas traseiras, atravessando a cozinha e o pátio ajardinado para chegar à casa de hóspedes.

Mrs. Goodall trancou a porta depois de eles saírem mas não fazia tensões de esperar que o médico acabasse o seu prato. Não queria chegar atrasada à reunião da igreja.

Mr. Richardson desculpara-se declarando que precisava de pelo menos nove horas de sono antes da tarefa árdua de ler o testamento da Tillie na manhã seguinte. Quando ele saiu e fechei a porta, não sei se esperavam que eu desempenhasse o papel de anfitriã do nosso convidado atrasado, o Dr. Payne. Com relutância em interromper o jantar dele, mas não querendo ser mal-educada, espreitei a sala de jantar e perguntei se ele queria uma chávena de chá.

Ele estava debruçado sobre o prato, a levar um garfo com comida à boca rapidamente. Olhou para cima, fez uma expressão de confusão e assentiu. Um pouco depois, entrou na cozinha com o prato nas mãos.

– Acabei de a conhecer no vestíbulo? – perguntou, passando os dedos pelo cabelo grisalho, numa tentativa de o alisar.

– Sim. – Apresentei-me. – Chegou mesmo depois de termos tido um breve apagão.

– Bem achei que estava um pouco escuro quando subi os degraus da frente. – Dirigiu-se à pia, lavou o prato e os talheres, e deixou-os no corredor.

Eu já enchera a chaleira com água e pousara-a no fogão. Olhei em redor para adivinhar onde Mrs. Goodall guardaria as saquetas de chá.

– Permita-me – disse o Dr. Payne, dirigindo-se a um armário para tirar uma lata com chá solto e um coador, e a outro para tirar um bule de porcelana castanha e branca, e duas chávenas e dois pires a condizer. – Sei orientar-me nesta cozinha tão bem quanto Mrs. Goodall – comentou ele. – Ela gosta de esconder as coisas, mas eu sei como ela pensa. Se me chegar o leite ali do frigorífico, eu trato do nosso chá. E, já agora, veja se ela me deixou um prato de pudim. Ficarei muito triste se não tiver deixado.

Outra vez na sala de jantar, o bule numa mesa entre nós, um prato de pudim de banana já consumido, o médico descontraíra bastante.

– Achava que já conhecia todas as amigas de Miss Tillie – disse ele. – Fui médico dela... deixe-me ver, pelo menos cinquenta anos. Claro que já ouvira falar de si, por via de todas as histórias nos meios de comunicação sobre o programa de alfabetização que criou com ela. Muito admirável. Mas nunca tive o prazer de lhe apertar a mão, Mrs. Fletcher. Miss Tillie gostava de manter algumas das suas amizades secretas. – Riu-se e sorveu o chá de forma ruidosa. – Claro, sabe que ela era uma senhora com bastantes segredos. Fazia parte do seu encanto considerável.

Seria o pedido de casamento do general a Tillie um desses segredos?, perguntei-me.

A conversa centrou-se na razão da minha vida a Savannah e mostrei a minha surpresa por Mr. Richardson me ter telefonado para me informar de que fora mencionada no testamento da Tillie. Optei por não falar das coisas específicas que ela queria que eu fizesse. O médico, juntamente com os outros, descobriria tudo em breve.

– Bem, ela era uma mulher generosa, disse não há dúvida – disse ele. – Amanhã deve estar aqui um grande número de pessoas: funcionários de instituições de caridade, sem dúvida, Richardson, claro, eu próprio, e o juiz, aqueles idiotas da casa de hóspedes. Apesar de eu não acreditar que ela lhes deixasse alguma coisa. – Espetou os dedos no cabelo. – Depois há os sobrinhos dela – continuou. – Já os conheceu?

– Não conheci.

– Creio que são os únicos parentes vivos dela.

– Eu não sabia que ela tinha irmãos.

– Não tinha. – Ele observou o meu rosto, esperando que eu fizesse a pergunta seguinte.

– Eram títulos de cortesia?

– Não. – Sorriu, à espera.

– Nunca soube que ela tinha sido casada – disse eu. – O apelido Mortelaine não era dela?

– É inteligente – disse ele, batendo com a mão na mesa, fazendo com que a minha chávena abanasse no pires. – Oh sim, Miss Tillie era uma Mortelaine dos quatro costados. Casou jovem, perdeu o marido na guerra. Na batalha de Midway. Não tiveram filhos. Não sei se isso foi bom ou mau para ela. Ela voltou a usar o nome da família quando alguns parentes do marido tentaram reivindicar a propriedade, alegando que o que era dela era dele e, por extensão, deles. A sobrinha e o sobrinho são filhos do irmão do marido.

– E participaram nessa reivindicação?

– Não. Não. Nem sequer eram nascidos na altura.

– Presumo que a reivindicação não tenha tido sucesso.

Ele assentiu lentamente.

– O advogado dela era Frank O'Neill. Eu achei que ele era um pouco jovem e inexperiente. Claro que eu também era jovem e inexperiente na altura. Mas a Tillie gostava dele, e ele mostrou-me que eu estava enganado. Tornou-se preeminente aqui em Savannah, é agora o ilustre juiz reformado Frank O'Neill. É o mestre-de-cerimónias do desfile de São Patrício deste ano. O Frank pôs aqueles intrusos na ordem. Mas partilhar o nome com esses ladrões fez Miss Tillie sentir-se mal, por isso voltou a usar o apelido Mortelaine e assim ficou.

– E nunca voltou a casar-se?

– Que eu saiba não, apesar de haver muitos homens que a teriam aceitado. Sempre teve os seus namorados, mesmo até ao dia em que morreu. – Riu-se.

Era óbvio que a Tillie tinha os seus admiradores. Eu ouvira Mr. Richardson falar dela com carinho e, dada a sua expressão quando falava da Tillie, talvez o Dr. Payne tivesse um fraquinho por ela também.

– Mr. Pettigrew era um dos namorados dela? – perguntei.

– Não lhe escapa nada.

– O general disse-me que pediu a Tillie em casamento e que ela aceitou.

Ele suspirou.

– As senhoras ricas são sempre uma presa tentadora para marotos. Eu avisei-a acerca dele, e dos Grogan também, mas ela desdenhou das minhas opiniões.

– Talvez ela gostasse da atenção – disse eu – ou os achasse divertidos.

– Foi isso mesmo que ela disse. Disse-me para me meter na minha vida e para não lhe estragar a festa.

– Mas o senhor não confia neles.

– Como poderia confiar? Não havia nada de bom para ela. Tudo para eles. Ela sempre precisou de proteção. Confiava demasiado nas pessoas. Eu disse-lhe para se certificar de que trancava bem as portas à noite. – Passou-lhe pelo rosto uma onda de angústia. – Não sei se ela prestou atenção. A morte dela ainda não faz sentido para mim.

– O que é que não faz sentido acerca dela, senhor doutor?

– Ela ter caído por aquelas malditas escadas.

– Não acredita que foi um acidente?

Ele encolheu os ombros e suspirou.

– Não posso dizer que não tenha sido. Não há provas em contrário. Mas digo-lhe que Tillie Mortelaine caminhava de uma forma tão segura como a senhora ou eu, Mrs. Fletcher. Sim, ela tinha noventa e um anos. E sim, sofrera de um acesso de tontura ou dois quando se excedia, mas mesmo assim... – A voz esmoreceu.

– Mrs. Goodall encontrou o chinelo dela ao cimo das escadas – disse eu. – Pode ter ficado com o pé preso no tapete gasto. Ou talvez tenha apenas tropeçado. Pode acontecer à pessoa mais segura. Os acidentes domésticos estão sempre a acontecer. Toda a gente sabe disso.

– Conheço as estatísticas – disse ele, fitando a sua chávena vazia. – Mas fui médico dela durante cinquenta anos e incomoda-me. Não a vejo a tropeçar.

– Qual é a alternativa?

Ele olhou para mim, mas não disse nada.

– Acha que alguém a matou? – perguntei, voltando a sentir o arrepio. A Tillie era uma mulher pequena, como um pardal, mal pesava cinquenta quilos, se tanto. Não teria sido difícil para alguém maior do que ela pegar nela e atirá-la pelas escadas abaixo.

O Dr. Payne ignorou a minha pergunta.

– Mrs. Goodall telefonou-me logo depois de ter ligado para o 112, mas eu fiquei retido no hospital. – Abanou a cabeça. – Não se pode sair a meio do turno. Quando cheguei, a polícia estava a terminar. Foi outro médico que declarou o óbito, e o corpo dela já fora levado.

– Houve autópsia? – perguntei.

Ele assentiu de forma severa.

– Eu insisti. O juiz de instrução é um velho amigo. Ele fê-lo mais como um favor a mim. A polícia estava disposta a deixar o corpo seguir para a funerária. Já haviam decidido que a morte fora accidental.

– O que indicaram os resultados da autópsia?

– Não foram conclusivos. Nada de concreto.

– Já mencionou as suas suspeitas a mais alguém?

– Passei uma hora a interrogar as pessoas da casa de hóspedes. Teriam de ser cegos e surdos para não perceber que eu suspeitava que tivessem feito algo de nefasto. Pettigrew jurou que Miss Tillie trancara a porta depois de terem saído. Eu sei que Mrs. Goodall

verifica todas as portas antes de sair. É de confiança. Pode-se acertar o relógio por aquela mulher.

– Os Grogan acrescentaram alguma coisa?

O Dr. Payne espetou os dedos no cabelo, pondo-o de pé outra vez.

– Esse tolo disse-me que já houve casos em que espíritos zangados empurraram pessoas. Disse que, se Miss Tillie ofendeu alguém em vida, eles podiam ter voltado para se vingar.

– E o que lhe respondeu?

O Dr. Payne pareceu ficar envergonhado.

– Não o espanquei, mas foi por pouco. Tê-lo-ia vencido. Ele é pançudo.

– Provavelmente foi melhor não o ter feito.

– Espero que o Rollie expulse aquelas sanguessugas amanhã.

Conversámos durante mais algum tempo, depois arrumámos as coisas do chá. O Dr. Payne acompanhou-me pela casa, mostrando-me as portas e verificando que estavam trancadas. Duvidei de que as janelas tivessem sido abertas nos últimos anos. Depois, despediu-se. Tranquei a porta da frente e virei-me. O meu olhar recaiu sobre o candeeiro pequeno. Debrucei-me para ver onde era o interruptor e virei-o. Fez um estalido, mas não se fez luz. Desatarraxeí a lâmpada pequena e abanei-a para ver se o filamento estava solto, voltei a atarraxá-la, e virei o interruptor outra vez. Nada.

Olhando para trás, de relance, para o candeeiro, comecei a subir as escadas em direção ao meu quarto, passando por uma série de pequenos espelhos emoldurados a dourado enquanto subia. Pelo canto do olho, pensei ver algo mexer-se no reflexo. Virei-me abruptamente e observei o vestíbulo sob mim. Deixara uma luz de teto acesa. O chão era de mármore, e as paredes pintadas não tinham nenhum tecido que pudesse reagir a uma brisa, mesmo que a houvesse.

Para de te assustar, Jessica, disse a mim própria. *Esta conversa de fantasmas e espíritos disparou-te a imaginação.* Mas soltei um pequeno suspiro de alívio quando cheguei ao meu quarto e pude fechar a porta atrás de mim.

CAPÍTULO 7

Os ponteiros do relógio de cabeceira marcavam duas da manhã, e sentei-me na cama a perguntar-me porque não estava a dormir. O quarto estava muito escuro. Antes nessa noite, todas as minhas tentativas de abrir as portadas seladas com tinta haviam sido em vão, e desistira passado algum tempo. Antes de ir para a cama, colocara a lanterna pequena que levo sempre comigo quando viajo na mesinha de cabeceira.

Pelos meus cálculos, as janelas em arco do quarto davam para o pátio, mas, sem poder olhar para fora, não podia ter certeza. Não havia luz nenhuma da rua a entrar pelas frestas. Escutei, os meus ouvidos a esforçarem-se por detetar o mínimo som, e os meus olhos focados nas silhuetas sombrias da mobília à minha volta.

Estava numa cama de dossel de mogno entalhado do século XIX, o dossel de seda sobre mim plissado de forma apertada à volta de uma roseta central. No canto havia uma cadeira estofada com uma otomana a condizer. Entre as janelas altas, por onde não entrava luz nenhuma, havia uma arca de Bombaim com três gavetas, sob um espelho oval. Em frente à cama havia um armário que devia ter sido montado no quarto. Quase chegava à cornija, pelo que nunca teria passado pela porta.

Pensando nos Grogan e na sua teoria eletromagnética, tentei pressentir se estava a ser observada. Havia várias tomadas e um lustre pequeno no quarto. Além disso, quando estava a desfazer as malas nessa tarde, endireitara um quadro que estava torto e, descobri, tapava a caixa de fusíveis do primeiro andar. Felizmente, nenhuma destas possíveis fontes de campos eletromagnéticos me estava a incomodar, e não me apercebi de nenhum olhar de outro mundo apontado a mim.

Destapei-me, saí da cama e palpei o tapete de meio ponto em busca dos chinelos. Mrs. Goodall deixara-me um robe de algodão num canto da cama, e vesti-o. De pé no tapete, apertando o cinto do robe, virei a cabeça para a porta. O que era aquilo?

Uma corrente de ar suave entrava no quarto por baixo da porta. Numa casa que parecia tão hermeticamente fechada como um frasco de farmacêutico, não era lógico. Todos os meus sentidos entraram em alerta. O som de uma porta a bater algures fez-me saltar, e a brisa aos meus pés desapareceu.

Estava lá alguém? Ou alguém acabara de sair? Subitamente, o quarto parecia abafado. Palpei a mesa de cabeceira para encontrar a minha lanterna, enfiei-a no bolso do robe, abri a porta silenciosamente e saí para o amplo patamar do andar de cima, os meus ouvidos a esforçarem-se por captar qualquer movimento. A luz fraca que eu deixara acesa no átrio do andar de baixo permitiu-me ver na escuridão. Todas as portas do andar de cima estavam fechadas, exceto a minha. O único som era o tique-taque do relógio antigo, algures lá em baixo. Lembrei-me de ter visto um no escritório da Tillie quando o Dr. Payne e eu estávamos a fazer a ronda pela casa a trancar as portas, mas não entráramos nessa divisão, já que não tinha porta para o exterior.

Onde poderia estar a porta que tinha batido? Parecia longe demais para ser no andar de cima. Fui até ao cimo das escadas. O tapete sob os meus pés estava muito gasto, a parte roçada apenas um conjunto de fios grossos e soltos. Lembrei-me do aviso de Mrs. Goodall e dei um passo para o lado, para fora da parte gasta. Agarrando o corrimão, desci as escadas, pousando cada pé de forma cuidadosa e lenta, para que a madeira sob o chinelo não rangesse. Os espelhos pequenos sobre o meu ombro na parede à direita brilharam, e

verifiquei o meu reflexo neles, lembrando-me da sensação anterior de algo a mexer-se. Tudo estava quieto.

Quando cheguei ao chão de mármore do vestíbulo, comecei a sentir-me tola. Ouvira realmente uma porta a bater na casa? O ruído viaja na noite. Poderia ter sido uma porta na casa de hóspedes, ou talvez noutra casa da praça. Afinal de contas, havia muitas pessoas que tinham horários tardios. Só porque eu preferia uma boa noite de sono, não queria dizer que todas as outras pessoas em Savannah fossem para a cama antes da meia-noite. Afinal, era uma cidade grande. Havia restaurantes, bares e discotecas. Talvez um vizinho tivesse estado a comemorar e o vento apanhasse a porta da frente antes de ele conseguir evitar que ela batesse. Ou talvez um adolescente tivesse fugido à hora de deitar e tivesse sido recebido em casa por um pai zangado, que atirara a porta.

Veio um barulho alto das escadas, atrás de mim, e virei-me com um arquejo. Não estava lá nada. Aborrecida, repreendi-me por ser assustadiça. *Para com isso, Jessica! Não é altura de ficares nervosa. Mrs. Goodall disse-te que esta é uma casa antiga com muitos ruídos. Vais ter um mês difícil se deixares que todos os sons te perturbem. O que precisas é de uma noite bem dormida.*

Infelizmente, estava bem acordada. Se os espíritos residentes da Tillie tencionavam perturbar-me o sono, tinham feito um bom trabalho. Decidi que uma chávena de chá de ervas seria tranquilizante e esperei que a despensa tivesse esse prémio. Acendi o lustre da sala de jantar, atravessei até à copa do mordomo e desci as escadas traseiras para a cozinha, acendendo as luzes à medida que ia avançando. Nas casas antigas do bairro histórico de Savannah, a cozinha ficava geralmente no andar térreo, pois os proprietários abastados de há muitos séculos estavam habituados a ter cozinheiras e outros criados que levavam a comida para a sala de jantar formal no andar de cima.

As escadas traseiras levavam a um corredor com painéis de madeira que faziam um padrão de quadrados dentro de outros quadrados. À esquerda, o corredor dava para o quarto que Mrs. Goodall utilizava quando ficava na casa. À direita, dava para a cozinha. Antes da cozinha, no entanto, havia duas portas, uma de cada lado. Verifiquei as duas. A primeira tinha um trinco simples. Deslizei a tranca para o lado e abri a porta, que dava para escadas de madeira irregulares que desciam para a escuridão. Um arrepio causou-me pele de galinha nos braços. *Isto fica para outro dia*, pensei, fechando a porta rapidamente e trancando-a outra vez. A porta em frente não tinha fechadura e, quando girei a maçaneta, revelou prateleiras de latas e alimentos secos, o tipo de artigo essencial que eu tinha na minha cozinha em Cabot Cove, e fila atrás de fila de frascos com etiquetas feitas à mão de *pickles*, fruta e legumes. Mas nada de chá.

Liguei o interruptor da cozinha, um candeeiro de teto velho que não dava muita luz, e atravessei o chão que tinha um padrão axadrezado preto e branco até ao armário onde o Dr. Payne encontrara a lata de chá solto, esperando que houvesse uma variedade descafeinada. Havia uma caixa de *Sleepytime* enfiada atrás da lata. Abençoei silenciosamente Mrs. Goodall, tirei uma saqueta de chá, enchi a chaleira na pia e acendi um dos bicos a gás do fogão. Sabendo que uma chaleira nunca ferve se olharmos para ela, sentei-me numa cadeirinha de madeira e observei o que me rodeava.

A cozinha era uma divisão retangular grande, com janelas em dois lados. No centro de uma das paredes que tinham janelas havia uma porta para o exterior, a sua metade superior de vidro coberta por uma persiana. Sabia, de visitas anteriores à cozinha, que a porta dava

para o pátio ajardinado. O fogão, a máquina de lavar louça e o frigorífico eram recentes, mas tudo o resto na divisão tinha um ar centenário, com armários com camadas grossas de tinta, uma tábua de cortar pesada com quatro pernas, e duas mesas de madeira: uma, junto ao fogão e encostada à parede, onde Mrs. Goodall guardava os utensílios de cozinha, uma lanterna e uma cafeteira elétrica; e a outra era a pequena mesa quadrada à qual eu estava sentada.

Da última vez que visitara a Tillie, não julgava ter entrado na cozinha. As refeições eram sempre tomadas na sala de jantar. Para poupar caminhadas a Mrs. Goodall, a Tillie encorajara-a a montar um *buffet* no aparador, de onde nos servíamos todos.

– Há um elevador para loiça que pode utilizar para isso – dissera a Tillie a Mrs. Goodall quando ela carregara uma bandeja grande com os pratos para um almoço de três pessoas, Tillie, Charmelle e eu, durante uma das minhas visitas prévias.

– No tempo que demoro a puxar essa coisa para baixo e a voltar a puxar para cima, já subi e desci as escadas duas vezes – respondeu Mrs. Goodall.

– Isso existe para sua conveniência – disse a Tillie –, para lhe poupar a subida e descida.

– A única coisa que me seria conveniente era pôr a cozinha no andar principal. Isso não vai acontecer, por isso arranjo-me à minha maneira.

– Não sabia que tinhas um elevador para loiça – disse eu. – Que tamanho tem?

– É grande o suficiente para aguentar um peru de Ação de Graças e um leitão ao mesmo tempo – respondeu a Tillie.

Mrs. Goodall aclarou a garganta.

– Ou uma pessoa pequena – disse a Tillie, com um brilho no olhar.

– Não posso crer – disse Charmelle, arregalando os olhos.

– Tenho de o testar de vez em quando para ter a certeza de que funciona, não tenho?

– Quase me deu um ataque do coração – disse Mrs. Goodall enquanto dispunha pratos no aparador. – Abri a porta e ela diz «Bu!», e eu quase deixei cair o frasco de pêssegos aromatizados com gengibre que tinha na mão. Pensei que ia direitinha para o além.

– Mas não o deixou cair – disse a Tillie, sorrindo para a sua governanta. – E ainda aqui está.

– Não graças a si – murmurou Mrs. Goodall ao sair da sala.

– Ela não devia falar contigo assim, Miss Tillie – disse a Charmelle. – Não é adequado.

– Não sejas tão peneirenta, Charmelle. A Emanuela e eu conhecemo-nos há muito tempo. Ela pode falar comigo como quiser. Somos velhas amigas.

– Bem, o juiz nunca autorizaria conversa dessa na nossa casa. As pessoas que trabalham para nós mantêm o decoro. E nós também somos formais com elas. É assim que deve ser.

– O teu irmão Frank é tão tacanho como tu. Há um mundo novo lá fora, se não o recebermos de braços abertos seremos extintos, como os dinossauros e os dodós.

– Bem, eu gosto das coisas como elas são – respondeu a Charmelle. – E não sei como podes falar do Frank assim, depois de tudo o que ele fez por ti.

– Estarei em dívida para com Frank toda a vida, mas isso não quer dizer que tenho de

aplaudir a visão provinciana que ele tem das coisas – disse a Tillie, tirando a rolha de um decantador de cristal. – Então, quem quer um bocadinho de *bourbon* com este pernil maravilhoso?

O assobio da chaleira interrompeu o meu devaneio. Olhei para o corredor que ficava na base das escadas traseiras e perguntei-me onde seria o elevador para loiça, e se Mrs. Goodall ainda se recusaria a utilizá-lo.

Uma sacudidela da maçaneta fez-me virar. Os cabelos na minha nuca arrepiaram-se enquanto fitei a maçaneta e a vi a ser girada, primeiro numa direção e depois noutra. Alguém estava à porta da cozinha a tentar entrar. Desliguei o bico do fogão e esperei. Iria a pessoa partir o vidro? Levantei a chaleira e enchi a chávena. Seria terrível escaldar alguém com água a ferver, mas, na ausência de outra arma, usaria o que tinha à mão.

Por fim bateram à porta de forma ruidosa, e depois continuaram a bater insistentemente.

– Mrs. Fletcher! Jessica! Está bem?

Soltei o fôlego que estava a reter, deixei cair a saqueta de chá na água, e fui à porta. Puxei a persiana para o lado e vi Artie e Samantha Grogan de pijama. Ele tinha uma máquina fotográfica ao pescoço; ela carregava uma caixa com fios a sair da parte de cima. Tirei a chave do seu gancho, destranquei a porta e abri-a.

– Vimos as luzes todas e pensámos que se passava alguma coisa – disse Artie.

– Está bem? – perguntou Samantha.

– Perfeitamente – disse eu.

– Podemos entrar? – perguntou Artie.

Abri a porta para trás.

– Estava só a fazer uma chávena de chá – disse, voltando a virar-me para o fogão. Tirei a saqueta de chá da chávena e deitei-a fora. Resisti à tentação de oferecer chá aos Grogan. Isso significaria uma conversa longa e estava a sentir-me cansada outra vez.

– São duas e meia – disse Samantha. – Costuma levantar-se a meio da noite para tomar chá?

– Às vezes – disse eu, bebendo um golo de *Sleepytime*. – Quando não consigo dormir.

– O que a acordou? – perguntou Artie. – Ouviu alguma coisa? Viu alguma coisa? Os espíritos são mais ativos à noite. Notou mais frio nalgum lugar, ou viu alguma luz?

– Creio que é provável que tenha tido mais a ver com um dia de viagem longo e não dormir na minha cama – respondi.

– Oh – Samantha estava claramente desiludida. – Pensámos que talvez tivesse visto alguma coisa e acendesse as luzes para se tranquilizar. A casa está iluminada como uma árvore de Natal.

– Como não tinha a certeza do caminho, deixei as luzes acesas enquanto descia – disse eu. – Tentarei ser mais cuidadosa daqui para a frente, para não vos assustar e para não gastar eletricidade.

– Eu trouxe o meu equipamento, só para o caso de ser necessário – disse Artie, encolhendo os ombros.

– Estou a ver.

– Importar-se-ia se desse uma volta pela casa, só para verificar as coisas? Não demoro

muito.

– Talvez noutra altura – respondi. – Creio que gostaria de voltar a dormir. Amanhã, ou melhor hoje, vai ser um dia cansativo.

– A noite é a melhor altura para contactá-los, sabe? – disse ele, amuando um pouco. – Há menos distrações e tal. Apanham-se muito melhor os sons.

– Lembrar-me-ei disso – respondi, enquanto os levava para a porta. – Obrigada pela vossa preocupação.

– Vemo-nos no escritório de Richardson – disse Samantha.

Tranquei a porta depois de saírem e abanei a cabeça. Teriam feito semelhante coisa à Tillie? Teria ela deixado que andassem pela casa a altas horas da noite, a fotografar imagens fugidias e a gravar o silêncio?

Voltei a pendurar a chave no gancho e levei a chávena de chá comigo, dirigindo-me às escadas. Já tinha a mão no interruptor da cozinha quando reparei no trinco da porta, à frente da despensa. Estava destrancado e a porta ligeiramente aberta.

Sei que a tranquei, pensei, fechando a porta e trancando-a.

Ou será que não?

CAPÍTULO 8

Mr. Richardson providenciara um carro para me vir buscar na manhã seguinte e me levar ao seu escritório para a leitura do testamento. Levantei-me e vesti-me muito antes da sua chegada e, ao descer, encontrei um *buffet* de pequeno- -almoço posto na sala de jantar por Mrs. Goodall, que por essa altura já saíra para ir buscar Melanie. Os Grogan já estavam à mesa quando entrei; o general Pettigrew apareceu uns minutos depois e sentou-se ao meu lado.

– Dormiu bem? – perguntou.

– Não especialmente. Sempre tive dificuldade na primeira noite em que durmo numa cama estranha.

– Nunca me incomoda – disse ele de forma pomposa. – Um velho militar como eu aprende a dormir em quaisquer condições, no campo de batalha, terreno rochoso, qualquer coisa.

– Tenho a certeza de que isso é verdade – respondi, concentrando-me na taça de fruta fresca que trouxera do aparador, juntamente com café e um queque.

– Mrs. Fletcher teve uma experiência ontem à noite – anunciou Artie Grogan.

– Ah? – disse Pettigrew. – Que tipo de experiência?

– Tive apenas dificuldade em dormir e...

Artie soltou uma gargalhada entendida.

– Jessica, não a censuro por procurar uma razão simplista para a sua inquietude na noite passada. Afinal de contas, não conhece o sobrenatural.

– Viu um fantasma, foi? – perguntou o general.

– Não! – respondi. – É verdade que estava inquieta, mas...

– O campo magnético estava especialmente evidente ontem à noite – disse Samantha. – O Artie e eu conseguíamos senti-lo da casa de hóspedes.

– Eu não senti nada – disse Pettigrew. – Dormi como uma pedra.

Ajudado por um copo grande de Armagnac, pensei, e depois censurei-me por ter pensamentos pouco simpáticos. Ao que parecia, o general conseguia trazer o pior de mim à superfície, e dizer que os seus comentários intencionalmente aborrecidos me irritavam era pouco. Virei-me para Artie, que tentava chamar-me a atenção.

– A aura era poderosa, Jessica – disse Artie. – Atraiu-nos até à casa.

– Disseram que tinham vindo cá por verem luzes e terem ficado preocupados.

Samantha sorriu de forma doce.

– Não queríamos transtorná-la sem razão – disse ela. – Com franqueza, a sua presença aqui pode ser exatamente o que precisamos. É óbvio que tem um nível de sensibilidade que leva os espíritos a revelarem-se.

Comecei a protestar mas pensei melhor, acabei o pequeno-almoço e pedi licença para me retirar. Antes de sair da sala, no entanto, dirigi-me aos três hóspedes de Miss Tillie.

– Mr. Richardson vai enviar um carro para me vir buscar. Algum de vós gostaria de uma boleia para o escritório dele?

– Tratamento especial para a escritora de *best-sellers*? – comentou Pettigrew.

Ignorei o comentário e disse:

– Estão à vontade para virem comigo. Tenho a certeza de que há espaço.

– Não, obrigado – disse o general.

Olhei para os Grogan.

– Já combinámos outra coisa – disse Samantha.

– Então vê-los-ei daqui a pouco – disse eu, secretamente grata por não irem comigo, e saí para esperar o carro alugado. Chegou poucos minutos depois, conduzido por um cavalheiro afro-americano idoso, vestido com um fato preto, camisa branca, gravata preta e um boné preto inclinado.

– Mrs. Jessica Fletcher? – perguntou ele, depois de sair e dar a volta ao carro para me abrir a porta de trás.

– Bom dia – respondi.

– Bom dia para si, minha senhora. Está um belo dia.

Olhei para o céu esbranquiçado e perguntei-me se assim ficaria.

A viagem curta levou-nos por ruas cobertas pelos ramos arqueados dos carvalhos típicos da cidade. Penduradas nos ramos, havia meadas compridas de musgo fino. Eu lera que o musgo é da família do ananás e retira humidade e nutrientes do ar, não das árvores.

– Não lhe toques, Jessica! – avisara-me a Tillie na minha última visita quando eu me baixara para examinar um pedaço de musgo que caíra ao passeio.

– Que susto! – disse eu, puxando a mão para trás de forma abrupta e olhando para ela.

– Porque não? Não é mesma coisa que as floristas utilizam para decorar vasos?

– Sim. E algumas pessoas usam-no para encher almofadas, mas só depois de ser desinfestado.

Tillie informara-me então que os turistas levam muitas vezes sacos de musgo para casa, e descobrem com muito desagrado que o musgo cinzento e suave está infestado de uns insetos vermelhos minúsculos, da família dos acarídeos, que causam uma comichão intensa. Felizmente, ela salvou-me de um destino semelhante.

O escritório de advocacia de Roland Richardson ficava no andar mais alto de um edifício antigo de tijolo vermelho, renovado, na Bay Street, a um quarteirão da famosa River Street, que corre paralela ao frenético rio Savannah. O meu motorista foi à frente para abrir a porta do edifício, e assegurou-me que estaria à espera quando eu saísse.

A rececionista e secretária de Richardson, cujo nome era Amber Smith, era uma jovem esprevidada e bonita, com vinte e muitos anos, um sorriso largo e uma personalidade animada. Enquanto esperei na bonita receção pelos outros, ela disse-me que a mãe era uma grande fã dos meus livros, e depois tirou de forma tímida um exemplar da gaveta da secretária e pediu-me para o autografar, o que fiz, claro. Acabara de fechar a capa e entregar-lho quando o general Pettigrew chegou. Anunciou-se à rececionista, acentuando a palavra «general», e depois virou-se para mim e disse:

– Não preciso de carros particulares. Os táxis locais são mais do que adequados às minhas necessidades.

– Que bom para si – disse eu calmamente, recusando reconhecer a falta de educação com que ele parecia insistir em dirigir-se a mim.

Uns minutos depois, entraram os Grogan, seguidos por outras pessoas, cujas identidades eu desconhecia. O Dr. Warner Payne chegou sozinho e cumprimentou-me ao mesmo tempo que cumprimentava os outros. Um homem de cadeira de rodas, com óculos de arame dependurados do nariz, foi empurrado para a sala por uma enfermeira de bata, que anunciou a presença dele à rececionista.

– O meritíssimo juiz Francis T. O'Neill.

Representava-se do irmão de Charmelle, que representara a Tillie havia mais de sessenta anos quando a família do falecido marido dela reivindicou a propriedade.

– Quando é que isto começa? – perguntou o juiz. – Tenho um dia atarefado.

A resposta foi dada no minuto seguinte por Roland Richardson, quando abriu a porta do seu gabinete e nos convidou a entrar.

O gabinete era espaçoso e inundado por luz vinda de umas janelas enormes viradas para Bay Street. A secretária de Richardson era grande e estava coberta de papéis. Uma mesa de reuniões com uma dúzia de cadeiras à sua volta ocupava uma das extremidades da sala, em frente a estantes que iam até ao teto, cheias de volumes legais. O advogado dispusera duas filas de cadeiras desdobráveis para acomodar todas as pessoas que encheram o gabinete. Estava em mangas de camisa quando nos fez entrar.

– Por favor sentem-se onde se sentirem confortáveis – aconselhou ele, vestindo o casaco e verificando o seu aspeto ao espelho que havia atrás da secretária.

– Espero que isto não demore muito tempo – disse o juiz O'Neill enquanto a sua cadeira de rodas era posicionada à cabeceira da mesa.

– Farei o meu melhor para que as coisas avancem rapidamente, meritíssimo – respondeu Richardson com a sua voz pequena e baixa. – Claro que, por vezes, também eu desejava que as coisas andassem um pouco mais depressa quando estava no seu tribunal. – Soltou uma pequena gargalhada para mostrar que estava a brincar. O'Neill não sorriu. Endireitou o seu corpo grande na cadeira, aninhou o queixo e olhou por cima dos óculos para o advogado, com uma expressão que dizia que não estava com disposição para conversa.

A rececionista juntou-se a nós, com um bloco de estenógrafa na mão, e sentou-se ao lado de Richardson.

– Miss Smith vai registar os autos – disse o advogado. – Para que fique registado, estão presentes na leitura do último testamento de Miss Tillie Mortelaine... – Ergueu uma folha de papel e leu os nossos nomes, incluindo os das pessoas que eu ainda não conhecera. Sentados à mesa, para além de mim, o médico e os três hóspedes da Tillie, os Grogan e Pettigrew, estavam o juiz O'Neill; o sobrinho e a sobrinha do falecido marido da Tillie, Rose Margaret Kendall e Roy Richard Kendall, também conhecido como Rocky; e um homem de meia-idade, Joseph Jones, que foi identificado como sobrinho de Wanamaker Jones. Havia vários funcionários de instituições de caridade sentados na primeira fila de cadeiras, assim como velhos amigos da Tillie e meia dúzia de outros cujas identidades e filiações não apanhei quando o advogado disse os seus nomes rapidamente, com a sua voz suave. Emanuela Goodall e a filha, Melanie, foram as últimas a chegar e pediram desculpa pelo atraso enquanto se sentavam num dos lados da sala.

Com a recitação dos nomes despachada, Richardson leu em voz alta uma longa introdução burocrática do testamento, escrita em jargão legal, utilizando linguagem como «o representante do outorgante» e expressões semelhantes. Parti do princípio de que aquilo era um requerimento legal, mas o estilo lento e circunspeto de Richardson deu rapidamente origem a muito pigarreio, bocejo e agitação nas cadeiras.

– Não podemos passar aos assuntos importantes, Richardson? – perguntou o general Pettigrew durante uma pausa, quando o advogado se atrapalhou ao virar uma página.

Richard olhou para ele e franziu o sobrolho.

– Adiante, Rollie – rosnou O'Neill. – Avance.

E Richardson assim fez. A seu tempo, chegou à parte do testamento da Tillie que tratava da disposição dos bens.

– Foram todos convidados para aqui vir nesta manhã porque todos estão nomeados no testamento – disse ele.

Houve um aumento de atenção palpável. As pessoas endireitaram-se e inclinaram-se nas cadeiras.

– Embora o testamento assegure que cada pessoa aqui presente receberá a seu tempo parte da fortuna de Miss Tillie, por mais pequena ou grande que possa ser – continuou –, ela insistiu em incluir a sua avaliação das pessoas mencionadas; devo dizer que a aconselhei contra isso.

– Ande mas é para a frente com isso – exclamou O'Neill.

Os legados da Tillie incluíam doações a várias instituições de caridade com que tinha trabalhado, entre elas a Sociedade Histórica da Geórgia, a Fundação Histórica de Savannah e a Fundação King-Tisdell Cottage. Também se lembrou da sua igreja, e do hospital, ao qual doou uma cátedra em nome do Dr. Warner Payne, assim como deixou uma pequena quantia ao próprio, «para utilizar num bom corte de cabelo». Deixou quantias certas de dinheiro a várias pessoas com quem tivera relações de longa data, incluindo Charmelle, «a minha amiga mais antiga e mais querida, que nunca aprendeu a falar por si. Não precisa de dinheiro mas ainda há tempo para arranjar alguma coragem. Lembra-te que eu te disse isso»; a sua sobrinha, Rose Margaret, «com a esperança de que ela o utilize para melhorar o guarda-roupa», e o seu sobrinho, Rocky, «que nunca teve o privilégio de conhecer o tio que lhe deu nome, e que teria com certeza aprendido muito sobre lidar com dinheiro se tivesse conhecido.»

– É só isso? – perguntou Rocky Kendall quando foram anunciados os legados para si e para a sua irmã. – Não é muito para os únicos parentes vivos. Quem fica com a casa?

– Paciência, por favor – disse Mr. Richardson. – Ainda temos muito para andar. – Espreitou por cima dos óculos, olhando em volta da sala. – Mrs. Goodall, creio que a senhora é a próxima a ser mencionada.

Mrs. Goodall e a filha haviam estado sentadas, muito sossegadas, enquanto os outros legados eram anunciados. Olharam para Richardson com algum nervosismo.

– Miss Tillie não disse mal de mim, pois não? – perguntou a governanta.

Richardson sorriu-lhe.

– Não, Mrs. Goodall, claro que não. Na verdade, expressou grande apreço pelo seu serviço e pela sua lealdade ao longo dos anos. Deixe-me encontrar as páginas em que a menciona. – Remexeu em várias folhas e leu os encómios da Tillie à sua governanta de longa data, a quem deixou uma grande quantia, com que Mrs. Goodall se poderia reformar ou «abrir o tal restaurante com que me ameaça há vinte e cinco anos», e uma quantia adicional que chegava para pagar o resto dos estudos universitários de Melanie. Melanie abraçou a mãe e depois entregou-lhe um pacote de lenços de papel, para que limpasse os olhos lacrimejantes.

– Gostaria de fazer um pequeno intervalo para dar oportunidade àqueles que já receberam os seus legados de irem embora – disse Richardson, acenando com a cabeça para as pessoas que estavam nas duas filas de cadeiras. A maioria delas saiu da sala lentamente.

Melanie levantou-se, mas Mrs. Goodall pousou a mão no braço da filha, e esta voltou

– sentar-se.

– Não me vou embora até ouvir o que acontece à casa – declarou o sobrinho da Tillie. Samantha Grogan levantou a mão de forma tímida.

– Não ouvimos os nossos nomes – disse ela.

– Pois é – disse Pettigrew, olhando para o advogado de forma carrancuda. – Disse que o testamento nos menciona a todos.

– Sugiro que os três encontrem alojamento alternativo, já que podem ter menos de um mês para continuar a ser hóspedes de Tillie Mortelaine – respondeu Richardson. Retirou os óculos e, olhando para as pessoas que continuavam na sala, declarou: – É tudo o que posso dizer-vos nesta altura.

– De que está a falar? – perguntou o juiz O'Neill.

Richardson pigarreou.

– Receio que ainda haja, como dizê-lo... ainda haja algumas questões por resolver.

– Como a casa – disse Rocky. – Qual de nós fica com o raio da casa?

– Por resolver? – perguntou o juiz O'Neill. – Como pode haver questões por resolver? Tenho a certeza de que os últimos desejos de Tillie Mortelaine foram claramente explanados no seu testamento.

– Oh, sim senhor, foram-no com certeza – respondeu Richardson –, e eu tomei precauções especiais para que os desejos dela fossem escritos numa linguagem inequívoca, no inglês do rei, se quiserem. Mas, como todos sabem, Miss Tillie tinha, como dizê-lo, a sua noção especial de como as coisas devem ser feitas. Em todos os anos que levo a praticar direito nesta bela cidade, nunca representei ninguém como ela.

– O que significa tudo isto? – perguntou a sobrinha da Tillie. – Não vamos saber quem fica com o resto?

– De certa forma, assim é – disse Richardson, voltando a pôr os óculos e olhando para a página seguinte do testamento. – Deixem-me ser específico. – Olhou sobre os óculos para mim e perguntou: – Está pronta, Mrs. Fletcher?

A pergunta apanhou-me de surpresa.

– Pronta para quê? – respondi.

Virou-se para os outros e disse-lhes:

– Quando Miss Tillie executou esta última versão do seu testamento, e asseguro-vos que houve muitas versões, foi explícita em relação ao seu desejo de que o homicídio do seu prometido, Wanamaker Jones, fosse desvendado. – Olhou sobre os óculos para Joseph Jones. – Isto deve interessar-lhe, caro senhor.

– Interessa realmente – respondeu ele.

Richardson continuou:

– No entanto, ela queria que isso fosse feito apenas depois da sua morte. As instruções foram para que a sua amiga Jessica Fletcher viesse a Savannah depois da morte de Miss Tillie e aplicasse a sua... – Ajustou os óculos e leu: – «Aplique a sua perspicácia considerável em relação à mente criminosa e o seu talento para resolver crimes aparentemente insolucionáveis.»

Seguiu-se um silêncio pesado na sala, depois de ele acabar de ler. As pessoas olharam umas para as outras, com expressões que testemunhavam a sua confusão. Sem surpresa, foi o juiz O'Neill que interrompeu o silêncio:

– Miss Tillie estava obviamente demente na altura em que fez esse pedido. Foi um

tolo em deixá-la safar-se com isso, Rollie.

– E o que tem isto a ver com a disposição dos bens dela? – perguntou Rocky.

– Tem tudo a ver, Mr. Kendall – respondeu Richardson. – Mrs. Fletcher tem um mês para resolver o homicídio de Wanamaker Jones. Se conseguir, receberá um milhão de dólares da fortuna de Miss Tillie, com instruções específicas para que Mrs. Fletcher o utilize para ajudar o programa de alfabetização que estas duas senhoras de bem estabeleceram há uns anos.

– E se não conseguir? – perguntou Rose Kendall.

– Quer Mrs. Fletcher consiga quer não – explicou Richardson –, há um envelope selado que deverá ser aberto, na altura em que ela resolva o crime ou de hoje a um mês, e que contém instruções sobre a distribuição dos restantes bens, incluindo possivelmente a casa. – Virou a cabeça para os Grogan e Pettigrew. – Miss Tillie deu-me instruções para que pudessem ficar na casa até esse dia, e nem mais um instante.

– Isto é um ultraje – disse Rocky.

– Com certeza que é – disse Pettigrew. – Sou mencionado nesse envelope?

O advogado torceu o nariz.

– Não tenho liberdade para o dizer.

O'Neill virou-se na sua cadeira de rodas para mim.

– Foi por isto que veio a Savannah? – perguntou. – É por isto que está aqui hoje?

– Sim – respondi. – Asseguro-lhe que fiquei tão surpreendida com o pedido da Tillie como todos vocês. Pensei muito se devia aceitar o desafio, e decidi que o projeto de alfabetização era suficientemente importante para tentar conseguir o milhão de dólares. Francamente, gostava que a Tillie tivesse simplesmente deixado o dinheiro ao projeto, mas não foi isso que ela decidiu fazer. E os seus desejos devem ser respeitados. Afinal de contas, o dinheiro é dela e ela tem o direito de distribuí-lo como entender.

– Ela disse-me inequivocamente que me ia deixar as figuras Meissen – segredou Rose ao irmão.

– Então temos de esperar mais um mês para descobrir se a nossa tia nos deixou mais alguma coisa? – resmungou Rocky.

– A não ser que Mrs. Fletcher desvende o homicídio antes disso – disse Richardson. Esboçou um sorriso ligeiro, e suspeitei que ele estava a desfrutar disto.

O Dr. Payne falou:

– É um dilema interessante, não é? Se Mrs. Fletcher não conseguir desvendar o homicídio, há um milhão de dólares que pode ficar para outra pessoa nesta mesa... uma boa razão para prejudicar a investigação.

– Uma razão igualmente boa para a ajudar – disse Richardson –, desde que acredite no projeto de alfabetização que tanto significava para Miss Tillie e, obviamente, para Mrs. Fletcher.

– E a casa? – perguntou Rose. – Com certeza que isso não está preso a esta investigação ridícula que pediram que Mrs. Fletcher levasse a cabo.

– E as mobílias? E as suas várias coleções? – acrescentou Rocky.

Richardson ergueu a mão.

– Receio que tudo o que resta esteja suspenso, até que Mrs. Fletcher identifique quem matou Wanamaker Jones, ou falhe e um mês passe.

– E ficam para nós se ela falhar? – perguntou Rose. – Já tive uma oferta do hotel ao

lado.

– Queres dizer que *nós* já tivemos uma oferta – emendou o irmão, lançando-lhe um olhar furioso. – Querem anexar a casa da tia Tillie e torná-la parte do hotel.

A sala foi engolida por outro silêncio.

– Somos os seus únicos parentes vivos – disse Rose, olhando para os rostos na sala. – Devia ficar para nós. É justo.

Richardson ergueu um envelope selado.

– Ainda não foi determinado quem herdará a casa – disse ele.

O sobrinho e a sobrinha da Tillie levantaram-se em unísono.

– Não há propósito em ficar aqui mais tempo – disse Rocky. – Francamente, a tia Tillie desiludiu-me. Sempre gostou de jogos, mas isto é quase crueldade.

O'Neill fez sinal à enfermeira, que estava sentada junto a uma parede, para que viesse buscar.

– Espero que transmita os meus cumprimentos à sua irmã Charmelle – disse-lhe eu. – Conhecemo-nos quando a Tillie e eu estávamos a preparar o projeto de alfabetização. Segundo creio, não está bem.

– Isso é um eufemismo, Mrs. Fletcher – respondeu o irmão. – Bom dia, e boa sorte!

A partida abrupta do juiz impediu-me de perguntar se podia visitar Charmelle. Antes de descobrir que ela estava doente, contara com ela para me falar da relação da Tillie com o noivo e que acontecimentos importantes, se alguns houvera, antecederam o dia em que Wanamaker Jones foi assassinado. Ainda tinha esperanças de falar com ela, mesmo se fosse apenas por uns minutos, mas a atitude rude do irmão não fazia prever resposta positiva a esse pedido. Mas eu já conseguira dar a volta a pessoas teimosas antes. Talvez conseguisse encontrar uma forma de convencer o juiz a deixar-me visitar a irmã. Esperava que sim. A minha tarefa já era suficientemente difícil sem que eu perdesse testemunhas dessa época, que seriam capazes de me oferecer, pelo menos, um ponto de partida para a investigação.

Em pouco tempo fiquei sozinha no gabinete de Richardson com o advogado, Joseph Jones e o Dr. Payne.

O sobrinho de Wanamaker, um homem com quarenta e tal anos, estava vestido de forma descontraída, com calças elegantemente engomadas e um polo branco com colarinho vermelho. O polegar da sua mão esquerda estava preso sob o colarinho de um casaco desportivo, pousado ao ombro. Tillie deixara-lhe um pequeno legado, «um testemunho do meu afeto pelo seu tio». Ele veio à mesa onde eu estava sentada e estendeu-me a mão direita.

– É um prazer conhecê-la, Mrs. Fletcher. Perguntei-me porque haveria sequer de ser mencionado no testamento de Miss Tillie. Para ser franco, estou surpreendido por ela me ter deixado alguma coisa, mas talvez seja só porque queria que a família soubesse que tentava ter sucesso onde a polícia falhou. – Pronunciou «polícia» à maneira sulista, com ênfase na primeira sílaba. – Na verdade, a melhor herança que ela podia deixar-me seria a solução do homicídio. Espero que descubra quem matou o meu tio.

– Faço tentações de tentar, com certeza – respondi. – Segundo sei, ele era um homem bastante invulgar.

O sobrinho riu-se.

– É o que toda a gente da família diz. Sempre que quiser falar connosco sobre ele,

teremos todo o prazer. – Entregou-me um cartão com o seu contacto.

– Obrigada, Mr. Jones. É provável que aceite o seu convite.

Ele disse adeus e saiu do gabinete.

– Ora, ora, ora. Parece que Miss Tillie não era a única que guardava segredos – disse o médico, esticando-se para trás na cadeira e olhando para mim e para Roland Richardson.

– Não me senti à vontade para o informar do requerimento de Miss Tillie até que fosse tornado público esta manhã – expliquei.

– E fez muito bem – interveio Richardson. – Agora, se me dão licença durante alguns minutos, quero dar umas instruções à Amber.

– Tem um trabalho difícil pela frente, Mrs. Fletcher – disse Payne enquanto Richardson saía do gabinete. – Não a invejo.

– Eu também não me invejo – disse eu, com uma risada pesarosa.

– Sei onde pode começar.

– Por favor, diga-me.

– Entre em contacto com Sherry Buchwalter.

– E ela é?

– É um ele. Sherry é diminutivo de Sheridan. Polícia reformado. O Sherry foi detetive no caso do homicídio de Wanamaker Jones.

Anotei o nome num bloquinho que pousara à minha frente no início da reunião. O Dr. Payne deu-me a morada que pensava ser a do agente Buchwalter.

– Desculpe – disse ele –, mas não tenho o número de telefone comigo. Ele é um tipo mal-humorado e inteligente. O Sherry é meu doente há anos.

– Tenho a impressão de que deve conhecer quase toda a gente em Savannah com quem posso precisar de falar.

Deu uma gargalhada suave.

– Já tratei uns quantos cidadãos locais nos meus cinquenta e tal anos como médico. Se está a sugerir que posso ajudá-la na investigação, vou pensar nisso. – Pegou no bloco em que eu estivera a escrever e escreveu o seu número no cimo da folha. – Ligue-me quando quiser, Mrs. Fletcher. Isto promete ser mais divertido do que quando o nosso mestre-de-cerimónias do desfile de São Patrício caiu do cavalo há trinta anos. O raio do tolo estava bêbado. A sorte dele foi que só ficou com uma data de nódoas negras e um ego igualmente ferido. Sim, ligue-me, Mrs. Fletcher. A senhora e o seu projeto de alfabetização vão precisar de toda a ajuda que conseguirem arranjar.

CAPÍTULO 9

Mostrei a Melanie a morada que o Dr. Payne me dera de Sheridan Buchwalter.

– Acha que me pode levar aqui? – perguntei.

– Sim, senhora. Acho que sei mais ou menos onde é. É numa zona chamada Southside. Ele sabe que vai lá?

– Espero que sim. O Dr. Payne disse que Mr. Buchwalter estava à nossa espera, mas, quando liguei para saber como se chegava lá, dei com o atendedor de chamadas. Deixei um recado a dizer-lhe que íamos hoje de manhã.

– Bem, se ele não estiver em casa, podemos ir ao centro comercial – disse ela com um brilho nos olhos. – A Old Navy está com saldos que não me importava de ver.

Melanie estava vestida com um casaco curto preto e branco, com punhos em sino e um cinto de couro largo sobre *jeans* pretos, bordados a ouro. Ao pescoço amarrara um lenço turquesa e dourado com um laço complicado que eu demoraria um mês a aprender a atar. Vestida com o meu fato cinzento-acastanhado que era prático quando viajava, mesmo com um dos meus broches dourados preferidos na lapela, dei-me conta de que, apesar de não desejar de forma alguma vestir-me segundo a última moda adolescente, parecia ter deixado os meus dias de roupas mais elegantes para trás quando abandonara o meu apartamento em Nova Iorque. Talvez devesse fazer umas comprinhas.

– Se pararmos na Belk's – disse Melanie, parecendo ler-me os pensamentos –, aposto que encontramos uma blusa vermelha bonita para usar com esse fato. Imagino que o vermelho seja uma cor boa para si.

– Realmente, gosto de vermelho – disse eu – e gostava de ir às compras, mas antes disso temos assuntos importantes a tratar.

Recostada no *Honda* azul de Melanie, pensei em formas de organizar esta investigação de homicídio. Esperei que o detetive Buchwalter colaborasse. Ele trabalhara no caso, mas este provavelmente foi relegado para o ficheiro de casos por resolver, antes mesmo de ele se ter reformado. Ficaria ressentido com a interferência, preocupado que as minhas descobertas o envergonhassem e o fizessem parecer tolo? A minha intenção não era de todo essa. Só esperava que um novo olhar sobre o caso à distância de muitos anos pudesse produzir nova informação. Talvez algumas pessoas que tivessem hesitado em falar em 1967 se sentissem libertas pela passagem do tempo e dispostas a partilhar o que estivera tanto tempo escondido. Precisava da perspicácia do detetive. Sem ela, ficaria à deriva. Havia, à partida, poucas testemunhas e as que ainda eram vivas, com a exceção do Dr. Payne, não pareciam ansiosas por ajudar-me.

No dia anterior, no meu regresso à casa da Tillie, vinda do gabinete do advogado, fora recebida de uma forma ambígua. Melanie ficara animada e oferecera-se para ser minha assistente.

– Posso conduzi-la aonde quiser ir – disse ela, alegremente. – Vivi aqui toda a minha vida.

– Terei todo o gosto em aceitar a oferta, Melanie, desde que a sua mãe não se oponha.

– Oh, não se oporá. São as férias da Páscoa. Ela gosta que eu ande ocupada.

Quis confirmar tudo isso junto de Mrs. Goodall, mas ela evitara-me. Não tenho a certeza se foi intencional. Ela andava preocupada com uma fuga num cano que acontecera enquanto estávamos fora e que deixara uma grande mancha de humidade na alcatifa do

escritório. Sem saber da fonte da fuga, deixara um recado a um canalizador e apressara-se a encontrar toalhas para absorver a água e um balde suficientemente fundo para evitar que as gotas continuassem a salpicar o tapete oriental cor de creme. Quando tentei falar com ela mais tarde nesse dia, expulsou-me da cozinha, atribuindo as razões pelas quais não tinha «tempo para conversar» a preparações para o jantar e uma chamada iminente do canalizador.

Entretanto, os Grogan haviam interpretado o aviso de que tinham um mês como hóspedes como autorização para acelerar o ritmo das suas investigações paranormais. Quando subi para lavar as mãos antes de almoçar, a porta da casa de banho estava bloqueada por um aparelho complexo montado num tripé, com cabos a estenderem-se em todas as direções.

– Não toque nisso – guinchou Samantha quando me aproximei da porta. – Vai repor a zeros a calibração que o Artie demorou hora e meia a afinar.

Tive de utilizar a casa de banho do quarto da Tillie, passando pelo quadro medonho de *Judite a Segurar a Cabeça de Holofernes*, que Mrs. Goodall mudara para a parede sobre a lareira da Tillie.

Senti-me vagamente desorientada por usar a casa de banho da Tillie. Os artigos pessoais dela ainda estavam dispostos numa bandeja espelhada sobre um armário antigo junto ao lavatório: frascos de perfume, frascos de creme facial, um pente, uma caixa de medicamentos, uma taça de prata na qual deixara um par de brincos, até a sua escova de dentes e um tubo de pasta de dentes meio usado. Parecia que ainda estava viva, saíra há uns minutos e voltaria em breve para arrumar as suas coisas. *Talvez Mrs. Goodall não consiga guardar estas coisas*, pensei enquanto lavava as mãos com sabonete de aroma de gardênia. *Talvez se sinta mais próxima da amiga de toda a vida e patroa deixando provas da sua vida diária no lugar*. Para mim, foi como se estivesse a invadir a privacidade da Tillie, a espreitar para uma parte da vida dela que era intensamente pessoal, mesmo se ela me tivesse convidado a fazer justamente isso com a sua exigência de que eu desvendasse o homicídio do seu noivo.

À saída, virei a cabeça propositadamente para não olhar para o perturbador quadro a óleo e reparei pela primeira vez que havia várias fotografias na mesa de cabeceira da Tillie. Parei para olhar para elas, pensando que as pessoas nas fotografias deviam ter-lhes sido muito queridas, para ela as ter onde lhes pudesse ver os rostos todas as manhãs quando acordava. Peguei numa moldura de prata pequena. Tinha uma fotografia da Tillie quando era muito jovem, e Charmelle igualmente jovem, os braços de cada uma à volta da cintura da outra. A Tillie estava a sorrir abertamente para a máquina fotográfica e o sorriso suave de Charmelle era dirigido à amiga. Sempre achei que as fotografias revelam mais sobre os fotografados do que as pessoas que posam alguma vez se apercebem. Aqui estava um exemplo perfeito, com Tillie extrovertida e irreverente a encarar o mundo de frente, e Charmelle mais tímida e calma, ainda incapaz de mostrar a sua verdadeira personalidade.

Outra moldura tinha uma fotografia de um jovem soldado de uniforme, um pé pousado no estribo de um carro que julguei ser dos anos 1930 ou 1940. Tinha a cabeça inclinada e uma mão erguida como se estivesse a dar instruções ao fotógrafo. Tinha de ser o marido que a Tillie perdera na guerra. Sorri ao olhar para a imagem. Ele tinha um rosto doce e aberto, e aposto que a Tillie não lhe deu um minuto de descanso, sendo uma esposa cheia de vivacidade. E ela dera-lhe o maior presente de amor: nunca o esquecerá.

A última fotografia era aquela por que eu esperava. Era um retrato profissional como as fotografias de Hollywood que os atores enviam para os fãs, e até estava assinada: «Para a minha querida Tillie, do teu dedicado W.» Reparei que ele fora muito bonito. Wanamaker Jones devia ter partido muitos corações com o seu cabelo escuro e ondulado, beleza de estrela de cinema, e um olhar endiabrado. Tinha uma pequena cicatriz que lhe atravessava uma das sobrancelhas, acrescentando um toque de libertinagem a um rosto que quase era belo.

Voltei a pousar a moldura prateada onde a encontrara. Se as suas fotografias mais queridas falassem por ela, diriam que só houve dois homens na vida da Tillie, apesar de todos os seus alegados namorados.

Vi-me sozinha ao almoço, com os Grogan no andar de cima a fazerem as suas experiências e Mrs. Goodall no andar de baixo sem vontade de falar. O general viu-me sentada sozinha à mesa de refeição e apressou-se na direção da porta, com uma sanduíche embrulhada num guardanapo enfiada no bolso.

– Gostaria de falar consigo – disse eu antes de ele se escapulir.

– Agora não tenho tempo. Tenho de tratar de arranjar outro sítio para viver antes de ir para o olho da rua. – Desapareceu no corredor.

A razão pela qual um adulto perfeitamente saudável pensara poder abusar indefinidamente da hospitalidade de uma mulher idosa era desconcertante. E também era um mistério para mim a razão pela qual ele se ressentia de lhe pedirem para ir embora, agora que ela morrera. A Tillie tivera os seus segredos, mas não me parecia que a sua relação com James Pettigrew, no pé em que estava, fosse a que ela queria que eu desvendasse. Ou estaria eu enganada? Pettigrew alegava que ela aceitara o seu pedido de casamento. Claro que ela não estava cá para confirmar ou contradizer a afirmação, mas eu não conseguia conceber que a Tillie se aceitasse casar com tamanho labrego arrogante. Mas então porque o teria acomodado na sua casa de hóspedes? *Para, Jessica*. Por muito que eu quisesse saber porque é que a Tillie tolerava o irritante Pettigrew, não era sobre esse mistério que me devia debruçar.

Tirei uma folha de papel do bolso. Mr. Richardson dera-me uma cópia da sua lista de todos os que haviam presenciado a leitura do testamento, e a sua secretária, Amber, apusera números de telefone a cada nome. Pus vistos na margem junto daqueles que tinha esperança de entrevistar. Mais tarde porém, quando estava sentada no escritório da Tillie e comencei a marcar números, acabei por deixar recados de voz em vez de contactar as pessoas diretamente. As únicas exceções foram o Dr. Payne, que me convidou para jantar a fim de discutir as minhas *descobertas*, não que tivesse algumas para já, e Joseph Jones, o sobrinho de Wanamaker, que oferecera as suas lembranças e as da sua família se eu precisasse delas.

– Os meus pais vão estar cá no domingo para o desfile de São Patrício – disse ele. – O tio Wanamaker era irmão do meu pai. Ele adora falar sobre o «filho pródigo», como lhe chama.

Marcámos encontro num café perto do trajeto do desfile, e eu esperei sinceramente que conseguíssemos encontrar um canto tranquilo para a entrevista. O Dia de São Patrício não é um feriado sossegado em lado nenhum, e Melanie dissera-me que os festejos em Savannah atraem mais de meio milhão de pessoas, que vêm ver os carros alegóricos e os grupos que marcham, juntamente com mais de cinquenta bandas.

Enquanto rumávamos ao Southside, Melanie ofereceu-me uma breve visita guiada dos preparativos da cidade para a festa que se avizinhava.

– Achei que devia ir por Forsyth Park para a senhora poder ver a fonte – disse ela enquanto conduzia por uma série de praças e por Bull Street acima. – Savannah gosta mesmo de comemorar o Dia de São Patrício.

– Já reparei – disse eu.

Pelo caminho, passámos por casas adornadas com bandeiras verdes, brancas e laranjas, as cores da bandeira irlandesa. Noutras, fitas das mesmas cores enroladas em portões ou à volta de corrimãos de ferro forjado. Havia bandeiras irlandesas penduradas ao lado de bandeiras americanas. E grinaldas verde-cinza e douradas competiam com o musgo nos ramos dos carvalhos.

– Espere até ver isto. – Melanie abrandou ao chegar a Forsyth Park, para eu poder ver a enorme fonte que lhe dá fama. Lembrou-me as fontes com vários níveis que vira na Europa, com uma figura central de uma mulher de túnica no cimo, de braço erguido sobre a cabeça. Na base, figuras de tritões, meio-homens e meio-serpentes, seguravam em trompas com o formato de conchas junto aos lábios, e um pouco mais longe havia quatro cisnes de pescoço estendido. No entanto, ao contrário de todas as fontes clássicas com criaturas míticas que eu vira antes, esta despejava água verde-viva. As figuras de ferro forjado, habitualmente brancas, tinham um brilho verde suave.

– Fizeram o enverdecimento oficial da fonte na semana passada – disse Melanie, conduzindo à volta do parque. – Deu na televisão. Os membros da comissão todos à volta da fonte com regadores cheios de tinta verde. Diga lá se este sítio não é de loucos.

– É, no mínimo, colorido – disse eu, e ambas nos rimos.

Melanie foi por Abercorn Street e saiu da zona central da cidade para poder indicar-me o centro comercial.

– Agora vai ver a minha parte preferida da cidade.

Passámos por centro comercial atrás de centro comercial, ao longo da estrada reta e plana, até que comecei a olhar para o relógio. Mas o prometido conhecimento da cidade natal confirmou-se quando, meia hora depois, ela encostou o carro diante de uma casa térrea, de tijolo vermelho, numa rua arborizada a alguma distância da artéria principal da cidade. Estava um carro no caminho que levava à casa.

– Parece que ele está em casa – disse ela alegremente. – Posso entrar consigo?

– Pode – respondi –, se prometer não falar, apenas sentar-se e escutar.

– Sim, senhora. Sou uma boa ouvinte – disse ela. – *Sou!* – repetiu quando arqueei as sobrancelhas. – Vai ver.

Ouvimos sinetas a tocar dentro da casa quando puxei a tromba do que julguei ser um batente em forma de elefante. A porta foi aberta por um afro-americano robusto com barba grisalha e a cabeça calva. Usava óculos de leitura, e tinha um jornal aberto na mão.

– Mr. Buchwalter? – perguntei.

– Quem quer saber? – retorquiu, passando os olhos de mim para Melanie.

– Sou Jessica Fletcher. Deixei-lhe um recado no atendedor de chamadas. O Dr. Payne disse que estava a contar comigo.

– E quem é esta? – perguntou, apontando para Melanie com o queixo.

– Chamo-me Melanie Goodall. A minha mãe era governanta de Miss Tillie Mortelaine. Conheci Miss Tillie toda a minha vida. Trouxe Mrs. Fletcher aqui. Ela não

conduz. – Interrompeu a récita. – Oh, desculpe. Não devo falar.

– Parece que não é muito boa a seguir instruções, jovem.

– Não, senhor. Parece que não.

– Bem, entrem – disse o detetive, virando-se e deixando a porta aberta para que o seguissemos para dentro. Apontou para um sofá cinzento, varrendo partes do jornal do assento. – O doutor disse que viria, mas não estava à espera de uma multidão.

– Posso esperar no carro se quiser – disse Melanie, embora o olhar implorasse por ficar.

– Não é preciso – disse Buchwalter, instalando-se numa cadeira reclinável de *tweed* azul –, mas se falar demais ponho-a na cozinha a limpar a gaiola do pássaro.

– Oh, tem um pássaro?

Ele piscou-me o olho.

– Vá lá dentro ver. Chama-se *Raio de Sol*. É uma jandaia-amarela. A gaiola é já aí, junto à despensa. Não o assuste, ouviu?

Melanie demorou um instante a dobrar a esquina e começar a arrulhar para o pássaro.

– Também distrai sempre os meus netos – disse ele.

– Detetive Buchwalter, agradeço-lhe por aceitar encontrar-se comigo.

– Não há problema, Mrs. Fletcher. Não sei como posso ajudá-la, mas dar-lhe-ei ouvidos.

– Espero que o Dr. Payne lhe tenha contado acerca da condição do testamento de Tillie Mortelaine.

– Contou, mas eu já sabia. – Acenou com o jornal. – Está aqui.

– Desculpe? Receio não ter entendido.

– Dê uma olhadela – disse ele, espetando um dedo no jornal ao debruçar-se para mo passar.

Passei rapidamente os olhos pelos artigos da página que ele indicara. Havia um artigo sobre um acidente de carro, DIA FATAL NA 95, outro sobre um concerto futuro, TELFAIR E O JAZZ, e uma fotografia de vários homens em frente a um edifício com a legenda EMPRESA IMOBILIÁRIA PLANEIA EXPANSÃO DE HOTEL. Mas foi o cabeçalho de um artigo sob a fotografia que me apanhou de surpresa.

ESCRITORA FAMOSA VEM RESOLVER CASO ANTIGO

A escritora de policiais Jessica Fletcher está na cidade, mas não para promover o seu mais recente livro. O nosso jornal descobriu que a escritora do Maine, que ajudou a estabelecer o programa de alfabetização da cidade há duas décadas, veio para desvendar um homicídio. Uma provisão do testamento de Tillie Mortelaine, uma das anfitriãs mais populares de Savannah até à sua morte no mês passado com 91 anos, requer que Mrs. Fletcher solucione, no espaço de um mês, um crime que deixa a polícia perplexa há quarenta anos. De acordo com uma fonte que deseja permanecer anónima, o testamento de Miss Mortelaine, conhecida pela sua ocasional excentricidade, retém uma doação de um milhão de dólares para a Fundação de Alfabetização de Savannah até que Mrs. Fletcher diga quem é o assassino de Wanamaker Jones, um *bon vivant* da alta sociedade e noivo da

falecida na altura da sua morte, que foi morto a tiro em Mortelaine House na passagem de ano de 1967.

De acordo com uma porta-voz no comando da polícia metropolitana de Savannah-Chatham, o homicídio não foi relegado para os arquivos de casos não-solucionados. «Nunca fechamos um caso», disse ela. «Se alguém achar que tem provas novas, teremos todo o prazer em tomá-las em consideração. No entanto, não encorajamos amadores a fazerem investigações que estão claramente sob a jurisdição da polícia.»

O artigo continuava, pormenorizando as atividades filantrópicas de Tillie na cidade, com uma citação do diretor da Fundação de Alfabetização, que estava «desiludido» por Miss Tillie «fazer joguinhos» com uma doação tão importante, e uma lista dos casos em que eu ajudara a deter um criminoso, e por fim uma promessa de que o jornal publicaria qualquer novidade que eu descobrisse.

– Oh, céus – disse eu, voltando a entregar-lhe o jornal. – Isto não é bom.

– Vai atrair todos os loucos – disse ele.

– É disso que tenho medo.

– Por outro lado, pode conseguir uma boa pista.

– Obtereis mais pistas do que é possível investigar num mês, e a maior parte delas apócrifas.

Ele deixou cair o jornal num monte no chão e entrelaçou os dedos sobre a barriga.

– Então, o que posso fazer por si?

– Bem, para começar, pode falar-me um pouco sobre o caso. Não faço ideia do que aconteceu naquela noite, para além do facto de Wanamaker Jones ter sido alvejado. Com certeza que pode acrescentar algo a isso.

– Posso dizer-lhe que houve algum encobrimento.

– O que quer dizer com isso?

– Quero dizer que para onde quer que fôssemos as pessoas fechavam-se em copas, não falavam, davam-nos a menor informação possível.

– Isso surpreende-me – disse eu.

– Surpreendeu-me ouvir que Miss Mortelaine queria que o caso fosse resolvido depois de morta. Não ajudou em nada a nossa investigação na altura.

– O que fez ela?

– Não foi o que ela fez, Mrs. Fletcher. Foi o que *não* fez. Não colaborou. Não respondeu a perguntas. «Esqueceu-se» de mencionar coisas. Perdeu noção do tempo. Não conseguiu encontrar indícios que lhe pedimos. Alguns colegas meus achavam que ela tinha um problema de alcoolismo. Outros pensavam que era louca. Alguma destas coisas é novidade para si?

– Sei que a Tillie gostava de beber de vez em quando, mas nunca a vi exagerar. Claro que só posso falar das poucas vezes que a visitei, e isso foi vinte anos depois do crime. Quanto a ser louca, talvez fosse um pouco excêntrica, como diz o jornal. Creio que era mais o gosto de gozar, pregar partidas, ferir egos inchados. Talvez tivesse um sentido de humor estranho, mas não era irracional.

– Eu não disse que ela era irracional. Era racional, e muito. Sabe o que eu acho? Acho que era matreira. Era astuta. Deixava que as pessoas pensassem que era louca, mas

controlava tudo e todos à sua volta. É isso que acho.

– Isso é um pouco duro, detetive.

– Talvez, mas ela só me deu respostas evasivas. Eu sabia e ela sabia que eu sabia. Claro que o simples facto de ser eu a investigar o caso pode ter tido algo a ver com isso.

– O que quer dizer?

– Devia ser óbvio. Sou um homem negro a investigar um crime branco. Na altura, não caíu muito bem. Eu só aqui cheguei dois ou três anos depois de Savannah ter acabado com os balcões reservados a negros nos restaurantes.

– De onde veio?

– Filadélfia. Fui polícia lá durante quinze anos, mas a minha mulher tinha saudades da família. Candidatei-me a um emprego cá e fui contratado. Na altura, os detetives negros só trabalhavam em zonas negras, mas as coisas estavam a mudar. Deu-se a eleição do primeiro xerife negro desde a Reconstrução. Não foi aqui. Foi em Macon, na zona central do estado. Ainda assim, o meu colega branco fazia questão de limpar ostensivamente o assento quando eu saía do carro. Mudávamos de roupa em casernas diferentes. Os oficiais brancos tinham boas contrapartidas, mesas de jogar às cartas, mesas de bilhar. Nós não tínhamos nada. Acredite que, se um oficial negro fizesse alguma acusação contra uma pessoa branca em Savannah, era melhor que tivesse provas tão esmagadoras como uma cobra enrolada à volta do pescoço de um rato. De outra forma, havia sarilho do grosso. – Fez uma pausa, refletindo no rosto aquelas memórias desagradáveis. – De qualquer forma – continuou –, isso não importa. Hoje em dia é muito melhor.

– Acha mesmo que a Tillie não colaborou por ser preconceituosa? – perguntei. – Confesso que não a conhecia assim tão bem, mas o pouco que conhecia dela levar-me-ia a pensar que isso não era próprio dela.

– Não o juraria em tribunal – disse ele, suspirando. – Mas, na altura, havia tanta tensão na polícia que foi a primeira coisa em que pensámos. Pelo menos todos os tipos negros. Mas os tipos brancos da esquadra não conseguiram arrancar-lhe mais do que eu, por isso talvez esteja enganado.

– O que aconteceu naquela noite? Lembra-se? Gostava de ficar com uma ideia da sequência dos acontecimentos.

– Terá de ir buscar o ficheiro ao comando para saber os pormenores, mas lembro-me de que era passagem de ano e Miss Mortelaine dera uma grande festa. Todos os figurões da cidade apareceram. Isso não nos facilitou o trabalho. Devem ter estado cem pessoas em casa dela naquela noite. Sei que interrogámos esse número de pessoas mais tarde. Mas, quando lá chegámos, só restavam cerca de uma dúzia, talvez menos. Estava a sua amiga Miss Tillie e a cunhada e o cunhado dela. E o advogado e o juiz. – Contou pelos dedos. – A irmã do juiz. O Dr. Payne estava lá. Foi ele que declarou a morte da vítima. O reverendo deu-lhe a extrema-unção. E havia também o pessoal da cozinha. A governanta e os dois tipos que contrataram para ajudar a servir. Eram cerca das três da manhã quando recebemos a chamada...

– Boa noite, senhor. Somos os agentes Buchwalter e Hadleigh. Fomos informados de um tiroteio. É correto?

As narinas de Frank O'Neill abriram-se quando viu os dois polícias de uniforme, um negro, um branco, mas de resto a sua expressão foi impassível.

– Assim é. Fui eu que telefonei. Venham por aqui, agentes. O cadáver está lá em cima.

– Eu conheço-o, senhor?

– Sou o juiz O'Neill.

– Bem julguei tê-lo reconhecido. Levámos um réu acusado de assalto à sua sala de audiências na semana passada. Lembras-te, Buchwalter? – Hadleigh deu uma cotovelada ao parceiro.

– É possível – disse o juiz. – Vejo muitos polícias no tribunal. – Atravessou o vestíbulo de mármore, passando rapidamente pela porta do salão, sem olhar para as pessoas que estavam sentadas em frente a uma lareira, com expressões sóbrias nos rostos e bebidas nas mãos.

Uma governanta de uniforme pousou uma bandeja numa mesa no vestíbulo e começou a recolher os copos de champanhe vazios que estavam pousados em todas as superfícies planas.

– Desculpe, minha senhora – disse o agente Buchwalter, parando para falar com a mulher. – Preferíamos que não arrumasse já.

– Oh, céus! – A mulher deu um salto por se dirigirem a ela e, sem querer, empurrou a bandeja contra um pequeno candeeiro com um *abat-jour* em forma de cogumelo. O candeeiro balançou na borda da mesa e caiu para cima de um porta-guarda-chuvas.

– Oh, não! – gritou ela. – Parti-o! – Baixou-se para apanhar o candeeiro com mãos trémulas e voltou a pô-lo na mesa.

– Não. Acho que está bom – disse Buchwalter. – Desculpe tê-la assustado.

– Oh, Deus. Se estiver partido vou perder o emprego. Acabei de o conseguir. Não posso perder o emprego.

– Buchwalter, o que está a demorá-lo? – perguntou Hadleigh. Estava a meio das escadas.

– Terei de falar consigo mais tarde, minha senhora – disse Buchwalter. Ouviu uma voz do salão.

– Emanuela, arranja alguém que te ajude com esses copos. Não posso fazer tudo sozinha.

As luzes no corredor do andar de cima estavam baixas, mas os agentes conseguiam ver o corpo estendido no tapete. Alguém virara o homem de barriga para cima, ou então ele caíra dessa forma, de braços abertos, uma mancha escura à volta de um buraco na sua camisa azul-clara de seda, mesmo sobre o coração. Havia sangue nos dedos da sua mão direita, como se tivesse agarrado o peito no ponto em que a bala entrara, e na testa, no sítio onde utilizara os dedos ensanguentados para afastar uma madeixa loiro-ondulada. Hadleigh ajoelhou-se a seu lado e pôs dois dedos no pescoço do homem.

– Está morto – disse ele, olhando para Buchwalter.

– Claro que está morto – disse o juiz, claramente irritado. – O médico confirmou isso há uma hora.

– Encontraram o corpo há uma hora e só agora é que recebemos o aviso? – perguntou Buchwalter.

– Demoraram algum tempo a cá chegar – disse O'Neill.

Ou vocês demoraram algum tempo a telefonar, pensou Buchwalter.

– Quem é esse médico que mencionou, meretíssimo? – perguntou Hadleigh, tirando um bloco do seu bolso de trás.

– O Dr. Payne. Está lá em baixo.

– Chamou-o antes de chamar a polícia? – perguntou Buchwalter.

– Não. Era um dos convidados.

– Conhece este homem? – Acenou com uma mão na direção do corpo.

– Claro. É Wanamaker Jones.

– Vive aqui? Quero dizer, *vivia* aqui?

– Creio que sim.

– Idade?

– Não sei. Terá de perguntar a Miss Mortelaine. Ele era hóspede, ou melhor, noivo dela.

– Quem foi a última pessoa a vê-lo com vida?

– Não faço a mínima ideia.

– Então, quem descobriu o corpo?

– Creio que foram as crianças.

– Crianças! Onde estão?

– Os pais levaram-nas para casa. Achámos que era melhor. Não quisemos transtorná-las mais. Há muito tempo para falar com elas amanhã.

Buchwalter e Hadleigh trocaram olhares.

– Vamos precisar dos nomes e moradas delas, meritíssimo – disse Hadleigh.

– Miss Tillie pode dar-vos isso. São a sobrinha e o sobrinho dela, filhos do cunhado.

– Foi uma festa grande hoje, meritíssimo?

– Obviamente.

– Quantas pessoas estiveram aqui?

O'Neill passou a mão pela testa e suspirou.

– Não sei. Demasiadas. Tem de perguntar à anfitriã. – Olhou para o patamar ao cimo da escadaria, onde a governanta estava a rondar. – Sim, Emanuela? – perguntou, de forma cansada.

– Está outro polícia à porta, meritíssimo.

– São os nossos reforços – disse Buchwalter, virando-se para as escadas. – Não toque em nada aqui em cima, por favor – instruiu ele a governanta.

– Não, senhor, não tocarei.

– Ei, Harry, chega aqui acima com a máquina fotográfica – gritou ele para um dos homens do grupo que já entrara para o vestíbulo de mármore.

– Estou no salão, se precisarem de mim – disse O'Neill aos agentes, e foi embora sem olhar para trás, para o corpo.

Buchwalter virou-se para Emanuela.

– Onde posso encontrá-la mais tarde? – perguntou ele.

– Na cozinha. Tenho muito para arrumar.

– Não se vá embora sem eu falar consigo.

– Não, senhor. Estarei aqui. Vivo aqui.

– Então encontramos-nos mais tarde. – Piscou-lhe o olho na esperança de a acalmar, mas ela ainda estava nervosa, a limpar as mãos trémulas ao avental. Desceu o corredor apressadamente, na direção do que Buchwalter presumiu serem as escadas traseiras para a cozinha. *Estas casas antigas não tinham todas escadas separadas para a criadação? Deus livre os proprietários ricos de tocarem nos mesmos corrimãos que os criados. Nunca pensei ter tantas saudades de Filadélfia.*

Um agente que trazia uma máquina grande com *flash* passou pelo juiz nas escadas principais. O'Neill agarrou-se à parede ao descer, deixando espaço para os outros polícias que corriam escadas acima, um deles com uma pasta. Buchwalter observou o juiz atravessar o chão de mármore e desaparecer na divisão onde os outros hóspedes, e presumivelmente a anfitriã, faziam o que podiam para esquecer que estava um homem morto no chão sobre as suas cabeças.

– Quando entrámos, pensámos que ia ser uma situação flagrante – disse-me Buchwalter, passando uma mão pela cabeça calva. – Um daqueles casos fáceis de resolver em que se tem a vítima, a arma do crime e alguém a confessar o crime. Mas não tínhamos a arma, e acabou por suceder que ninguém sabia de nada nem ouvira nada. Foi uma passagem de ano barulhenta, disseram. Os adolescentes haviam rebentado petardos a noite toda na praça. Lá dentro, abriam-se garrafas de champanhe. Cem pessoas a falar, a tentar fazer-se ouvir sobre a música alta. Ninguém se apercebeu de nada que parecesse um tiro. Ninguém foi lá acima.

– E nunca encontraram a arma? – perguntei.

– Nunca. Revistámos a casa. Foi um trabalhão. É uma casa grande de qualquer forma, e estavam a meio de obras no andar de cima, por isso havia uns quartos que estavam uma confusão. Não encontrámos nada. Soubemos pela balística que o projétil veio de uma pistola pequena, o tipo de arma que as senhoras compram para se protegerem. Mas Miss Mortelaine e todos os seus amigos negaram possuir armas. Não, isso não é totalmente verdade. O juiz tinha uma arma. Mas estava na mesinha de cabeceira dele, não fora disparada, e era de um calibre totalmente diferente.

– Wanamaker Jones tinha inimigos?

– Não encontrei ninguém que tivesse uma palavra má a dizer sobre ele. Bonito, bem vestido, um verdadeiro sedutor. Os homens pareciam gostar dele, as senhoras ainda mais. Sabia jogar golfe, dançar, tocar piano, contar uma história, fazer um *cocktail*, feito à medida para encaixar na alta sociedade de Savannah.

– Ele era de Savannah?

– Não sabíamos de onde ele era. Pelo menos na altura. E esforçámo-nos. Tirámos impressões digitais do cadáver, mas ele não tinha cadastro, pelo menos na Geórgia. Claro

que não é como hoje, quando os computadores nos deixam comparar impressões digitais de todo o país. Na altura, tínhamos acesso limitado à informação. E com um nome como Jones, não é fácil encontrar uma pessoa.

– Mas «Wanamaker» é com certeza invulgar. Isso não ajudou?

– Poderia ter sido se fosse o nome verdadeiro dele, mas não era. O nome verdadeiro era Joseph Adam Jones Júnior.

– Conheci o sobrinho de Wanamaker na leitura do testamento da Tillie, ontem.

– Encontrámos a família vários anos mais tarde, quando eles comunicaram o desaparecimento às autoridades. Ele vagueava muito, mas geralmente falava com o irmão de tantos em tantos anos. Quando a família passou uns natais sem ouvir nada dele, começou a preocupar-se. – Buchwalter inclinou-se para a frente na cadeira. – Estou a ficar um pouco seco. Quer uma coca-cola ou outra coisa para beber?

– Qualquer coisa serve – disse eu.

Segui-o até à cozinha, onde Melanie estava sentada de pernas cruzadas no chão em frente de uma gaiola de metal branco, a fazer sons de beijos para um lindo papagaio amarelo e verde, com a cabeça laranja.

– Olhe para este pássaro, Mrs. Fletcher – disse ela, a trautear. – Não é lindo? Estou a ensinar-lhe a dizer «olá». Já consegui que dissesse uma vez. Diz «olá», *Raio de Sol*.

Buchwalter soltou uma risada forte, que se transformou em tosse. Tirou um lenço branco do bolso das calças e limpou a boca.

– Esse pássaro tem um vocabulário maior do que eu – disse. – Está só a dar-lhe trela para que continue a falar com ele. É assim que se entretém.

– Oh – disse Melanie, desiludida. – Pássaro maroto. – Agitou o dedo para o pássaro, que inclinou a cabeça, parecendo arrependido.

– Que tipo de pássaro disse que era? – perguntei.

– Uma jandaia-amarela – disse ele, lavando as mãos na pia. – Da América do Sul. A minha filha comprou-mo depois de a minha mulher falecer. Achou que eu precisava de alguma coisa para me fazer companhia. Ele é mesmo boa companhia. É um pássaro engraçado. Está sempre a grasnar. O único problema é que é provável que viva mais tempo do que eu. – Abriu o frigorífico e tirou um pacote de seis coca-colas. – Imagino que queira copo.

– Sim, por favor.

Buchwalter deu-me um copo, depois tirou três latas do plástico, entregou-me uma e entregou outra a Melanie. – Quer um pouco de xarope de chocolate para a coca-cola? – perguntou-lhe.

– Não, senhor, mas obrigada – respondeu ela.

– É uma coisa do Sul – disse ele em resposta à minha expressão surpreendida. – É uma combinação agradável, mas o Dr. Payne disse que não me faz bem à glicose no sangue.

– Nem à de ninguém, imagino – disse eu.

Abrimos as nossas latas e sentámo-nos a uma mesinha redonda de cozinha, a beber refrigerante.

– Estava a contar-me sobre Wanamaker Jones – disse eu. – Ou Joseph Jones. Surpreende-me que ele tenha entrado tão facilmente na alta sociedade de Savannah. A Tillie disse-me uma vez que sabia a linhagem de cada um dos seus amigos. Sei que ela se orgulhava do facto de a família estar cá há mais de dois séculos. Como é que Wanamaker

contornou esse requisito para ser aceíte?

Buchwalter riu-se.

– Não são só as pessoas da alta sociedade que têm essa atitude. O meu mecânico vangloria-se de o tetrvô dele ter mudado rodas das carroças do exército sulista.

– Mas Wanamaker conseguiu entrar nesta classe bem estabelecida e fazer parte dela. Como?

– Pelo que descobrimos, ele apareceu uma quarta-feira à noite, noite habitual dos homens no Clube de Tiro Forest City.

– Clube de Tiro?

– Sei o que está a pensar, mas só disparam espingardas. Tiro aos pratos. É um sítio mesmo da alta.

– Então como é que Jones entrou?

– Alegou ser primo de Rufus Symington. Symington era funcionário do clube e acabara de morrer, foi uma história importante nos jornais locais, e a viúva estava... bem, digamos que não estava muito lúcida. Provavelmente tinha doença de Alzheimer, mas na altura não conhecíamos esse nome. Chamávamos-lhe senil.

– Então Wanamaker usou charme e convenceu a viúva de que era parente do seu falecido marido? – perguntei.

– Deve ter sido isso que ele fez.

– E toda a gente acreditou nele.

– As pessoas veem o que querem ver, Mrs. Fletcher.

– Mas a Tillie... ela sempre foi tão perspicaz.

– Miss Mortelaine gostava da ideia de ter um noivo, calculo. Especialmente um noivo que fosse acolhido no seio dos seus amigos. Na altura devia ter cerca de cinquenta anos. Nessa idade não há muitas possibilidades.

– Quanto a isso, não sei – disse eu, pensando que ainda havia alguns cavalheiros que me davam atenção, e que eu era mais velha do que a Tillie naquela altura.

– Não quis ofender.

– Não ofendeu – disse eu. – O Clube de Tiro Forest City ainda existe?

– Oh, sim. Pelo que sei, ainda tem muito negócio. Agora são capazes de ter uma ou outra senhora como sócia. Na altura eram só homens.

Melanie e eu agradecemos a Mr. Buchwalter pela sua hospitalidade e pelo seu tempo. Pedi-lhe que telefonasse ao comando, para me ajudar a ter acesso ao ficheiro original, e ele aceitou. Na viagem de carro de regresso ao centro da cidade, Melanie manteve-se calada, por contraste com a sua personalidade volúvel de antes.

– Está tudo bem? – perguntei a certa altura.

– Não foi minha intenção ouvir a conversa às escondidas, minha senhora.

– Eu sei, Melanie. Não houve nada que o detetive Buchwalter dissesse que não pudesse ter ouvido. Pelo menos, eu não acho.

– Lembra-se de ele falar sobre os dois homens que ajudaram a servir na festa, naquela noite?

– Lembro, sim.

– Bem, um deles era o meu pai.

CAPÍTULO 10

– A água viaja, sabe? Só porque o teto está a pingar ali não quer dizer que seja onde o cano está. – O canalizador enfiou as mãos nas jardineiras e balançou-se sobre os calcanhares.

Melanie revirou os olhos e fez uma careta para a mãe.

– Só quero saber se consegue arranjá-lo – disse Mrs. Goodall.

– Acho que sim. Mas pode demorar algum tempo. E eu cobro à hora.

– De quanto tempo é que está a falar?

– Ainda não sei. Tenho de descobrir a origem daquela fuga.

– Não vou deixar que desfaça os tetos da casa toda até a encontrar.

– Não é preciso, minha senhora. Tenho uma câmara. Pode andar seiscentos metros, se não houver nada no seu caminho. Só preciso de um buraco pequeno para começar.

– E quanto vai custar isso?

– Só saberei quando subir e der uma olhadela.

– Mamã, deixa-o arranjar o cano. – disse Melanie. – Mr. Richardson disse que confia em si, que consegue tratar disto. Ele vai pagar a conta.

Mrs. Goodall franziu o sobrolho à filha.

– Não vou desperdiçar o dinheiro de Miss Tillie agora que ela se foi, tal como não o desperdicei enquanto ela cá estava.

– É melhor decidir-se – disse o canalizador. – Depois de hoje, se eu ficar ocupado, pode não me ver durante uma semana ou mais.

– Eu arrisco, ou então encontro outro canalizador – disse Mrs. Goodall, de braços cruzados.

– Neste fim de semana há o Dia de São Patrício, sabe?

– O que tem isso a ver com a fuga?

– Pode aparecer muito trabalho, sabe, porque as pessoas comemoram e talvez estraguem os canos.

Melanie riu-se.

– Oh, céus, isso é rebuscado – disse ela, suficientemente alto para que todos ouvissemos.

– Cala-te, Melanie – disse-lhe a mãe. – Não gosto dessa insolência. Pede desculpa.

– Sim, senhora. Desculpe, senhor.

Mrs. Goodall virou-se para o canalizador.

– Dê-me um orçamento por escrito e depois digo-lhe.

– Está bem. Dou-lho hoje à tarde. É suficientemente cedo?

Mrs. Goodall resmungou, mas pareceu satisfeita com os resultados da sua negociação.

O canalizador pegou na caixa de ferramentas e dirigiu-se à porta.

– Lembre-se de que vou trazer equipamento altamente tecnológico – disse ele. – Isto para lhe salvar o teto. É do melhor que há. Mas vai custar-lhe algum dinheiro. Tenho de amortizar o custo, e não foi barato.

– Dê-me o orçamento. Depois falamos.

– Posso começar amanhã se me disser com antecedência.

– Eu telefono-lhe.

Mrs. Goodall levou o canalizador à saída.

– Onde é que ela o vai levar? – perguntei a Melanie.
– À porta das traseiras. Não o vai deixar sair pela porta da frente. Além disso, acabou de lavar o chão. – Sentou-se numa cadeira em frente à secretária no escritório e usou a ponta do sapato de cunha preto-metalizado para ajustar a panela que estava a apanhar as gotas do teto.

Era sexta-feira de manhã e eu estivera sentada na escrivaninha da Tillie a rever a minha lista, e a tentar marcar reuniões para falar com pessoas que pudessem elucidar-me quanto ao homicídio de Wanamaker Jones. Mrs. Goodall prometera que me daria algum tempo «mais tarde». Eu sabia que Melanie andava a tentar arrancar informação à mãe e tinha quase a certeza de que Mrs. Goodall não ia ajudar a filha, mas esperava que fosse mais prestável comigo.

As mensagens que deixara a Rose Margaret Kendall e ao seu irmão Rocky haviam ficado sem resposta. Os sobrinhos estavam furiosos por a casa e o seu recheio não terem ficado para eles diretamente, e claro que eu não podia garantir que receberiam a sua herança se colaborassem comigo. Não fazia ideia de quais seriam os planos da Tillie para a casa nem que outras instruções colocara naquele envelope selado.

– Onde vai jantar com o Dr. Payne hoje? – perguntou Melanie.
– Creio que ele disse a Olde Pink House – respondi.
– Ah, sim. Na praça Reynolds. É uma instituição em Savannah. Está em todos os guias turísticos. Têm um fantasma, sabe?

Suspirei, na brincadeira.

– Oh não, mais outro.

Ela soltou uma risadinha.

– Aposto que Savannah é a cidade mais assombrada da América.

– Quem é o fantasma da Olde Pink House?

– James Habersham. Foi ele que construiu o edifício. Têm o retrato dele lá pendurado, por isso reconhecê-lo-á se ele se materializar à sua frente. – Melanie apertou os lábios e piou «uuuuuuuuuu», a sua versão do som de um fantasma.

Ri-me.

– A nossa turma de História da Arquitetura foi lá em visita de estudo uma vez – disse ela. – A parte de cima é um restaurante formal. Em baixo, têm a taverna original, com as paredes de pedra e tudo. Na verdade, creio que é de lá que vem a maioria das histórias de fantasmas.

– Se vir algum fantasma, dou-lhe os seus cumprimentos – disse eu.

– Não, por favor. Não mencione o meu nome. Não quero que saibam quem sou. – Estremeceu. – Já chegam aqueles loucos na casa de hóspedes a tentar erguer os mortos.

– Mas disse que andou aqui com a sua amiga a procurar fantasmas.

– Procurámos, mas tínhamos as luzes todas acesas.

Comecei a rir.

– Entendo. E os Grogan trabalham às escuras.

– Sim. É sinistro. Não quero estar por perto se encontrarem alguma coisa. Têm câmaras em toda a parte. E eu não quero que venha nada à minha procura.

– Vai ao desfile do Dia de São Patrício? – perguntei.

Melanie escarneceu.

– Não se lhe pode fugir, no centro da cidade.

– Mr. Richardson convidou-me para ver as festividades do seu escritório, mas combinei encontrar-me com o sobrinho de Wanamaker. – Remexi a carteira à procura do pedaço de papel onde escrevera o nome do café onde ia encontrar-me com a família Jones.

– O escritório de Mr. Richardson fica na Bay Street – disse ela. – Seria um bom lugar para ver o desfile e, além disso, estaria bem acima da rua, longe do perigo.

– Perigo?

– É uma maneira de dizer.

Mostrei a Melanie o papel com o nome do café.

– Isso é mesmo no meio da festa. É melhor ir cedo se quiser lugar sentado.

– Oh, céus – disse eu. – Não parece o melhor local para uma entrevista.

– Terá sorte se os conseguir ouvir gritar «Olá» – disse ela. – Savannah vai estar a comemorar o seu legado irlandês o dia todo e a noite toda. Se gostar de multidões, é ótimo. As ruas vão estar cheias de pessoas de fora a beber cerveja verde. Na verdade, se não precisar que a leve a nenhum lado de carro amanhã, sou capaz de ir buscar a Tish e seguir para a zona alta da cidade, para fugir de tudo. Ainda temos de escrever o nosso relatório sobre Mortelaine House.

– Não se preocupe com ter de me conduzir – respondi. – Posso sempre ir a pé ou de táxi se precisar de me deslocar a algum lado. E estou muito interessada em ver esse relatório quando o terminar.

– Está?

– Claro. Porque é que isso a surpreende?

– É só uma casa antiga. Nunca viveu aqui ninguém famoso.

– Mas ocorreu nela um homicídio – disse eu. – Isso não faz com que seja única?

– Sim, senhora, mas não temos nada sobre isso no relatório. Dizemos quem eram os donos, mas para além disso só falamos de arquitetura, quem projetou a casa, quando foi construída, se encontrámos as cores originais das paredes, e as renovações que foram feitas.

– Parece-me fascinante. Que tipo de renovações se fizeram? Fale-me um pouco sobre isso.

– Posso fazer mais do que isso – disse Melanie. – Posso mostrar-lhas.

– Maravilhoso! – respondi. – Comecemos lá em baixo. Quero fazer-lhe perguntas sobre uma porta.

CAPÍTULO 11

O Dr. Payne sugerira que nos encontrássemos na Planters Tavern, pertencente ao restaurante Olde Pink House, antes de subirmos para jantar. Dissera-me que em circunstâncias normais preferia jantar na taverna, mas, como eu estava a visitar Savannah, pensou que eu gostaria do ambiente da sala de cima.

– O Olde Pink House tem a reputação de ser um dos edifícios mais assombrados da cidade – dissera ele, repetindo o que Melanie me contara. – Se tiver sorte, acabará a conversar com o próprio James Habersham. – Habersham, explicou ele, era um comerciante extremamente rico, e a casa na esquina nordeste das ruas Abercorn e Bryan fora construída para ele no final do século XVIII, daí que ele aparecesse de vez em quando para ver se as coisas estavam bem. Eu rira-me, mas o bom médico não se rira comigo. Parecia completamente sério.

À medida que o dia avançava, dei por mim a fraquejar, e pensei em cancelar o jantar com Payne. Precisava de algum tempo para descontrair e tentar assimilar o que soubera até então, que confesso não ser muito. Mas a pressão para desvendar o homicídio de Wanamaker Jones em trinta dias e, por extensão, salvar o milhão de dólares para o projeto de alfabetização, pesava sobre mim. O Dr. Payne parecia conhecer todas as pessoas envolvidas. Não só estivera presente na noite em que Jones fora alvejado, mas também declarara o óbito. Não podia desperdiçar nenhuma oportunidade de o interrogar.

Apesar de ter dores num joelho, decidi caminhar até à praça Reynolds, onde fica o Olde Pink House. Lesionara o joelho nessa tarde, em circunstâncias que será melhor explicar um pouco mais tarde. Basta dizer que, apesar de não ter lesionado nenhuma parte interna do joelho, acabei com um golpe feio que precisou de um penso considerável.

O céu estivera enevoadado o dia todo, com bastante humidade. Caminhei lentamente, poupando o joelho e parando de vez em quando para contemplar as casas antigas maravilhosas por que passava e admirar as outras praças. Savannah é uma cidade lindíssima, mas como qualquer outro lugar, grande ou pequeno, há sempre lados mais escuros que poucos turistas encontram. Há quarenta anos, o homicídio de Wanamaker foi uma notícia importante. Agora, por causa do testamento excêntrico de Tillie Mortelaine, o seu assassinato estava prestes a ser reavivado, e eu estava no centro do caso.

Ceguei ao Olde Pink House uns minutos antes da hora marcada com o Dr. Payne, e fiquei em frente ao edifício que fora em tempos a casa de um dos homens mais ricos da América. É um exemplo esplêndido de arquitetura georgiana e, como o nome promete, é cor-de-rosa. Originalmente foi construída em tijolos feitos de argila vermelha; o vermelho passou através do estuque branco que fora aplicado sobre os tijolos, fazendo com que ficasse rosa. Mr. Habersham, herói condecorado na guerra da independência, recusou-se a viver numa casa rosa e mandou pintá-la de branco. A argila vermelha continuou a fazer com que as paredes ficassem rosa até aos anos 1920, quando uma mulher que geria uma casa de chá no local decidiu que era uma loucura continuar a tentar cobrir o rosa e mandou pintar o edifício de cor-de-rosa. Cor-de-rosa *verdadeiro*.

Desci uns degraus de cimento estreitos a mancar, até ao nível da taverna e entrei numa sala animada cheia de pessoas bem-dispostas, muitas delas ao balcão a beber um copo, outras sentadas em mesas a jantar. As pessoas encostadas ao balcão muito bem polido eram barulhentas, e pensei que seriam principalmente habitantes locais que viam a taverna

como uma segunda casa, a versão de Savannah do bar *Cheers*. Havia sofás de veludo em ambas as pontas da sala grande e com tetos altos, de frente para lareiras com chaminés de tijolo que iam até ao teto. Payne arranjara uma mesa pequena com duas cadeiras num canto afastado, e juntei-me a ele. Levantou-se educadamente e puxou uma cadeira para que eu me sentasse.

– Está a mancar – disse ele.

– Sim, receio ter dado um trambolhão hoje de tarde.

– Oh, céus. Como aconteceu isso?

– É uma longa história, doutor. Nada de grave, só um hematoma e um corte. – Virei-me na cadeira para observar o que me rodeava. – Que lugar encantador – disse.

– Um dos melhores bares de Savannah – comentou. – E também tem boa comida. Se quiser que um boato circule por Savannah, espalhe-o aqui. Segundo me disse o Sherry Buchwalter, o vosso encontro foi agradável.

– Sim. É um cavalheiro simpático.

– Foi útil?

– Creio que sim, apesar de ainda não ter percebido bem como.

– Então – disse ele –, como correu o resto do seu dia?

– Foi... interessante.

Ele riu-se.

– Gosto sempre dessa resposta, Mrs. Fletcher. Pode querer dizer tantas coisas.

– Tem razão – respondi. – E, por favor, chame-me Jessica.

– Alguns dos meus doentes levam a mal eu tratá-los pelo nome próprio – disse ele –, quando se supõe que me devem chamar Dr. Payne. Suponho que têm razão. Jessica será, e eu sou o Warner. Então, conte-me o seu dia *interessante*, Jessica.

Contei-lhe a visita guiada que Melanie Goodall me fizera à casa da Tillie, nessa tarde.

Melanie e eu utilizámos as escadas das traseiras para chegar ao andar térreo, e ela levou-me pelo corredor com paredes de madeira, até ao quarto da mãe.

– Quando ela começou a trabalhar na casa era aqui que vivia – disse, abrindo a porta. – Quando o meu pai a convenceu, por fim, a casar-se com ele (foi uma noiva relutante), mudaram-se para a nossa casa na zona alta da cidade.

O quarto era pequeno, mas mobilado com bom gosto, e tinha uma janela alta que lhe dava luz natural. Uma poltrona estofada tinha uma otomana a condizer, parecida com a do meu quarto no andar de cima. A cama tinha uma cabeceira de ferro forjado com figuras e traçados complexos, uma antiguidade linda que teria rendido uma pequena fortuna, ou talvez grande fortuna, num leilão. Estava coberta por uma colcha em *patchwork* cujo centro era um quadrado azul.

Melanie passou a mão pela colcha para a alisar.

– Era da minha avó. Conhece o significado das colchas na nossa História?

– Lembro-me de ler que eram utilizadas como sinais para os escravos que viajavam na rede clandestina que os levava ao Norte.

Ela sorriu.

– Sim, é isso. Era um código secreto. As colchas eram penduradas com a roupa lavada ou na balastrada de um alpendre de um «posto» da rede. Se vissem que o quadrado

central era azul ou preto, os escravos fugitivos sabiam que o caminho estava livre e que podiam entrar. Mas, se o quadrado central fosse vermelho, ficavam avisados de que não era uma altura segura para bater à porta. Olhe! – Levantou a ponta de baixo da colcha para me mostrar o quadrado vermelho que estava do outro lado.

– Tem aí um pedaço de História – disse eu.

– Eu sei. É tão emocionante.

– Tem de incluir a história da colcha no seu relatório sobre Mortelaine House – disse eu.

A expressão dela tornou-se sombria.

– Mas a colcha não pertence a Miss Tillie – respondeu. – É da minha mãe.

– Claro, é dela, mas a sua mãe faz parte da História de Mortelaine House e a colcha dela está aqui... há quanto tempo?

– Há tanto tempo como ela.

– Vê?

– Oh. Nunca pensei em pôr a minha mãe no relatório. Obrigada!

Melanie continuou a nossa visita guiada pelo outro lado do corredor, na lavandaria. Era um espaço vazio, sem decoração, com duas máquinas antiquadas e uma pia igualmente antiga. Não tinha a certeza se queria tentar a sorte com este equipamento e resolvi que tinha de encontrar uma lavandaria na vizinhança.

– Segundo sei, a Tillie mandou instalar um elevador para loiça, mas não o vi – disse eu. – Sabe onde é?

– Sei, e a senhora podia procurar o dia todo e nunca o descobrir.

– Céus! Agora ainda tenho mais vontade de o ver.

Ela levou-me outra vez para o corredor e parou junto à escadaria.

– Consegue encontrá-lo?

As paredes do corredor tinham painéis com quadrados de madeira dentro de outros quadrados, cada quadrado com bordas decoradas. Agora que sabia que o elevador para loiça estava por perto, observei o ponto onde as peças dos painéis se encontravam, à procura do sítio onde as junções pudessem revelar um espaço, mas não havia nenhum. Passei a mão pela parede em busca de uma corrente de ar que pudesse indicar uma abertura secreta.

Melanie riu-se e inclinou-se para a frente para empurrar um dos quadrados. Houve uma deslocação de ar e o painel abriu com um estalo, revelando uma abertura cortada na parede e uma série de cordas presas a roldanas. Melanie puxou uma das cordas, utilizando as duas mãos, até que uma caixa de madeira desceu até à abertura.

– Vê? O cimo e o fundo deslizam para cima e para baixo, e *voilà!* O elevador. Coloca-se aqui a comida, fecham-se as portas e utilizam-se as cordas para o puxar para o andar seguinte. Sobe até ao átrio do terceiro andar. Agora já há motores elétricos para estas coisas, mas, como a minha mãe se recusou a utilizá-lo, Miss Tillie nunca o mandou atualizar.

– Há quanto tempo está aqui?

– Desde que eu nasci e provavelmente antes.

– E não se vê quando está fechado.

– Não, senhora. Quando era miúda, pensava nele como uma passagem secreta, e os meus amigos e eu costumávamos enviar mensagens em código para cima e para baixo.

Uma vez tentámos entrar nele, mas a minha mãe veio atrás de nós com uma vassoura.

– O que andam vocês as duas a fazer? – perguntou Mrs. Goodall da cozinha. Tinha farinha até aos cotovelos e não desviou o olhar da sua tarefa culinária quando nós entrámos.

– Estou a oferecer a Mrs. Fletcher uma visita guiada da casa – respondeu Melanie.

– Miss Tillie costumava fazer visitas guiadas – disse a sua antiga governanta –, numa daquelas semanas em que muitas das casas estavam abertas. As pessoas pagavam uma bela quantia para ver como os ricos viviam. Segundo sei, o dinheiro foi todo para instituições de caridade.

– Há visitas guiadas a casas, no Maine, cujo lucro vai para obras de caridade – disse eu. – É sempre fascinante ver como as pessoas decoraram e mobilaram as casas.

– Nunca gostei muito quando entravam pela casa adentro – respondeu Mrs. Goodall. – Disse à Miss Tillie que ainda entraria alguém com mãos leves e lhe roubaria tudo.

Melanie lançou-me um olhar que disse que era melhor irmos ando. Desejei um bom dia à governanta e segui a filha para o corredor, onde ficava a despensa, em frente à porta misteriosa, aquela que eu tinha a certeza de ter trancado durante a minha viagem noturna para ir buscar uma chávena de chá. Apontei para a porta que tinha a tranca.

– O que há lá em baixo? – perguntei.

A expressão de Melanie tornou-se séria.

– Não sei, nem quero saber. Só escadas que levam a algum lado. A minha mãe disse-me que, se alguma vez me apanhasse a ir lá abaixo, me dava uma tarefa. Claro que isso foi quando eu era pequenina. Agora não mo faria. – Deu uma risadinha. – Hoje em dia sou demasiado grande para uma tarefa. Mas nunca fui lá. Provavelmente está cheio de cadáveres.

Ri-me.

– Espero mesmo que esteja enganada – disse-lhe. – Bem, mostre-me o resto das coisas que a Melanie e a sua amiga catalogaram nesta velha mansão magnífica.

Passámos os quarenta e cinco minutos seguintes a entrar em divisão atrás de divisão, a enfiar o nariz em todos os cantos. Melanie mostrou-me o sítio onde as casas de banho novas haviam sido instaladas, as únicas melhorias do século XX feitas na mansão. Era uma guia encantadora, entusiástica e conhecedora, e aprendi muito sobre a história de Mortelaine House. Quando acabámos, ela disse que tinha de fazer uns recados para a mãe, mas que voltaria dentro de uma hora se eu precisasse de ser levada a algum lado.

Fui para o meu quarto, espreitei entre as ripas das portadas de uma das janelas (Mrs. Goodall mostrara-me o truque para as abrir), tirei os sapatos e caí na poltrona, pousando os pés na otomana. Estava um dia cinzento em Savannah, o que não me desagradava. Não planeava fazer turismo, isso é certo. Tinha algumas horas até à hora marcada com o Dr. Payne para jantar, e decidi que uma sesta vinha a calhar. Fechei os olhos, mas não consegui dormir. Tentei deitar-me na cama, mas sentava-me sempre que um novo pensamento me ocorria.

Lembrei-me do desagrado de Seth pela minha vinda a Savannah para aceitar o desafio da Tillie, e perguntei-me se ele teria razão. Tantas vezes a tinha. Pensei nas pessoas que conhecera, especialmente o general Pettigrew, e Artie e Samantha Grogan. O rude juiz O'Neill era um homem intimidante, isso era certo, e eu queria passar algum tempo com ele e com a irmã dele. Como o Dr. Payne, o juiz O'Neill estivera na festa na noite em que

Wanamaker Jones fora morto a tiro, apesar de, como base no que o detetive Buchwalter me contou, o juiz não ter sido propriamente falador na noite do crime. Esperei que fosse mais aberto comigo.

Quando me apercebi de que o sono me escapava, desisti, levantei-me, calcei os sapatos e vagueei para o andar de baixo. Verifiquei a cozinha, para o caso de Mrs. Goodall ter algum tempo livre. Estava vazia. Virei-me para ir embora, mas a porta que dava para o andar inferior deteve-me. A tranca estava virada; virei a maçaneta para a testar de qualquer forma. Não. Ainda trancada. *Ignora isto, Jessica*, disse para mim. Seth Hazlitt diz sempre que a minha curiosidade natural me vai meter em sarilhos um dia, e já mostrou ter razão em mais do que uma ocasião.

Ignorei os sábios conselhos dele, virei a tranca, e deixei que a porta se abrisse na minha direção, lentamente e a chiar. Descobri um interruptor na parede, e uma luz de baixa intensidade acendeu-se. Lembrei-me de ter visto uma lanterna na cozinha, e fui buscá-la. Iluminando as escadas, dei uns passos hesitantes no patamar de madeira junto à porta, que rangeu com o meu peso. Utilizei a lanterna para examinar as paredes dos dois lados das escadas íngremes. Eram de cimento e pareciam húmidas. Uma observação mais atenta revelou uma camada de bolor gorduroso.

Virei a atenção para o fundo das escadas. Deveria descer? Havia um pedaço de madeira estreito pendurado no lado esquerdo das escadas, que servia de corrimão. Pousei a mão esquerda nele e comecei a minha descida, lentamente. O corrimão era fraco e ondulava de cada vez que mexia a mão.

Cheguei ao fundo e parei, para me habituar à escuridão e deixar que o meu nariz se acostumasse ao cheiro intenso e bafiento a bolor e água suja. Olhei para baixo. O chão de cimento sob os meus pés tinha uma camada fina de água rançosa, e lembrei-me silenciosamente de andar com cuidado se decidisse avançar.

O feixe de luz da lanterna iluminou uma divisão estreita, com estantes de madeira robustas num dos lados. Uma camada de pó grossa cobria alguns dos artigos que ainda estavam nas prateleiras e provavam que esta arrecadação não era utilizada há anos, provavelmente décadas. Virei a luz para a outra parede e vi uma passagem, cuja altura julguei ser ligeiramente inferior à minha. Inclinei-me para dentro da abertura e apontei a luz em frente. O teto era de cimento, assim como as paredes, mas o comprimento ia para lá do alcance da minha lanterna... um túnel.

Comecei a caminhar pelo túnel, consciente da humidade do chão e tendo o cuidado de baixar a cabeça para que não batesse com ela. O ar tornou-se cada vez mais sufocante, não quente mas frio e húmido, como se as moléculas se tornassem mais densas a cada passo.

Tentei discernir a direção que levava: a frente da casa, o lado, ou as traseiras da propriedade. Desisti. Estava totalmente desorientada.

Avancei cerca de cinco metros antes de parar e olhar para o chão. O cimento estava manchado sob a camada de água gordurosa. Direcionei o feixe da lanterna para as paredes, que também estavam manchadas, com padrões grandes e irregulares de escuridão e claridade, alguns tão imundos que tinham tufo de penugem verde a sair deles. A temperatura descera precipitadamente, causando-me pele de galinha nos braços. Passou-me pela cabeça uma imagem de túneis como este a funcionarem como morgues durante a epidemia de febre-amarela de Savannah, médicos a trabalharem neste ambiente hostil, velas acesas, o ar espesso com o odor da morte.

Retraí-me e estremeeci, esfregando os braços para os aquecer um pouco. Pensei em voltar para trás, mas vi à minha frente o que pareceu ser um feixe de luz ténue, e decidi ver qual a sua origem. Avancei mais uns dois metros, com o corpo agachado e os olhos virados para o teto, para me assegurar de que nenhuma viga ou protuberância me deixava inconsciente antes de chegar ao meu destino. Foi nesse momento que a ponta do meu pé ficou presa nalguma coisa e me fez cair para a frente e bater com os joelhos de forma dolorosa no chão. A lanterna voou-me da mão e estendi os braços para não bater com o rosto no cimento.

– *Gorry!* – exclamei. É uma velha expressão do Maine que significa quase tudo o que se quiser. As lágrimas arderam-me nos olhos quando a dor do meu joelho ferido chegou ao cérebro. Levantei-me e dei umas apalpadelas para encontrar a lanterna, que não caíra longe. Peguei nela e virei a luz para o joelho, que entretanto sangrava. Também olhei para o que me fizera tropeçar. Era um pedaço de uma corrente pesada e ferrugenta, enrolada num monte.

Tirei um lenço do bolso da camisola e utilizei-o para estancar o sangue. Por alguma razão, já não tinha frio. Olhei para trás e concluí que o feixe de luz estava mais perto do que as escadas que levavam à casa.

Quando cheguei à luz, vi que vinha por baixo de uma porta no cimo de um lanço de escadas parecidas com as que desciam da casa. Fiz um esgar enquanto as subi, e cheguei a uma plataforma pequena. Dirigi a luz para a maçaneta de latão e agarrei-a. Virou, mas a porta não abriu. Tentei outra vez, e uma terceira. Não tive sorte. Depois, ouvi um som do outro lado da porta. Uma voz. De homem. Fechei a mão direita e bati na porta com os nós dos dedos. Depois com mais força. Outra voz, desta vez feminina. Estava prestes a utilizar a lanterna para anunciar a minha presença de forma mais ruidosa quando ouvi o som de uma tranca a deslizar. A porta abriu-se uma frincha, e depois mais.

– Cuidado – ordenou Samantha Grogan. – Não toque nos cabos e no equipamento.

– Mrs. Fletcher – disse Artie Grogan, parecendo tão surpreendido como se olhasse para alguém que tivesse morrido há muito tempo. – O que está a senhora aqui a fazer?!

A minha não-resposta foi:

– Caí. – Virei a luz para a minha ferida.

– Céus – disse Artie. – Entre e...

– Não toque no equipamento – repetiu a mulher dele, ignorando o meu joelho ensanguentado.

Transpus a porta com cuidado, percorri o labirinto de fios presos aos aparelhos e apercebi-me de que estava na cozinha da casa de hóspedes onde ficara nas minhas visitas anteriores. Segurando o lenço contra o joelho para não sangrar para o chão, manquei até à cadeira mais próxima, uma cadeira preta dura, com costas retas, pintada à mão com pássaros vermelhos e amarelos.

– Há quanto tempo está lá em baixo? – perguntou Samantha.

– Não sei – respondi. – Talvez meia hora.

– Estávamos a monitorizar o nosso equipamento – disse Artie Grogan. – Fazemo-lo sempre que sentimos que há uma presença espiritual invulgarmente forte algures na casa, ou na propriedade. Os contadores indicaram um campo especialmente forte na última meia hora, vindo do túnel.

– Sabem do túnel – disse eu.

– Oh, sim – respondeu Grogan.
– Já estiveram lá em baixo? – perguntei, espreitando o meu joelho ferido e ficando feliz por ver que parara de sangrar. No entanto, o meu lenço estava ensopado e vermelho.
– Claro que estivemos – disse a mulher de forma abrupta, retirando um cartão de memória de uma câmara, etiquetando-o e atirando-o para um monte com outros cartões. – Não há canto desta propriedade que não tenhamos visitado pessoalmente. Seríamos negligentes do nosso dever se não o fizéssemos.

– Claro – disse eu, farta dela. – Se me derem licença.
Fui até à pia, lavei o meu lenço, pus um pouco de detergente da louça nele, e lavei o corte, arquejando com o ardor do detergente na ferida aberta.
– Quer que vá buscar uma pomada? – perguntou Samantha, lembrando-se por fim das boas maneiras.

– Acho que por agora ficará bem – respondi, e comecei a dirigir-me à porta que dava para o jardim, para lá do qual ficava a casa principal.

Artie seguiu-me até ao exterior.

– Gostaríamos de saber o que viu lá em baixo – disse ele.

– Tenho a certeza de não ter visto nada que não tenham já visto – respondi.

– A aura que vem do túnel é sempre poderosa – disse ele, caminhando a meu lado na direção da casa –, mas hoje é única.

Ri-me de forma forçada.

– Talvez os vossos contadores sejam especialmente sensíveis a escritoras de romances policiais do Maine – disse eu.

– Não. Não. Foi mais do que isso. Quero dizer, já estivemos no túnel com os contadores ligados, por isso não foi só a senhora.

– Já agora, Artie, tropecei numa corrente lá em baixo. É vossa?

– Corrente? Não me lembro de nenhuma corrente. Não, não é nossa. Está a sugerir que...?

– Não estou a sugerir nada – respondi – exceto um banho quente e uma pomada antibacteriana para o meu joelho. Foi bom vê-lo.

Ele parou de andar, e tive consciência de que ficou a observar-me até eu chegar à casa e entrar por uma porta das traseiras. Cumpri com as minhas intenções imediatamente. Enchi a banheira de água quente e mergulhei nela, antes de vestir um robe e tratar do joelho. Vendo que a ferida era superficial, vesti-me e fui jantar com o Dr. Warner Payne.

*

– Uma experiência e tanto – disse o Dr. Payne depois de lhe contar sobre a minha tarde no túnel. Contei-lhe a história enquanto bebia um copo de vinho branco. O médico bebia um *bourbon* com água.

– Experiência que não quero repetir – respondi. – A que ponto conhece os Grogan?

– Muito mal. A pseudociência deles diverte-me, mas cada louco com a sua mania. Porque pergunta?

– Nenhuma razão especial. Mas agora sei que a casa de hóspedes está ligada à casa principal por aquele túnel, o que quer dizer que qualquer pessoa podia ter entrado e saído de casa por essa via.

Ele assentiu.

– O assassino de Wanamaker Jones – disse ele de forma inexpressiva.

– Possivelmente. Sei que foi há quarenta anos, mas por acaso lembra-se de alguma coisa acerca daquela noite que me possa direcionar para o autor do assassinio?

Ele recostou-se e sorriu.

– A minha memória não é tão aguçada como já foi, mas por acaso lembro-me daquela noite com clareza. Suponho que não se esquece uma passagem de ano em que uma pessoa é morta a tiro, a sangue frio, durante as festividades.

– Eu sei que não me esqueceria – disse eu.

Ele estava prestes a relembrar a noite fatídica quando um casal veio à mesa cumprimentá-lo. Eu reparara que ele recebera inúmeros acenos de pessoas que estavam ao balcão e a outras mesas. Payne era conhecido, e presumi que querido, após tantos anos a oferecer ajuda e conselhos médicos compassivos aos habitantes de Savannah. Ele apresentou-me e conversaram um pouco sobre o desfile que se avizinhava.

– Vemo-lo amanhã, Dr. Payne. Foi um prazer conhecê-la, Mrs. Fletcher.

– Não admira que goste de vir aqui – comentei. – É óbvio que é uma pessoa popular.

– Se se viver tempo suficiente, acaba por se conhecer quase toda a gente – disse ele. – Então, onde íamos?

– Estava prestes a contar-me as suas lembranças da noite em que Wanamaker Jones foi morto.

– Ah, sim. Como sabe, era passagem de ano. Savannah gosta de festas, como verá amanhã. Essa data não foi exceção.

A festa de passagem de ano na casa da Tillie foi tão grandiosa e festiva como as anteriores. A Tillie era conhecida como anfitriã atenciosa, e os convites para as suas festas eram muito cobiçados. Uma banda de *Dixieland* de seis membros providenciou música animada durante toda a noite, melhorada por um cantor importado de Nova Orleães para a ocasião. Mais de cem convidados participaram nas festividades, e o champanhe foi abundante. Quando chegou a altura da contagem decrescente para a meia-noite e o ano novo começou, muitos convivas estavam bêbados, o que causou alguns problemas. Alguns convidados embriagados aproveitaram a oportunidade para abraçar e, nalguns casos, acariciar as mulheres que desejavam, o que causou algumas discussões e ameaçou provocar altercações físicas entre maridos e foliões masculinos demasiado entusiásticos.

Era perto das duas da manhã quando a Tillie fez saber que as festividades tinham acabado oficialmente, pelo menos para a maioria dos convidados. Antes nessa noite, pedira discretamente a um grupo pequeno e seletivo para ficar depois de os outros terem ido embora, coisa que fazia de forma frequente nas suas festas, conferindo assim o estatuto de VIP àqueles que favorecia. Incluídos nesse grupo privilegiado estavam Wanamaker Jones, o Dr. Payne, Roland Richardson III, o juiz Frank O'Neill e a sua irmã, um reverendo da igreja que a Tillie frequentava de vez em quando, e os cunhados da Tillie. Para além da anfitriã e dos seus convidados, estavam presentes três membros do pessoal doméstico. O pessoal habitual fora aumentado para satisfazer as exigências de um grupo tão grande. Uma garrafa rara de *bourbon* envelhecido foi trazida e servida em copos de balão aos restantes convidados por um homem negro de uniforme, e alguns deles instalaram-se no

salão, entre suspiros que refletiam a fadiga sentida depois de uma festa longa e animada.

– Fale-me do grupo que ficou – disse eu depois de o Dr. Payne me ter descrito o ambiente da festa.

– Segundo me lembro – disse –, o reverendo, cujo nome era Bradford Penny, adormeceu logo na cadeira. – Deu uma risada. – O reverendo Penny era conhecido em Savannah por ter uma ligação direta com o diabo... o diabo do rum. De qualquer modo, o ambiente estava calmo, sobretudo em contraste com as atividades barulhentas e por vezes caóticas dessa noite.

– Uma tranquilidade bem-vinda – sugeri.

– Exatamente.

– Quem mais estava na sala? – perguntei.

Payne franziu o sobrolho, pensativo.

– Eu, claro. Os cunhados de Miss Tillie, isto é, da parte do seu falecido marido. – Passou os dedos pelo cabelo. – Ela não gostava especialmente deles, mas eles haviam trazido os filhos, Rose Margaret e Rocky Kendall. Conheceu-os na leitura do testamento. As crianças estavam na cama lá em cima. O plano era que passassem lá a noite, por isso Miss Tillie não podia deixar os cunhados fora do seu grupinho de elite.

– Os cunhados ainda estão vivos?

Ele abanou a cabeça.

– Faleceram há algum tempo, com poucos anos de diferença entre si.

Eram notícias decepcionantes, mas esperei que os filhos se lembrassem de alguma coisa dessa noite quando tivesse hipótese de falar com eles.

– Disse que Roland Richardson estava lá? Pergunto-me porque é que ele nunca mo disse.

– É provável que quisesse ver se o descobria sozinha.

Começava a parecer que a Tillie não era a única pessoa do seu grupo de amigos que gostava de fazer jogos. Testariam todos eles as capacidades dos amigos e colegas? O general Pettigrew andava a desafiar-me desde que eu chegara. Agora descobria que Richardson não estava a ser totalmente sincero.

– Há mais alguma coisa de que se lembre acerca do grupo? – perguntei.

– O juiz estava a discutir com a irmã. Lembro-me disso.

– Porquê?

– Oh, tinha que ver com ela ter namoriscado com alguém durante a noite.

– Isso é assim tão terrível?

– O Frank sempre foi um pouco puritano. Depois de os pais morrerem, a Charmelle mudou-se para casa dele. O Frank era demasiado protetor. Fez com que fosse difícil para ela ter namorados.

– Wanamaker Jones estava lá?

Ele abanou a cabeça.

– Mas vi-o muito durante a festa. Wanamaker era um tipo irrequieto, Jessica, um daqueles homens que nunca parecem capazes de se sentar durante algum tempo, sempre a mexer-se. Calculo que isso contribuisse para a sua constituição física esguia, o facto de queimar calorias a mexer-se constantemente.

– Gostava dele?

– Do Jones?

– Sim.

– Eu... nunca pensei muito nele – respondeu, apesar de eu não ficar convencida de que estivesse a dizer a verdade. – Claro que ele era encantador – continuou ele de forma tranquila. – Ninguém teria atraído as atenções de Miss Tillie sem encanto. Foi aceite pelos outros.

– O senhor é membro do Clube de Tiro Forest City?

– Eu? Não. Não tenho tempo para esse tipo de coisa.

– Alguma vez *foi* membro do clube?

– Isto começa a parecer um interrogatório. – Mexeu-se na cadeira, de ombros encolhidos.

– As minhas desculpas – disse-lhe –, mas, se quero cumprir o prazo, preciso de mais detalhes sobre Wanamaker Jones e as pessoas que o conheciam, que socializaram com ele. Disse que me ajudaria.

– Bem, eu conhecia-o – disse ele. – Não bem, mas frequentávamos os mesmos círculos, ou pelo menos ele frequentava o meu.

– Há quanto tempo estava ele por cá?

– Isso não me lembro. Um ano ou dois, talvez mais. Está a falar de coisas de há quarenta anos, Jessica.

– Está bem. E a Tillie? – perguntei.

– Que é que tem?

Vi que os ombros dele se descontraíram um pouco.

– Naquela noite, depois da festa, sentou-se convosco ou estava demasiado ocupada a fazer de anfitriã?

Payne riu-se um pouco.

– Tillie Mortelaine e Wanamaker Jones eram almas gémeas, Jessica. Ela era tão irrequieta como ele.

– E esguia.

– E esguia. Ela era pequenina. Ele era um palmo mais alto do que ela. Por vezes pareciam os dois em movimento perpétuo, ligeiros, a dançar pela vida. Faziam boa figura na pista de dança, sabe?

– Não sabia. Nunca vi a Tillie dançar.

– Mesmo até ao fim. Umas semanas antes de morrer, voltou a ter aulas de dança de salão num estúdio da cidade.

Recostei-me a sorrir, imaginando uma mulher de noventa e um anos a dançar o *foxtrot* ou a valsa.

– Está pronta para ir para cima jantar? – perguntou Payne.

– Sim, mas, antes de irmos, fale-me dos cunhados da Tillie. Agora que conheci os filhos, a Rose Margaret e o Rocky, estou curiosa em relação aos pais. Foram a Rose e o Rocky que descobriram o cadáver de Wanamaker.

– Assim é.

– Creio que me indicou que a relação da Tillie com a família do marido não era propriamente cordial.

– Assim é, mais uma vez.

– Então porque foram pais e filhos convidados para a festa de passagem de ano em casa da Tillie? Foi bastante tempo depois de a Tillie ter enviuvado. Permaneceu em

contacto com a família do falecido marido apesar do mau ambiente que existia entre eles?

– Olhe uma coisa, Jessica – disse ele, ao pedir a conta. – Vamos para cima antes que deem a mesa bem posicionada que reservei a outras pessoas. Responderei a essa pergunta, e a todas as outras que tiver, acompanhando-as de boa comida e de um bom vinho.

Subimos as escadas de cimento e entrámos no edifício histórico, onde um jovem cumprimentou Payne de forma afetuosa. O interior era surpreendentemente vazio, mesmo severo, com cadeiras de costas duras e chãos de pinho da Geórgia despidos. Lembrou-me edifícios que visitara na Williamsburg colonial.

Levaram-nos por umas escadas em caracol pouco estáveis até ao primeiro andar, e a uma sala pequena.

– Chama-se a Sala do Escritório – explicou Payne depois de nos termos sentado junto de uma janela. – Tem uma vista linda sobre a praça Reynolds, não acha?

– Muito bonita – concordei.

– Começaremos pela sopa de caranguejo-fêmea – disse ele.

– Eu ia sugerir isso – retorqui. – Sempre quis prová-la quando estive no Sul mas nunca cheguei a fazê-lo.

– É mais tradicional da Carolina do Sul do que da Geórgia – disse ele –, mas nós adotámo-la muito bem aqui em Savannah. Creio que foram os escoceses que a introduziram nesta zona no século XVIII. Chamavam-lhe *partan bree*, sopa de arroz e caranguejo. Claro que o facto de eu ter sangue escocês pode influenciar o meu pensamento. De qualquer modo, espero que um pouco de História não lhe desagrade.

– Gosto sempre de História.

– É uma das minhas paixões. A sopa de caranguejo-fêmea ganhou na verdade popularidade depois de o presidente da câmara de Charleston, na Carolina do Sul, um tipo chamado Rhett, receber William Howard Taft, o nosso vigésimo sétimo presidente, em sua casa. Reza a lenda que Rhett quis que a sua cozinheira enfeitasse o caranguejo-fêmea para o seu distinto convidado, que o tornasse menos pálido e mais colorido. Essa *chef* acrescentou ovas de caranguejo, que deram uma cor laranja e um sabor mais intenso. Aqui no Pink House regam-no com xerez. O melhor que já provei.

Depois de pedirmos a sopa, e Payne mandar vir uma garrafa do seu vinho preferido, voltei a perguntar o que levava a Tillie a convidar os membros da família do falecido marido, se não gostava deles.

– Digamos que Miss Tillie era um bocadinho endiabrada, Jessica. Gostava de causar sarilhos e ver o que acontecia. Havia outra razão para que mantivesse o contacto com eles. Via-os como inimigos e acreditava que, ao vigiar os inimigos, se pode evitar ser apanhado de surpresa.

– Nunca me apercebi de que era tão manipuladora – disse eu.

As suas sobrancelhas arqueadas indicaram surpresa pela minha afirmação.

– *Eu* estou surpreendido por *a Jessica* estar surpreendida – disse ele, com júbilo na voz e um brilho nos olhos. – Afinal de contas, pense na razão que a trouxe cá.

Tive de me rir. Ele tinha razão, claro. Só alguém incorrigivelmente endiabrado, como ele chamou à Tillie, poderia ter pensado no esquema que me levava a Savannah depois da sua morte. Lembrei-me durante o jantar – pato assado com molho de frutos silvestres e *hoppin' John* (feijão-frade com arroz) para mim, solha na grelha com molho de alperce e chalota para ele, e uma salada *Caesar* partilhada – que isto poderia ser tudo uma partida da

Tillie. Estaria ela a rir-se da campa ao ver como eu mordera o isco e eu prestes a descobrir que era vítima da piada? Se assim fosse, eu não me ia rir. O que me fez esquecer essa possibilidade foi o facto de o seu noivo, Wanamaker Jones, ter sido *de facto* assassinado na casa dela. Isso não era piada.

Mudámos de assunto, do homicídio para histórias da vida de Payne em Savannah, as mudanças que ele vira como médico nos últimos cinquenta anos. Era um contador de histórias encantador, com uma maneira de falar fácil, não tanto por ser sulista mas decorrente da sua personalidade. Era uma companhia de jantar fabulosa, apesar de ter de confessar que, quando acabámos os pratos principais e discutimos se deveríamos comer sobremesa, eu dera por mim ansiosa por regressar ao tema da morte de Wanamaker Jones.

– Quando as crianças encontraram o corpo de Wanamaker – perguntei, depois de ele me convencer a partilhar um bolo consigo –, onde estava?

– No salão.

– Quem mais estava consigo nesse momento?

– Tenho boa memória, Jessica, mas não assim *tão* boa. Sei que o reverendo Penny estava lá, a dormir a sono solto na cadeira ao lado da minha, e a ressonar de forma ruidosa.

– Mais alguém de quem se lembre? – perguntei.

– Deixe ver. Sim, Frank O'Neill acabara de entrar na sala. A Tillie estava com ele.

– Ficaram na sala?

– Só por um instante. Depois de ouvirmos as crianças a gritar, saímos todos da sala e fomos até às escadas.

– Levantou-se de imediato? – perguntei, com a esperança de não estar a pedir pormenores que ele provavelmente não recordava, e assim tornar-me incómoda.

– Levantei.

– Quem subiu consigo?

– Todos, pelo que me lembro. Não, minto. Os pais das crianças permaneceram ao fundo das escadas. Lembro-me disso bastante bem porque achei estranho. Quando um filho grita de angústia, um pai geralmente vai disparado em seu auxílio. Concorda?

– Com certeza.

– Bem, eles sempre foram estranhos.

– Deve ter sido um grupo grande à volta do corpo no patamar do andar de cima – disse eu.

– Na verdade, não. Mandámos as crianças imediatamente embora. Frank levou Charmelle para um dos quartos. Ela estava histérica e a piorar a situação. O Rollie mostrou-se preocupado com a polícia e com a reputação de Miss Tillie. Assim que percebi que não havia nada que pudéssemos fazer, pedi ao reverendo Penny que rezasse por ele.

– E a Tillie? Como estava ela? Era o homem com quem ia casar.

– Presumivelmente. Claro que Miss Tillie ficou transtornada, mas estava controlada. Creio que as preocupações dela eram as mesmas do Rollie.

O bolo, como todos os pratos, estava maravilhoso, assim como estava o café escuro e saboroso.

– Foi uma noite maravilhosa – disse eu depois de ele pagar a conta e descermos as escadas para a rua.

– Também gostei, Jessica – retorquiu. – Espero que tenha sido útil. Quarenta anos é muito tempo.

– A sua memória é notável – disse eu. – Tenho a certeza de que nunca conseguiria ser tão precisa. Espero poder falar consigo outra vez sobre essa noite.

– Quando quiser.

– Importa-se que faça mais uma pergunta?

– Claro que não.

– Quem acha que matou Wanamaker Jones?

– Não faço a mínima ideia – respondeu. – Além disso, mesmo se fizesse uma ideia, não queria invadir a sua área. Afinal de contas, a Tillie espera que seja *a Jessica* a solucionar o homicídio, não eu. Venha, levo-a a Mortelaine House de carro.

Achei o comentário estranho, mas não o disputei.

Encostámos em frente à casa da Tillie e Payne desligou o carro.

– Oferece-me uma bebida? – perguntou.

– Oh, receio que não. Obrigada pelo jantar e por partilhar o que sabe sobre o crime.

– Posso dar-lhe um beijo de boa noite?

– Um beijo?... Não, mas mais uma vez obrigada pela noite.

Saí do carro e dirigi-me à porta da casa. Virei-me e vi que ele ainda estava sentado no carro, a olhar para mim. Acenei, abri a porta e entrei em casa.

Era uma complicação de que eu não precisava.

CAPÍTULO 12

Fiquei surpreendida por ver Mrs. Goodall quando entrei em casa.

– Tinha coisas atrasadas por fazer – disse ela em resposta à minha pergunta, mas o seu olhar pareceu evitar o meu. – Pensei em recuperar tempo perdido. Divertiu-se?

– Sim, foi muito agradável, obrigada – respondi, perguntando-me se algo se passava. Desde que eu chegara, ela nunca ficara na casa até tarde.

O penso no meu joelho chamou-lhe a atenção.

– Como é que isso aconteceu? – perguntou.

– Tropecei e caí – respondi. – Sou uma trapalhona.

– Imagino que uma bela chávena de chá ajude a acalmar esse joelho – sugeri.

– Sabe – disse eu –, acho que tem razão, mas não quero interferir com as suas tarefas.

– Já quase acabei, Mrs. Fletcher. Uma chávena de chá também me cairá bem.

Instalei-me na cozinha e conversámos.

– Comeu bem no Olde Pink House? – perguntou.

– Perfeitamente. Provei sopa de caranguejo-fêmea pela primeira vez.

– Nunca gostei muito, apesar de a fazer para as visitas por vezes – comentou ela, pousando duas chávenas de chá quente na mesa e juntando-se a mim.

– O Dr. Payne é um cavalheiro interessante – disse eu, e bebi um gole. A sua sugestão de nos despedirmos com um beijo ficara-me na mente. Seria casado? Viúvo? Divorciado?

Alguma vez casara?

Perguntei.

– Oh, não creio – respondeu ela. – Pelo menos não que eu saiba. Para ser sincera, ele era apaixonado por Miss Tillie.

Suponho que a minha expressão refletiu a minha surpresa.

– Era bastante mais novo do que ela – disse eu.

– Não faria diferença para Miss Tillie – foi a resposta da governanta. – Havia muitos homens mais novos que se interessavam por ela – escarneceu. – Para mim, andavam atrás do dinheiro dela, como o general Pettigrew.

– O general disse que a pediu em casamento e que ela aceitou. Ela contou-lhe?

– Espero que ela tivesse mais juízo que isso. Esse não é mais do que um mandrião.

Fica em casa o dia todo, sem fazer nada.

– Wanamaker Jones era igual, também andava atrás do dinheiro dela?

– Bem, de Mr. Jones não sei. Talvez fosse diferente, mas era muito mais novo, podia ser filho dela.

– Não sabia isso – comentei, arquivando mentalmente essa informação para utilizar mais tarde. – Diz que o Dr. Payne estava interessado nela, de uma forma romântica.

Alguma vez tiveram esse tipo de relação?

– Se tiveram, mantiveram-na secreta de toda a gente. – A sua expressão suavizou-se ao refletir sobre uma memória agradável. – Se eu mandasse – disse –, teria votado no Dr.

Payne em detrimento de Mr. Jones. Mas nunca se pode votar nessas coisas, pois não?

– Não, não pode. Porque pensa assim?

– Porque é um homem decente e bom. Não me lembro muito da noite em que Mr. Jones foi morto, mas lembro-me como o Dr. Payne tranquilizou Miss Tillie. Céus, pobrezinha, quase tinha um ataque cardíaco ali mesmo. Mas o Dr. Payne falou com ela

depois de os policiais terem acabado e de o corpo de Mr. Jones ter sido levado, e acalmou-se a mesma. Ela dava-lhe sempre ouvidos, por ele ser um homem da medicina e tudo isso. Uma vez disse-me que ele era o homem mais inteligente que ela conhecera, e acredite que ela já conhecera alguns.

– Como diz, um homem bom. Onde estava quando as crianças descobriram o corpo de Mr. Jones? – perguntei.

– Oh, lembro-me como se fosse ontem. Estava na cozinha a arrumar. Nessa noite tive ajuda de pessoal doméstico.

– Incluindo o seu futuro marido?

– Como sabe isso?

Dissera eu algo que não devia?

– Creio que a Melanie o mencionou.

– Essa dá à língua sem pensar, Mrs. Fletcher. Mas é verdade. O Andrew era um carpinteiro habilidoso, e fez muito trabalho nesta casa, mas não era demasiado orgulhoso para me dizer que não quando precisei de pessoas para servir na festa. Era um homem bom, adorava ler. A Melanie sai a ele. Ele estava comigo na cozinha quando os pequenotes começaram a gritar e a chorar lá em cima. Fico com arrepios só de pensar nisso.

– Deve ter sido uma noite traumatizante para todos.

– Sim, minha senhora. Foi. Mas, como eu disse, quando o Dr. Payne levou Miss Tillie para onde pudessem estar a sós, as coisas ficaram melhores, pelo menos para ela. Saiu daquela sala toda calma, mais como costumava ser.

– Precisamos sempre duma influência calmante quando nos acontecem coisas más – disse eu.

– Foi mesmo uma noite má. A polícia interrogou o Andrew durante horas, como ao resto do pessoal também. Parecia que estavam a tentar incriminar um homem negro. Mas nem sequer o conheciam. Eu era a única que o conhecia.

– A polícia interrogou-a?

– Sim, senhora, mas não me demoraram muito. Estava lá um agente negro e ele não os deixou pressionarem-me. E Miss Tillie ficou furiosa quando me levaram. Deve ter pedido ao juiz que ligasse a alguém. Deixaram-me vir embora muito rapidamente. Fiquei muito contente por regressar à minha cozinha. Ainda estava tudo desarrumado da festa e a polícia virara a casa do avesso à procura da arma.

– Mas nunca a encontraram.

– Nunca.

– Wanamaker Jones vivia aqui nessa altura? – perguntei.

– Ficou cá naquela noite, mas em geral não. Miss Tillie tinha cuidado com a sua reputação nesse aspeto.

– A Tillie tinha uma arma em casa?

Ela abanou a cabeça.

– Eu tê-la-ia visto se tivesse. O juiz tentou dar-lhe uma para sua proteção – disse ela com uma risadinha –, mas ela respondeu-lhe que, se tivesse uma arma à mão, ainda lhe dava um tiro de propósito.

– Porque diria ela isso?

– Estavam sempre a discutir por causa de Miss O'Neill. Miss Tillie achava que ele

prejudicava a irmã, ela não deixá-la sair. «Ditador», era o que ela lhe chamava – disse ela enquanto levava as nossas chávenas para a bancada. – Ainda é – ouvi-a murmurar.

– Já agora, tem notícias da Charmelle? Está melhor?

Ela resfolegou suavemente, de onde estava a lavar as chávenas.

– É difícil saber – disse ela. – Desde que caiu e bateu com a cabeça, Miss O’Neill fica quase sempre em casa. Aquele irmão dela certifica-se disso.

Caminhei até à bancada para perguntar:

– Alguma vez a visitou depois do acidente?

– Não me autorizaram.

– O que quer dizer?

– O juiz é um manda-chuva poderoso aqui em Savannah, vai ser o mestre-de-cerimónias do desfile amanhã.

– Céus! – disse eu. – Tinha-me esquecido do desfile do Dia de São Patrício. Segundo sei, o juiz é muito protetor em relação à irmã.

– Controla-a como se ela estivesse numa prisão.

– Porquê? Eu diria que ter visitas seria terapêutico para ela.

– Não sei porque ele faz o que faz, Mrs. Fletcher. Só sei que não é um homem que devamos ofender. – Mrs. Goodall secou as mãos num pano e virou-se para mim.

– O chá estava delicioso – disse-lhe. – Era mesmo o que eu precisava. E obrigada por falar comigo sobre a noite do crime. Espero não ter interrompido os seus planos para esta noite.

– Mrs. Fletcher... – disse ela, e depois hesitou.

– Passa-se alguma coisa, Mrs. Goodall?

– Não exatamente, mas recebemos umas chamadas desde que saiu aquele artigo sobre si no jornal. Chamadas nada simpáticas.

– Ah – disse eu, compreendendo imediatamente. O artigo começara a atrair os malucos, tal como o detetive Buchwalter previra. – Lamento se a perturbaram.

– Não me importo – respondeu –, mas houve algumas ameaças. «Vai para casa, Ianque», esse tipo de coisa. Tem de ter cuidado enquanto cá estiver. Algumas pessoas não gostam que venha alguém do Norte interferir nos seus afazeres.

– Anotou algum nome?

– Pessoas dessas não deixam o nome. Limitam-se a dizer coisas feias e a desligar. – Estremeceu.

– Lamento que tenha ouvido essas coisas.

– Não precisa de pedir desculpa. Já ouvi pior. Preocupe-se consigo. Queria que soubesse, para poder estar alerta. O mundo nem sempre é um sítio agradável. – Abanou a cabeça.

– Agradeço que tenha ficado cá até tarde para mo dizer – respondi. – Prometo ter cuidado.

Ela sorriu.

Eu tinha mais perguntas a fazer, mas teriam de esperar até outra altura.

– Certifique-se de que tranca a porta depois de eu ir embora – recomendou. – Verifique a porta da frente também.

– Assim farei – disse eu.

– Se entrar no escritório, tenha cuidado com os baldes que lá pusemos por causa das

goteiras. Espero que aquela maldita fuga não fique pior – murmurou ela ao pegar na sua carteira demasiado grande, onde a deixara, num banco de igreja velho junto à porta. – Não consigo que o canalizador cá volte antes de a tolice do Dia de São Patrício acabar. Espero que não piore antes de ele voltar. Boa noite, Mrs. Fletcher. Durma bem.

CAPÍTULO 13

Gostava de ter conseguido fazer o que Mrs. Goodall dissera, mas passei a noite às voltas na cama, mais acordada do que a dormir, os meus olhos a irem constantemente para o relógio da mesa de cabeceira, que parecia trabalhar em câmara lenta extrema. 00:35. Depois do que pareceu ser uma hora, marcava 00:40. E assim foi durante a maior parte da noite.

Havia mais pessoas ao pequeno-almoço do que nas manhãs anteriores. O grupo habitual – os Grogan e o general Pettigrew – fora aumentado com os sobrinhos da Tillie, Rose Margaret Kendall e o seu irmão, Roy Richard «Rocky» Kendall. Desejei um bom-dia de forma simpática, mas a única pessoa que respondeu foi Artie Grogan. Mesmo assim, fiquei contente por Rose e Rocky estarem presentes. Deixara-lhes recados e esperava que tivessem vindo para falar comigo.

Foi depois de ir buscar uma taça com fruta e um queque e voltar a sentar-me que descobri que me enganara.

– Fez progressos na resolução de um homicídio de há quarenta anos? – disse Pettigrew, sarcástico.

– Ainda não – respondi. – Mas talvez tenha ajuda esta manhã. – Sorri na direção de Rose e Rocky, mas eles estavam ocupados a comer.

O general riu-se de forma grosseira.

– A coisa mais tola que já ouvi – respondeu. – Miss Tillie devia estar louca quando se lembrou *disso*. É uma pena que vocês os dois tenham sido vítimas do capricho dela. – Assentiu na direção dos irmãos. – Mas tenho a certeza de que ela vai acabar por vos fazer justiça. Planeiam viver aqui?

Rose olhou em redor, para a sala de jantar.

– Oh, não creio. Esta casa é tão, não sei... antiquada.

– O que eu não entendo – disse Rocky abruptamente – é o que o homicídio tem a ver com a disposição da casa. Devia ser simplesmente passada para os parentes de Miss Tillie, ou seja, nós. – Olhou para a irmã, e ambos me lançaram olhares furiosos.

– O que acontece a esta casa na verdade não me diz respeito – disse eu. – Estou aqui porque Tillie Mortelaine criou uma situação no seu testamento que requer a minha presença aqui.

– Bem, a senhora deixou-se arrastar para esta confusão – disse-me Rose. – Se não tivesse aceitado esta caça aos gambozinhos, já saberíamos a quem ela deixou a casa e nenhum de nós andaria aqui ansioso.

Fiquei surpreendida quando Samantha me defendeu.

– Mrs. Fletcher está a tentar salvar a doação para o centro de alfabetização – disse. – Vocês já receberam muito dinheiro de Miss Tillie, e ainda vão receber mais. Eu, se fosse a vocês, teria mais paciência. Atacar Mrs. Fletcher faz-vos parecer gananciosos.

Rocky soltou um grito.

– Por favor! Olhe quem fala de ganância – disse ele. – Deve estar a pensar em si própria. O que está a fazer aqui a perder tempo? Miss Tillie não lhe deixou um centavo. Nada do que Mrs. Fletcher descobrir mudará isso.

– Estamos aqui de forma legítima – disse Artie, severo. – Levamos a cabo um projeto científico de investigação, e Miss Tillie era nossa patrocinadora. Na verdade...

– Patrocinadora, uma ova – rosnou o general. – Estavam cá para a divertir, e mais nada.

– Quer falar de diversão? – disse Samantha. – Nunca ouvi Miss Tillie referir-se a si como seu noivo, coisa que o senhor alega ter sido. Talvez a diversão fosse providenciada por si.

– Minhas senhoras e meus senhores – intervim –, não há necessidade deste tipo de dissabores.

Rocky limpou a boca com o guardanapo e levantou-se.

– Deem-nos licença. A Rose e eu temos uma reunião com um jornalista.

– Mrs. Fletcher não é a única pessoa com interesses neste circo – disse Rose, levantando-se também. – O jornalista que escreveu sobre ela quer entrevistar-me a mim e ao Rocky para obter a nossa perspetiva.

– Porque haveria alguém de se interessar pela vossa perspetiva? – perguntou Samantha, parecendo satisfeita por ter conseguido lançar um golpe.

– Porque ela representa o bom senso e a decência – disse Rocky de forma rude, e levou a irmã da sala.

– Por favor esperem! – pedi-lhes. Via a minha entrevista com os dois a desvanecer, e levantei-me para ir atrás de Rose e Rocky. Samantha agarrou-me o braço.

– Eles são irrelevantes – disse ela. – O Arthur e eu temos algo extremamente importante a relatar.

– Espero que seja bom – comentou Pettigrew.

Voltei a sentar-me e esperei pelo anúncio juntamente com o general.

Samantha ergueu a mão até que ouviu a porta de casa fechar-se, depois de os sobrinhos da Tillie saírem.

– Vimos Wanamaker Jones ontem à noite – segredou ela.

A mesa ficou em silêncio. Eu quebrei-o.

– Não sei se entendo – disse.

– Vimos Wanamaker Jones – disse Artie Grogan, parecendo felicíssimo. – Esteve aqui em casa, lá em cima, no lugar exato onde foi alvejado.

– Está bem, está! Uma das vossas fantasias, com certeza – disse Pettigrew.

– Gostaria de ouvir mais – disse eu.

Artie lançou um olhar satisfeito a Pettigrew.

– Aconteceu precisamente à meia-noite – contou Samantha. – O Artie e eu sentíamos uma aura poderosa na casa há dois dias e achámos que seríamos capazes de a identificar e documentar.

– Eu estava no meu quarto à meia-noite – disse eu –, mesmo junto ao patamar do primeiro andar. Não ouvi nada. E estava acordadíssima. – Omiti o facto de ter dificuldades em dormir. Não queria dar ao general mais munições para os seus comentários desagradáveis.

– Claro que não ouviu nada, Mrs. Fletcher – respondeu Artie, cheio de si, enquanto tirava um bloco do bolso. – Quando nos confrontamos com uma presença fantasmagórica como a de Mr. Jones, temos de caminhar suavemente para não alertar o espírito da nossa presença.

– Continue – pedi, desejando que Pettigrew parasse de fazer caretas e de revirar os olhos. Eu podia não acreditar no que alegavam, mas queria ouvir tudo o que tinham a

dizer.

– Posicionámo-nos no fundo do corredor com o nosso medidor de campos eletromagnéticos portátil, é o mais pequeno, e a nossa câmara digital de infravermelhos personalizada – disse Artie.

– A que horas foi isso? – perguntei.

Artie virou várias páginas do seu bloco.

– Chegámos às onze e trinta e um (anotamos sempre as horas e o local de forma exata), e esperámos.

A mulher dele continuou a narrativa.

– Estava tudo calmo e normal – disse ela – até uns minutos antes da meia-noite. Foi nessa altura que entrou ar frio de forma repentina pelo corredor, totalmente gelado. E depois apareceu uma esfera de luz ténue, a brilhar cada vez mais.

– E? – perguntei.

– E lá estava ele, todo ensanguentado e claramente muito infeliz.

– Furioso é uma descrição mais adequada – disse o marido. – O rosto dele tinha uma expressão vingativa, como se estivesse pronto a atacar.

– Atacar-nos... a nós – acrescentou Samantha.

– O que aconteceu depois? – perguntei.

– Olhou para mim como se estivesse à procura de alguma coisa – disse Samantha. – Parecia desesperado. Depois, desapareceu tão rapidamente como aparecera. Esfumou-se. Claro que isso não é invulgar. Os espíritos, especialmente os que morreram de forma particularmente brutal, raramente ficam mais do que uns segundos.

– Mas – disse Artie bem alto e com orgulho – ficou o tempo suficiente para que eu agarrasse nisto. – Enfiou a mão numa mochila que estava no chão junto a si e tirou uma câmara.

O óbvio desprezo de Pettigrew pela sua história transformou-se em interesse. Ele inclinou-se para a frente e disse:

– Tem a fotografia dele?

O general e eu saímos dos nossos lugares e posicionámo-nos atrás de Artie. Ele ligou a câmara, e o monitor na parte de trás iluminou-se. Pettigrew e eu debruçámo-nos o mais que podíamos para ver o que a imagem continha.

– É tudo um monte de sombras – comentou Pettigrew.

– Não é, não – disse Artie. – Olhe com mais atenção. Vê aquele risco de luz vertical no centro do monitor?

– Vejo – respondi. – O que é?

– Wanamaker Jones – proclamou Samantha.

– Não me parece nada a não ser uma espécie de luz – resmungou Pettigrew.

– Os espíritos emitem uma aura de luz, nunca todo o seu ser – disse Artie, em jeito de explicação. – É muito raro ver feições ou detalhes na imagem de uma câmara. Já aconteceu, claro, há uma fotografia do fantasma de um monge no balcão de uma igreja, e outras, mas é muito raro. No entanto, consegue ver-se aqui a forma da cabeça dele. – Apontou para uma mancha cinzenta. – E aqui estão as pernas.

Samantha recostou-se, com um suspiro.

– Achamos que, agora que ele nos deixou fotografá-lo uma vez, talvez consigamos captar mais da próxima vez.

– Dispareate, puro dispareate – comentou Pettigrew, saindo da sala.
– Detesto aquele homem – disse Samantha.
– Isto vai poupar-nos muito tempo – disse Artie, dando umas palmadinhas na mão da mulher.

– Porquê? – perguntei.
– Com esta, e se conseguirmos outra imagem nos próximos dias, talvez consigamos fazer o nosso relatório sobre Mortelaine House sem ter de estudar todas as outras fotografias que tirámos.

– Devemos ter centenas de horas documentadas – disse Samantha. – Esperávamos passar toda a primavera e todo o verão a analisar as imagens.

Artie começou a repor a máquina fotográfica na mochila.

– Posso ver outra vez? – perguntei.

Ele entregou-me a máquina, e eu observei a imagem mais atentamente. Vi o que pensara ter visto na primeira passagem. Via-se na imagem uma peça rara de mobiliário vitoriano no corredor do andar de cima. Não havia dúvida de que Artie tirara a fotografia onde dizia ter tirado. O que causara a aparição do risco de luz naquele momento?, perguntei-me. Era óbvio que não viera de nenhum ponto de luz do corredor. Haviam-no criado de forma artificial? Se assim fosse, não sabia como o haviam feito. Não era luz como a conhecemos. Era uma luz cinzenta, esbatida e etérea.

– Obrigada – disse-lhe, entregando a máquina.

– Pelo menos tem a mente aberta – respondeu Artie.

– Tento ter – disse eu. – Obrigada por mo mostrar. É interessante. – Pensei no comentário do Dr. Payne sobre chamar a alguma coisa «interessante», e tive de sorrir ao pedir licença e dirigir-me ao meu quarto.

Parei no patamar do primeiro andar, junto à peça de mobiliário que vira na fotografia dos Grogan e olhei para a área em seu redor, prestando especial atenção às luzes. Pelo que eu via, nenhuma delas, apliques nas paredes e dois candeeiros de mesa, teria dado o tipo de luz que vira na fotografia.

É espantoso que não os tenha ouvido, pensei. A idade tinha-me afetado a visão; há anos que preciso de óculos. Mas a minha audição sempre foi ótima. Que Artie e Samantha pudessem entrar em casa, esgueirar-se escadas acima e tirar fotografias sem que eu sentisse a sua presença ou detetasse qualquer som que indicasse que estava alguém no corredor junto ao meu quarto... bem, isso perturbava-me mais do que a ideia de um fantasma assombrar Mortelaine House.

Talvez fosse a minha desilusão com os meus débeis sentidos que me fez escutar com mais atenção, mas os meus ouvidos captaram um ruído que não ouvira antes. Vinha de trás da parede entre o meu quarto e o seguinte. Encostei o ouvido ao papel de parede às riscas. Água a correr? Nunca reparara nisso. Abri a porta do outro quarto e espreitei. Não havia quarto de banho, nem sequer um armário. Será que alguém tinha ligado uma torneira ou puxado o autoclismo lá em baixo, e eu estava a ouvir o eco no andar de cima? Esperei para ouvir se a água parava. Mas não parava. E não parecia vir de muito longe. Estava bastante perto. Era óbvio que alguma coisa se passava atrás da parede. Talvez um cano que desenvolvera uma fuga minúscula. Ou talvez a solda tivesse estalado na junção de dois canos. Seria esta a causa da humidade lá em baixo, onde eu estivera? Era uma boa possibilidade. Esperei que não piorasse até o canalizador voltar na segunda-feira de manhã.

e que ele conseguisse encontrar e reparar o problema. Avisaria Mrs. Goodall deste novo sintoma quando a visse outra vez.

Melanie advertira-me para chegar ao trajeto do desfile cedo, para assegurar uma posição decente. Dado o que ela dissera, era provável que fosse já tarde demais para o conseguir, mas decidi dirigir-me ao lado oeste da cidade de qualquer modo. Tinha um almoço marcado com o sobrinho de Wanamaker Jones e os seus pais no mercado municipal e esperei que descobrir mais sobre o noivo da Tillie me ajudasse a encaixar algumas peças do *puzzle*.

Saí e olhei para cima. Os patrocinadores do desfile estavam com sorte; o céu estava de um azul-cobalto, com apenas umas nuvens finas a manchar-lhe a beleza. Fazia fresco e havia uma brisa no ar. Respirei fundo e saí, em passo enérgico. Precisava de um belo passeio para tirar as teias de aranha do cérebro depois de uma noite de sono irrequieto.

Não cheguei longe. Parei em frente ao hotel que fora construído ao lado da mansão da Tillie e admirei os jardins bonitos que decoravam a sua fachada. O hotel parecia composto por uma série de casas de Savannah de estuque ocre, com o máximo de quatro andares, juntas para formarem um edifício longo. Tinha todos os detalhes clássicos: janelas altas com várias vidraças e frontões em forma de raio e portadas verde-escuras, varandas de ferro forjado pintadas a condizer, e na entrada uma escadaria de cimento larga com vasos enormes, todos verdes e brancos para marcar a ocasião, dos dois lados do patamar e das portas duplas com talhas de chumbo.

Decidi entrar para ver se o interior era tão impressionante como o exterior. Na leitura do testamento, Rose e Rocky haviam deixado escapar que o hotel já os havia contactado em relação à casa da Tillie. Quereriam os donos do hotel comprá-la só para a anexar e aumentar o tamanho do hotel? Não sou de todo contra o progresso, mas demasiadas vezes os interesses comerciais ultrapassam as considerações históricas, e desejei que as intenções de expansão do hotel não incluíssem a bela e antiga casa da Tillie. Além disso, o hotel já me parecia suficientemente grande. Tive de admitir que quem quer que o tivesse projetado tentara fazer com que se englobasse bem na vizinhança principalmente residencial. Claro que no bairro histórico havia bastantes hotéis modernos construídos com o propósito de imitar os seus vizinhos antigos.

O átrio estava bem decorado e era acolhedor. Havia uma fonte que providenciava um som de fundo murmurante, e quadros grandes, coloridos e modernos nas paredes de ambos os lados da receção acrescentavam charme ao ambiente geral. À esquerda estava a mesa do porteiro e o posto do chefe dos paquetes. À direita era a entrada de um restaurante. Fui até à porta e dei uma olhadela ao menu que estava afixado junto a um pódio. Os pratos listados eram simples e incluíam algumas especialidades sulistas típicas. Jantar lá poderia ser um descanso merecido das refeições pesadas que andava a comer. Entrei e olhei em redor. Alguns cubículos estavam ocupados, à semelhança de algumas das mesas. Se me decidisse a comer alguma coisa fora de casa durante a minha estada, com certeza que experimentaria.

Enquanto admirava a decoração elegante, um cubículo no canto mais distante da sala, que não era muito grande, chamou-me a atenção. Lá sentados estavam dois homens com fatos escuros, um que parecia rondar os trinta anos, o outro de meia-idade. Com eles

estava o general James J. Pettigrew. Um pacote com uma bandeja de prata nas mãos falou com o homem mais jovem, que se levantou, disse algo aos colegas e se dirigiu à porta. Virei costas à mesa para não ser reconhecida pelo general. O jovem passou por mim rapidamente, pedindo licença, e eu segui-o para fora do restaurante. Ficando a rondar no átrio, vi-o a conferenciar com uma das rececionistas. Ela entregou-lhe um bloco de notas com mola, ao qual ele lançou uma olhadela. Depois, escreveu algo, devolveu-lhe o bloco e voltou para o restaurante.

Fui à secretária da recepção.

– Aquele cavalheiro com que acabou de falar – disse eu. – Acho que o conheço.

– É provável que conheça se já ficou hospedada connosco, minha senhora – respondeu ela com um sorriso aberto e um sotaque sulista cerrado. – É Mr. Daley, o nosso diretor-geral e um dos donos do hotel. Posso ajudá-la de alguma maneira? Precisava de falar com Mr. Daley? Posso chamá-lo outra vez.

– Oh não, obrigada. Não queria voltar a incomodá-lo. Por acaso conhece os outros cavalheiros com quem ele está a comer? Há um deles que também me parece familiar.

– Não sei – disse ela, parecendo genuinamente triste por não poder responder à minha pergunta.

Agradei-lhe e virei-me para ir embora, e ela chamou-me.

– Hoje de manhã vi Mr. Daley falar com o nosso consultor imobiliário, Mr. Pettigrew. Talvez seja o homem que reconheceu.

– Sim, é provável que seja. Disse consultor imobiliário?

– Creio que é a pessoa que está à frente dos planos de expansão.

Voltei a agradecer-lhe e saí, respirando fundo o ar fresco e refrescante. Parecia que o «noivo» da Tillie tinha motivos ocultos para além da corte que lhe fizera. Desejei com fervor que ela não se tivesse deixado enganar pelo general. Desejei que ela não tivesse sido vítima de nenhuma artimanha dele, e que não tivesse caído nas suas falinhas mansas. Mas, acima de tudo, desejei que o envelope selado na posse de Mr. Richardson não desse ao general Pettigrew o direito de anexar a casa ancestral da Tillie e torná-la parte de um hotel.

CAPÍTULO 14

Melanie dera-me um mapa do trajeto do desfile, e eu ia ter de atravessá-lo duas vezes para chegar ao lado ocidental da cidade, onde me ia encontrar com os Jones. A alternativa era caminhar para a zona alta da cidade, durante vinte ou mais quarteirões, até à ponta mais distante de Forsyth Park, continuar para oeste durante vários quarteirões, e depois voltar para o centro da cidade e caminhar a mesma distância. Se fosse por esse caminho, com certeza que chegaria atrasada ao meu encontro. Atravessar Abercorn Street, onde o desfile ia começar, seria o meu primeiro desafio.

A dois quarteirões de distância, ouvi tambores e o rugido de aprovação da multidão ao ver o primeiro dos veículos do desfile. Avancei rapidamente, tentando contornar ajuntamentos de pessoas caminhando lentamente enquanto agitavam bandeiras irlandesas e americanas. Havia muitos pais a empurrar crianças em carrinhos decorados com fitas verdes e um bebé chuchava num biberão com leite verde. Todos estavam vestidos de verde. Tinham roupas verdes, ou transportavam balões verdes, ou tinham fios com contas verdes ao pescoço, ou tinham chapéus verdes. Alguns tinham trevos pintados nas faces. Outros haviam pintado o cabelo de verde, ou tinham perucas verdes. As casas tinham laços verdes nos batentes das portas. Havia fita verde enrolada à volta de corrimãos e pendurada nas árvores. Parecia que uma loja de tinta explodira e cobrira todas as pessoas das redondezas de verde vivo.

Olhei para a minha roupa. Vestira um fato de lã preta, ainda estava frio em meados de Março, e combinara-o com uma camisa azul-clara, mas o meu lenço era verde e azul, e prendera um trevo de prata na lapela. Esperei que fosse aprovado pelos foliões irlandeses. Afinal de contas, eu podia reivindicar antepassados adequados: a minha mãe nascera na Irlanda.

Um homem com um roupão sujo, que fora em tempos branco, com um letreiro nas mãos que dizia «O FIM ESTÁ PRÓXIMO», colocou-se à minha frente.

– O fim está próximo, minha irmã – entouou ele, agitando a vara de madeira comprida à qual fora afixado o letreiro. – Estás pronta para conhecer o teu criador?

– Com licença – disse eu, tentando esquivar-me.

Ele espelhou os meus movimentos, impedindo-me de passar, e gritou:

– Senhoras e senhores, o fim está próximo! O mundo está prestes a explodir. Sois todos pecadores. – Acenou um braço num arco largo, e depois aproximou o rosto do meu. – Todos os pecadores devem arrepender-se. Repito: Irmã, estás pronta para conhecer o teu criador?

– Neste momento, não – murmurei, ficando cada vez mais irritada por ele continuar a impedir-me a passagem. Uma pequena multidão começara a rodear-nos, a rir, a apontar e a vaiar o homem. Olhei em redor, aflita.

– Pecadores! Riam-se se quiserem, mas vão todos passar a eternidade nas chamas – gritou ele, a bater com a vara no chão.

Um homem com uma *t-shirt* a dizer BEIJA-ME, SOU IRLANDÊS, a passar com a namorada, agarrou o homem pelo ombro e empurrou-o para o lado.

– Sai do caminho. Estou a tentar chegar ao desfile.

– Irmão, vais arder pelos teus pecados.

– Talvez, mas primeiro vou ver o desfile – respondeu o homem.

– Se me dão licença – disse eu, contornando os dois. O homem da *t-shirt* desviara a atenção de mim; só por isso merecia ser beijado, fosse irlandês ou não. Mas, em vez de o beijar abri caminho pelo círculo de espectadores, apenas para dar por mim a fitar as nucas de mais pessoas que se dirigiam lentamente para Abercorn Street.

Desci do passeio para a rua, onde a multidão era ligeiramente mais densa, e serpenteiei por entre ela, até chegar ao cruzamento. Passavam os primeiros participantes na marcha, uma banda filarmónica com soldados de uniforme verde (evidentemente) que transportavam as bandeiras americana, irlandesa e do estado da Geórgia. Uma jovem com batom vermelho-vivo saiu da multidão, correu até um dos porta-bandeiras e deu-lhe um grande beijo, deixando uma marca vermelha apenas um pouco mais viva do que a face corada do soldado. Ela voltou para o passeio, a rir-se e a erguer o punho de forma vitoriosa, e depois tirou um batom do bolso e refrescou a cor dos lábios. Enquanto passavam mais soldados, reparei em alguns jovens com marcas de batom vermelho, o que era uma tradição do desfile em Savannah, como eu descobriria mais tarde.

Atrás dos soldados estava um grupo de dignitários a caminhar atrás de duas escoteiras que transportavam uma faixa, e atrás delas um carro aberto onde estavam sentados o mestre-de-cerimónias e dois acompanhantes. Os três homens vestiam *blazers* com faixas verdes debruadas a ouro e medalhas penduradas com fitas verdes, brancas e laranjas. Reconheci o juiz Frank O'Neill imediatamente. Estava sentado no meio, e acenava às pessoas de ambos os lados da rua, e elas respondiam com aplausos educados. Tive a certeza de que muitas delas não faziam ideia de quem ele era.

Se a memória não me engana, os mestres-de-cerimónia habitualmente caminham no desfile que os homenageia. Mas a idade e a doença do juiz O'Neill tornavam isso impossível. Admirei a sensibilidade dos organizadores do desfile de autorizarem que a pessoa homenageada fosse no carro. Claro que ele podia ter sido empurrado na cadeira de rodas enquanto os outros caminhavam, mas calculei que Frank O'Neill não quisesse que o público o visse de outra forma que não a do jurista vigoroso que servia o seu distrito há mais de quarenta anos. Ele teria visto a cadeira de rodas como um sinal de fraqueza.

Um conjunto de tambores seguiu o carro do mestre-de-cerimónias e depois veio uma série de carros abertos com mestres-de-cerimónia anteriores. Um carro alegórico coberto de flores tinha três mulheres bonitas, a Miss Dia de São Patrício e a segunda e terceira classificadas. Um grupo de homens com *kilts* tocava gaitas de foles, o som estridente dos seus instrumentos a abafar o som dos vendedores a apregoarem a sua mercadoria em voz alta e as multidões que davam vivas.

Espreitei pela Abercorn Street, tentando discernir uma aberta no desfile por onde pudesse atravessar a rua a correr, cruzando os dedos para que a polícia não me multasse ou me prendesse ali mesmo. Não parecia haver um intervalo por perto. Outro grupo de porta-bandeiras aproximou-se da minha posição; atrás dele, um conjunto de tambores e cornetas seguido de um grupo com uma faixa da Sociedade Hibernia. As bandeiras eram transportadas por quatro pessoas a cavalo. Havia dois palominos, seguidos de um par de cavalos brancos cuja pele fora tingida de verde para o feriado. Abanei a cabeça, sorrindo com toda aquela tolice. Estariam os cavalos orgulhosos do seu pelo verde ou considerá-los, como eu, uma indignidade? Perguntei-me sobre o que os outros cavalos do estábulo pensariam dos seus companheiros que agora eram verdes. Estariam os seus vizinhos equinos a rir-se à socapa? Estariam invejosos da atenção? Ou seriam os cavalos

daltónicos? Conseguiriam reconhecer uma mudança de cor neles próprios ou noutros? Faria alguma diferença se conseguissem? Teria de pesquisar isso. Uma das coisas de que mais gosto na profissão de escritora é a oportunidade de pesquisar toda a espécie de questões estranhas, maravilhosas e até ridículas.

Os cavalos estavam quase ao meu lado quando as pessoas na multidão começaram a empurrar, dando-me encontrões e desequilibrando-me. Ouviram-se vozes furiosas.

– Ei, parem com isso.

– Eu cheguei primeiro.

– Quem pensas que és?

Aconteceu tudo tão depressa, não pude preparar-me para o que se passou a seguir. Senti duas mãos fortes a empurrar-me por trás. Caí para a frente contra o flanco de um dos palominos, que relinchou e deu um passo para o lado. Caí para o passeio, aturdida. Fui alertada para uma dor lancinante. O meu joelho, já ferido, sofrera outro golpe. Girei sobre a anca para aliviar o desconforto, apenas para ver o cavalo verde sobressaltado a empinar-se, o seu relinchar assustado mais alto do que as notas das cornetas da banda. Olhei para cima. Os seus cascos dianteiros agitavam-se no ar, mesmo sobre a minha cabeça. Encolhi-me, fechei os olhos e levantei o braço para proteger o rosto das patas com ferraduras que com certeza me rachariam o crânio quando me batessem. Mais tarde, disseram-me que o cavaleiro, uma mulher de rara perícia, puxou as rédeas abruptamente para a esquerda e conseguiu controlar a bandeira e o seu cavalo verde, que cambaleou para trás e girou para a esquerda antes de pousar as patas.

Enquanto os cavalos se afastavam de mim, enrodilhada no chão, umas mãos pegaram-me sob os braços e joelhos e levaram-me para o passeio, por entre a multidão.

– Está bem?

– Quem lhe fez isto?

– Parem de empurrar. Não veem o que aconteceu?

– Ela está bem.

Uma mulher foi buscar a minha carteira, que me voara do ombro quando eu caíra. Espero ter-lhe agradecido. Estava tonta, com a dor do joelho. Foi um acidente? Não tinha a certeza. Alguém me empurrou. Sabia isso. Empurrara-me inadvertidamente, um resultado da multidão a procurar posição? Ou fora intencional?

– Jessica! Jessica! Está bem? – O rosto do Dr. Warner Payne flutuou à frente do meu.

Abanei a cabeça para limpar as teias de aranha e apercebi-me de que estava sentada no passeio. Warner ajudou-me a levantar, e limpei as calças com as mãos, tentando não parecer tão humilhada como me sentia.

– Tenha calma com esse joelho – disse ele, oferecendo-me o braço para que me apoiasse. – Devíamos procurar um sítio para descansar. Quer água? Podia ter sido um acidente feio.

– Como? – comecei a dizer, e depois parei. – Não entendo. Como sabia que eu estava aqui?

Warner passou os dedos pelo cabelo, fazendo com que ficasse espetado. O gesto já me era familiar.

– Eu estava no desfile com os hibernianos – disse ele. – Estávamos mesmo atrás dos conjuntos de tambores e cornetas. Vi tudo acontecer como se fosse em câmara lenta. Claro que teria ajudado logo se houvesse feridos. Mas não me pareceu haver. E depois apercebi-

me de que eu era a Jessica e vim a correr.

Não sei por que duvidei da história dele. Tinha o mesmo casaco verde que tantos participantes usavam. Mesmo assim, achei que teria conseguido vê-lo numa multidão. Tinha um cabelo branco característico. Como podia não ter reparado nele com os participantes do desfile? Conhecia o aspeto dele. Jantáramos juntos na noite anterior.

Teria sido pouco educado virar-me para algumas das pessoas à minha volta para confirmar o que ele dissera, perguntar-lhes se o haviam visto no desfile, ou se na verdade estivera atrás, escondido na multidão atrás de mim, à espera da oportunidade perfeita, do momento exato para me atirar para a frente dos cavalos, sabendo que ficaria gravemente ferida, ou pior.

Mas que razão teria ele para me pôr em perigo?, perguntei-me. Que motivo poderia ele ter? Ontem à noite namoriscou comigo. Quis beijar-me. Isso não indica que tem sentimentos bondosos por mim? Será que o avaliei assim tão erradamente?

– Jessica, bateu com a cabeça quando caiu? Parece um pouco desorientada.

A voz dele estava cheia de preocupação e fiquei envergonhada por ter duvidado da sua explicação de como me encontrara.

– É a dor – disse eu, fazendo um esgar. O meu joelho latejava.

– Deve ter voltado a ferir a articulação quando caiu. Quer que dê uma vista de olhos?

– Aqui não, isso é certo – disse eu, sorrindo de forma forçada.

– O que estava a fazer no meio dos espectadores, de qualquer modo? – ralhou ele. – O Rollie disse-me que lhe ofereceu uma vista perfeita do desfile a partir de uma cadeira confortável no escritório dele.

– Ofereceu – disse eu, pensando que, se quisesse ver o desfile, fazê-lo sentada à frente de uma janela panorâmica no escritório do advogado Richardson era com certeza preferível a lutar por um espaço no trajeto do desfile juntamente com milhares de pessoas. Expliquei que pensara dar a volta ao desfile a pé, mas que era muito longe, e que estava simplesmente a tentar arranjar um oportunidade de atravessar a rua. – Tenho um encontro marcado no mercado municipal. – Olhei para o relógio. – Receio que vá chegar atrasada.

– Existem táxis nesta cidade – disse ele de forma suave. – E, com o seu joelho ferido, teria sido uma decisão sensata.

– Envergonha-me dizer que não me lembrei disso – respondi.

– Se não se importa de andar, mostrar-lhe-ei agora como atravessar a Abercorn Street.

– Ficarei em dívida para consigo – disse-lhe, colocando delicadamente o meu peso sobre o joelho ferido.

Warner chamou um dos vendedores, tirou umas notas de um maço que tinha no bolso, e pouco tempo depois deu-me um belo cacete irlandês, um *shillelagh*. Eu teria rejeitado uma bengala, mas o pau nodoso combinava com as festividades, e apoiei-me nele de bom grado. Warner esperou até que um grupo de participantes no desfile com uma faixa da Shenanigans Society estivesse à vista. Quando estavam ao nosso lado, ele entrou no desfile de braço dado comigo. Assentindo e sorrindo para os outros participantes, manobrou de forma a tomarmos uma trajetória diagonal a partir de um dos lados da Abercorn Street, chegando ao outro lado um quarteirão depois. No cruzamento seguinte, acenou para os colegas e guiou-me de forma hábil para fora do desfile, para lá de uma barreira policial e para a rua, em direção a oeste.

– Porque não pensei nisso? – perguntei. – Estava preo-cupada que a polícia me

passasse uma multa se tentasse atravessar.

– E teria passado – disse ele. – O truque é parecer que se é um dos participantes do desfile e abandoná-lo como se saísse de um autocarro quando se chega à nossa paragem.

Ri-me.

– É um tipo matreiro.

– Já me chamaram coisas piores – disse ele.

Encontrámos um hotel na esquina seguinte, chegando ao mesmo tempo que um taxista encostava para largar um passageiro. Warner abriu-me a porta e disse ao condutor aonde eu ia.

– Levante o pé quando chegar a casa e diga a Mrs. Goodall que lhe dê uma compressa com gelo. Deve ajudar.

– Assim farei – disse eu, e agradeci-lhe.

– E por favor ligue-me se precisar de alguma coisa para as dores.

Mandou-me um beijo quando o táxi arrancou e se afastou do passeio.

Recostei-me no banco de couro e passei a mão pela madeira nodosa do *shillelagh*. Passou-me pela cabeça uma frase de uma opereta de Gilbert e Sullivan. «As coisas raramente são o que parecem. Leite magro faz-se passar por nata.» Murmurei o refrão:

– É verdade, isso é que faz.

CAPÍTULO 15

O condutor afro-americano tinha um chapéu de palha verde. Deixou-me em frente do mercado municipal e desejou-me um bom dia, que eu retribuí. O famoso mercado histórico foi justamente isso em tempos, um lugar para onde agricultores e pescadores levavam a sua mercadoria e o peixe do dia para vender aos habitantes da cidade, há mais de dois séculos. Na altura, o mercado era o centro comercial e social da vida da Savannah do século XVIII. Hoje em dia, é um destino popular e atrai turistas e nativos em iguais números para as galerias de arte, boutiques e restaurantes que povoam os dois lados de uma passagem pedonal. Caminhei com dificuldade pelo centro do mercado, apoiando-me no *shillelagh* que Warner Payne me dera e tentando não tropeçar nos jovens à minha volta. Uma banda de *Dixieland* estava a tocar mais abaixo na rua e várias crianças dançavam enquanto os pais batiam palmas ao ritmo da música. Outras crianças lambiam grandes nuvens verdes de algodão-doce. Outras ainda perseguiam-se à volta dos cavaletes montados por artistas que faziam desenhos a carvão ou pintavam retratos em tons pastel dos turistas do Dia de São Patrício.

Já visitara o mercado em viagens anteriores a Savannah, mas nunca comera no café. Havia uma fila comprida que serpenteava desde a porta ao espaço público. Manquei à volta dos convivas que esperavam e abri caminho até ao interior do restaurante. O jovem que me recebeu olhou para o relógio e disse:

– Vai demorar cerca de quarenta e cinco minutos até se poder sentar. Quer que anote o seu nome e reserve mesa para uma pessoa?

– Não, venho encontrar-me com umas pessoas – respondi. – Creio que Mr. Jones fez uma reserva.

Ele consultou a lista de reservas.

– O seu grupo já chegou.

Joseph Jones, o sobrinho de Wanamaker Jones, estava sentado a uma das mesas da agradável secção exterior limitada por uma sebe verde. Sentado com ele estava um casal idoso que presumi serem os seus pais. A localização ao ar livre era o lugar perfeito para observar o entusiasmo da cidade com a sua herança irlandesa, retratada pelos trajes e maquilhagem das pessoas que se haviam engalanado para o acontecimento. As pessoas que preferiam não enfrentar as multidões no trajeto do desfile assinalavam ainda assim o feriado usando algo que indicasse entusiasmo com as festividades. Mas eu estava mais interessada no que os pais de Joseph Jones tinham a dizer do que nas expressões de fidelidade irlandesa de Savannah. Felizmente, apesar de haver muitas conversas entusiasmadas à minha volta, foi fácil ouvir Joseph Jones, que se levantou quando me aproximei com a minha perna ferida e estendeu a mão.

– Que bom ter conseguido vir – disse ele –, mas o que lhe aconteceu?

Sentei-me e forcei um riso.

– Estava no lugar errado na altura errada – respondi.

Apresentou-me os pais, John e Mabel Jones. John era um homem de estatura média e magro, um homem bonito que tinha uma certa vaidade, o tom laranja dos seus caracóis resultava provavelmente de tinta. O seu rosto ossudo era agradável, o seu sorriso rápido e natural. A mulher, Mabel, pareceu-me muito enérgica, como eu, e à medida que o almoço progredia, as menções das atividades em que participava confirmaram isso.

– O seu irmão tinha um nome invulgar – disse eu ao pai.
Ele sorriu.
– Sim, mas Wanamaker não era o nome de batismo dele.
– Assim me foi dito – retorqui. Virei-me para Joseph, que não dissera nada depois das apresentações. – O seu nome é uma homenagem ao seu tio? Segundo sei, o nome verdadeiro dele era Joseph.
Foi a mãe quem respondeu.
– É verdade. Demos-lhe o nome do irmão do John, embora eu confesse que não fui a favor.
O marido riu-se e disse:
– Ela e o meu irmão Joe nem sempre se deram bem. Ele era um tipo rebelde, estava sempre a meter-se em sarilhos.
– Zaragatas? – perguntei.
– Não. O Joe era pelo amor, não pela guerra, como diz a expressão. Mas parecia envolver-se frequentemente com as pessoas erradas: jogadores, vigaristas, pessoas assim. Apesar de tudo, geralmente safava-se dos sarilhos com conversa. Não tive de o livrar de sarilhos muitas vezes.
Mabel ergueu o olhar e abanou a cabeça lentamente.
– Como se lembrou ele do nome Wanamaker? – perguntei.
John encolheu os ombros.
– Ficava no ouvido e era suficientemente diferente para lhe agradar, suponho eu. Ele precisava sempre de ser diferente das outras pessoas.
– Isso era importante para ele? – perguntei. – Ser diferente dos outros?
– Oh, sim – disse John Jones. – O Joe nunca suportou o conformismo e a rotina. Foi por isso que saiu de casa e viveu à sua maneira.
– Como era essa maneira? – perguntei.
A resposta foi interrompida por uma empregada de mesa que perguntou o que queríamos. Pegámos nos nossos menus e olhámos para os pratos à disposição. Joseph escolheu uma sanduíche de ostras fritas à moda de Nova Orleães, e todos optámos pelo mesmo com exceção de Mabel, que preferiu uma tosta de queijo com corações de alcachofra. John pediu uma cerveja; os restantes escolheram beber *Hank's Philadelphia Root Beer*.
– Que estava a dizer, Jessica? – disse Mabel.
– Estava a perguntar como é que Wanamaker Jones vivia a sua vida. Sabe, estou aqui em Savannah para...
– Oh, sabemos porque está aqui, querida – respondeu ela. – Saiu nos jornais.
– E o Joseph também nos contou tudo – disse John. Fez um som de escárnio. – Essa Miss Tillie era uma personagem. Não me surpreende nada que tenha incluído uma coisa assim no seu testamento.
Joseph disse:
– Ela deve ter sido um bom par para o tio Joe, ou melhor tio Wanamaker, apesar de eu não pensar nele com esse nome.
– Por serem ambos pessoas invulgares? – perguntei.
Ele assentiu.
– Eu gostava do estilo dele. Era pequeno quando ele morreu, mas lembro-me de ouvir

histórias sobre as suas aventuras. Vinha-nos visitar ao volante do maior carro do mundo, sempre vestido de forma elegante e cheio de presentes. – Virou-se para a mãe. – Lembras-te, mãe?

– Claro que lembro. Ele tinha realmente estilo. Isso tenho de admitir.

O almoço foi servido e a nossa conversa foi posta em pausa para a comida assumir o protagonismo. A sanduíche estava deliciosa, com uma maionese crioula picante a acrescentar sabor.

– Onde cresceram, o senhor e o seu irmão? – perguntei a John.

– Mudámo-nos algumas vezes. O nosso pai trabalhava no negócio do petróleo, era operário nos oleodutos, por isso mudávamo-nos para onde havia trabalho. Estávamos a viver no Oklahoma quando o Joe saiu de casa. Tinha dezoito anos.

– E o senhor também saiu.

– Eu era mais caseiro. Obtive uma bolsa de estudos para uma faculdade pequena em Tulsa e estive lá quatro anos, licenciiei-me em Gestão. Desde então que tenho sido um vulgar contabilista.

A mulher censurou-o.

– Não digas isso, John. Saíste-te muito bem.

– É a minha maior fã – disse ele, dando-lhe umas pancadinhas na mão que estava pousada na mesa.

– É assim que deve ser – respondi. O joelho doía-me e esfreguei-o com as pontas dos dedos discretamente, sob a mesa.

– Estamos para aqui a falar de nós próprios – disse Mabel –, e a senhora é uma escritora famosa. Devíamos ouvi-la a si.

– Na verdade – disse eu –, quis encontrar-me convosco porque conhecem o verdadeiro Wanamaker Jones. Preciso da vossa ajuda. Estou decidida a cumprir os desejos expressos por Tillie Mortelaine no testamento, e descobrir quem matou o seu cunhado, Mabel.

Ela brincou com a comida que tinha no prato e depois ergueu o olhar para mim.

– Todos gostaríamos que isso acontecesse – disse ela, com voz suave. – Um homicídio. É uma coisa tão baixa. O Joe podia ser irresponsável, desiludiu-nos muitas vezes. Estava sempre falido, não conseguia poupar dinheiro, mas quando tinha algum era a pessoa mais generosa do mundo. Não sei como alguém poderia querer matá-lo.

O marido riu-se.

– Quiseste matá-lo muitas vezes – disse ele.

– Conhecia Tillie Mortelaine? – perguntei.

– Não na altura – respondeu John. – Nem sequer sabíamos que o Joe estava em Savannah até que descobrimos que fora morto. Da última vez que entrara em contacto connosco estava na Nova Inglaterra, a fazer a corte a uma senhora em Newport, Rhode Island.

– O que aconteceu a essa relação? – perguntei.

Ele encolheu os ombros.

– Ele nunca nos contou, mas palpita-me que ela o desmascarou. Era mais velha do que o Joe, *muito* mais velha.

A mulher adotou uma expressão severa.

– Sei o que a Mabel está a pensar, e tem razão – disse o marido. – O Joe gostava de mulheres mais velhas com dinheiro, muito dinheiro. Estudava-as, sabia do que gostavam.

Podia ser o que fosse preciso no momento, bom dançarino, jogador de póquer e de crôquete. Era muito mais sofisticado do que eu. – Piscou o olho à mulher, que suspirou.

– O John está sempre a rebaixar-se – disse ela –, mas tem o que o Joe nunca teve. Integridade. E isso significa muito mais do que ser bom jogador de golfe ou tocador de piano.

John riu-se.

– Não tenho ouvido, de qualquer modo. – Virou-se para mim. – O Joe disse-me que aprendeu a tocar piano quando trabalhou nalguns estabelecimentos de reputação duvidosa em Nova Orleães. Claro que eu não acreditava em tudo o que ele dizia. Era muito divertido, mas tinha o hábito de esticar a verdade de vez em quando.

– Mais vezes do que o oposto – murmurou Mabel.

– Sim – disse o marido. – De qualquer forma, depois de a polícia nos descobrir, disseram-nos que o Joe estava noivo de Miss Tillie Mortelaine. Telefonámos-lhe, para nos apresentarmos e consolarmo-nos uns aos outros por causa da morte do Joe. Miss Tillie confirmou que planeavam casar-se. Fiquei aliviado por não ter sido a noiva a alvejá-lo. Já acontecera antes.

– Hã?! – exclamei.

Mabel continuou a história.

– Uma das pobres senhoras ricas com quem ele se meteu tentou vingar-se.

Joseph, que estivera impassível enquanto o pai contava mexericos sobre o tio, recostou-se, abanou a cabeça e riu-se.

– Não foi engraçado, Joseph – repreendeu-o a mãe. – A pobre mulher perdeu a maior parte do dinheiro graças a alguém que conhecera como Gimbel Jones, e quase o matou. A bala passou-lhe de raspão na face e atravessou a sobancelha. Francamente, não a censuro.

– Onde aconteceu isso? – perguntei.

– São Francisco – respondeu John. – Acusaram-na de tentativa de homicídio, mas, quando o juiz descobriu os antecedentes do Joe, arquivou o caso e disse que considerava que fora uma tentativa de homicídio justificada.

– Devo admitir – disse eu – que o seu irmão era fascinante, se bem que de uma forma algo negativa.

O Joseph mais novo disse:

– O meu tio era sempre o tema de conversa, em todos os jantares de Ação de Graças. É sempre assim, não é? A ovelha negra da família recebe sempre a atenção toda.

– Pelas razões erradas – disse a mãe.

– Eu sei, eu sei – disse o filho –, mas tem de admitir que é verdade.

– O que faz profissionalmente? – perguntei-lhe.

– Sou contabilista, como o meu pai. Não é uma forma especialmente emocionante de viver a vida.

– Mas é honesta – disse a mãe.

– Não conheces os contabilistas que eu conheço – disse ele em tom de brincadeira.

Insisti em pagar a conta e agradei a Joseph por me ter juntado com os pais.

– Quanto mais descobrir sobre Wanamaker – disse eu –, mais hipóteses terei de desvendar o homicídio.

Joseph ofereceu-se para me deixar em casa a caminho do hotel dos pais. No carro, contei-lhes o que pensara durante a nossa conversa:

– Pergunto-me se terá havido outros homens a disputar as atenções da Tillie.

– E o dinheiro dela? – disse John, esfregando o queixo, pensativo. – Não me surpreenderia. Antes de a mulher em São Francisco ter alvejado o meu irmão, lembro-me de ele se queixar de que havia patifes atrás do dinheiro dela. – Riu-se com vontade.

Mabel acrescentou o seu comentário:

– Olha quem fala.

Voltei a agradecer-lhes ao sair do carro em frente à casa elegante da Tillie.

– Ficamos na cidade por mais uns dias – disse John Jones. – Pode ligar-nos quando quiser se houver mais perguntas que queira fazer.

Assegurei-lhes que o faria e acenei a minha despedida enquanto o carro arrancava.

Mrs. Goodall estava a polir a mesa de jantar quando entrei pela porta da frente. Parei para falar com ela.

– Há hipótese de me arranjar um saco de gelo? – perguntei.

Ela olhou para o *shillelagh* que eu tinha na mão, depois para a perna das minhas calças, que tinha uma mancha de sujidade e um rasgão feio por causa do incidente no desfile. Eu estava mais aborrecida com isso do que com o joelho, que agora com certeza estaria a ficar com uns tons roxos, azuis e negros medonhos. O joelho iria sarar, mas as calças do meu fato preferido precisariam de ser remendadas.

– Que diabos? – disse ela.

– Um acidente tolo – respondi.

– Precisa de ajuda para ir para cima?

– Não, obrigada. Tenho a certeza de que consigo.

– Vá para o seu quarto. Eu vou já com o gelo.

Afundi-me com gratidão na cadeira estofada no canto do meu quarto, tirei os sapatos e pousei a perna delicadamente na otomana, subindo as calças para ver o hematoma feio que rodeava o golpe original.

Mrs. Goodall entrou uns instantes depois com uma bandeja onde trazia o saquinho de gelo, uma chávena de chá e duas bolachas em forma de trevo, polvilhadas com açúcar verde. Estendeu uma toalha na otomana, pôs o saquinho de gelo no meu joelho, e deu-me um sermão acerca da necessidade de não me mexer durante vinte minutos, altura em que voltaria para me correr um banho quente, que disse ser necessário se não queria ter dores no dia seguinte.

Para ter a certeza de que eu não me levantava, pegou no livro que estava na mesa de cabeceira e pô-lo no meu colo. Agradei-lhe pela consideração e prometi não sair da cadeira até que ela voltasse.

Já que acabara de almoçar, não precisava de um doce, mas o chá era bem-vindo. Pousei o livro, recostei-me e sorvi de forma contemplativa, deixando que os acontecimentos do dia me passassem pela cabeça.

Então Wanamaker fora um intrujão que cortejava mulheres mais velhas e ricas. Isso não era surpresa, dada a diferença de idades entre ele e a Tillie. Apesar de haver alguns casamentos famosos e duradouros entre homens mais novos e mulheres mais velhas, e já agora vice-versa, é mais comum que as pessoas vejam uma diferença de idades grande como um sinal de que o parceiro mais jovem é um alpinista social ou, pior ainda, um explorador. Não que a Tillie fosse ingénua, de modo algum. Era boa a avaliar o carácter das pessoas. E era capaz de encantar homens de todas as idades. Não fora o Dr. Payne

«encantado» também, segundo Mrs. Goodall?

John Jones dissera que uma das apaixonadas de Wanamaker tentara matá-lo. Talvez houvesse outras. Teria uma antiga amante conseguido vingar-se na festa de passagem de ano na casa da Tillie?

Mexi-me na cadeira e senti uma pontada de dor que me lembrou que já caíra duas vezes sobre aquele joelho. A primeira vez, no túnel, fora minha culpa por olhar para o teto e não ver o obstáculo no chão. Ter-me-ia alguém empurrado de forma propositada no desfile? Parecia tão improvável, que tentei apagar isso da consciência. Mas não consegui. Uma coisa era óbvia. Se alguém *tentara* ferir-me, só podia ser por não querer que o homicídio de Wanamaker Jones fosse solucionado. Quem poderia ser, era uma pergunta à qual eu não conseguia responder neste momento.

Repreendi-me pela minha falta de progresso. O tempo ia acabar em breve e não estava mais próxima da solução do que estivera no dia em que chegara. Decidi-me visitar a polícia para ver se o relatório original continha algumas pistas, partindo do princípio de que as autoridades me deixariam lê-lo. *E é melhor seres mais rigorosa nos interrogatórios das pessoas que estiveram na festa fatal*, disse para mim. *Não podes deixar que continuem a evitar as tuas perguntas*. Havia mais peças do quebra-cabeças que precisava de juntar. E ia encontrá-las, mesmo com o joelho ferido.

Quando Mrs. Goodall voltou, a minha chávena estava vazia e, por alguma razão, as bolachas haviam desaparecido juntamente com a bebida.

CAPÍTULO 16

Apesar de ter jurado a mim própria falar com todas as pessoas que pudessem elucidar-me quanto ao assassinato, passei os dois dias seguintes com a perna para cima, segundo as instruções do Dr. Payne. Mrs. Goodall olhara para o meu rosto de manhã e insistira em chamá-lo. Apesar dos meus protestos de que até um médico merecia um dia de descanso, Warner passara pela casa para ver a minha ferida, receitando o que ele chamara «D.G.C.E.», descanso, gelo, compressão e elevação. Envolvera-me o joelho com uma ligadura e deixara uma embalagem de cartão com comprimidos amarelos pequenos em papel de alumínio para o caso de a dor requerer medicação. Apesar de perder um dia de investigação do caso de Wanamaker Jones, consegui que ele promettesse telefonar ao seu amigo juiz O'Neill e preparasse o caminho para um encontro.

Mrs. Goodall passou o domingo e a segunda-feira a rondar a minha perna descolorada, a pôr-me almofadas nas costas e a advertir-me de que não saísse da cadeira por motivo algum e a chamasse se precisasse de ajuda. Ligou um intercomunicador junto à minha cadeira, ação que fez os Grogan queixarem-se da interferência que o aparelho ia causar ao seu equipamento e da sua influência sobre os dados, mas a governanta ganhou. Todas as minhas refeições me foram trazidas numa bandeja. Acabei o livro que levava comigo, assim como outro que Mrs. Goodall tirou da biblioteca, e comecei a ler o relatório sobre Mortelaine House que Melanie e a sua amiga LaTisha estavam a fazer para a aula de História da Arquitetura.

Após dois dias de descanso, o meu joelho melhorara muito e eu estava morta por voltar a mexer-me. Tinha telefonado para a esquadra da polícia e conseguira marcar uma reunião com o comissário Mead Parker. Entretanto, visitaria Charmelle, para ver se ela ou o irmão poderiam contribuir para o meu entendimento do homicídio.

– A Melanie leva-a de carro – disse Mrs. Goodall quando entrei na cozinha e anunciei a minha intenção de visitar os O'Neill. Estava a lavar a louça do pequeno-almoço, apesar de haver uma máquina de lavar louça ao lado da pia.

– Não é necessário, a sério – disse eu. – É uma caminhada curta. Estive a ver no mapa.
– Se puser muita pressão nesse joelho, ele volta a inchar.
– Mas, se eu não fizer exercício, vai ficar ainda mais burro – argumentei.
– Estou a ver que vou voltar a chamar o Dr. Payne para trazer mais medicação – retorquiu, a fungar. – Mas faça como quiser.

– Estou-lhe muito grata por todo o cuidado e consideração que me mostrou nos últimos dias – disse eu. – Espero ter-lhe agradecido.

– Agradeceu.
– E acredite que não quero voltar a fazer mais nada que me leve a dar-lhe trabalho.
– Não estou a dizer que me deu trabalho.
– Eu sei. Está apenas preocupada e agradeço-lhe por isso. Que tal assim: prometo levar o *shillelagh* para me dar apoio e ligar à Melanie para me ir buscar se a dor recommear.

Mrs. Goodall limpou as mãos num pano de cozinha e olhou para mim desconfiada.

– A senhora é capaz de convencer abelhas a dar-lhe mel, não é?

Rimo-nos ambas.

– Vá lá. Saia da minha cozinha. E não se esqueça de dizer olá a Miss O'Neill por mim

quando a vir.

– Assim farei.

Fiquei feliz por ter oportunidade de sair, apesar do ar frio, ou talvez por causa do frio. Ainda fazia frio na minha terra. Março em Cabot Cove, quando a neve derrete, marca o início da temporada da lama, que não é a nossa época mais bonita. Mas todos gostam dela de qualquer modo, porque quer dizer que a primavera vem a caminho. Estive fechada na casa da Tillie com os seus quartos escuros, mobília antiquada, sons estranhos e teto com goteiras, já para não mencionar a presença dos hóspedes da Tillie, ou «inquilinos», como Mrs. Goodall insistia em chamar-lhes; mas ao virar o rosto para o Sol e respirar fundo, senti a tensão a esvair-se. Voltei a consultar o mapa turístico que Melanie me dera e parti, certa de que este dia traria algo de útil.

Os O'Neill viviam noutra das famosas praças de Savannah, sendo esta um parque simples à sombra de carvalhos, com caminhos que se intersetavam e levavam às ruas circundantes, e bancos nos quatro lados de um canteiro baixo com flores. A casa era um edifício imponente com uma fachada de cimento caiada e portadas pretas a emoldurar as janelas altas. Tinha um aspeto severo e simples, um reflexo adequado do seu dono, ou pelo menos de um dos donos. A sua única característica suave era um par de escadarias curvas com delicados corrimãos de ferro forjado que levavam aos dois lados do pórtico de pedra sustentado por colunas simples afiladas. Bati à porta. Foi aberta por uma senhora de meia-idade vestida com um uniforme branco, sapatos brancos e meias brancas.

– Venho falar com o juiz O'Neill – disse-lhe. – Creio que estão à minha espera. Chamo-me Jessica Fletcher.

A enfermeira, se era isso que era, disse-me para entrar e acenou para uma cadeira de madeira de costas retas que estava encostada à parede.

– O juiz acabou de receber uma chamada – disse ela. – Se esperar aqui, eu digo-lhe que chegou e vejo quando vai estar disponível.

Agradei-lhe, pousei a carteira na cadeira juntamente com um livro que trouxera para oferecer a Charmelle, e olhei em redor para a entrada formal. À exceção da cadeira e do seu par, encostado à parede em frente, a entrada não tinha mobília nem obras de arte. Uma escadaria em frente, à direita, levava a um patamar intermédio antes de continuar dos dois lados para o primeiro andar. Os lados da escadaria e as paredes do vestíbulo estavam cobertos com papel ocre que tinha um padrão com *fleur-de-lis* verde-musgo. O papel de parede oferecia a única cor na entrada simples.

Observei enquanto a enfermeira caminhou pelo longo corredor, as solas de borracha dos seus sapatos a chiarem no chão de mármore. Parou em frente de uma porta de madeira talhada, bateu e entrou na sala, deixando a porta aberta.

– Raios, Warner, não tinhas o direito de dizer que eu falaria com essa mulher! – ouvi o juiz gritar.

Aparentemente, o Dr. Payne esquecera-se de telefonar até agora. Assegurara-me de que conseguiria convencer o amigo a falar comigo e eu presumira que ele conseguira. Talvez não tivesse conseguido. Avancei ao longo do corredor devagar, tentando ouvir mais da conversa, ou um dos seus interlocutores.

– Dá-me uma razão para eu colaborar com essa escritorzeca – dizia o juiz. – Os detetives da polícia de Savannah passaram meses a investigar o caso, seguiram os procedimentos próprios e tiveram todos os meios da polícia a apoiá-los. Se acham que não

há mais nada a descobrir, então eu acho bem. O Jones era um intruso, de qualquer modo. – Houve uma pausa e depois ouvi: – Não me digas que uma amadora do Norte vai descobrir mais do que a nossa polícia de Savannah.

Ele tinha uma certa razão, claro. Se ela estivesse viva, eu teria dito a Tillie a mesma coisa, talvez de uma forma diferente. Ela pusera-me nesta situação difícil por ameaçar tirar fundos a um programa que havíamos estabelecido juntas, e naquele momento sentia-me bastante aborrecida com ela. Se conseguisse ter sucesso onde a polícia falhara, os jornais fariam um grande espalhafato. Os meus esforços envergonhariam publicamente os profissionais da polícia, que se indignariam com razão, e eu pareceria uma sabichona egocêntrica. Se não conseguisse descobrir nada de novo, um programa importante no qual eu acreditava perderia uma doação importante, e eu pareceria uma tola por ter decidido levar a cabo algo que era demasiado difícil. Fosse como fosse, a minha reputação sairia manchada. Onde é que a Tillie tinha a cabeça? Estava a brincar com as vidas das pessoas, e isto não era um jogo. Onde é que *eu* tinha a cabeça? Rose Kendall acertara em cheio. Era uma missão condenada à partida. Seria bem feito para mim se o juiz se recusasse a falar comigo.

Irritada por me ter deixado arrastar para uma causa perdida, voltei para a cadeira e pus a carteira ao ombro. Ia deixar o livro para Charmelle, claro, mas precisava de repensar esta situação.

– Mrs. Fletcher?

Virei-me ao ouvir a voz da enfermeira.

– O meritíssimo vai recebê-la agora.

– Raios! – murmurei para mim.

Caminhei pelo corredor e entrei na biblioteca elegante cheia de volumes legais. A enfermeira ficou a rondar a porta, atrás de mim. O juiz O'Neill estava sentado numa poltrona de orelhas de couro preto atrás de uma secretária grande, de nogueira. A sua cadeira de rodas fora empurrada para um canto, junto a um móvel de vitrina para armas. Lá dentro havia três espingardas. Atrás dele havia estantes cheias de volumes legais encadernados a couro de cores vivas.

– Mrs. Fletcher, por favor desculpe-me por não me levantar – disse ele, estendendo-me a mão.

– Claro – respondi, debruçando-me sobre a secretária para lhe pegar na mão e retraíndo-me ligeiramente quando os seus dedos esmagaram os meus. – Foi muito simpático da sua parte receber-me. Sei que é um aborrecimento.

– De todo. Sente-se. É bem-vinda na minha casa. Posso oferecer-lhe um café, um chá?

– Não, obrigada – disse eu. – Não lhe ocuparei muito tempo.

– Traga-nos chá gelado, Beverly – disse o juiz. – E algumas daquelas bolachas de *praliné*.

– Sim, meritíssimo – disse a enfermeira, e fechou a porta.

O juiz assentiu para mim.

– Como está a Charmelle? – perguntei.

Ele pareceu surpreendido com a pergunta.

– A minha irmã está tão bem como se poderia esperar – respondeu, de forma cautelosa. – Ela já está a decair há algum tempo. Não tem uma constituição tão forte como a minha. Apanhou um choque quando lhe dissemos que Miss Tillie falecera, tanto

emocionalmente, pois eram amigas de infância, a como fisicamente. Magooou-se ao cair, numa mesa.

– Já me disseram.

– O médico diz que, na idade dela, tem sorte por ter sobrevivido à queda. Ficou sem sentidos durante várias horas. O hospital deu-lhe alta dois dias depois. Disseram que não podiam fazer mais nada. O raciocínio dela nunca mais foi o mesmo.

– Lamento sabê-lo. Há alguma hipótese de a ver?

– Acabei de lhe dizer que ela não anda a pensar de forma clara. Duvido que a reconheça. Mal me reconhece a mim.

– Não faz mal. Gostava de lhe dar um livro, talvez fazer-lhe companhia durante algum tempo.

– Ela já não lê.

– Talvez eu possa ler para ela.

– Ela não está a receber visitas. A minha irmã nunca gostou que ninguém a visse a não ser que estivesse de boa saúde e vestida como deve ser. Não quero transtorná-la. Ela ainda está de luto.

– Também não a quero transtornar – respondi. – Pensei apenas que ela poderia apreciar uma visita, uma pequena distração do seu luto. Talvez a reconfortasse falar com alguém, em vez de passar os dias sozinha.

– Ela não está sozinha. Tem a enfermeira.

– Mas... – O meu argumento seguinte foi interrompido pela chegada de Beverly com uma bandeja onde havia dois copos de chá gelado e um prato com bolachas com cobertura de *praliné*, cada qual com uma noz.

– As melhores de Savannah – proclamou o juiz, pegando numa bolacha. – Então, pelo que sei, tem umas perguntas sobre a morte de Wanamaker Jones. Não o conhecia muito bem, mas terei todo o gosto em responder às suas perguntas como puder. – Olhou para o relógio.

Era óbvio que o assunto de Charmelle estava encerrado. Peguei numa bolacha e arrependi-me de imediato. Se não parasse de comer toda a comida boa que me punham à frente e que escolhia de menus, em breve deixaria de caber nas roupas que trouxera.

– Pode dizer-me como conheceu Wanamaker Jones? – perguntei.

– Conheci-o no clube de tiro. Ele alegou ser parente de um dos membros da direção, que falecera pouco tempo antes. Não era mau ao tiro. Depois veio a saber-se que tudo acerca dele era mentira. Mas, no início, pareceu um tipo encantador. Não era muito bom jogador de póquer, o que fez dele um tipo popular até começar a ganhar. Era um excelente jogador de golfe. Convidei-o para um jantar que a ordem de advogados local ia dar em minha honra. Ele tinha de dar cem dólares para o bilhete, coisa que fez sem hesitações. A minha irmã disse-me mais tarde que ele namoriscou com ela, mas que estava interessado em Miss Tillie desde o início. Pelo menos é assim que me lembro.

– Jones, gostaria de apresentá-lo a duas senhoras encantadoras que conheço.

Esta é a minha irmã Charmelle.

– Miss O'Neill, é um prazer.

Charmelle estendeu as pontas dos dedos ao cavalheiro. Era magro, de estatura média, e usava um fato de trespasse azul-escuro com riscas finas e um laço com

pintas vermelhas. Ela achou-o bastante bonito, mesmo se o seu cabelo loiro ondulado fosse um pouco comprido demais, mas nunca valia a pena deixar que um homem percebesse que o achávamos bonito. Isso dava-lhes ego e encorajava-os a aproveitarem-se.

– E esta é a nossa velha amiga Miss Tillie Mortelaine – disse o juiz, virando-se para Tillie.

– Não é nada velha – murmurou Jones ao pegar na mão de Tillie. Piscou-lhe o olho, e diabos a levem se não fez o mesmo.

– Eu vou sentar-me no estrado – disse o juiz –, por isso deixo-as nas suas mãos capazes.

– Muito obrigado, meritíssimo. Trata-las-ei com o maior dos cuidados – disse Jones, instalando-se na cadeira entre Tillie e Charmelle. – Que fiz eu para ter a sorte de me sentar entre duas beldades destas?

Tillie inclinou-se para a frente, para falar à volta da nova visita.

– Psst, Charmelle – disse ela num aparte. – Cuidado com este. É bonito demais para seu próprio bem, e para o nosso.

Jones riu-se com gosto.

– Posso fazer-lhe a corte, Miss Tillie?

– Ora, ficaria ofendida se não fizesse.

Jones julgou detetar um ligeiro biquinho nos lábios de Charmelle O'Neill.

– Então, Miss O'Neill – disse ele, encostando-se ao ombro dela e aproximando-lhe os lábios do ouvido. – Adoro loiras. Acha que me pode dar um pouco de encorajamento?

Charmelle sentiu um arrebatamento, mas recalcou-o.

– Parece-me que o senhor já escolheu, Mr. Jones.

– Vá lá, Charmelle – disse Tillie, com um brilho nos olhos. – Estou disposta a partilhar, se tu estiveres.

– Durante algum tempo foram os três juntos para toda a parte – disse-me o juiz, os seus dedos a brincar com o martelo que tinha na secretária. – Eu disse à minha irmã para não o deixar aproximar-se demasiado, até se tornar claro que Jones tinha uma preferência por Miss Tillie, de qualquer modo. Embora ela tivesse idade para ser mãe dele, provavelmente. A princípio julguei que ele fosse o acompanhante dela.

– Acompanhante? Receio não perceber.

– Acompanhante. Alguém que a leva a vários lugares. Concertos, festas. Muitas mulheres do Sul têm acompanhantes. A maioria deles são homossexuais, imagino, pelo menos se as mulheres tiverem maridos. De qualquer forma, achei que Jones fosse acompanhante de Miss Tillie. Depois, anunciaram o noivado. Fiquei de boca aberta.

– A Charmelle também ficou surpreendida?

– A minha irmã? – perguntou o juiz, parecendo desconfortável. – Bem, não sei. Nunca lhe perguntei.

– Nunca lhe perguntou se o noivado foi uma surpresa para ela?

Ele abanou a cabeça.

– Talvez o devesse ter feito. Ela andou uns tempos deprimida. Suponho que estava com medo de ficar para trás. Mas depois ficou bem. Eles incluíam-na em todos os compromissos sociais. Era a mesma Charmelle de sempre.

– E a noite em que Wanamaker foi morto?

– As crianças encontraram-no deitado no chão do patamar de Miss Tillie, no andar de cima. O rapaz pensou que ele estivesse a dormir. Abanou-o para ver se ele acordava. Foi nessa altura que viu o sangue. Ambos começaram a gritar, e corremos todos escadas acima para ver o que era o barulho.

– Todos?

– Quase todos. A minha irmã assustou-se com os gritos. Ela e Miss Tillie saíram do salão a correr. Eu segui-as. O Warner e o Richardson também. Ele também lá estava.

– Os pais das crianças também foram lá acima?

– Não me lembro. Creio que gritaram do fundo das escadas. A minha experiência diz-me que os pais se preocupam menos com os gritos dos filhos do que as pessoas que não os têm.

– Estava lá mais alguém?

– Mrs. Goodall, mas na altura não era Mrs. Goodall. Ficou na cozinha com o resto do pessoal doméstico.

– Ela não ouviu os gritos?

– Teria sido difícil não os ouvir, mas não me lembro de a ver no patamar do andar de cima antes de a polícia chegar. Não vi os outros. Mrs. Goodall jurou que estavam na cozinha a arrumar, com ela. Mas a polícia levou-os a todos para a esquadra e interrogou-os durante muito tempo. Tiveram de os libertar. Não havia provas de nada.

– Suspeita de que algum deles tenha matado Wanamaker Jones?

– Não é provável.

– Segundo sei, o senhor e a Charmelle tiveram uma desavença nessa noite. Lembra-se da razão?

Ele franziu o sobrolho e pousou o martelo com força.

– Não gosto de boatos e insinuações, Mrs. Fletcher.

– Nem eu – respondi. – Estou apenas a tentar obter uma ideia de todos os acontecimentos dessa noite, para ver se algum tem influência no caso.

Ele mexeu-se na cadeira e pensou durante muito tempo antes de responder.

– Para ser sincero, Mrs. Fletcher, não sei porque discutimos. Foi há tanto tempo. E é irrelevante. Confio na polícia. Fizeram um bom trabalho de investigação. Tiveram alguns problemas. Sabe que a arma do crime nunca foi encontrada?

– Sim, sei.

– Bem, sem provas concretas, não se pode condenar ninguém. Não havia ninguém que tivesse um motivo, que soubéssemos. Claro que, depois de descobrirmos a verdade sobre o Jones, entendemos. Mas, na altura, ninguém sabia que ele era um mentiroso e um burlão.

– De que forma era um burlão?

– Não tinha dinheiro. Vivia do dinheiro que Miss Tillie lhe dava. Mais tarde descobrimos que havia outras.

– Outras?

– Outras mulheres que ele tentou enganar.

– Quem lhe contou sobre elas?

– Deve ter sido a polícia. Eu disse-lhes que queria saber tudo o que conseguissem descobrir sobre ele.

– Porquê?

– Suspeitei que algo se passava com o Jones, desde o início. Disse à minha irmã para se afastar dele. Deixasse Miss Tillie fazer figura de tola, em vez dela.

Pigarreei.

– Então suspeitou de que Wanamaker Jones não era o que aparentava desde o início.

– Bem, talvez não desde o início. Mas que homem normal é que se interessa por uma mulher com idade para ser mãe dele? Pareceu-me estranho.

– Nunca ouviu falar em casamentos entre pessoas de idades muito diferentes? – perguntei, com um sorriso.

– Claro, mas geralmente é o homem que é mais velho e a mulher mais jovem.

– Hum. E como reagiram a Tillie e a Charmelle ao homicídio?

– Como acha que reagiram? Choraram e lamentaram-se, no ombro uma da outra. Mas depois ultrapassaram a situação. Não havia nada que pudessem fazer. Ele fora-se, e elas voltaram às suas vidas normais.

– Muito obrigada pelo seu tempo, juiz O'Neill.

– Não custou nada. Não me cite como fonte, está bem?

– Não vou escrever nada. Estou só a tentar entender o que aconteceu.

Ele resmungou, mas não disse mais nada.

– Juiz O'Neill, trouxe um livro para a Charmelle. Gostava muito de lho dar, mesmo se ela não o ler. Não vou ocupar mais de um minuto do tempo dela. Só para que ela saiba que estou a pensar nela.

– Deixe-o aqui. Eu certifico-me de que ela o recebe.

Não tive escolha. Deixei o livro na secretária e saí sozinha. A enfermeira não estava à vista quando abri a porta e a fechei suavemente atrás de mim. Desci as escadas, inspirando profundamente o ar fresco e puro, e atravessei a rua para o parque pequeno na praça. Sentei-me num banco e pensei em Tillie, Charmelle e no homem cativante pelo qual ambas tinham um fraquinho. Ele deve tê-las feito sentirem-se jovens de novo, bonitas e admiradas. Seria isso assim tão mau? Porque achava o juiz impossível que um homem jovem se sentisse atraído por mulheres mais velhas, mulheres confiantes, que sabem umas coisas sobre o mundo e o aceitam como ele é? Qual é o preço da felicidade? Tê-lo-iam pago?

Uma menina passou por mim, a perseguir uma bola. Uma mulher que estava a alguma distância chamou por ela. Beverly, a enfermeira, estava com a mulher, que presumi ser a mãe da menina. Voltei a olhar para a criança. A bola parara contra o sapato de uma idosa que estava sentada num banco, com um xaile nos ombros frágeis. Ela debruçou-se e, com um dedo com a unha bem tratada, empurrou a bola na direção da criança. Quando olhou para cima, consegui ver-lhe o rosto. Era Charmelle.

CAPÍTULO 17

Eu sabia que ela tinha oitenta e seis anos e, apesar de eles estarem patentes no seu rosto, em rugas nas faces e na testa, as feições de Charmelle permaneciam fortes e bonitas, a pele sobre o seu maxilar esticada, os olhos muito azuis e distantes. O cabelo dela ficara branco como a neve, mas ela ainda o tinha apanhado num puxo. E alguém, que presumi ser Beverly, se certificava de que as unhas dela continuavam bem tratadas.

A menina voltara para o lugar onde a ama e a enfermeira estavam, e as três haviam caminhado lentamente para o outro lado da praça.

Sentei-me ao lado de Charmelle e peguei-lhe numa mão, examinando os dedos sem anéis e a pele quase transparente, sob a qual as veias e os tendões formavam um desenho delicado.

– Conheço-a? – perguntou ela.

– Sim, Charmelle – respondi. – Sou a Jessica Fletcher. Conhecemo-nos há muitos anos. Fomos apresentadas por Tillie Mortelaine.

O olhar dela encheu-se de dor quando mencionei o nome da Tillie. Recolheu a mão.

– Lamento muito a sua perda, Charmelle. Sei o quanto ela significava para si, e o que significava para ela.

– Sabe?

– Ela tinha uma fotografia das duas na mesa de cabeceira, uma lembrança diária da nossa amizade. Ainda lá está. Creio que devia ser um símbolo do amor dela por si.

Virou-se para mim, os olhos a encherem-se de lágrimas.

– O que vou fazer sem ela? Ela... Ela... – A voz era rouca, enferrujada, como se não a utilizasse há muito tempo. Tinha as mãos sobre o colo, a formar punhos.

– Todos nos sentimos assim quando perdemos alguém que amamos – disse eu, sentindo não apenas as perdas da vida dela mas também as da minha. – De alguma forma, os dias passam e nós lidamos com isso, aguentamos, esperamos que a dor acalme. Essa dor nunca desaparece. Não vou dizer-lhe que sim. Está sempre lá. Mas perde a intensidade brutal que sente agora.

Ela tirou um lenço do bolso, limpou os olhos e abanou a cabeça.

– Não sei porque estou tão chorona. Ela nem sempre foi simpática comigo, sabe? Conseguia ser má, pregava partidas, estava sempre a provocar. – Secou as lágrimas que lhe corriam pelas faces. – Mas não passei um dia da minha vida desde criança sem a ver ou falar com ela. Mesmo quando ela se casou com o Roy, falávamos todos os dias, ríamos... até agora. Não sei o que fazer. – Abanou-se para trás e para a frente no banco.

Charmelle era surpreendentemente coerente, considerando a descrição que o irmão fizera do seu estado mental. Perguntei-me porque queria o juiz manter as pessoas longe dela. Talvez ela entrasse e saísse do estado consciente, só soubesse quem era e onde estava em alguns períodos. Diz-se que as pessoas a quem isso sucede estão num estado de fuga. Talvez Charmelle sofresse episódios de fuga e eu tivesse tido a sorte de a apanhar num dos seus momentos mais lúcidos.

– Jessica?

– Sim?

– É a escritora que a Tillie trouxe cá para ajudar na campanha de alfabetização?

– Sim. Lisonjeia-me que se lembre.

– Vive algures na Nova Inglaterra.
– Vivo no Maine. Tem boa memória.
– Tenho. Lembro-me de que houve um Natal em que contratámos um homem para fazer obras no meu escritório. – A sua voz desvaneceu, mas percebi que estava a visualizar a cena na mente. – Tão bonito.

- Quem?
- O pintor.
- O homem que lhe arranjou o escritório?

Ela assentiu e passou-lhe um sorriso leve pelos lábios.

– Miss Tillie estava a fazer-lhe olhinhos, a distraí-lo do trabalho. – Acenou o seu lenço húmido. – Ele verteu tinta sobre a minha secretária.

– Que confusão que deve ter sido – disse eu.

– Ela estava sempre a dizer que eu era maluca por homens, mas ela era a pior de todas a namoriscar.

Fiquei feliz por dar uma oportunidade a Charmelle de recordar Tillie. Ela precisava de falar sobre a amiga. Ajudá-la-ia a enfrentar a perda. No entanto, a mente dela parecia saltar de uma coisa para a outra. Perguntei-me se estaria a cair num estado de fuga.

- Foi por isso, sabe?
- Porquê, Charmelle?
- Por isso que deixei de enviar postais de Natal à Jessica.
- Por causa do pintor?

Ela olhou para mim.

– Ele verteu tinta sobre a minha agenda.

– Oh, céus.

– Foi uma perda tremenda. Eu podia ter ficado com as páginas que não estavam estragadas, mas deitei tudo fora, para o lixo. Deixei de enviar postais a toda a gente. Espero que não tenha ficado zangada.

– De todo – respondi. – As pessoas ficam ocupadas com as suas vidas e estão sempre a perder o contacto com os conhecidos, especialmente quando as agendas ficam cobertas de tinta.

Olhei para o outro lado da praça e vi Beverly e a amiga a voltarem na nossa direção. Virei-lhes as costas, esperando que Beverly não me reconhecesse. Nesse momento, um movimento na casa dos O'Neill chamou-me a atenção. O juiz, com um telefone ao ouvido, estava a andar de um lado para o outro em frente à janela que dava para o parque. *A andar!*

– Charmelle, importa-se que lhe faça uma pergunta sobre algo que aconteceu há muito tempo? – perguntei. Sabia que o meu tempo para a questionar era limitado.

– Suponho que sim. Não me lembro das coisas como lembrava. As coisas parecem tão... confusas, por vezes.

Inclinei a cabeça e olhei de lado para ela.

– Creio que é mais astuta do que deixa transparecer, Miss O'Neill.

Ela tentou não sorrir.

– É muito bondoso da sua parte dizer isso. Não é verdade, mas pergunte-me o que quiser. Tentarei lembrar-me.

– Segundo sei, o juiz é membro do Clube de Tiro Forest City. Alguma vez lá foi com

ele?

– Não. É para cavalheiros. Só deixam entrar senhoras em ocasiões especiais.
– O seu irmão é bom atirador?
– Sim, muito bom. Houve um ano em que ganhou o prémio de tiro aos pratos.
– E a Charmelle?
– Costumava ser melhor do que ele quando éramos crianças. – Ela sorriu com a memória.

– Ainda tem uma arma?

Ela franziu o sobrolho.

– Já não. Foi sempre para proteção.

– O que aconteceu à sua arma?

Uma lágrima caiu-lhe pela face.

– Perdi-a há muito tempo. Perdi-a.

– Lembra-se da noite em que Wanamaker Jones foi morto?

Ela assentiu de forma solene.

– Pode dizer-me o que aconteceu?

O seu lábio inferior começou a tremer.

– Porque quer saber *isso*?

– Estou a tentar descobrir quem o matou.

– Porquê? Foi há tanto tempo. E ele era um homem mau, um mentiroso e um impostor. Porque se importa?

– Porque a Tillie se importava. Estava no testamento dela. Há uma doação para a fundação de alfabetização que depende de eu descobrir o assassino.

Ela ofegou.

– Ela vai culpar-me, não vai?

– Quem?

– A Tillie.

– Porque diz isso?

Enterrou o rosto nas mãos.

– Oh, Deus, eu sabia que ela ia ajustar contas. Sempre temi este dia.

Pus-lhe a mão no ombro.

– Porque haveria ela de a culpar pela morte do Wana- maker, Charmelle?

– Porquê? Porque... porque ele estava apaixonado por mim, não por ela.

*

A caminhada de volta para casa da Tillie não foi tão fácil como para a casa dos O'Neill. O meu joelho queixava-se do exercício e apoiei-me com mais força no *shillelagh* do que precisara de fazer antes. Mrs. Goodall ia dizer «eu avisei-a». E teria razão. Seth diria que eu era teimosa. E também teria razão. Estava ansiosa por tomar um banho relaxante, ficar na banheira a descontrair a minha articulação dolorosa e deixar que a mente assimilasse as revelações do dia.

Beverly, a enfermeira, estivera do outro lado da praça durante a maior parte da minha conversa com Charmelle. Quando me viu a falar com ela, veio resgatar a sua doente apressadamente, mas não antes de Charmelle me dizer que ela e Wanamaker haviam sido

amantes. Quanto mais descobria sobre aquele homem, mais entendia que alguém pudesse querer matá-lo.

Insinuou-se numa sociedade muito unida, fez a corte à mulher mais popular e rica, e depois traiu-a com a sua melhor amiga. Qualquer uma das pessoas que estavam na casa da Tillie naquela noite, partindo do princípio de que sabiam o que eu sabia agora, teria tido um motivo para o matar. Qualquer pessoa que amasse a Tillie, desde a sua governanta ao seu advogado e ao irmão da sua melhor amiga, poderiam ter atacado o homem que lhe despedaçara o coração. *Claro que isso seria se partíssemos do princípio de que o coração dela estava despedaçado*, disse para mim. *E do princípio de que sabia sobre o caso amoroso nessa altura*. Mesmo se não tivesse sabido da traição de Jones, tivera muitos outros namorados à espera para a consolar.

Mrs. Goodall dissera-me que a Tillie encontrara algum consolo junto do Dr. Payne no seu momento de desgosto, e que ele a levara para uma sala privada depois de a polícia ir embora e a acalmara, presumivelmente. Não pude deixar de me perguntar porque é que ele não me mencionara isso. O que lhe dissera ele? Sabia mais sobre o passado de Wanamaker do que ela? A governanta também indicara que o médico tivera um fraquinho pela Tillie e que tentara conquistá-la. Teria *ele* matado o noivo dela para se livrar da competição pelo seu afeto? Fosse qual fosse o teor da sua conversa nessa noite, depois da descoberta do cadáver de Wanamaker, acalmara-a. Também consolidara a decisão dela de não colaborar com as autoridades. Estaria ela a proteger alguém? O Dr. Payne? Charmelle? O juiz O'Neill? Os parentes do seu falecido marido, que haviam sido convidados para a festa juntamente com os filhos, Rocky e Rose? Pelo que descobrira, a relação da Tillie com eles era tudo menos cordial. Ela não queria protegê-los, pois não?

A lista estava a crescer.

Manquei pela praça na direção da casa da Tillie, onde uma carrinha branca com letras douradas e azuis a dizer CANALIZADORES OGLETHORPE, ELLIOT BASKER, PRESIDENTE bloqueava parcialmente a entrada. As portas traseiras do veículo haviam sido deixadas abertas, e revelavam um monte confuso de canos, chaves, escadas e outros materiais de metal amontoados. Havia um armário de ferramentas alto encostado a um dos lados, com as gavetas parcialmente abertas. Um assistente de canalizador com um fato-macaco branco e botas, não o homem que eu vira na semana anterior, desceu os degraus da frente de casa da Tillie e remexeu na traseira da carrinha. Tirou uma caixa preta que parecia ser equipamento elétrico (não tinha Artie Grogan uma coisa parecida?), fechou as portas com força e subiu os degraus a correr.

– Se me sujar o chão, são *vocês* que me pagam – ouvi Mrs. Goodall dizer-lhe.

Subi os degraus, esperando que o meu rosto não refletisse as pontadas que sentia no joelho, mas Mrs. Goodall estava demasiado distraída com os trabalhadores para reparar na minha entrada. Havia cabos pesados pelo chão, ligados à parede. O fio do candeeiro pequeno do vestíbulo fora arrancado da tomada e estava enrolado na mesa como uma cobra a mudar de pele. Passei ao lado dos cabos, sabendo que se tropeçasse poderia causar lesões permanentes numa articulação que tomara por certa até esta altura da vida.

Cambaleei até ao escritório da Tillie e espreitei. Mrs. Goodall, Melanie, o canalizador, o assistente do canalizador e Samantha e Artie Grogan estavam à volta de uma caixa de alumínio equilibrada sobre a caixa que o assistente trouxera para dentro de casa. Estavam todos a olhar para um ecrã tremeluzente. Havia uma escada alta montada, as suas pernas

pesadas pousadas em toalhas de turco para proteger a alcatifa. Pendurado sobre a escada, vindo de um buraco no teto, estava um cabo comprido preso ao que parecia ser uma mangueira no chão, junto da qual havia uma caixa de ferramentas aberta.

– Mrs. Fletcher? – disse Melanie, saindo do ajuntamento. – Venha ver. Consegue-se ver dentro do teto.

Juntei-me ao grupo que estudava o monitor e tentei perceber o que era a imagem débil.

– Vejam, a água está aqui – disse o canalizador, apontando com o dedo sujo para um risco de luz. – E é daqui que vem. Jason, sobe àquela escada e aproxima a câmara da fuga. Tem cuidado. Ainda não está paga.

– Ótimo equipamento – disse Artie. – Importa-se que pergunte onde o arranjou?

– É próprio de canalizador. Geralmente é utilizado para olhar para dentro de canos, mas também acho jeitoso para este tipo de coisa.

Jason, que parecia não ter mais de dezasseis anos, lançou um olhar a Melanie, subiu e pôs a mão à volta do fio pendurado.

– Mais devagar, diabos! – gritou o canalizador quando Jason, ainda a olhar para Melanie, empurrou o cabo para dentro do espaço no teto e a imagem no ecrã saltou. – Não estás a segurar numa linha de pesca. Desce lá.

– Mas, Mr. Basker... – disse o rapaz.

– Não comeces com o «Mr. Basker», rapaz. Deixa-te de palermices e guarda as ferramentas. – Abanou a cabeça. – Já não se conseguem arranjar funcionários decentes.

Mr. Basker virou o monitor para poder vê-lo da escada, subiu e manobrou o tubo através do qual o cabo da câmara passava de forma delicada, aproximando-o do lugar de onde a água caía do primeiro andar. Com os olhos no teto, desceu e foi até ao corredor.

– Pelos meus cálculos, está por aqui – disse ele, apontando para o primeiro andar.

– Parece ser sob o sítio onde disse ouvir a água, Mrs. Fletcher – disse-me Mrs. Goodall.

– Parece, sim – respondi.

Mr. Basker desligou as peças da câmara, colocando-as numa mala com forro de espuma. Deixando que Jason reparasse o buraco do teto, levou todo o equipamento para o primeiro andar. Mrs. Goodall, Melanie, Artie, Samantha e eu seguimo-lo como patinhos.

Mr. Basker caminhou majestosamente pelo corredor do andar de cima, tentando orientar-se.

– Vai fazer outro buraco? – perguntou Mrs. Goodall.

– Tenho de o fazer. Não consigo reparar uma fuga se não a vir.

– Foi aqui que julguei ter ouvido água a correr no outro dia – disse eu, batendo na parede entre o meu quarto e o do lado.

Mr. Basker encostou o ouvido ao ponto que eu indicara, como eu fizera, e ergueu a mão a pedir silêncio. Todos retivemos a respiração.

– Oh, diabo... – disse ele. – Começou a acontecer alguma coisa ali dentro. Ouçam.

Não tivemos de nos aproximar da parede para ouvir o que ele referiu. Uma torrente súbita de água era audível de onde estávamos.

Mrs. Goodall arregalou os olhos.

– Parece uma queda de água! – exclamou.

Basker subiu as escadas e gritou a Jason para que trouxesse a serra. Mas não esperou que o seu jovem assistente obedecesse às ordens. Baixou-se, pegou num martelo de forja

pequeno que estava no chão junto a si e abriu um buraco de dez centímetros na parede. Tirou uma lanterna do cinto de ferramentas e apontou-a para dentro da parede.

– Diabos me levem – disse ele.

– O que foi? – perguntou Mrs. Goodall. – Consegue arranjá-lo?

Basker virou-se para nós com uma expressão confusa.

– Está um chuveiro a correr ali dentro – disse ele.

– Não pode ser – respondeu Mrs. Goodall.

– Aposto que foi quando estavam a construir as casas de banho novas – comentou Melanie. – Devem ter tapado uma das antigas.

– Foi isso que fizeram – disse o canalizador.

Continuámos a observar enquanto Basker, utilizando a serra que Jason lhe entregara, fez um buraco muito maior, revelando um chuveiro a sair de uma parede interior. Meteu o braço na abertura e, com um esforço considerável, virou uma das válvulas para desligar a água.

– Ainda bem que eu estava aqui quando se ligou – disse Basker.

– Também digo – respondi. – Se tivesse continuado a correr com toda a força, a casa teria ficado inundada.

– O que terá feito com que comesse a correr? – perguntou Mrs. Goodall.

– Não faço ideia – respondeu Basker. – Aquela válvula estava muito bem apertada. Foi precisa muita força para a desligar.

– Mas *alguém* ligou aquele chuveiro – disse eu.

– Quem poderia ser? – perguntou Melanie.

Artie e Samantha Grogan olharam um para o outro, e sorriram.

– Não estão a sugerir que um espírito ligou o chuveiro, estão? – perguntei.

– Tem uma explicação melhor, Mrs. Fletcher? – perguntou Samantha, com arrogância.

– Não, mas...

Dirigi-me ao buraco que o canalizador fizera na parede e tentei olhar para dentro dele. Pedi-lhe a lanterna, que ele me passou. Utilizando-a, movimeti o feixe de luz numa tentativa de encontrar alguma explicação razoável para este acontecimento bizarro. Ouvi Mrs. Goodall atrás de mim a queixar-se dos danos na casa e Melanie a tentar acalmar a mãe.

Estava prestes a abandonar os meus esforços quando o feixe da lanterna pousou em algo. Semicerrei os olhos para ver o que era, sem sucesso. Virei-me para o canalizador e disse:

– Mr. Basker, há aqui uma coisa que gostaria de ver. Acha que consegue chegar-lhe?

Ele juntou-se a mim na parede e olhou para onde direcionei o feixe. Empurrou o corpo contra a parede e esforçou-se por esticar o braço corpulento o suficiente para agarrar a coisa a que eu me referia.

– Apanhei – disse ele, e tirou o braço da abertura.

Todos fitámos o que ele tinha na mão, chocados.

Era um revólver.

CAPÍTULO 18

Pedi a Mrs. Goodall, que ainda estava em estado de choque, que me chamasse um táxi. Chegou cinco minutos depois e, com a arma na carteira, pedi ao motorista que me levasse à polícia de Savannah-Chatham. A comissária da polícia Mead Parker dissera-me, quando telefonei para marcar uma reunião, que poderia ir a pé, mas com o joelho ferido e a sensação de urgência que tinha, queria lá chegar o mais rapidamente possível.

Quando o táxi arrancou, vi o general Pettigrew sair do hotel ao lado da casa. Desceu as escadas e caminhou na direção da casa da Tillie. Atrás dele, no patamar, estavam os dois homens que vira com ele na manhã do Dia de São Patrício. Perguntei-me o que diria o general da descoberta do chuveiro. Não escondera o seu ceticismo em relação a atividades paranormais em geral e à pesquisa dos Grogan em particular. Mas seria que provas da presença de um fantasma aumentariam o valor de Mortelaine House para os donos do hotel? Já houve casos de turistas afluírem a edifícios com passado fantasmagórico. Savannah tinha muitas visitas guiadas a casas assombradas.

Os Grogan começaram a vangloriar-se assim que encontrámos o revólver, atribuindo a Wanamaker Jones o crédito por nos ter levado à arma do crime. Se *era* ou não a arma do crime, isso estava por ver, mas eu tendia a concordar com a conclusão deles nesse ponto. Quanto a Wanamaker Jones ajudar a investigação, bem, não posso dizer que estivesse convencida, mas era com certeza uma ocorrência estranha. Quem, ou que coisa, fizera com que o chuveiro se ligasse repentinamente?

O meu motorista parou num sinal de *stop* na esquina das ruas Habersham e Oglethorpe. À minha direita havia um parque pequeno e tranquilo na grande divisória central que separava as duas faixas da Oglethorpe Street. Para lá deste ficava a sede de comando da polícia.

– Aqui está bom – disse eu, pagando a corrida. – Obrigada.

Apesar de estar ansiosa por entrar na esquadra e entregar a arma que fora encontrada atrás da parede na casa da Tillie, o meu relógio indicava que chegara uns minutos adiantada para a reunião. Fiquei um tempo no parque para organizar as ideias. Parecia um lugar perfeito para o fazer.

Junto à rua, havia uma estátua de um agente da polícia uniformizado sobre uma base grande. *Que adequado tê-la aqui*, pensei, e caminhei até ela para ler a placa no monumento: PARA LÁ DO DEVER, PARA QUE NÃO ESQUEÇAMOS. Erigida para homenagear agentes da polícia que perderam as vidas no cumprimento do dever, o memorial continha os nomes dos mortos, começando com o primeiro, Harry L. Fender, em 1901, e continuando até 1993. Senti a mesma tristeza que sinto sempre que visito memoriais semelhantes, incluindo o de Washington D.C., muito maior. Que pena que homens e mulheres bons tenham de morrer a tentar proteger-nos dos criminosos.

Depois de estar suficientemente composta, atravessei a rua e aproximei-me da entrada da Habersham Street do edifício de três andares de tijolo vermelho que fora em tempos uma esquadra da polícia construída no final do século XIX. Subi uns degraus até à porta, utilizando um corrimão preto de ferro para não tropeçar, e entrei pela porta de vidro. À minha direita havia uma secretária com duas agentes de uniforme.

– Sim, minha senhora? – perguntou uma delas.

– Chamo-me Jessica Fletcher – disse eu. – Tenho uma reunião com a comissária

Parker.

Ela pegou no telefone e ligou à comissária.

– Ela vem ter consigo daqui a uns minutos – disse-me.

Enquanto esperava por ela, inspecionei as recordações da polícia que estavam em prateleiras dentro de uma vitrina, na entrada: chapéus e uniformes de outras unidades da polícia, bastões e ferramentas, algumas das quais não conhecia. Olhei para os agentes que entravam e saíam. Estava imensamente consciente das armas que tinham nos coldres e da arma que me pesava na carteira. Não parecia muito grande, apesar de confessar a minha pouca experiência direta com armas. Pensara em dá-la a um dos agentes de serviço no instante em que entrei no edifício, mas tive medo que puxar de uma arma pudesse originar uma reação infeliz. Seria melhor dá-la à comissária depois de estar no seu escritório, onde poderia explicar-me antes de a tirar da carteira.

Um minuto depois, uma porta abriu-se e uma mulher afro-americana alta e bonita passou por ela. O seu cabelo com madeixas grisalhas estava preso em tranças apertadas, enroladas atrás da cabeça. Tinha um rosto magro, com feições esculpidas, que poderiam ter-lhe dado um ar severo se não fosse o batom cor de ameixa que aplicara, e que condizia com o fato que tinha vestido e os brincos grandes em forma de gato que tinha nas orelhas. Uma camisa de seda, um colar nativo-americano e sapatos pretos simples completavam a indumentária.

– Mrs. Fletcher – disse ela, estendendo a mão. – Sou a comissária Parker.

– Agradeço ter tirado tempo para me ver – disse eu.

– Venha. Falamos no meu gabinete.

Passámos pela porta de onde ela saía e percorremos um corredor longo até chegarmos ao gabinete com um letreiro que dizia COMISSÁRIA MEAD PARKER. Enquanto nos deslocávamos, rezei para que não passássemos por um detetor de metais.

O gabinete era grande e mobilado de forma elegante. Havia uma fotografia a cores dela, com um homem e dois adolescentes, pousada num aparador atrás da secretária. Ela tirou o casaco e pendurou-o num bengaleiro. A camisa era de manga curta, revelando braços surpreendentemente musculosos. *Deve levantar pesos*, pensei, e a minha reação imediata foi de que esta mulher impressionante conseguiria lidar com qualquer situação.

Ela sentou-se numa cadeira de couro à secretária, e eu sentei-me numa das duas que estava à sua frente, pousando a carteira no colo.

– É um prazer conhecê-la – disse ela depois de estarmos sentadas. – Estou a par da sua carreira como escritora de policiais, apesar de confessar que não leio muita ficção.

– Terei todo o gosto em enviar-lhe um livro quando voltar a casa.

– Gostava muito – respondeu. – Então, está aqui em Savannah para tentar resolver um caso de homicídio com quarenta anos.

– Leu o jornal.

– Sim, li. E falei com o reformado detetive Sheridan Buchwalter, que trabalhou no caso. Francamente, receio que esta missão que leva a cabo acabe por ser vã.

– Espero que esteja enganada – disse eu. – Conhece as circunstâncias que me trouxeram a Savannah?

– O testamento de Miss Tillie Mortelaine. Ela era uma personagem.

– Concordo completamente. Comissária Parker, antes de discutirmos a minha presença aqui, tenho de lhe dar uma coisa.

– Ah sim? O que é?

Expliquei como os acontecimentos recentes na casa da Tillie haviam levado à descoberta de uma arma atrás da parede. Ela endireitou-se na cadeira e inclinou-se para a frente.

– O que fez com a arma? – perguntou.

– Tenho-a comigo.

Consegui perceber o seu raciocínio. Seria eu uma escritora de policiais louca do Maine prestes a puxar de uma arma e disparar sobre a sede do comando da polícia de Savannah?

Interrompi essa especulação.

– Porque não a tira da carteira, comissária? – sugeri, utilizando duas mãos para transferir a carteira do meu colo para a ponta da secretária. – Eu sentir-me-ia mais à vontade dessa forma e suspeito que a senhora também.

– Onde está?

– Aí dentro, num saco de plástico – disse eu, apontando para a minha carteira.

– Tocou-lhe?

Suspirei.

– Eu não. No entanto, o canalizador que a encontrou tocou.

– Teremos de recolher as impressões digitais dele.

Levantei-me da cadeira enquanto ela dava a volta à secretária e pegava no saco de plástico. Ergueu-o à luz que entrava por uma janela atrás da secretária.

– Um revólver calibre trinta e oito – disse ela para si. – E carregado!

Voltei a sentar-me, e ela também o fez. Pousou o saco de plástico de forma que a arma não estivesse apontada para nós.

– Presumo que seja a arma utilizada para matar Wanamaker Jones – disse eu.

– Eu não trabalho com presunções, Mrs. Fletcher – respondeu ela, pegando no telefone e chamando alguém ao seu gabinete. Chegou um agente de uniforme, e a comissária Parker deu-lhe a arma. – Ponha isto no cofre das provas. Pode estar ligada ao caso do homicídio de Wanamaker Jones, de há quarenta anos – disse ela. O agente olhou para ela com estranheza, mas não disse nada e saiu.

– Sugiro que da próxima vez que descubra uma possível arma utilizada num homicídio, Mrs. Fletcher, chame a polícia em vez de se encarregar de a entregar em pessoa.

– Eu tinha de vir cá e achei que faria sentido trazê-la – disse eu. – Mas lembrar-me-ei do seu conselho se alguma vez voltar a encontrar uma arma que possa ter sido utilizada num homicídio. Espero não o fazer.

– Foi esta a única razão para ter marcado uma reunião comigo? – perguntou. – Para trazer a arma?

– Céus, não. Não sabia da arma quando telefonei.

– Bem, então o que posso fazer por si?

– Eu também li o jornal – respondi. – O repórter citou alguém da polícia que disse que o seu departamento nunca encerrava um caso de homicídio. Agradeceria imenso que me dessem autorização para analisar o ficheiro de Wanamaker Jones.

Ela empurrou imediatamente um ficheiro grosso pela secretária até mim.

– É isto? – perguntei.

– É isso. Quando soube que vinha, pedi que mo trouxessem do centro de informação

criminal na Geórgia. É lá que guardamos os arquivos. Mal temos espaço para mais um pedaço de papel aqui, muito menos para a quantidade de móveis arquivadores que são necessários.

Levantei a capa do ficheiro e deixei-a fechar-se. Não queria ser mal-educada e lê-lo à frente dela. Ela deve ter pressentido a minha hesitação, porque levantou-se e disse:

– Porque não lhe dou quinze minutos com o ficheiro? Não pode levá-lo consigo e quero a sua palavra de honra que não tira nada.

– Dou-lha.

– Voltarei. – Ela vestiu o casaco e saiu do gabinete, deixando a porta aberta.

Arrastei a cadeira para mais perto do ficheiro na secretária e abri a capa. Continha os típicos materiais de um caso de polícia: uma cópia da certidão de óbito, o relatório inicial feito pelos agentes Buchwalter e Hadleigh, inúmeras atualizações feitas pelos investigadores, fotografias do local do crime, o relatório da autópsia, resultados da balística, investigações de antecedentes. Havia muito mais informação do que eu poderia assimilar em quinze minutos. Peguei num bloco de notas e numa caneta para poder tirar apontamentos e concentrei-me nas fotografias do local do crime e nos relatórios das testemunhas. Examinei a autópsia e depois vi as fotografias do falecido.

As crianças haviam encontrado Jones de barriga para baixo, mas na altura em que a polícia chegou ele estava de barriga para cima. Com certeza que uma criança de oito ou nove anos não poderia ter virado o cadáver. Tinha de perguntar ao Dr. Payne se fora ele a mexer a vítima. Quando uma pessoa morre, a gravidade faz com que o sangue vá para a parte mais baixa do corpo. É um dos sinais que os investigadores utilizam para determinar a hora da morte. Se o cadáver estiver deitado algures durante horas, o sangue deixa uma marca permanente. No entanto, se o corpo é virado pouco depois da morte, o sangue não tem tempo para deixar a marca permanente e a avaliação da hora da morte pode ser comprometida.

A comissária Mead voltou exatamente quinze minutos depois. Devia ter estado a olhar para o relógio. Agradei-lhe a oportunidade de ver o ficheiro e pensei por um momento antes de dizer:

– Agora que tem a possível arma do crime em sua posse, vai reabrir o caso e investigá-lo?

– É possível. Porque tem isso tanta importância para si?

– Não quero estorvar o seu trabalho.

Ela riu-se, revelando dentes muito brancos.

– Asseguro-lhe, Mrs. Fletcher, que não deixarei que estorve o nosso trabalho durante uma investigação de homicídio.

– Não tenho dúvidas – disse eu. – Para que eu saiba, qual é o seu procedimento ao investigar um homicídio, mesmo que tenha quarenta anos?

Ela sorriu de forma sagaz.

– Isto é para a sua investigação do homicídio de Mr. Jones ou para um livro que está a escrever?

– Um pouco de cada – disse eu, retribuindo o sorriso.

– Bem, Mrs. Fletcher, hoje em dia os nossos procedimentos são muito diferentes daqueles utilizados quando Sherry Buchwalter investigou. Já agora, ele telefonou e disse que era uma senhora muito simpática.

– Foi amável da parte dele.
– É um homem bom. Deixe-me responder à sua pergunta. A arma que entregou está agora mesmo a caminho da nossa unidade forense. Temos a bala que matou Mr. Jones. Atribuirei o caso a um dos nossos investigadores de homicídios, provavelmente um sargento com uma experiência considerável e...

– Sim?
– Conto com a sua colaboração.
– Claro que colaborarei.
– Segundo sei, não ficaria feliz se reabríssemos o caso e o solucionássemos antes de a senhora o fazer. Disso depende um milhão de dólares.

Eu esperara isto dela. Tinha razão e eu assenti. Mas esperava que o esforço que já tinha feito, juntamente com o facto de ter descoberto a arma, me qualificasse como co-identificadora do assassino e, por extensão, merecedora do milhão de dólares para o centro de alfabetização, mesmo se não fosse a primeira a apontar o dedo ao assassino. A Tillie não fora muito específica, pelo que eu sabia, e de qualquer modo era provável que fosse Roland Richardson a ter a última palavra se o assassino fosse identificado por outra pessoa que não eu.

– Na verdade não considero isto uma competição, comissária.
– E eu não quis insinuar que considerava. O desafio que Miss Mortelaine lhe lançou é difícil e tenho de admitir que é divertido. Mas o resultado final é com certeza admirável e de desejo-lhe sorte, Mrs. Fletcher. Asseguro-lhe que colaborarei consigo como puder.

– Não posso pedir mais do que isso – respondi. – Espero que partilhe comigo os testes forenses da arma.

– Assim farei. Alguns dos meus investigadores hão de querer ir a Mortelaine House para documentar onde e como a arma foi encontrada.

– Terei todo o gosto em responder a todas as perguntas que possam ter – disse eu, levantando-me e pegando na carteira, que agora estava um pouco mais leve. – Agradeço-lhe pelo seu tempo, comissária, e pela sua sinceridade.

Ela acompanhou-me até ao átrio e cumprimentámo-nos outra vez.

Já lá fora, respirei fundo várias vezes e voltei ao parque pequeno. Sentei-me num banco para organizar as ideias. A descoberta da arma atrás da parede na casa da Tillie foi no mínimo inesperada e, obviamente, significativa. Seria a arma que alguém utilizara na festa de ano novo para matar Wanamaker Jones a tiro? Tinha de ser. A questão era quem a utilizara para o assassinar e a atirara para trás da parede. O detetive Buchwalter dissera-me que na noite do crime havia obras na casa. Isso teria dado ao assassino um lugar para esconder a arma, apesar de eu não conseguir imaginar que o detetive e os seus colegas não tivessem verificado paredes abertas ou procurado nos detritos das obras.

Permiti à minha mente que vagueasse até ao meu encontro fortuito com Charmelle O'Neill. Ela tivera um caso amoroso com Wanamaker Jones. Se a aventura tivesse azedado, ela tinha motivo para o alvejar. E o irmão também, que praticamente a aprisionara de uma forma que era difícil de entender, a não ser que tivesse medo de que a verdade se soubesse. Estaria a protegê-la a ela ou a si próprio? Estaria preocupado com o escândalo de ter um assassino na família? Isso não seria bom para um juiz, cujo posto dependia de eleições, no final de cada mandato. Ou estaria a encobrir a sua própria culpa? E a Tillie, que estava noiva de Jones na altura do crime? Se ela soubesse que ele a traíra

com Charmelle, que estranho seria que as duas mulheres tivessem continuado tão amigas todos aqueles anos após o homicídio.

O facto de Roland Richardson não me ter dito que estava presente na noite do homicídio de Wanamaker Jones perturbou-me. Parecia-me que poderia ter dito isso logo de início. Decidi interrogá-lo acerca desse lapso.

Fui até ao fim do parque e esperei que aparecesse um táxi livre. Enquanto nos dirigíamos para casa da Tillie, pensei na minha reunião com a comissária Mead Parker. Era óbvio que as coisas haviam mudado drasticamente na polícia de Savannah desde os tempos de Sheridan Buchwalter. Para começar, agora tratava-se da polícia metropolitana de Savannah-Chatham, uma fusão das polícias do condado de Chatham e da cidade de Savannah que ocorrera em 2003. O detetive Buchwalter descrevera uma polícia tensa em termos raciais e dividida, um estado de coisas que já não existia, felizmente. A comissária Parker era uma mulher negra, tal como as duas agentes na receção quando eu chegara. Era bom assistir a esse progresso racial, ainda mais significativo numa cidade tão sulista como Savannah. Essa realidade foi o único pensamento animador que tive durante a minha curta viagem até casa.

CAPÍTULO 19

Acabara de entrar em casa quando o telefone tocou. Mrs. Goodall atendeu e disse que era para mim.

– Está?

– Mrs. Fletcher, é a comissária Parker. Quer assistir ao teste do revólver que me entregou?

– Sim, é claro que gostaria – respondi. – Quando vão fazer o teste?

– Hoje à tarde, às cinco horas, no nosso laboratório criminal regional.

– Agradeço-lhe por me convidar – disse eu, surpreendida. Tinha saído do gabinete da comissária Parker preocupada que a polícia não fosse colaborar muito comigo. Era óbvio que a interpretara mal. – Diga-me como lá chego.

– Eu mando alguém buscá-la às quatro. Vai estar em Mortelaine House?

– Sim. Obrigada.

Estava à frente da casa nessa tarde quando um carro da polícia chegou, conduzido por uma agente de uniforme. Tenho a certeza de que ver o carro branco oficial com as letras a dizer POLÍCIA DE SAVANNAH-CHATHAM nas portas fez com que algumas cortinas das casas vizinhas se abrissem e causou alguma especulação sobre se teria acontecido algo nefasto na mansão da Tillie outra vez. Olhei para trás e vi que os Grogan assistiam à cena através de uma das janelas da frente da casa de hóspedes.

– Mrs. Fletcher? – perguntou a agente quando abri a porta traseira do seu veículo.

– Sim.

– Sou a agente Lee. A comissária Parker mandou-me para a levar ao laboratório criminal.

– Obrigada por me vir buscar – disse eu, entrando para o banco de trás e fechando a porta.

Ela conduziu o carro através do trânsito, incluindo muitos elétricos turísticos lentos que pareciam estar por toda a parte, e seguiu à volta da praça Calhoun, passando pela loja «The Book», que era o epicentro de todas as coisas relacionadas com o livro *Meia-Noite no Jardim do Bem e do Mal* de John Berendt, um livro imensamente popular e que, ajudado pela versão cinematográfica de Clint Eastwood, pusera a cidade na rota turística. Seguimos a Abercorn Street até sairmos do centro da cidade e a rua se tornar uma autoestrada em direção a sul, passando por todos os vestígios da inevitável periferia urbana, incluindo cadeias de restaurantes e lojas de roupa, muitos letreiros grandes que prometiam dinheiro rápido por uma série de razões, e o centro comercial Oglethorpe, um dos lugares preferidos de Melanie.

Virámos numa rua cuja placa dizia MOHAWK STREET, e seguimos por ela até que chegámos perto de uma série de edifícios baixos, à esquerda. Havia letreiros a indicar que eram a sede do departamento de investigação da Geórgia e uma das suas divisões, o laboratório criminal regional da zona costeira.

A agente Lee entrou num parque de estacionamento e desligou o motor. Segui-a, entrando no laboratório, onde ela foi cumprimentada por um homem grande com um sorriso simpático que se apresentou como Charlie Elison, diretor do laboratório.

– Os outros já cá estão – disse ele. A agente Lee e eu seguimo-lo através de uma série de portas, até uma sala em que todas as superfícies planas estavam cobertas por uma

uma espuma negra em forma de caixa de ovos. A comissária Parker estava lá com duas pessoas, um agente forense de uniforme e um jovem vestido de forma descontraída, que era o encarregado dos testes de ferramentas. Chamava-se Richie Gollub.

Pressenti que a minha presença inesperada causou algum desconforto na sala, que a comissária Parker fez desaparecer.

– Mrs. Fletcher está aqui em Savannah para... – lançou-me um olhar, e detetei-lhe um leve sorriso nos lábios. – Está cá para investigar o homicídio de Wanamaker Jones, de há quarenta anos.

– Li sobre si no jornal – disse Gollub, o perito, avidamente. – Foi mencionada no testamento de uma pessoa.

– A noiva da vítima – expliquei.

– Certo – disse ele. – E há um milhão de dólares a depender disso?

– Receio que sim – respondi.

Olhei para uma mesa onde havia um microscópio sofisticado ligado a um monitor de computador. Junto a ele estava o revólver que fora descoberto atrás da parede na casa da Tillie.

– Nunca vi um teste de balística – confessei –, apesar de já ter visitado laboratórios onde fazem testes a ferramentas. Já vi fazer uma correspondência entre uma chave de fendas utilizada para arrombar uma janela e as marcas na janela, e também a marca deixada por um alicate num cadeado que fora cortado.

– Tenho a certeza de que este laboratório é igual – disse Gollub pegando no revólver e dirigindo-se a um canto da sala onde estava um barril enorme, com pelo menos três metros de profundidade. – Os testes de balística são só outra forma de testar ferramentas – explicou ele enquanto o agente forense entregava a cada pessoa que estava na sala auscultadores isoladores, do tipo utilizado pelos trabalhadores nas pistas dos aeroportos para abafar o som de turbinas a jato. – A água no barril tem uma profundidade de três metros e meio, suficiente para deter uma bala que seja disparada para dentro dele. – Riuse. – Quando testo uma espingarda ou outra arma comprida, tenho de subir para aquela plataforma e disparar para baixo. Por enquanto, ainda não caí lá dentro.

– Mesmo com os auscultadores postos – disse Mr. Elison –, vai ser muito alto. Sempre que ele testa uma arma aqui dentro, o edifício abana todo. Se preferir pode ficar lá fora.

– Este calibre trinta e oito tem pelo menos sessenta anos – disse o especialista em ferramentas, virando a arma nas mãos. – E é pequeno. Não se veem muitos destes.

Todos colocámos os nossos auscultadores e recuámos enquanto ele apontava o revólver ao tanque. Puxou o gatilho. O diretor do laboratório tivera razão. O som foi dolorosamente alto apesar da proteção nos ouvidos e da espuma grossa para absorver o som nas paredes. Pareceu ficar na sala durante muito tempo, juntamente com o odor acre da pólvora.

Gollub tirou a bala do tanque, secou-a e colocou-a sob o microscópio.

– A bala que estou a comparar com esta é a que matou Mr. Jones há quarenta anos – disse ele. – Estou a ver se as estrias da que acabei de disparar correspondem às estrias da original. – Observei fascinada as duas imagens das balas aparecerem no monitor, lado a lado. As estrias feitas nas balas enquanto saíam do cano da arma em espiral ficaram focadas, e ele rodou uma bala, à procura de semelhanças nas marcas. Um minuto depois, foi óbvio até para o meu olhar leigo que as marcas correspondiam perfeitamente.

– As balas vieram ambas da mesma arma – anunciou o especialista. – São idênticas.

– Agora a questão é quem disparou essa arma e matou Wanamaker Jones – disse eu, mais para mim do que para as outras pessoas que estavam na sala.

– Não conseguimos obter impressões digitais da arma, exceto as que provavelmente pertencem ao canalizador – disse o agente forense.

– É uma pena – comentei.

A comissária Parker agradeceu a Alison e a Gollub, e saímos do edifício juntas.

– Raramente é fácil – disse ela quando estávamos lá fora. – Pelo menos temos a arma que foi utilizada.

– Um passo de cada vez – disse eu. – Comissária, quero que saiba que lhe estou muito grata por ser incluída desta forma na investigação.

Um som parecido com riso saiu da comissária.

– Para ser sincera, Mrs. Fletcher, adorava vê-la solucionar este homicídio. Seria bom fechá-lo. Além disso, estou a divertir-me. Miss Mortelaine era uma verdadeira excêntrica sulista, para fazer o que fez no testamento. – O seu riso foi mais forte desta vez. – Desejo-lhe muita sorte – disse. – Ligue-me sempre que achar que descobriu alguma coisa.

Observei-a a afastar-se e a juntar-se ao agente forense no carro em que haviam vindo. A agente Lee e eu entrámos no nosso carro e ela levou-me a casa. Quando eu estava prestes a sair, ela disse:

– Então foi sobre a senhora que eu li no jornal.

– Infelizmente, sim – respondi.

– Estava toda a gente a falar sobre si no comando – disse ela. – Até fizemos umas apostas em relação ao seu sucesso, não a dinheiro, só pelo prazer de ganhar.

– Como apostou?

– Apostei contra si, mas, agora que encontrou a arma do crime, acho que vou mudar a minha aposta.

– Agradeço a sua confiança em mim – disse eu, desejando senti-la também.

Ela começou a rir-se e abanou a cabeça.

– Tenha um bom dia, Mrs. Fletcher – disse ela ao engatar o carro e arrancar, ainda a abanar a cabeça.

Apercebi-me da piada e dei por mim a abanar a cabeça também, enquanto subia os degraus e entrava em casa.

Qual é o meu próximo passo?, pensei enquanto subia para o meu quarto, tirava os sapatos e me sentava junto à janela. A resposta surgiu-me. Procurei o meu telemóvel na carteira e liguei o número de Seth Hazlitt. Nesse momento senti-me muito longe de casa e precisei de uma voz familiar, mesmo a longa distância.

Seth, como sempre, foi generoso com o seu tempo, e a nossa conversa tranquilizou-me. Eu precisava de um ouvido objetivo, alguém que não conhecesse as pessoas de Savannah, que davam um retrato desnorteante das suas relações umas com as outras e com a vítima. Wanamaker Jones fora tão completamente rejeitado na morte como fora acolhido nas suas casas e corações em vida. Sem dúvida que tinha um considerável encanto pessoal, que lhe permitiu entrar em zonas que teriam sido negadas a outras pessoas com menos talento. No entanto, desconcertava-me a forma absoluta como as pessoas haviam cerrado fileiras e recusado às autoridades vislumbrar as circunstâncias que tinham levado à morte dele. Era quase como se tivessem vergonha de ter sido vigarizadas por um charlatão

e não permitissem que essa fraqueza fosse tornada pública.

Utilizei Seth como caixa de ressonância das minhas teorias e contei-lhe o pouco que julgava saber.

– Não te posso ajudar, Jessica – disse ele –, mas parece-me que tens a situação bem controlada. Deves conseguir fechar o caso dentro de uma ou duas semanas.

– Espero que tenhas razão. Estou sempre a pensar que me escapou alguma coisa, de alguma forma.

– Vais descobrir. Descobres sempre. E sê rápida, por favor. A minha caixa de bolachas está quase vazia.

CAPÍTULO 20

Mr. Basker, o canalizador, tinha combinado regressar dois dias depois para fechar a abertura que expusera a causa da fuga. O tempo suplementar fora atribuído para possibilitar que a polícia inspecionasse o lugar onde a arma do crime do caso Wanamaker Jones fora encontrada. Os Grogan estavam felicíssimos, convencidos de que Jones ligara a água para anunciar a sua presença. E, tanto quanto eu sabia, podiam ter razão. Ninguém avançara uma única razão para que um chuveiro enterrado na parede durante quarenta anos tivesse começado a funcionar. Que mão invisível poderia ter rodado uma torneira ferrugenta, permitindo que canos há muito secos se enchessem de água, a fizessem sair do chuveiro e encher a bacia, até verter nas tábuas poeirentas e cair do teto do escritório?

O canalizador, que tinha mais qualificações para dar um palpite, continuava perplexo.

Mrs. Goodall queixou-se da confusão no patamar e murmurou para si qualquer coisa sobre pessoas que haviam regressado em vez de continuarem mortas.

Eu tendia para a filosofia. Apesar de não conseguir convencer-me a dar ao fantasma de um homem morto o mérito de me ter ajudado a descobrir a arma que o assassinara, não tinha outra explicação. Estava disposta a aceitar simplesmente a minha sorte por ter descoberto o que o detetive Buchwalter chamara «prova conclusiva».

Os Grogan, resplandecentes pelo seu sucesso, interpretaram a parede aberta como um convite para concentrar todos os seus dispositivos de deteção eletrónica no que diziam ser provas concretas de atividade paranormal. Em consequência disso, o meu sono passou a ser acompanhado por barulhos junto à porta fechada do meu quarto, enquanto Artie e Samantha tentavam comunicar com o elemento espiritual de Mortelaine House outra vez, através de um buraco na parede. Para ser perfeitamente honesta, achei o ruído e a presença deles menos perturbadores do que os sons estranhos da casa quando estava vazia e mais agradáveis do que as anteriores investigações imprevistas dos Grogan a meio da noite.

A sala de jantar estava vazia quando desci para tomar um pequeno-almoço tardio na manhã seguinte. Os Grogan haviam voltado para a casa de hóspedes para descansar, depois da sua investigação que durara toda a noite, e o general Pettigrew não estava à vista. Tirei um queque do *buffet* que Mrs. Goodall deixara, peguei no jornal local e fui à cozinha, onde encontrei a governanta a preparar pastéis de caranguejo para o jantar. Melanie estava sentada à mesa de madeira pequena, a escrever no seu computador portátil. Com ar elegante, vestia *jeans* azul-escuros e um pulôver preto com gola quadrada, que emoldurava os vários fios de contas que tinha ao pescoço. Trazia pelo menos seis pulseiras douradas no pulso e perguntei-me como conseguia escrever com elas. Quando uso uma pulseira, geralmente tenho de a tirar se me sento ao computador.

– Mamã, sabias que, quando instalou as casas de banho novas, Miss Tillie tapou as antigas?

Mrs. Goodall viu-me a entrar na cozinha e assentiu.

– Na verdade não me lembro, filha. Foi há muito tempo.

– Bom dia – disse eu. – Posso juntar-me a vocês?

– Olá, Mrs. Fletcher – disse Melanie. – Pode sentar-se ao meu lado. Eu estava mesmo agora a perguntar à minha mãe sobre as casas de banho. – Arrastou a cadeira para criar espaço para mim à mesa.

Pousei o jornal e o prato com o meu queque e sentei-me a seu lado.

– Ainda está a trabalhar no relatório? – perguntei.

– Claro. Agora há muito a acrescentar. A mãe estava cá quando fizeram as obras.

Mãe? O pai não foi um dos carpinteiros que trabalharam lá em cima?

– Tenho muito que fazer hoje para estar a preocupar-me com o que aconteceu há tantos anos.

– Mas preciso de saber para o meu relatório.

– É melhor não me fales nesse tom, menina. Quando acabares de bater nessa máquina, tenho um recado para fazeres.

– Está bem – disse ela, arrastando as palavras com um beicinho dramático.

– Vou levantar as coisas do aparador. Volto já.

– Ela detesta falar comigo sobre a altura em que começou a trabalhar aqui – disse Melanie depois de a mãe sair da cozinha. – E eu estava a contar com ela para fazer o relatório, especialmente agora que a arma foi encontrada e tudo. Falei com o meu professor sobre o homicídio, e ele disse o que a senhora disse, que é uma parte importante da história da casa. Por isso agora preciso de saber tudo, e ela não ajuda. – Melanie franziu o sobrolho ao fechar o computador, e depois animou-se. – Mas a minha mãe disse que há qualquer coisa no jornal de hoje. Uma entrevista com os Kendall. Viu-a?

– Ainda não li o jornal – respondi –, mas vou procurar o artigo. Guardá-lo-ei para si.

Melanie tirou um casaco de imitação de peles das costas da cadeira e vestiu uma das mangas.

– Será que podia pedir-lhe um favor, Melanie? – perguntei.

– Sim, senhora.

– Enquanto está fora, posso utilizar o seu computador por uns minutos?

– Claro – disse ela, lentamente. – Sabe como funciona? – Olhou para mim com ceticismo.

– Tenho um em casa, por isso estou confiante de conseguir orientar-me. Conseguir aceder à internet daqui?

– Daqui não – disse ela –, mas pode ir ao hotel. Eles têm rede sem fios em toda a parte. É um ponto forte.

– Não se importa que leve o seu computador para lá?

– Não, senhora. Pode levá-lo consigo à vontade. Confio que mo devolverá são e salvo.

– Claro que sim.

Melanie mostrou-me algumas funcionalidades do computador e saiu, levando a lista de compras da mãe.

Apresentei-me na receção do hotel e o funcionário disse-me que poderia aceder à internet de qualquer ponto do edifício. Levei o portátil de Melanie para a sala de jantar, verificando antes se o general Pettigrew estava presente. A multidão do pequeno-almoço dispersara e o pessoal do restaurante estava a pôr as mesas para o almoço. Só algumas mesas estavam ocupadas. Um empregado levou-me a uma mesa afastada das janelas, onde eu não veria reflexos no monitor do computador. Pedi uma chávena de chá e abri o jornal, procurando a entrevista com Rocky e Rose Kendall. Soube que a encontrara quando vi na segunda página o cabeçalho DESVENDAR UM HOMICÍDIO OU ROUBAR UM MILHÃO?, sob o qual havia uma fotografia dos irmãos em frente a Mortelaine House.

Qual é o verdadeiro motivo por trás da viagem da escritora de policiais Jessica

Fletcher a Savannah? É o que perguntam Roy Richard Kendall e a sua irmã, Rose Margaret Kendall, moradores em Savannah e herdeiros da fortuna da falecida Miss Tillie Mortelaine. Miss Mortelaine, uma das grandes damas de Savannah, que faleceu no mês passado com noventa e um anos, deixou um milhão de dólares à escritora ianque, com a condição de que o doasse ao programa de alfabetização de Savannah, uma das instituições de caridade preferidas da falecida. Mas, antes disso, Mrs. Fletcher tem de desvendar um homicídio que ocorreu em Mortelaine House há quarenta anos.

«Se ela receber o milhão de dólares, não há garantias de que o entregará à fundação de alfabetização», disse Mr. Kendall, a quem chamam Rocky.

Miss Kendall concordou com a análise do irmão e acrescentou: «A tia Tillie sempre quis que herdássemos a casa. Afinal de contas, somos os seus únicos parentes vivos. E o testamento está a ser adiado enquanto esperamos que Mrs. Fletcher brinque aos detetives.»

Entretanto, a escritora parece fazer progressos. Fontes na polícia metropolitana de Chatham-Savannah disseram-nos que Mrs. Fletcher descobriu e entregou à polícia a presumível arma do crime.

No entanto, isso não parece tranquilizar toda a gente. Missy Anderson, diretora executiva da Fundação de Alfabetização de Savannah, exprimiu os seus receios em relação ao legado. «Miss Mortelaine prometeu que zelaria por nós no seu testamento. Não tenho a certeza da razão pela qual pôs condições à doação. Afinal de contas, ela e Miss Charmelle O'Neill foram as fundadoras do programa. Espero apenas que Mrs. Fletcher esteja à altura das condições do testamento e não nos retire os fundos.»

Mas a sobrinha de Miss Mortelaine não tem tanta confiança no sucesso da escritora. «Pessoalmente, creio que ela está a tentar roubar a fortuna e privar-nos da herança que é nossa por direito.»

Na sua infância, foram os Kendall que descobriram o cadáver de Wanamaker Jones no primeiro andar de Mortelaine House, na passagem de ano de 1967. O caso nunca foi solucionado e os irmãos dizem que não têm qualquer problema com isso. Gostariam apenas que o testamento da tia fosse executado e de «livrar-se» da escritora forasteira.

Suspirei e pousei o jornal. Os Kendall tentavam cimentar o seu direito à herança aos olhos do público. Que atropelassem a verdade ao fazê-lo não me afetaria em última análise, apesar de não gostar de me ver retratada como uma intrusa que estava atrás do dinheiro da Tillie, quando fora ela que me envolvera. Não me surpreenderia se os Kendall se preparassem para agir judicialmente se a herança não correspondesse às suas expectativas. Duvidava de que tivessem argumentos legais, mas a ganância raramente tem consciência de si própria.

O empregado de mesa trouxe um bule de chá e uma fatia de bolo *Lady Baltimore*, «com os cumprimentos do pasteleiro».

– Está a testar uma receita nova – disse ele, pousando o bolo branco com cobertura branca na mesa.

– Por favor transmita os meus agradecimentos ao pasteleiro – respondi, sorrindo mas

gemendo por dentro. Esperara um dia com poucas calorias. Afastei o bolo, servi uma chávena de chá, abri o computador de Melanie e acedi à minha conta de *email*.

As mensagens haviam-se amontoado durante a semana que passara. Respondi às mais urgentes e depois virei-me para o Google, o que fora a minha intenção original. Escrevi «James J. Pettigrew» e carreguei em PESQUISAR. O único general que o motor de busca encontrou foi um com o mesmo nome, da época da guerra civil. Pettigrew era mais velho do que eu, mas não tinha cento e cinquenta anos. Havia alguns artigos sobre um James Pettigrew, que era agente imobiliário nas Bahamas e que fora acusado de fraude num negócio de hotelaria. Um perfil breve incluía o facto de ser originário da Virgínia, mas não mencionava serviço militar, o que me parecia ser uma parte importante dos antecedentes do homem, especialmente se alcançara a patente de general.

Verifiquei o sítio do jornal local. Quando o detetive Buchwalter me mostrara a história sobre mim numa edição anterior, vira uma fotografia acima do texto. Na altura não lhe prestara atenção, mas queria vê-la agora. Era sobre empresários do ramo imobiliário e os projetos de expansão para o hotel no qual estava sentada. Utilizando a funcionalidade de busca do jornal, juntamente com a data, encontrei a fotografia, e procurei artigos semelhantes acerca do hotel e dos seus planos de expansão.

Caiu uma sombra sobre a mesa quando alguém bloqueou a luz. Olhei para cima e vi o general Pettigrew, ou talvez só Pettigrew, sem patente.

– Vê alguma coisa de interessante? – perguntou, juntando-se a mim à mesa sem esperar por convite.

– O que vejo é que tem andado a apresentar-se mal a vários níveis – respondi de forma calma, esperando forçá-lo a revelar-se.

– Não diga. As pessoas são tão crédulas hoje em dia – disse ele, de forma descontraída. – O que descobriu?

– Não tem experiência militar, apesar de alegar ter a patente de general.

– Os militares impressionam sempre. Sabe que as pessoas estão mais dispostas a ficar suspensas das nossas palavras quando acham que liderámos homens em batalha? É um engano pequeno, mas útil. Parecido com uma escritora de policiais de cordel à frente da investigação de um homicídio. Não é propriamente o seu emprego oficial, pois não? Mais alguma coisa?

– Apresentou-se neste hotel como especialista em negócios imobiliários quando não o é de todo. Na verdade, foi acusado de fraude num negócio parecido nas Bahamas.

– Acusado, mas nunca condenado, Mrs. Fletcher. Há uma grande diferença, coisa que a senhora devia saber, sendo uma detetive a fingir, por assim dizer. – Tirou um pouco do bolo que o empregado trouxera com os dedos e pô-lo na boca. – E, na verdade, o incidente nas Bahamas deu-me bastante experiência imobiliária, que consegui aplicar no meu trabalho para os donos deste hotel. Por isso, na verdade não tem muita informação relevante sobre mim, pois não?

– Fez a corte a uma mulher idosa, pedindo-a em casamento numa tentativa de aceder à fortuna dela e, mais especificamente, à casa. Sentia alguma coisa pela Tillie? Ou foi apenas um meio para os seus fins?

– Sentimentos? – perguntou ele, dando uma gargalhada. – Eu amava-a, desde a ponta do seu nariz arrogante à sola dos seus chinelos azuis. Não desperdice lágrimas a chorar pela velhinha inocente enganada pelo general mauzão. Ela era tão vigarista como eu. Foi

um desafio estar à altura da astúcia dela. Oh sim, eu tinha muitos sentimentos por Tillie Mortelaine. E ela tinha sempre um belo *Armagnac* à mão para mim. – Fingiu erguer um copo para brindar.

– Está realmente à espera de receber a casa quando o resto do testamento for revelado?

– Eu? Não. Ela era demasiado astuta. Mas tenho estado a trabalhar com os sobrinhos, apesar de não saberem que é comigo que estão a negociar. Creio que estão perto de fechar negócio.

– E se a casa não ficar para eles?

– Lamento desiludi-la, Mrs. Fletcher, mas a casa vai ficar para os Kendall, de certeza.

– Como pode ter tanta certeza?

– Tenho informação privilegiada.

Tirou outro pedaço do bolo, lambendo a cobertura do dedo indicador, sorriu-me e saiu da mesa.

Respirei fundo e tentei libertar a tensão que me agarrara os ombros. Fechei o computador e sorri para mim. O suposto general tentara provocar-me enfiando os dedos no bolo. Mal sabia ele que eu ficara grata por me ter poupado a comê-lo. E a nossa conversa oferecera outras informações valiosas.

Artie e Samantha Grogan estavam na cozinha da casa de hóspedes quando bati à porta.

– Olá, Jessica. Está com problemas no computador? – perguntou Artie, reparando no portátil de Melanie. – Sabemos tudo sobre computadores.

– Não é meu – respondi. – Vou agora devolvê-lo. Passei por aqui só para perguntar como correu a investigação da noite passada.

– Não foi tão produtiva como esperávamos – disse ele. – Mas temos horas de material para rever, por isso pode haver lá mais do que nos apercebemos neste momento.

Samantha olhou para mim, cética.

– Não a julguei interessada na nossa investigação, Jessica. Pensei que partilhasse a opinião do general de que praticamos «ciência falsa», como ele lhe gosta de chamar.

– Pelo contrário – disse eu. – Estou muito interessada no vosso trabalho e espero que me mostrem parte dele.

– Vês, Sammy? Eu disse-te que os íamos converter a todos. Não disse desde o início que as leituras eram mais fortes junto das casas de banho? Era onde estava concentrada toda a atividade paranormal. E olha o que aconteceu. Agora acredita, certo, Mrs. Fletcher?

– Digamos apenas que não sou descrente – disse eu. – Mas vou deixar que me convençam. Têm algum tempo para me mostrar as vossas imagens?

Passei duas horas com os Grogan. Quando voltei para a casa, deixei o computador com Mrs. Goodall e fui ao escritório da Tillie, onde peguei no telefone. Estava na altura de ligar a Roland Richardson III.

CAPÍTULO 21

- Boa tarde, Mrs. Fletcher.
- Boa tarde, Mr. Richardson.
- Então, o que posso fazer por si neste belo dia?
- O seu nome surgiu várias vezes desde que comecei a investigar o homicídio de Wanamaker Jones.
- Surgiu?
- Sim. Eu tencionava ir ao seu escritório fazer-lhe umas perguntas, mas tenho estado tão ocupada que não tive tempo para isso. Aconteceu tudo tão rapidamente.
- Bem, eu digo sempre que não há melhor tempo que o presente. Quanto mais depressa melhor, não é? Força.
- Eu tinha esperança de fazer isto em pessoa, mas se não se importa... Está bem. Queria perguntar-lhe o seguinte...
- Sim?
- Estava em Mortelaine House na noite em que Wanamaker Jones foi morto. Porque não me disse?
- Sim, bem, dê-me um momento. – Tossiu e conseguiu imaginá-lo a tirar os óculos e a limpar as lentes enquanto organizava as ideias. – Pronto, assim está melhor – disse ele. – Sabe, Mrs. Fletcher, metade da cidade de Savannah estava na festa de passagem de ano de Tillie Mortelaine nesse ano.
- É verdade, mas só um grupo seletivo ficou depois de os outros convidados irem embora, e o senhor foi um dos membros desse grupo.
- Fui. É verdade. Estávamos a beber uma bela garrafa de *bourbon* que ela reservara para nós. Ela sabia o quanto eu gosto de *bourbon*. Não valia a pena desperdiçá-lo com pessoas que não o apreciam, disse-me ela. Creio que era um dos primeiros *bourbons* de barril único e não uma mistura, como costumam ser.
- Também foi uma das pessoas que correram escadas acima quando as crianças descobriram o corpo.
- Fui?
- Foi. O Dr. Payne e o juiz O'Neill mencionaram-no.
- Devem ter razão. Não me lembro dessa noite assim tão bem – disse. – A idade deve estar a fazer das suas.
- Espantei-me por o homem conseguir lembrar-se do *bourbon* que bebeu mas não da descoberta de uma vítima de homicídio, mas deixei passar. Tinha um favor a pedir-lhe e queria a colaboração dele.
- Mr. Richardson, creio que pode estar na altura de nos encontrarmos.
- Fico ansiosamente à espera, claro, Mrs. Fletcher. O meu escritório está aberto para si a qualquer hora. Mas não respondi já a todas as suas perguntas?
- À maioria delas – disse eu.
- Há mais alguma coisa que possa fazer por si?
- Há sim, Mr. Richardson. Creio que estou pronta para cumprir o desafio que Miss Tillie me lançou no testamento.
- O silêncio do outro lado da linha disse muito sobre a sua surpresa.
- Mr. Richardson?

– Sim. Oh, sim, Mrs. Fletcher. Está a dizer que desvendou o homicídio de Wanamaker Jones?

– Creio que sim – respondeu.

– Bem, isso é uma notícia. Sim, de facto, é uma grande notícia. Confesso que não esperava isto tão cedo. Afinal de contas, deram-lhe um mês. Ainda não passaram duas semanas desde que chegou.

– Quanto mais cedo melhor, não diria?

– Suponho que tem razão quanto a isso, Mrs. Fletcher.

– O que eu gostaria, Mr. Richardson, é que o senhor...

– Para quem apontam os seus bonitos dedos, Mrs. Fletcher?

– Prefiro fazer essa declaração noutras circunstâncias, não ao telefone.

– Circunstâncias diferentes?

– Sim, e preciso da sua ajuda.

– Bem, estou à sua disposição, com certeza.

– Agradeço. Já que é administrador da fortuna da Tillie, gostaria da sua autorização para realizar uma reunião aqui na casa.

– Sim. Claro. Vou dizer a Mrs. Goodall para não olhar a despesas. Que data sugere?

– Amanhã à noite?

– É pouca antecedência.

– Eu sei – respondi –, mas, tendo em conta a importância do que tem a dizer, presumo que toda a gente estará disposta, se não ansiosa, a comparecer.

– Sem dúvida. Mais alguma coisa que eu possa fazer?

– Espero que convide as pessoas por mim.

Ele tossiu um pouco e depois pediu desculpa.

– Não sei, Mrs. Fletcher.

– O senhor representa a Tillie e tem as respostas a todas as perguntas sobre a disposição final da fortuna dela naquele envelope selado. Creio que, se o pedido vier da sua parte, as pessoas que convidar estarão menos dispostas a recusar. Fá-lo, por favor? Pede às pessoas que eu lhe vou indicar para virem a Mortelaine House jantar, amanhã, digamos às sete horas?

– Deixe-me pensar nisto um minuto – disse ele.

Esperei.

– Quem estaria na sua lista de convidados? – perguntou.

Não pensara que as pessoas reunidas com o propósito de identificar um assassino seriam consideradas «convidados», mas não o corrigi. Consultei a lista que anotara e li os nomes.

– Eu certifico-me de que os Grogan estão lá – acrescentei –, assim como Mr. Pettigrew.

– Posso perguntar porque quer Pettigrew e os Grogan presentes, Mrs. Fletcher? Afinal de contas, eles não estavam presentes há quarenta anos quando Mr. Jones foi assassinado.

– Eu sei – respondi –, mas em tempos recentes ficaram a conhecer a Tillie. Creio que podem ter alguma informação a oferecer.

O seu suspiro foi profundo e prolongado.

– Farei o melhor que puder.

– É só isso que posso pedir. Tem a bondade de me telefonar depois de contactar toda a

gente?

– Se quiser.

– Preferia que ligasse para o meu telemóvel, em vez de ligar para a casa – pedi. Deixei-lhe o número.

– Espero que não acabe por ser uma noite desperdiçada – disse ele. A voz tornara-se mais desagradável; havia até uma nota de aviso.

– Tentarei que não seja – respondi. – Fico à espera de ouvir notícias suas.

Pensara em pedir a Richardson que não revelasse o propósito do jantar, mas mudara de ideias antes de lhe telefonar. Tinha as minhas razões para querer que todos soubessem porque haviam sido convocados.

Desligámos e eu fui para a cozinha, onde Mrs. Goodall estava ocupada a preparar o jantar dessa noite.

– Tem uns minutos? – perguntei.

Ela parou o que estava a fazer, limpou as mãos no avental e encostou-se à bancada.

– Sei que é em cima da hora – disse eu – e uma grande imposição para si, mas espero que possa acomodar alguns convidados para o jantar de amanhã.

– Vai dar uma festa?

Ri-me.

– Não sei se será uma grande *festa* – respondi –, mas não posso fazer isto sem si. Pode fazê-lo? *Quer fazê-lo?*

Ela pensou no meu pedido durante um momento antes de perguntar:

– De quantas pessoas está a falar?

– Cerca de dez – disse eu.

– E quem serão?

– Conhece-as a todas, Mrs. Goodall. – Disse-lhe os nomes.

Ela olhou para mim, confusa.

– Tenho a sensação de que não vai ser uma ocasião feliz, Mrs. Fletcher.

– Isso depende do ponto de vista – respondi. – Na verdade não posso dizer mais nada por agora, Mrs. Goodall, a não ser obrigada.

– Dez pessoas para jantar – murmurou. – Dez pessoas. Bem, é melhor voltar ao que estava a fazer. Dez pessoas para jantar.

Saí da cozinha e fui para o meu quarto, para esperar pelo telefonema de Richardson. O meu telemóvel tocou uma hora depois.

– Ficaré satisfeita por saber que todas as pessoas que mencionou concordaram ir à casa amanhã às sete horas – disse ele, parecendo não estar muito feliz com isso.

– Incluindo o senhor, Mr. Richardson – disse eu.

Ele fez uma pausa.

– Tinha feito outros planos para a noite – disse ele.

– Eu sei que isto é um pedido de última hora – retorqui –, mas é de uma importância vital que esteja cá, *com* o envelope selado que lhe foi dado por Miss Tillie.

– Está a sugerir que o envelope seja aberto ao jantar de amanhã?

– Estou, sim. Afinal de contas, as instruções foram para que o abrisse no caso de eu desvendar o homicídio, ou se tivesse passado um mês e eu falhasse. Creio que tive sucesso.

– Receio que isto esteja tudo a acontecer demasiado rápido para que este humilde

advogado do campo entenda – disse ele.

– Vai lá estar?

– Sim, vou lá estar e levarei o envelope comigo.

– Maravilhoso! – disse eu, tentando ocultar o alívio da minha voz. – Fico ansiosa por vê-lo.

Na manhã seguinte, acordei cedo e jurei passar o dia a descontraír. Uma corrida revigorante estava fora de questão, apesar de os meus músculos gritarem por exercício. O meu joelho estava consideravelmente melhor, mas não estava certamente capaz de aguentar a pancada que levaria se eu corresse pelas ruas da cidade. Ainda assim, estava cheia de vontade de sair de Mortelaine House, para o ar fresco. Apesar de ter confiança nos acontecimentos dessa noite, não queria passar as horas anteriores ao jantar a pensar no que ia dizer. Para além disso, o dia prometia ser lindo em Savannah, o céu de um azul límpido, o ar puro e fresco.

Artie Grogan deteve-me quando estava prestes a sair de casa.

– Quero que saiba – disse-me – que a Sammy e eu estamos a postos para hoje à noite.

– É bom ouvir isso – respondi. – Obrigada. Até logo.

Com a preocupação de que uma caminhada longa pudesse atrasar-me, optei por encontrar uma das paragens dos elétricos turísticos da cidade velha. Comprei um bilhete e recostei-me enquanto o condutor comentava as vistas históricas pelas quais passámos lentamente. Mais de seis milhões de turistas visitam Savannah todos os anos, e fiquei satisfeita por estar entre eles. Como os passageiros podiam entrar e sair do eléctrico em vários pontos espalhados pela cidade, aproveitei a visita guiada e passei algum tempo no mercado municipal, a ver lojas e galerias que não conseguira visitar no Dia de São Patrício, quando me encontrara com os Jones.

Também caminhei até à igreja batista africana ali perto, que dá para a praça Franklin. Era a igreja de Mrs. Goodall e, apesar de a ter visitado numa estada anterior em Savannah, gostei de voltar a vê-la. Construída, tijolo a tijolo, à noite, por escravos depois de trabalharem até à exaustão nas plantações dos arredores durante o dia, a igreja descende da congregação afro-americana mais antiga dos Estados Unidos. Já conhecia a história do soalho original e do padrão em forma de diamante que foi feito nas tábuas. No século XIX, diziam a quem entrasse na igreja à procura de escravos fugitivos que o padrão com buracos representava um símbolo africano. Na verdade, era uma forma de dar ar aos escravos escondidos sob o chão, as botas dos que os caçavam a centímetros dos seus rostos. Só de pensar no terror por que aqueles homens e mulheres em busca da liberdade deviam ter passado, senti arrepios naquela primeira visita, e tive a mesma reação nesta segunda.

Voltei a entrar no eléctrico, vendo edifícios como a Casa Mercer Williams, o ponto fulcral de *Meia-Noite no Jardim do Bem e do Mal*. O famoso compositor de canções Johnny Mercer morou em Savannah mas nunca viveu naquele edifício magnífico. Também passámos pelo Juliette Gordon Low Center, a casa de família da fundadora das Guias, e pela casa de Flannery O'Connor, hoje um museu em honra da famosa escritora sulista, e por outros exemplos da arquitetura historicamente rica e excelente desta cidade única do Sul.

Fiz uma paragem que não fazia parte de nenhuma visita guiada. Caminhei até ao parque onde me encontrara com Charmelle, esperando vê-la, e ela estava lá. Com o

cuidado de procurar Beverly, que não ficaria feliz por me ver a falar com a sua doente outra vez, contei a Charmelle sobre a reunião que planeara em casa da Tillie nessa noite, e as horas a que as pessoas eram esperadas.

– Pode lá ir – perguntei.

O seu rosto foi acometido por um medo abjeto.

– Não, não – disse ela. – O Frank ficaria furioso se eu pedisse. E ele não me deixaria fazer isso. Sei que não.

– Mas não tem de pedir autorização ao seu irmão – respondi. – É adulta. Pode decidir por si.

Ela abanou a cabeça, como se eu tivesse sugerido algo horrível.

– Não posso – gemeu ela. – Não posso mesmo.

Não havia mais nada a fazer. Charmelle nunca ultrapassara a sua timidez no que dizia respeito aos desejos do irmão. A Tillie teria ficado desiludida, como eu fiquei. Tentei mais uma vez:

– Sei que a Tillie queria que estivesse lá, Charmelle. Era a sua melhor amiga. – Mas ela continuou a abanar a cabeça, a fungar para um lenço.

Afastei-me, cheia de tristeza, com pena de Charmelle, cuja vida fora limitada pelo controlo firme do irmão, uma prisão da qual ela parecia incapaz de escapar.

Quando voltei para Mortelaine House, a minha necessidade de tocar numa parte da História fora saciada. Mais importante, durante grande parte do dia a visita guiada permitira-me não pensar no jantar que se aproximava. Imaginei como queria que a noite corresse, mas fui suficientemente realista para saber que seria ingénuo presumir que decorreria de acordo aos meus desejos. Estava prestes a acusar uma pessoa de homicídio. Era verdade que acontecera há quarenta anos, mas não era propriamente o tipo de assunto que promovesse conversa de jantar cordial.

Depois de fazer uns telefonemas no meu quarto, tomei um duche, vesti-me muito antes do jantar, e fui ter com Mrs. Goodall na cozinha.

– Há alguma coisa que eu possa fazer para ajudar? – perguntei.

– Não, minha senhora – respondeu ela. – Tenho quase tudo pronto. Já que vêm aquelas pessoas todas cá jantar, achei que seria melhor servir pessoalmente a comida, em vez de utilizar o aparador. Disse à Melanie que me viesse ajudar.

Ter uma pessoa tão jovem presente podia não ser sensato, dado o assunto a ser tratado, pensei, mas não levantei objeções, não querendo aborrecer a governanta.

A sala de jantar estava linda. Mrs. Goodall utilizara a melhor porcelana, o melhor cristal, os melhores talheres e velas. Todas as cadeiras elegantes com bordados estavam encostadas à mesa. *Que pena lançar a sombra de um homicídio sobre um ambiente tão festivo*, pensei.

A primeira pessoa a chegar foi o Dr. Warner Payne. Parecia bem-disposto e fez-me um cumprimento caloroso e acompanhado de um sorriso aberto. Antes de sair do átrio, aproximou-se de mim e disse:

– Então, mostrou-se à altura das circunstâncias, heim?

– Já sabe – disse eu.

Piscou-me o olho.

– Sim, o Rollie disse-me por que estamos aqui. Tenho a sensação de que não teria organizado isto a não ser que tivesse a certeza absoluta.

– Espero que tenha razão – disse eu.

– Deve ser uma noite animada – declarou, com uma risada cúmplice.

Uma pancada na porta de casa anunciou a chegada do segundo convidado da noite, Roland Richardson III. Acabara de entrar quando olhei para lá dele e vi a carrinha especialmente equipada do juiz O'Neill encostar ao passeio. A sua enfermeira saiu, deu a volta e operou um elevador hidráulico que o baixou, na sua cadeira de rodas, da carrinha para o chão. Empurrou-o ao longo do lado da casa na direção da porta das traseiras, onde a Tillie instalara uma rampa.

Cumprimentei-o lá.

– Vá-se embora agora – disse ele a Beverly, ignorando-me nesse momento. – Chamá-la-ei quando precisar de si.

Senti-me tentada a sugerir que, se ele conseguia caminhar nos seus aposentos em casa, como o vira a fazer, conseguia andar aqui também, mas controlei-me e limitei-me a dizer:

– Boa noite, meritíssimo.

– Estou aqui apesar de achar má ideia – rosnou. – Hoje é a minha noite de póquer. É bom que isto valha a pena.

Passou a rolar por mim, de forma brusca. Segui-o até ao salão, onde estavam a servir bebidas antes do jantar. Havia um balde de prata cheio de gelo no carrinho com tampo de vidro que a Tillie utilizava quando recebia convidados. Mrs. Goodall também dispusera uma seleção de garrafas, copos e sumos para os convidados, cujas preferências em termos de bebida conhecia bem.

– Eu sirvo – anunciou Payne, dirigindo-se ao bar improvisado e perguntando a todos o que queriam beber.

– Dois dedos de *bourbon*, por favor – disse Richardson a Payne. – Simples.

– E o meritíssimo? – perguntou Payne quando O'Neill entrou na sala.

– Eu bebo o mesmo.

Payne entregou as bebidas aos cavalheiros e serviu uma para si. Juntei-me a Richardson, que se dirigira a um dos cantos da sala.

– Trouxe o envelope? – perguntei, num sussurro.

Ele respondeu dando uma pancadinha no bolso da frente do seu casaco de linho castanho-claro.

Virei-me quando outra pessoa chegou, James J. Pettigrew.

– Bela reunião – disse, dirigindo-se diretamente ao bar e observando as garrafas. – Ah, bom, o meu preferido, *Armagnac*. Mrs. Goodall nunca me deixa ficar mal. – Olhou para mim. – Segundo sei, vai fazer um anúncio monumental hoje.

Fui atraída ao vestíbulo quando bateram à porta, e estava lá Melanie, que estivera na cozinha com a mãe, a abrir a porta a Rocky e Rose Kendall.

– Boa noite – disse ela, como uma anfitriã profissional. Tive de sorrir. Estava obviamente a desfrutar do seu papel de quase-anfitriã nessa noite e tencionava aproveitá-lo ao máximo.

Os Kendall passaram por ela sem dizer palavra, não foram ao salão, indo diretamente para a sala de jantar, onde segredaram um ao outro.

– Provavelmente estão a contar as pratas – murmurou Melanie para si. Fez-lhes uma careta nas suas costas, o que me fez sorrir. Ela viu que eu reparara e lançou-me um olhar de súplica, para que lhe desse a minha compreensão. – Oh, não diga à minha mãe que eu

disse aquilo. – Apressou-se a voltar para a cozinha.

Ri-me, e estava a virar-me para o salão quando bateram à porta outra vez. Parecia-me que já tinham chegado todas as pessoas convidadas.

Mrs. Goodall saiu do salão rapidamente e agarrou a maçaneta antes de eu poder abrir a porta. Era Charmelle O'Neill.

CAPÍTULO 22

Charmelle tinha um pesado xaile axadrezado em tons de vermelho e preto aos ombros e uma boina a condizer. Parecia especialmente velha e frágil, o rosto magro muito pálido e umas madeixas de cabelo branco a sair da boina.

Mrs. Goodall soltou um lamento ao ver Charmelle, e as duas mulheres apertaram as mãos, de lágrimas nos rostos. Tive a certeza de que queriam abraçar-se, mas os anos de comportamento formal entre elas eram demasiado difíceis de ultrapassar.

– Entre. Rápido. Está demasiado frio para ficar aí fora – disse Mrs. Goodall. – Aquece-me o coração saber que está bem. Andava tão preocupada.

– Estou bem, mas é difícil sem ela, não é? – disse Charmelle, a voz quase um gemido.

Mrs. Goodall assentiu, limpando as lágrimas. Viu-me à espera para cumprimentar Charmelle.

– Aqui está Mrs. Fletcher – disse ela.

Pus o braço à volta do ombro de Charmelle e disse:

– Não esperava que viesse.

Ela respondeu com voz ténue e fraca:

– Eu quis vir.

– E fico muito contente que o tenha feito, Charmelle. Entre.

– O Frank está...

– Sim, o Frank está cá, mas não se preocupe com isso. Eu trato dele.

Mrs. Goodall ajudou-a a tirar o xaile e pegou-lhe na boina. Fiquei perto dela, para o caso de ela cair.

– Está pronta? – perguntei.

– Sim – respondeu ela, mas não sem antes verificar a sua aparência ao espelho. Reparei que pusera batom, não de uma forma especialmente correta, mas isso não interessava. O facto de se importar com o seu aspeto era animador.

Pus o braço à volta dela e saímos do vestíbulo lentamente e ficámos à porta do salão. Todas as conversas pararam. Richardson quebrou o silêncio:

– Ora, ora, Miss Charmelle – disse ele.

O juiz O'Neill estivera de costas para a porta. Ao ouvir o nome da irmã, virou-se na cadeira de rodas.

– O que estás *tu* aqui a fazer? – perguntou.

– Eu convidei-a – respondi – e estou encantada por ela ter aceiteado o meu convite.

– Eu sugiro que... – começou a dizer o juiz.

– E *eu* sugiro que desfrutemos destas bebidas e esperemos pelo jantar – retorqui.

– Apoiado – disse o Dr. Payne de onde estava, junto ao bar.

Instalei Charmelle numa cadeira e perguntei se queria beber alguma coisa.

– Creio que um xerez seria agradável – disse ela, numa voz fraca mas bem audível.

Os irmãos O'Neill mantiveram distância um do outro, até que Mrs. Goodall espreitou no salão e anunciou que o jantar ia ser servido.

Aproximei-me dela e perguntei:

– Onde estão os Kendall?

– Na sala de jantar – disse ela –, a examinar todos os pertences de Miss Tillie. São um par desagradável.

Não contradisse a sua avaliação.

Quando nos dirigíamos para a sala de jantar, Artie e Samantha Grogan apareceram nas escadas que desciam do andar dos quartos. Artie agarrou-me pelo cotovelo e puxou-me.

– Acabámos de o ver outra vez – disse ele num sussurro rouco.

– Quem?

– Wanamaker Jones. – O seu sorriso era arrogante. – Ele deve saber a razão pela qual toda a gente está cá hoje.

– Talvez – disse eu. – Mas lidemos com o seu avistamento mais tarde.

Pareceu desiludido, mas não insistiu.

Rocky e Rose Kendall já estavam sentados, com rostos sombrios, quando entrámos na sala de jantar.

– Espero que alguém tenha feito um inventário dos pertences da minha tia – disse Rocky. – Ficariámos muito transtornados se tivesse desaparecido alguma coisa. Já chega estarem todos a comer e a beber à conta dela.

Richardson ignorou o comentário de Rocky e dirigiu-se ao seu lugar habitual à cabeceira da mesa.

– Já que Mrs. Fletcher é nossa anfitriã esta noite – disse ele –, sugiro que lhe seja dado o lugar de honra.

– Gostaria que a Charmelle se sentasse ao meu lado – disse, e puxei uma cadeira. O juiz O'Neill posicionou-se o mais longe possível da irmã e lançou-lhe um olhar furioso. Fiquei satisfeita por ver que ela ignorou totalmente os olhares severos e penetrantes dele.

O primeiro prato, gaspacho, estava à espera nos nossos lugares. Mrs. Goodall chegou, trazendo duas garrafas de vinho, uma de tinto e outra de branco, e encheu copos de acordo com a preferência de cada convidado. Houve pouca conversa enquanto todos desfrutavam, ou fingiam desfrutar, da sopa. Quando as taças foram levantadas e Melanie trouxe saladas, a conversa animou um pouco. Mantive o olhar sobre Charmelle, que olhou em redor pela sala, muito provavelmente lembrando-se de outros jantares com Tillie a presidir à mesa. Suspirou, mas pareceu controlada. O juiz O'Neill e Roland Richardson pressionaram-me para anunciar o que planeava, mas ignorei os pedidos e tentei manter o diálogo a fluir noutras direções.

Mrs. Goodall excedera-se com a refeição. As costeletas de carneiro panadas estavam magníficas, assadas e temperadas na perfeição, os legumes cozinhados de uma forma perfeita, os pãezinhos de trigo quentes e saborosos. Eu sabia que não podia adiar muito mais e decidi trazer à baila o homicídio de Wanamaker Jones durante a sobremesa. Melanie distribuiu *parfaits* de morango ensopados em *amaretto* e cobertos com *chantilly*, enquanto a mãe serviu café a toda a gente menos a Charmelle e a mim, a quem serviu chá.

Pigarreei.

– Tillie Mortelaine era uma anfitriã de renome, por isso é adequado lembrá-la desta forma – disse enquanto me levantava. – Nenhum de nós sabe se esta sala de jantar vai receber mais grandes jantares depois desta noite. – Não olhei para os Kendall.

– A Miss Tillie – disse o Dr. Payne, erguendo o copo.

Todos bebemos um gole de vinho.

– Sei que estão ansiosos por chegar à razão pela qual vos pedi para cá virem hoje – disse, e pousei o meu copo. – Creio que Mr. Richardson vos informou de que tenciono fazer um anúncio relacionado com o homicídio de Wanamaker Jones. Estão todos cientes

de que o último testamento da Tillie incluía um desafio para que eu resolvesse esse homicídio. Devo admitir que não fiquei ansiosa por aceitar a missão, mas há muito em jogo. Se eu conseguir, o programa de alfabetização que a Tillie, a Charmelle e eu lançamos aqui em Savannah terá os fundos de que precisa para progredir e para ajudar muitas mais pessoas que o merecem. – Deixei que as minhas palavras fossem assimiladas, observando todos os rostos. As expressões do juiz O'Neill e de Roland Richardson eram uma mistura de impaciência e aborrecimento. Pettigrew parecia entediado. O sorriso perplexo do Dr. Payne disse-me que estava a achar a noite divertida. Rose e Rocky Kendall estavam rígidos nas cadeiras e olhavam em frente. Artie Grogan era a pessoa mais animada, como um menino a ter dificuldade em esperar pela sua vez num jogo preferido. A mulher agarrou-lhe na mão, sobre a mesa. Charmelle estava muito quieta, fitando o guardanapo no colo.

– Não vou perder mais tempo e vou direta à questão – disse eu. – Se leem o jornal local, já sabem que a arma utilizada para matar Wanamaker Jones foi encontrada aqui nesta casa, atrás de uma parede construída pouco depois do homicídio. Alguém da polícia de Savannah informou a imprensa de que eu entregara a arma na sua sede de comando. Infelizmente, as únicas impressões digitais que o laboratório forense conseguiu recuperar foram as do canalizador que tirou a arma detrás da parede, e não foram encontradas outras. Mas isso não será um problema. Não preciso de impressões digitais para identificar o assassino.

– Muito bem – disse o juiz de forma impaciente –, mas não precisamos de saber as coisas de que *não* precisa. Acredita ter solucionado o homicídio? Então despache-se, mas não fique surpreendida se o que descobriu for rejeitado sumariamente. Acho que é o cúmulo da arrogância vir a Savannah e alegar que consegue fazer o que a nossa polícia não conseguiu. Francamente, dá vontade de rir.

Ignorei o comentário malicioso e continuei:

– Perguntei-me – disse eu – se um de vocês deixaria de vir cá hoje depois de saber o motivo do jantar porque... bem, porque essa pessoa saberia que era o assassino. Mas, já que estão todos aqui, só posso concluir que mesmo que um de vocês tenha alvejado Wanamaker Jones, não está preocupado por ser acusado. Afinal de contas, aconteceu há tanto tempo e a vítima não era propriamente o que se chamaria um cidadão-modelo, pelo menos segundo o que alguns de vocês me contaram.

Pettigrew falara pouco durante o jantar, para além de respostas ocasionais a perguntas banais.

– Eu cá não matei esse tal Jones, de certeza – disse ele. – Só conheci Miss Tillie há pouco tempo, apesar de ficar encantado por ser incluído neste jantar. – Olhou os convivas. – Então, qual de vocês cometeu o crime? Vá lá, confessem e poupem a Mrs. Fletcher o trabalho de vos acusar.

– Sinceramente – interveio Samantha Grogan –, nunca sabe quando se deve calar?

– Só porque a senhora nunca tem nada de interessante para dizer...

– Não se atreva a faltar ao respeito à minha mulher, seu impostor fanfarrão – disse Artie.

– Por favor – disse eu, estendendo as mãos num gesto pacificador. – Vamos evitar estas distrações. Sim, nem Mr. Pettigrew nem os Grogan poderiam ter matado Wanamaker Jones. – Fiz uma pausa. – Mas alguém o fez, e essa pessoa está aqui hoje, garanto-vos.

Estes três cavalheiros tinham certamente motivos para matar Jones. – Olhei para Payne, Richardson e O'Neill. – Todos vocês descobriram que Jones não era quem dizia ser. Além disso, todos vocês estavam apaixonados pela Tillie. Não, creio que era mais do que isso. Creio que todos vocês se quiseram casar com ela, mas ela não se deixava prender. Até que Wanamaker Jones apareceu.

Observei as reações dele. Richardson pareceu ficar confuso, como se tivesse dificuldade de assimilar o que eu dissera ou tentasse lembrar-se do que acontecera quarenta anos antes. O juiz O'Neill, como era esperado, murmurou palavras entredentes e riu-se. Payne riu-se não com escárnio mas com o que pareceu ser júbilo.

– Continue – disse. – Sinto que estou num dos seus livros.

– Então? – perguntou-me Pettigrew. – Qual destes tipos é que cometeu o crime?

– A polícia não devia estar aqui para prender o assassino? – perguntou Rocky.

– Sim – concordou Rose. – Quem quer que tenha sido pode voltar a matar. –

Levantou-se. – Eu vou sair daqui.

– Sente-se – disse Richardson com uma voz mais firme do que alguma vez ouvira da sua parte.

– Sim, vá lá – disse Rocky, agarrando-lhe o braço e puxando-a para a cadeira. – Eu não me vou embora sem saber o que vamos receber.

– Os três pretendentes da Tillie sentados a esta mesa – disse eu depois de as coisas acalmarem – são todos profissionais com reputações a manter. Creio que tinham ciúmes de Wanamaker Jones, por ter conquistado o coração da Tillie, mas duvido que algum de vocês o matasse, por respeito a ela.

O juiz O'Neill disse à irmã, que permaneceu sentada de forma estoica durante a conversa:

– Não vejo nada de novo aqui. Vai buscar as tuas coisas. Vamos embora!

Ela não se mexeu.

– Ouviste o que eu disse, Charmelle – disse ele, desta vez mais alto. – Vamos embora. Eu vou chamar o carro e...

– Está calado, Frank – disse ela. A sua voz, como a de Richardson, foi mais forte do que alguma vez a ouvira.

– Charmelle!

– Eu fico! – disse ela.

O irmão, que utilizara os braços para se levantar, voltou a sentar-se, como se ela lhe tivesse feito um buraco no corpo e a sua energia se tivesse esvaído.

– Vais arrependerte – rosnou ele.

Escondi a minha satisfação com a firmeza de Charmelle.

– Não creio que nenhum de vocês tenha alvejado Wanamaker Jones. Mas isso não quer dizer que não ficassem felizes com a morte dele. Longe disso. Descobrir o cadáver deve ter sido uma fonte de satisfação para todos vocês. E esperaram muito tempo até chamarem as autoridades. Tempo suficiente para o juiz acalmar a irmã, que estava histérica. Tempo suficiente para a Tillie formular os seus planos com o Dr. Payne. Tempo suficiente para Mr. Richardson levar as crianças e os pais delas para longe do local do crime. Tempo suficiente para que toda a gente pudesse estar calmamente sentada no salão quando a polícia chegasse. Wanamaker Jones devia estar morto há pelo menos duas horas quando o juiz fez o telefonema.

Nenhum deles proferiu uma palavra de desacordo.

– Já disse antes que o assassino de Jones estava connosco hoje. Assim é. Mas essa pessoa só está connosco em espírito.

– Hã? – disse Rocky Kendall.

– Tillie Mortelaine matou Wanamaker Jones – anunciei.

Houve um momento de silêncio aturdido, até que o Dr. Payne começou a aplaudir.

– Muito bem, Jessica – disse ele, as palavras envolvidas por uma gargalhada jovial. – Parabéns! Acabou de ganhar um milhão de dólares para o seu projeto de alfabetização.

O juiz virou-se para ele.

– Como diabos sabe que ela acertou, Warner?

– Porque a Tillie me disse que o fizera – disse Payne.

– O quê? – exclamou Richardson.

Payne levantou-se e juntou-se a mim à cabeceira da mesa.

– Oh, sim – disse ele. – A nossa Miss Tillie premiu mesmo o gatilho. Nenhum de vocês reparou que ela desapareceu mais tarde nessa noite ou, para ser mais preciso, muito cedo de manhã? Depois de estes dois descobrirem o corpo e começarem a chorar... – Apontou para Rose e Rocky. – Depois de o corpo ser descoberto, a Tillie ficou despedaçada, como podem imaginar. Eu tomei-a de parte, fechei a porta atrás de nós e fui vê-la ver a razão. Foi então que ela me contou o que acontecera.

O juiz fitou Charmelle de uma forma feroz.

– E este tempo todo, deixaste-me pensar... – Virou-se para o médico. – E não fez nada, não disse a ninguém? – perguntou.

– Não, não disse, Frank. A meu ver, aquele vigarista manhoso teve o que merecia. Nunca pensei em entregar a Tillie às autoridades. Disse-lhe que ia tudo correr bem enquanto ela me desse ouvidos e fizesse o que eu lhe dissesse para fazer.

– Sempre soube – disse eu, incapaz de esconder o ressentimento na voz.

– Receio que sim – retorquiu. – Podia ter-lhe dito alguma coisa, mas seria batota.

– Disse à Tillie onde esconder a arma? – perguntei. – A polícia não a encontrou.

– Não tive de o fazer – respondeu. – Ela já o fizera, no elevador da loja. – Deu uma risadinha. – Foi assim que ela veio do local do crime sem ninguém a ver. Entrou no elevador, desceu ao andar térreo e deixou a arma lá dentro. Depois, disse a Mrs. Goodall que o elevador estava estragado. Não queria que ela encontrasse nada comprometedor. A Tillie era uma boa mentirosa, mas o rosto de Mrs. Goodall espelha sempre a verdade.

– Os polícias não examinaram o elevador? – perguntou Pettigrew. – Seria o primeiro sítio em que eu procuraria se revistasse a casa.

– Está tão bem camuflado que os polícias não o descobriram – disse o médico. – É preciso saber onde ele está. Depois de acabarem de revistar a casa, a Tillie foi buscar a arma ao elevador e atirou-a para a parede aberta que ia ser tapada nesse dia.

– É culpado de obstrução à justiça, Warner – disse o juiz.

– Não estou muito preocupado com isso – respondeu Payne. – Está reformado, meritíssimo. O que vai fazer, dizer ao delegado do Ministério Público para me acusar? Não seja tolo. Acho que é maravilhoso que Mrs. Fletcher tenha desvendado o crime. Bravo, Jessica.

– A polícia nunca fechará o caso se você não testemunhar, Warner – sugeriu Richardson.

– Não precisam de *mim*, Rollie – disse Payne. – Creio que encontrará nesse envelope selado uma confissão bem datilografada pela Tillie, juntamente com outras coisas. Já agora, ela diz na confissão que eu a urgi a ir à polícia mas que ela se recusou. Diria que me safava.

Olhei para a porta que dava para a copa e vi Melanie escondida, os olhos arregalados com o que ouvira.

– Como sabe o que está no envelope? – perguntou Pettigrew.

– Porque a ajudei a escrever o que lá está, é assim que sei – disse Payne. – Ela queria que a confissão só fosse pública depois de ela morrer. Pediu-me para a ajudar a arranjar um advogado fora de Savannah que tratasse dos documentos de forma confidencial.

– Ela era minha cliente – disse Richardson.

– Era, sim, Rollie – disse Payne, voltando a sentar-se –, mas não quis que soubesse o que estava no envelope. Por isso disse-lhe uma coisa mas colocou outra lá dentro. Eu levei-a a Atlanta há mais de um ano. Um advogado de lá redigiu os outros documentos que ela queria. Ele não sabia da confissão. Guardei-a comigo até que chegou a altura de selar o envelope.

– Miss Tillie disse que não tinha nenhuma arma em casa – disse Richardson. – Perguntei-lhe na noite do crime. Mentiu?

– Não mentiu – respondi.

– Então...?

Virei-me para Charmelle.

– Foi a sua arma que matou Wanamaker Jones, não foi, Charmelle?

Ela olhou para mim e suspirou.

– Sim, era minha.

– Wanamaker Jones atraía-a para um caso amoroso, mas não lhe foi fiel. Traía a sua melhor amiga por ele, mas ele não estava disposto a ficar consigo. Trouxe a arma para a festa de passagem de ano para matar Jones. Mas, quando estavam frente a frente, não conseguiu premir o gatilho. Perdeu a coragem.

– Espere um minuto! – gritou O'Neill. – Charmelle! Não respondas a isso.

– Sugiro que se acalme, meritíssimo – disse eu. – Sabia que a sua irmã tinha uma arma. Comprara-a para ela se proteger. E, nessa noite, quando a levou a casa depois de a polícia ir embora, ela não quis dizer-lhe onde a arma estava, pois não?

Ele começou a falar mas depois calou-se.

– Pensou estes anos todos que a Charmelle matara Jones?

– Eu avisei-a em relação a ele. Ele andava a brincar com as duas. Enquanto tinha um caso com a Charmelle, planeava casar-se com Miss Tillie.

Enquanto o juiz falava, assenti na direção de Artie, dando sinal para que ele e a mulher se levantassem e saíssem da sala silenciosamente.

Virei-me para o juiz O'Neill outra vez.

– A Charmelle não quis admitir a si nem a mais ninguém que a sua amiga Tillie matara o amante que enganara ambas. Ela guardou o segredo estes anos todos, deixando que o senhor acreditasse que era a assassina. Eu diria que a sua crença na culpa dela também poderia constituir obstrução de justiça.

– Como descobriu isso? – perguntou-me Payne. – Que a Tillie utilizou o revólver da Charmelle? Eu sabia, claro, mas o que a levou a essa conclusão?

– Algumas coisas – respondi. – No testamento, a Tillie pediu a Charmelle para mostrar força. Pensei no que a levou a dizer isso. A polícia disse que Charmelle não tinha nenhuma arma, mas enganaram-se. Tinha. E nunca descobriram que ela teve um caso decepcionante com Jones, porque todos vocês se fecharam em copas e não falaram com eles. A Charmelle sentia uma grande culpa por ter sido desleal com a melhor amiga, mas também teve medo de que a Tillie a culpasse pelo homicídio. Liguei os pontos, como é costume dizer-se. Não tinha a certeza, mas esse cenário fazia sentido para mim.

Estendi a mão e bati na de Charmelle. Sorriu-me, um sorriso satisfeito. O seu assentimento subtil confirmou o que eu dissera.

– A Tillie sempre fora muito protetora da Charmelle – disse eu –, mas ao mesmo tempo encorajava-a a defender-se. Quando a Charmelle seguiu finalmente esse conselho e enfrentou Wanamaker, descobriu que não conseguia matá-lo.

Charmelle fungou.

– Ela foi lá acima justamente quando eu tinha a arma apontada a ele. Mas eu tremia tanto que não conseguia apontar. Ele estava a tentar dissuadir-me e o rosto dele iluminou-se de felicidade quando viu Miss Tillie juntar-se a mim. Ela pegou na arma e disse «É assim que se faz, Charmelle». E deu-lhe um tiro. Depois, disse-me para vir cá para baixo e fingir que nada acontecera. – Olhou para o irmão. – O Frank sabia que algo de errado se passava e insistiu comigo para que lhe dissesse. Mas eu não disse. Quando o corpo foi encontrado, não consegui ficar calada. Comecei a chorar e não conseguia parar. Ele partiu do princípio... e eu deixei.

Todos se haviam calado quando Charmelle falara.

– Ora bem – disse Richardson por fim, limpando a boca com o guardanapo e levantando-se. – Creio que está na altura de eu abrir este misterioso envelope selado deixado por Miss Tillie. Parece que Mrs. Fletcher cumpriu os termos do testamento de Miss Tillie.

– Posso sugerir – disse eu – que esperemos um pouco mais?

– Porquê? – perguntou Rocky Kendall. – Abramos o envelope e definamos de uma vez por todas quem fica com a casa.

– Sabe, Mr. Kendall – disse eu –, não apreciei os comentários que fez no jornal local sobre mim. Não vim a Savannah em busca de lucro pessoal.

– Isso ainda está por ver – disse Rose Kendall.

– Sim, suponho que sim – respondi. – Os Grogan ofereceram-se para servir bebidas depois do jantar no salão. Juntemo-nos a eles. Têm uma coisa para nos mostrar.

– Vou-me embora – disse o juiz. – No que me diz respeito, esta noite acabou.

Levantou-se e deu uns passos na direção da porta.

– A sua cadeira de rodas, meritíssimo – disse eu.

Corado, voltou para a cadeira, sentou-se nela pesadamente e saiu da sala.

– Ele consegue andar – disse Pettigrew.

– Consegue, sim – disse Charmelle. – Quando quer.

Pedi a Mrs. Goodall que se juntasse a nós e fomos para o salão, onde encontrámos Artie Grogan no bar, à espera para servir os tradicionais digestivos. O juiz entrara no salão antes de nós e estava a utilizar o telefone para chamar Beverly, para que o viesse buscar.

Roland Richardson perguntou-me quando queria que o envelope fosse aberto.

– Assim que tivermos hipótese de ver o espetáculo – disse eu, em voz suficientemente

alta para que todos ouvissem.

– Que é isso de um espetáculo? – perguntou Pettigrew.

– Creio que é altura de mostrar como Tillie Mortelaine morreu.

Ninguém disse uma palavra, enquanto todos me fitavam.

– Artie? – perguntei. – Pronto?

Ele fez um gesto para a mulher, que baixou as luzes.

– Os Grogan passaram um tempo considerável aqui na casa à procura de espíritos de outro mundo.

– Um par de charlatões – disse Pettigrew.

Artie Grogan dirigiu-se a um projetor que estava no canto da sala, que não estivera lá quando tomáramos bebidas antes de jantar. Ninguém pareceu reparar nele até ele o ligar. A lente estava apontada para uma secção vazia da parede branca.

– O que é isto? – gritou O'Neill. – Mais disparates?

– Avance, Artie – pedi.

Enquanto ele projetava uma série de imagens contidas num cartão de memória de uma das muitas câmaras de infravermelhos que haviam sido posicionadas pela casa, eu expliquei.

– As câmaras utilizadas pelos Grogan tiraram centenas de fotografias de várias partes da casa. Operam quando detetam movimentos. Fiquei surpreendida por constatar como são sensíveis. Até um feixe de luz fugidio ou uma sombra as ativa. Por causa do grande número de imagens capturadas, os Grogan atrasaram-se um pouco a ver e a analisar as fotografias, e permitiram-me muito amavelmente que examinasse as imagens por ver com eles. – Olhei para a parede, onde surgiu uma nova imagem. – Como esta – disse eu.

Mostrava Tillie a sair do quarto e a dirigir-se ao cimo das escadas.

– E esta – continuei.

Agora as imagens surgiam na parede mais rapidamente. Todas as pessoas ficaram paralisadas enquanto uma imagem se seguia à anterior, criando uma montagem de fotografias que tinha o efeito de projetar uma história contínua. *Tillie a chegar ao cimo das escadas... Tillie a olhar para os tapetes sob os seus chinelos azuis... Tillie a tentar agarrar o corrimão de forma hesitante... Tillie prestes a dar o primeiro passo e a descer as escadas... Tillie a parar e a virar-se... o rosto de Tillie a mostrar surpresa e medo... e depois...*

James Pettigrew a vir por trás dela e a atirá-la pela longa escadaria abaixo.

Mrs. Goodall e Charmelle começaram a chorar. Warner bateu com a mão no joelho e exclamou:

– Eu sabia!

Todos os olhares se viraram para Pettigrew. Ele ficou no meio da sala, imóvel, inseguro quanto ao que fazer ou para onde ir. Subitamente, dirigiu-se a passos largos para a porta. Seguimo-lo. Chegou ao vestíbulo, olhou para trás uma vez, abriu a porta da frente e passou por ela... para os braços de dois agentes da polícia de Chatham-Savannah, fardados.

Vimos os polícias algemá-lo e levá-lo antes de voltarmos para o salão, onde Artie, com um grande sorriso no seu rosto redondo, servia avidamente bebidas para todos.

– Notável – disse o Dr. Payne, pegando-me na mão e dando-lhe uma pancadinha. – Estou verdadeiramente impressionado.

Richardson pediu a atenção de todos os presentes.

– Com a permissão de Mrs. Fletcher – disse ele –, vou agora abrir o envelope selado deixado por Miss Tillie Mortelaine.

– Não é sem tempo – disse Rocky Kendall. A irmã permaneceu calada.

Fui ao bar, servi três copos de xerez e depois entreguei um a Mrs. Goodall e um a Charmelle. Brindei com elas.

Chegara o momento da revelação dos *finalíssimos* desejos finais da Tillie.

CAPÍTULO 23

Era bom estar de volta a Cabot Cove.

O xerife Mort Metzger e a mulher, Maureen, deram um jantar de vários pratos para assinalar o meu regresso e comemorar o facto de eu ter assegurado um milhão de dólares para o projeto de alfabetização de Savannah. Seth Hazlitt estava no jantar. Assim como o nosso veterinário mais preeminente, Jack Wilson, e a sua mulher, Tobé; Richard e Mary-Jane Koser; Tim e Ellen Purdy; o presidente da câmara Jim Shevlin e a sua mulher, Susan; e mais uns amigos locais. Maureen dissera a todos que trouxessem um prato baseado nas receitas que vira no programa de culinária de Paula Dean. Eu não tivera hipótese de comer no restaurante Lady and Sons enquanto estive em Savannah, por isso foi divertido provar os pratos típicos do Sul, muito ricos, todos preparados com um toque do Maine. Mas a comida não foi o ponto central da noite. Todos queriam um relato pormenorizado sobre o que eu fizera na viagem e, especialmente, como solucionara o homicídio de Wanamaker Jones, que tinha quarenta anos.

Contei-lhes o que me levava à conclusão de que Tillie Mortelaine matara o noivo a tiro e utilizara uma arma levada para a festa para esse propósito por Charmelle O'Neill, que tentacionara cometer ela própria o ato.

– Então a velhota quis esperar até morrer para confessar que assassinou Jones – disse Mort.

– Certo – disse eu.

– Ainda acho imperdoável, Jessica, que Miss Tillie te tenha enganado para solucionar o crime – disse Seth. – E ela pôs-te em perigo: estavas a viver ao lado de um homem que afinal era um assassino.

– Pettigrew? – perguntei.

– De quem é que eu havia de estar a falar? – disse o meu amigo médico.

– Sabia que ele empurrara a sua amiga desde o início? – perguntou Tobé.

– Não – respondi. – Achava que ele era um excêntrico inofensivo, embora irritante. Claro que nunca acreditei que a Tillie tivesse aceitado o pedido de casamento dele. Foi quando descobri a ligação dele ao hotel vizinho e os planos para se expandir para a propriedade da Tillie que comecei a suspeitar dos seus motivos para lhe fazer a corte. Quando ele mencionou a cor dos chinelos que ela usava na noite da sua morte é que soube que ele fora o culpado.

– Como encaixam os chinelos nisso? – perguntou o presidente da câmara Shevlin.

– Mrs. Goodall disse-me que haviam sido oferecidos pela Charmelle e que a Tillie levava a caixa para cima para a abrir. Por isso, Pettigrew não poderia ter visto os chinelos a não ser que estivesse presente quando a Tillie caiu pelas escadas. Claro que isso não teria sido fácil de provar. Mas quando me ocorreu que as câmaras que os Grogan haviam espalhado pela casa poderiam ter apanhado alguma coisa na noite em que ela morreu, obtive a prova do homicídio. Felizmente, eu tinha razão. A culpa dele tornou-se inquestionável, preto no branco.

– As imagens não eram a cores, Jessica? – perguntou Maureen.

– Eram a cores, sim – respondi. – Foi só uma maneira de dizer.

– Mas – disse Tim Purdy – como é que a polícia estava lá quando esse Pettigrew tentou fugir?

– Eu telefonei-lhes antes de jantar. Depois de saber que Pettigrew matara a Tillie, alertei a comissária da polícia e sugeri que pusesse alguns agentes a vigiar as portas.

– Comissária?! – disse Mort.

– Sim, Mort. A comissária Mead Parker, uma agente da lei encantadora e muito capaz.

– É bom ver uma mulher chegar tão longe – disse Mort.

– Então quem ficou com a casa? – perguntou Mary-Jane.

– Não foram os sobrinhos – respondi.

Seth levou-me a casa depois do jantar.

– Conta-me do Dr. Payne – disse ele enquanto estávamos sentados no carro em frente a minha casa.

– Um sedutor, mas não sincero – respondi. – Ele sabia tudo sobre o homicídio de Wanamaker Jones desde o início.

– Porque não partilhou o que sabia contigo?

– Boa pergunta. Teria sido útil, mas ele pareceu gostar de observar de longe enquanto eu tentava desvendar o crime. Ele e a Tillie tinham muito em comum; ambos gostavam de fazer jogos. Quero pensar que ele teria esclarecido o homicídio de Jones por mim se tivéssemos chegado perto do prazo, mas não tenho a certeza.

– Parece que gostaste dele.

– Queres dizer de uma forma romântica?

– Sim.

– Não houve nada disso, Seth. É apenas um homem interessante. Embora me tenha pedido um beijo de boa noite.

– Vês?

– Eu disse que não.

– Ah, ainda bem.

– Boa noite, meu amigo.

Eu partilhara praticamente tudo sobre a minha viagem a Savannah com os meus amigos nessa noite. Os documentos legais que a Tillie colocara no envelope selado revelaram mais do que a sua confissão do crime. Deixou a sua casa histórica à escola de Melanie, a Faculdade de Arte e Design de Savannah, com a condição (claro) de que a utilizassem para fazer avançar o estudo da arquitetura de Savannah e a mantivessem na lista de edifícios históricos a serem preservados mas nunca alterados. Melanie ficou felicíssima quando ouviu as notícias, tal como ficou a mãe. Tillie declarara num dos documentos legais que Mrs. Goodall teria a opção de ficar como «gerente» encarregada da casa e providenciou uma quantia de dinheiro à faculdade para lhe pagar por esse serviço. Boas pessoas, as Goodall. Ia sentir saudades delas, apesar de ter um convite permanente para ficar na casa sempre que quisesse voltar a fazer uma visita.

A grande surpresa fora a doação aos Grogan. A Tillie deixara fundos para que continuassem a sua investigação paranormal em Mortelaine House. Não era muito, mas eles ficaram encantados por ter algum dinheiro para financiar a sua pesquisa. A Tillie estipulou que deviam ficar na casa de hóspedes por um período de seis meses e que poderiam utilizar a casa principal para continuar a sua busca de provas de que Mortelaine House era assombrada, e depois desse período deveriam começar a procurar alojamento

mais permanente. Eram um casal estranho, mas eu acabara por gostar deles. Desejei-lhe boa sorte quando parti.

Tillie fizera uma doação simbólica a Pettigrew. Deixara-lhe uma garrafa de *Armagnac*, mas não era da marca que ele gostava.

O que não partilhei com os meus amigos ao jantar nessa noite foi o teor fantasmagórico da minha visita, apesar de ter contado a história do chuveiro assombrado a ligar-se subitamente, e como isso levava à descoberta da arma do crime.

Por mais que tentasse, não me ocorria uma razão racional para o chuveiro estar ligado. Nem conseguia explicar o candeeiro antigo no átrio a acender-se a meio de um apagão, e também não sabia como a porta do túnel que corria entre a casa e os aposentos dos hóspedes se destrancara sozinha.

Mas foi a aparição que vi no meu último dia que me arrepiou. Aconteceu enquanto descia as escadas com a minha mala pequena. Melanie e a mãe estavam no vestíbulo à minha espera; Melanie ia levar-me ao aeroporto para eu apanhar o meu voo para Boston e depois para Bangor, no Maine. Começara a descer a escadaria quando senti um arrepio repentino, um redemoinho de ar gelado, que me dera pele de galinha nos braços. Parei imediatamente. Senti algo à minha direita, virei-me e vi o meu reflexo num dos muitos espelhos que ocupavam a parede. Pestanejei rapidamente para ter a certeza de que os meus olhos estavam a funcionar bem. A ténue silhueta de um rosto olhou para mim do espelho, o rosto de um homem, Wanamaker Jones. Piscou os olhos e desapareceu tão rapidamente como aparecera. *Não pode ser*, disse para mim.

– Passa-se alguma coisa, Mrs. Fletcher? – perguntou Mrs. Goodall.

– O quê? Não, não se passa nada. Viu alguma coisa?

– Onde?

– No espelho.

– Foi só o seu reflexo, Mrs. Fletcher.

– Não vi nada – disse Melanie.

– Deve ter sido a minha imaginação – disse eu.

Nunca teria a certeza.

*

Um mês depois do meu regresso de Savannah, recebi uma chamada do Dr. Warner Payne. Depois de conversarmos de forma agradável, informou-me de duas coisas. A primeira foi que Roland Richardson, o advogado da Tillie, estava sob investigação por conflito de interesses. Parece que estava envolvido com James Pettigrew, «em conluio» foi como o Dr. Payne o exprimiu, para assegurar os direitos da casa da Tillie e fazer com que o hotel vizinho ficasse com ela. Segundo Payne, o «general» insinuara-se na vida da Tillie para a influenciar. Como isso não funcionou, ele decidira matá-la para apressar as coisas. Os donos do hotel negaram qualquer cumplicidade. Pettigrew implicara Richardson, contando tudo às autoridades, na esperança de diminuir a sua sentença pelo homicídio de Tillie Mortelaine. Desejei que não diminuísse.

A segunda mensagem de Warner era triste. Charmelle O'Neill falecera. Senti-me grata por ter tido oportunidade de passar algum tempo com ela antes de sair de Savannah, e fiquei feliz por ela ter sido capaz de libertar-se do fardo da culpa que carregara durante

tantos anos. Payne prometera ficar em contacto e manter-me informada da investigação de Richardson-Pettigrew.

Ocorreram mais duas coisas relacionadas com a minha aventura em Savannah.

Recebi o cheque de um milhão de dólares, que tratei de transferir rapidamente para o grupo de alfabetização de Savannah.

A segunda foi uma entrega, uma embalagem muito grande e muito bem protegida. Rasguei o papel pardo e tive de utilizar um pé de cabra para desmontar o caixote de madeira. Foi como eu temera. A Tillie deixara-me o quadro a óleo de *Judite a Segurar a Cabeça de Holofernes*. Quando desembalei o quadro, caiu um pedaço de papel. Era uma mensagem da Tillie.

Querida Jessica,

Este é um pequeno agradecimento por teres vindo a Savannah (como sei que virás) e por teres desvendado o mistério de Wanamaker Jones (como também sei que farás). Uma vez disse-te que este quadro era uma cópia do século xx, mas enganei-me. Mandeí-o reavaliar e é uma obra original que vale cerca de 250 000 dólares. Espero que agora gostes mais dele. E lembra-te da tua amiga em Savannah.

Um beijo,

Tillie

Nunca olhei para o quadro com qualquer apreço, mas estou a considerar ofertas de dois museus que estão mais ansiosos do que eu por vê-lo pendurado nas suas paredes. Ainda não sei para que instituição de caridade enviar o dinheiro da venda.

Tenho boas memórias de Savannah e das minhas experiências lá. Admito que por vezes me pergunto se vi realmente a silhueta sombria do rosto de um homem no espelho quando descí as escadas de Mortelaine House. Mas nunca tenho a certeza. O rosto piscara-me o olho, e penso muitas vezes em Tillie Mortelaine e imagino que ela está a piscar o olho a toda a gente do mundo, lá do lugar onde está.